

51º CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA FUNDE COM RELÓGIO DE TORRE BATENDO DEZ BADALADAS ESPAÇADAS.

DELEGADO - Dez horas, já?

GUARDA - É, sim senhor. Quando a gente está trabalhando, as horas parece que voam.

DELEGADO - Chame o quarente e um e toquem lá para cima. Fiquem de guarda no portão da Vila Verde. Mas com bastante atenção, porque a moça vai prender os cachorrinhos. Não esperem nenhum sinal deles. Qualquer pessoa que se aproximar do muro, vocês tratem logo de prender. E tragam imediatamente para cá. Vão logo, andem... E espero que não me falhem, hein?

GUARDA - Pode deixar, seu Delegado. A moça até já nos mostrou um lugar onde nós podemos ficar, sem sermos vistos de fora. E disse, até, que vai deixar uma garrafa termal com café e uns sanduiches.

DELEGADO - Pois então já sabem. Não precisam esperar mais nada. Podem ir.

GUARDA - E quem é que vai ficar de plantão aqui? O senhor?

DELEGADO - Eu, sim. Quem mais pode ser? Estamos com um guarda de férias, um doente, um em viagem e dois em serviço na cidade... Não há outro remédio.

GUARDA - Mas não poderia ir apenas um de nós para Vila Verde e o outro ficar de plantão?

DELEGADO - Não, porque não sabemos se é apenas uma pessoa que está envenenando os cachorros, ou se é um grupo. Se vai só um, periga fracassar a missão. ~~Naixjá~~ Com dois, já ela está muito mais garantida.

GUARDA - Bom... isso é. Eu estou é com pena do senhor ficar aí a noite toda de plantão, que já não é mais serviço seu.

DELEGADO - E por que não? Porque sou delegado? Um delegado que se preza não escolhe serviço e tem obrigação de ajudar os seus subordinados. Não há razão, portanto, para que você se preocupe.

GUARDA - Está, Chefe. Então nós vamos subir.

DELEGADO - Subam. E tratem de ficar atentos, porque, como eu já disse, os cachorros estão presos e não darão sinal algum. Vocês têm que procurar ver.

GUARDA - Não se preocupe, Chefe. Havemos de cumprir muito bem a nossa missão. Boa noite.

DELEGADO - Boa noite. Vão com Deus.

C/REGRA - PASSOS DO GUARDA QUE SE AFASTA. PORTA QUE ABRE E FECHA EM

DELEGADO - Vamos ver se resolvemos a parada esta noite. Dona Leopoldina tem toda razão nas suas desconfianças. Isso é uma preparação para um ataque ao chefe da casa.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

EUDOXIA - LIAPORDINA! Suncê tava lá fora a esta hora da noite, criatura? O que é que suncê tava fazendo? Agaranto que uviu algum barúio e foi lá vê^o que era, como é o seu assistema, mas suncê inda vai se saf munto máli, mode esses valentia acaba sempre em bobagera, pra num dizê em porcaria.

LEOPOLDINA - Chi, Eudoxia, para que esse discurso todo? Eu não falei a você, hoje à tarde, que ia preparar uns sanduiches e uma garrafa de café para levar lá no portão aos guardas que vão passar a noite aí, por causa do negócio de aparecerem os cachorros envenenados?

EUDOXIA - Falou. E suncê foi lá no portão levá a garrafa e os sandivichi? Suncê num tem medo de nada, memo. Uma noite turva que faz medo. Num se vê um raio, sinho de luz que xege e a viventa me sai por esses caminho comprido que num acaba e vai lá no portão da rua.

LEOPOLDINA - Óra, Eudoxia, deixe de ser medrosa. Pois se eu sabia que os guardas estavam lá, não tem vantagem nenhuma a minha valentia.

EUDOXIA - Pois é, mas se em vez de suncê incontrá os guarda encontrasse os bandido? Aí é que eu cuiria vê como você ia se arranjá.

LEOPOLDINA - Que bandidos, nem bandidos! A esta hora da noite - dez e meia - é muito difícil um bandido qualquer atacar alguem. Eles sempre escolhem horas mais tardias, quando todos estejam dormindo e não possam ouvir gritos de socorro. (PAUSA) Seu Rafael já se deitou? Não chamou por mim, enquanto estive lá fora?

EUDOXIA - Num chamô, não. Agora, se se^o deitou num sei, mas acho que já, mode que tá tudo inscuro lá em riba.

LEOPOLDINA - É, então já deitou. Deve estar até dormindo. Ele agora está levantando muito cedo, outra vez, chega de noite está cansado e com sono.

EUDOXIA - Suncê num sabe nada si êle acertou as letra ca mocinha aquela, que êles andava fazendo foscuinha um pro outro?

LEOPOLDINA - Si êles fizeram as pazes é que você quer saber? Não sei. Ele não me falou nada eu não quiz perguntar.

EUDOXIA - Pra mim ele tambem num falou, mas se dimorá munto eu prigunto.

LEOPOLDINA - Bem, Eudoxia, vamos tratar de nos deitarmos, para deixar a casa toda escuras.

EUDOXIA - Bamo, sim que eu já tô caindo aos pedaço. Alivantei nem bem era seis horas, suncê vê si eu num tenho que tá cansada.

LEOPOLDINA - Tem, sim. Você nem devia deitar assim tão tarde. Boa noite então, Eudoxia. Uma boa noite para você.

EUDOXIA - Brigado, minha fia, pra suncê tombem.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL, FUNDE COM RELOGIO DE TORRE BATENDO DOZE BADALADAS ESPALÇADAS - FUNDE COM RUIDOS PRÓPRIOS DE NOITE NO CAMPO. GRILOS, SAPOS, ETC.

GUARDA - (MEIA VOZ) Meia noite. Acho que agora é que nós vamos ter que ativar a nossa atenção. Segundo as informações que temos, nas vezes anteriores o negócio foi, mais ou menos, a esta hora.

GUARDA I - Você não quer um pouco de café? Está gostoso... quentinho...

GUARDA - Agora, não. Daqui a pouco mais eu tomo. Si você deixar um pouco na garrafa para mim, porque faz mais de meia hora que você está tomando a todo o momento. Lembre-se que a moça trouxe para os dois, não é? Não foi só para você, não.

GUARDA I - Ué, rapaz, você não está tomando porque não quer. A garrafa está aí mesmo. Quantos sanduiches você já comeu? Eu comi um, apenas. Você, no mínimo, tres. E os sanduiches também são para os dois.

GUARDA - Tres, nada. Comi dois, apenas. E agora eu digo como você. Os sanduiches estão aí, você não come porque não quer.

GUARDA I - Porque não quero, não. Porque não tenho vontade. Não vou comer só porque

GUARDA - (CORTANDO) Silêncio! Eu tenho a impressão de que vi a sombra de uma pessoa andando no meio daquelas árvores. Preste atenção e veja. Aquelas árvores à sua direita. Repare se não há uma sombra que passa nos claros em que se formam entre elas...

GUARDA I - (DEPOIS DE PAUSA) Não vejo nada. Você diz ali, quasi junto ao muro, do lado direito?

GUARDA - Exatamente. Mas agora também não estou vendo mais. Talvez que, no silêncio da noite ele tenha ouvido as nossas vozes, embora estivessemos falando baixo e resolvesse se acuietar para fugir mais tarde.

GUARDA I - Você acha que devemos ir lá verificar?

GUARDA - Não sei. Acho que não convem. Si ele está lá, realmente escondido, pode atirar sobre nós. O melhor de tudo é ficarmos atentos, sem sair daqui.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL FUNDE COM RELOGIO DE TORRE BATENDO AS CINCO HORAS DA MANHÃ. COMEÇA ALGUNS PÁSSAROS A CANTAR.

GUARDA - Já está amanhecendo. Acho que podemos voltar para a delegacia.

GUARDA I - É esta garrafa térmica e o pratinho com o guardanapo, que fazemos com eles?

GUARDA - Um de nós tem que levar até lá dentro e deixar na porta da cosinha, se não houver movimento lá dentro.

GUARDA I - Então eu vou num momento. Você espera aqui?

GUARDA - ~~XXXXXX~~ Espero. Pode ir. Diga a ela que amanhã voltaremos e que ela não se esqueça de tornar a prender os cachorros.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.

SARARÁ - O guarda freio chegou e trouxe uma grande novidade: imagine você que o chefe fugiu para Vitória com a tal de Laila.

MANON - Fugiu?!... Mas que houve com ele? Alguma denúncia?

SARARÁ - O negócio não foi propriamente com ele; foi com a mulher. Parece que os dois deram uma mancada tremenda, saindo daqui no dia do atentado ao seu Rafael. E a bobalhona ainda deixa um recado escrito e com data. Dáí é que ela se perdeu. O delegado foi lá no Grupo, não sei porque, perguntou por ela, a diretora mostrou o tal bilhete e pela data ele pode verificar que ela saiu justamente naquela noite. Daí se tocou pra cidade pra falar com ela, de cara a cara, mas quando chegou lá ela já tinha pisado no pé que ela não estava para dar uma segunda mancada.

MANON - E como foi que você soube que ele fugiu para Vitória? Ele mandou dizer alguma coisa a você?

SARARÁ - Não mandou, mas eu sei. Nós temos uma combinação estabelecida. Se tivermos que fugir de um lugar, o outro já sabe para onde que nós fomos. Se ele amanhã tiver que tornar a fugir de Vitória - digamos - eu já sei para onde ele foi. E eu da mesma maneira. Você vai ver como não demora muito e eu recebo uma carta de lá.

MANON - É, você são realmente organizados. Isso nunca me passou pela cabeça que alguém pudesse ter: um mapa de fuga.

SARARÁ - A organização é tudo, nesse gênero de trabalho como é o nosso. A organização e a confiança, porque onde faltar a confiança de um no outro, não adianta. Ai nada mais funciona. Por isso as pessoas são tão experimentadas antes de entrar na organização. Você, por exemplo, com mais uma prova já estará em condições de fazer parte do nosso quadro.

MANON - Mas eu não quero levar essa vida de incerteza que vocês levam. Deus me livre!

SARARÁ - Não quer, mas vai ter que levar porque depois de conhecer os nossos se-

SARARÁ - gredos, nós não permitimos mais que viva em liberdade. Passa a fazer parte do quadro e tem que se sujeitar às nossas leis.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

EUDOXIA - Quem é que teve aí falando com suncê?

LEOPOLDINA - O guarda que passou a noite aí vigiando. Veio me avisar que logo às dez horas eles virão outra vez para passar outra noite.

EUDOXIA - ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ O seu delegado que mandô avisá, ou éle veio memo pra suncê perpará outra vez café e sandivíchi?

LEOPOLDINA - Não, Eudoxia, não foi para isto. O delegado mandou avisar.

EUDOXIA - E precisava?

LEOPOLDINA - Claro. Eu tinha que saber para mandar fechar os cachorros. Você parece que tem má vontade com os coitados, Eudoxia.

EUDOXIA - Num tenho má vontade coisa nenhuma, Leopoldina. É que eu num sô boba e tô vendo que éle tá amarrando suncê dês de ontonte, quando éle veio aí trazê o recado do seu delegado. Pensa que eu num vi?

LEOPOLDINA - Você está sempre vendo fantasmas ao meio dia, Eudóxia.

EUDOXIA - Tô vendo fantasma, é? Num tô vendo fantasma, não. Tô vendo é os causo que tão acuntecendo que eu num sou boba nem tô morta, sabe? Ora si uma véia que nem eu, num vai sabê quando os rapaiz tá interessado nas rapariga!

LEOPOLDINA - E se fosse verdade? O que é que tinha? Ele é solteiro, eu tambem sou..

EUDOXIA - Suncê é sortêra. Éle eu num sei, nem suncê sabe. Pode sê e pode num sê. E aí é que a gente tem que tá com os óio bem abrido, mode num fazê papê de boba. Quê os home gosta muito de embobá as muié.

LEOPOLDINA - Ele é solteiro, sim, Eudoxia, eu sei. Pois eu até conheço a irmã dele que mora lá perto da Estação. Eu fui no batisado de um dos filhos do ferereiro e ela estava lá. Foi aí que ela me disse que tinha um irmão que em guarda e agora fui saber que é éle.

EUDOXIA - Tá bem, Leopoldina, tá bem. Cunfeia demais, depois vem chorá pra mim, di sendo que éle te enganô. Home é bicho que a gente num pode dá muita ganja pre éles. Te guenta nos pé ditrásis, sinão di repente tá cai de ponta cabeça e aí, depois, num tem mais remédio.

LEOPOLDINA - Está bem, Eudóxia, está bem. Não se preocupe comigo que eu sei me cuidar.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.

DEMETRIO - Você sabe quantas crianças temos abrigadas na casa de dona Clara?

RAFAEL - Até ontem eu sabia; eram trinta e quatro. Hoje não sei se admitiram mais

DEMETRIO - Estamos hoje com quarenta e seis crianças, mas só temos trinta e seis leitos, de formas que as menoresinhas nós vamos ter que botar de duas em duas, nas caminhas maiores.

RAFAEL - Não faça isto, Padre Demétrio. Vá no colchoeiro hoje mesmo e compre uma dúzia de colchõesinhos ~~xxx~~ que eu pago. Por hoje eles dormem no chão, amanhã se encomenda ao marceneiro André uma dúzia de tarimbas que ele faz num instante.

DEMETRIO - Os colchões você paga, mas as tarimbas quem paga? Nós não temos dinheiro

RAFAEL - Se estou mandando encomendá-las, é porque vou pagá-las também.

DEMETRIO - Ah, bem! Isso já é um outro falar. Então, já que está disposto a gastar esse dinheiro todo, faça o trabalho completo. Vá você mesmo no marceneiro e no colchoeiro e já deixa as encomendas prontas.

RAFAEL - O colchoeiro tem estoque pronto. Manda trazer na mesma hora. O marceneiro é que eu vou ver se agito, para que me entregue as tarimbas amanhã, antes da noite.

DEMETRIO - Então faça mais isto que Deus o abençoará. Eu hei de pedir a Ele para que lhe dê o que você mais deseja neste mundo.

RAFAEL - Peça. Peça porque ao senhor Ele é capaz de atender. A mim, não creio que o faça.

DEMETRIO - E por que não? Você talvez mereça d'Ele muito mais do que eu.

RAFAEL - Essa não, Padre Demetrio. Eu, um pobre pecador, merecer mais que o senhor um homem cheio de virtudes? Então era até o caso de se pensar que Deus não era justo.

DEMETRIO - E por que não? Eu faço o bem, porque a isto sou obrigado, como ministro de Deus. Você, não, você faz porque é bom e acha que deve ajudar os que precisam. Talvez a sua maneira de proceder tenha muito mais valor do que a minha.

RAFAEL - Não, não, Padre, eu não faço por bom. Faço por interesse, para conquista o coração da grande inspiradora dessa obra. A minha caridade é que não tem nenhum valor.

DEMETRIO - Mas a sua sinceridade tem. E o que Deus quer, sobretudo é que sejamos autênticos, portanto deixemos que ele nos julgue, quando chegar o momento do nosso ajuste.

SIMONE - Quem é que queria falar comigo, irmã Piedade?

ELVIRA - Sou eu, Simone. Vim fazer-lhe uma visitinha muito rápida e trazer-lhe a minha colaboração ao seu magnífico trabalho.

SIMONE - Dona Elvira, que prazer!... Eu estava longe de imaginar que pudesse ser a senhora. Mandei-lhe um convite para a inauguração da casa, a senhora não quis nos dar o prazer...

ELVIRA - Não diga que não quis que você estará me fazendo uma grande injustiça. Sabe quantos vestidos eu fiz, naquela semana? Onze. As duas últimas freguezas foram se vestir lá em casa e de lá vieram diretamente. Quando saiu a última eu estava caindo aos pedaços. Inda fui ao guarda roupa e tirei o meu vestido de seda preta, mas estava machucado, precisava passar a ferro e eu não tive forças. Deixei-me cair na cama, vestida como estava e quando Tarésio chegou até levou um susto, o coitado. (PAUSA) Olhe.

SIMONE - O que é isso, dona Elvira?

ELVIRA - Umás roupas e uns vestidinhos que eu fiz para as suas crianças. São todas de retalhos. É a minha colaboração muito modesta, mas de boa vontade.

C/REGRA - RUIDO DE DESMANCHAR PACOTE GRANDE COM PAPEL GROSSO.

SIMONE - Tudo nos serve, dona Elvira. Estamos com quasi cincoenta crianças... (COR-TA) Dona Elvira que gracinha de camisola!... E este vestidinho... e esta roupa... meu Deus, quanta coisa engraçadinha!... Isto só vai servir para dias de festa. Está tudo muito ricuinho... com muito gosto...

ELVIRA - Foi tudo feito de boa vontade, é o que é.

SIMONE - Depois eu vou ver tudo com vagar. Vou deixar o pacote aqui, por enquanto e vou lhe mostrar a parte da casa que já está em funcionamento. Venha comigo.

ELVIRA - Mas se você está muito ocupada agora, eu venho outro dia. Não quero lhe atrapalhar.

SIMONE - A senhorax não me atrapalhe nunca. Venha dona Elvira, venha. (PROJETANDO) Irmã Piedade, tome conta desse pacote de roupas que eu volto para registrar a oferta.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL FUNDE COM TORRE DE IGREJA DANDO DOZE BADALADAS DISTANTES E RUIDOS DE NOITE, FORA.

GUARDA - Hoje não vamos conversar para não espantar o cara, si ele vier. Vamos permanecer atentos e em silêncio.

GUARDA I - Por mim não há perigo porque si é para não falar, eu não falo mesmo.

§(PAUSA) Quer um gole de café?

GUARDA - Quero. Vou tomar porque sinão, daqui a uma hora acontece como da outra vez que não tem mais nem um xixim pingo. Você tomou todo.

GUARDA I - É cara bem falador. Eu tomei dois copinhos de café desde as dez horas, até o presente momento.

GUARDA - Da outra vez você também só tinha tomado dois copinhos, mas o caso é que não tinha mais, no momento que eu quis tomar. Hoje a garrafa veio cheia que eu vi.

GUARDA I - Da outra vez também veio. Eu achei que deixei ela deitada e vasou o café.

GUARDA - É, vasou. Vasou pela tua garganta a baixo. É que tá é um cara tão viciado em café que nem sentes mais o que tomas.

GUARDA - Óra, para aí. Também não é tanto assim.

GUARDA I - Escuta aqui, não foi você mesmo que disse que nós não devíamos conversar para não afastar a quem viesse? Você ainda não calou a boca até agora.

GUARDA - Eu só quero ver se você vai calar.

GUARDA I - Por mim não tem problema. Eu quando digo... (CORTA, TRANSIÇÃO, BAIXO)
Aí vem um cara. Eu vi a sombra, nitidamente, no meio daquelas duas árvores mais altas. Si ele não der volta, vai aparecer depois da terceira árvore. Guide para ver. (PAUSA) Olhe lá, está vendo?

GUARDA - Estou. Vamos ficar bem quietinhos, para não espantá-lo. No silêncio da noite ele pode ouvir até o sussurro das nossas vozes. (PAUSA GRANDE) Vem chegando. Devagarinho... e olhando para todos os lados...

GUARDA I - (DEPOIS DE PAUSA LONGA) Parou. (PAUSA) Está desembrulhando qualquer coisa, veja. (PAUSA) Repare agora... Está subindo no muro.

C/REGRA - ASSOBIO CHAMANDO CACHORROS, DISCRETAMENTE, POR ALGUNS INSTANTES.

GUARDA - Você fique aí, cobrindo a minha retaguarda que eu vou me aproximar do muro.

GUARDA I - VÁ DE VAGAR, não se afobe. Só dê ordem para ele se render, quando estiver bem perto.

C/REGRA - REPETE OS ASSOBIOS PARA OS CACHORROS POR ALGUNS INSTANTES.

GUARDA - (DEPOIS DE UMA PAUSA, FORTE, IMPERIOSO) Mãos ao alto e desça imediatamente.

TÉCNICA - ACORDE VIOLENTO DE SUSTO.

GUARDA - E não tente fugir porque eu tenho boa pontaria. E se pular para dentro do muro, do lado de lá está um outro guarda à sua espreita, com ordem de atirar. Vamos, pule daí.

C/REGRA - RUÍDO DE PULO DE CIMA DO MURO EM TERRA BATIDA.

GUARDA - Recolha o que ele tinha nas mãos e vamos levá-lo imediatamente.

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ENCERRAMENTO DO CAPÍTULO.

52º CAPITULO.

TECNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA.

C/REGRA - ASSOBO CHAMANDO CACHORROS, DISCRETAMENTE, POR ALGUNS INSTANTES.

GUARDA - (MEIA VOZ) Você fi ue aí cobrindo a minha retaguarda que eu vou me aproximar do muro.

GUARDA I- Vá de vagar, não se afobe. Só dê ordem para que ele se renda, quando estiver bem perto.

C/REGRA - REPETE OS ASSOBIOS PARA OS CACHORROS POR ALGUNS INSTANTES.

GUARDA - (DEPOIS DE PAUSA, FORTE, IMPERIOSO) Mão ao alto e desça imediatamente!

TÉCNICA - ACORDE VIOLENTO DE SUSTO.

GUARDA - E não tente fugir, porque eu tenho boa pontaria. Se pular para dentro do muro, do lado de lá está um outro guarda à sua espera, com ordem de atirar. Vamos, pule daí.

C/REGRA - RUIDO DE PULO DE CIME DO MURO, EM TERRA BATIDA.

GUARDA - Recolha o que ele tinha nas mãos e vamos levá-lo imediatamente.

GUARDA I- Um momento que eu vou recolher onde ele deixou cair.

GUARDA - Use a lanterna que ficará mais fácil.

GUARDA I- Pronto. Aqui está. É uma bola de carne. Certamente envenenada.

G. PREIOS - Um momento, deixe-me explicar porque motivo me encontraram aqui, a esta hora da noite. Eu não...

GUARDA - (CORTA) Você não vai explicar coisa nenhuma aqui. A explicação terá que ser dada na delegacia e na presença do seu delegado. Vamos andar, logo, vamos, vamos...

G. PREIOS - É pena. Se me deixassem explicar aqui, talvez compreendessem que não havia necessidade de me levarem até lá e afianço-lhes que não se arrependiriam por terem sido camaradas comigo.

GUARDA I- Aqui não tem nada de camaradagem, meu chapa. Vamos deixar de conversa mole e vamos tocar de uma vez que esse negócio já está muito demorado.

GUARDA - É isto mesmo. Vamos logo e fim para a conversa.

TECNICA - PASSAGEM MUSICAL FUNDE COM RELÓGIO DE TORRE BADALANDO SEIS HORAS, DISTANTE

LEOPOLDINA - A senhora já de pé a esta hora, dona Eudoxia? Que aconteceu?

EUDOKIA - Eu acho que a mesma coisa que aconteceu com suncê, Liapordina. Num teve jeito do sono vim a noute inteirinha. Me arrevirei, me arrevirei e nada. Quando eu vi que já tava aminhecendo, inté dei graças a Deus. Me alivan

EUDOXIA - (CONTINUAÇÃO) tei na mesma hora e fui butá a agua pra fervê, mode quá café

LEOPOLDINA - É por falar em café, eu vou ter que ir até ao portão, porque estou vai de que eles não trouxeram a garrafa térmica nem o prato dos sanduíches. Com certeza o tal homem apareceu e eles tiveram que deixar tudo; do contrário, eles teriam posto aqui do lado de fora, como fizeram ante-ontem.

EUDOXIA - Suncê acha que o mata cachorro veio? Pur isso que eles num viero trazê a garrafa?

LEOPOLDINA - Exato. Com toda certeza eles tiveram mais o que fazer e não se lembraram desse detalhe.

EUDOXIA - E quando é que suncê vai sabê, Leopoldina? Eu já tô afrita pra tê a confirmação.

LEOPOLDINA - É só o patrão descer para a vila que dez minutos depois eu estarei descendo, também. Vou direto ao delegado para saber.

EUDOXIA - Ai, meu Deus! Tumara que o patrão num dimore, pra gente também num dimorá a sabê.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

DELEGADO - É esse o homem que vocês pegaram trepado no muro da Vila Verde, assobiando para chamar os cachorros?

GUARDA - Esse mesmo, seu delegado.

DELEGADO - Muito bem, então você agora vai me dizer o que estava fazendo lá.

G.FREIOS - Eu explico, sim, seu delegado, eu explico. Uma vez passei lá ao cair da tardinha e um dos cachorros me deu uma dentada na perna que me botou na cama quasi uma semana. Fiquei louco de raiva e prometi a mim mesmo que havia de matá-lo. Sou guarda freios da estrada de ferro e só tenho folga aos sábados de tarde e domingo o dia todo. Então eu vim cumprir o meu juramento no sábado retrazado. Aconteceu que quem comeu a bola envenenada que eu trouxe foi um outro cachorro. Passando de dia aqui, percebi que o que eu queria matar continuava vivo. Fiz mais duas tentativas com igual resultado e então deliberei que enquanto não atingisse o meu objetivo não parava de envenenar os cachorros. Está aí toda a explicação do meu crime.

DELEGADO - A sua explicação está muito bem bolada, realmente, meu amigo, mas a mim ela não chegou a convencer. E sabe por que? Porque sabemos que os cachorros estavam sendo envenenados, para no fim o dono deles ser agredido.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

G/FREIOS - O senhor disse que sabia que o dono seria agredido? Mas sabia como?

DELEGADO - Ah, meu amigo, a polícia tem muitas maneiras de saber as coisas. Tem as

DELEGADO - (CONTINUAÇÃO) suposições... as denúncias... as coincidências... pessoas que se traem, às vezes, por um simples gesto, ou até mesmo por uma expressão fisionômica. Há provas, também, que ficam às vezes, sem que os criminosos se apercebam... enfim... há uma série de pequenas coisas que se transformam em motivo de grandes revelações e nos arrastam ao caminho exato de uma incógnita. Quer ver um exemplo característico e interessante? A carta que lhe foi escrita encomendando o crime que você não chegou a praticar, foi lida, antes do senhor, pela polícia.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL PORTE.

DELEGADO - É verdade, ou não é, que você recebeu essa carta? (PAUSA) Vamos, responda. E vá tratando de falar a verdade, se quiser salvar a sua pele, porque, do contrário, a responsabilidade vai ficar inteira sobre os seus ombros. Onde está essa carta que você recebeu, diga.

G. FREIOS - (DEPOIS DE PAUSA) Na minha casa. Deixei-a lá, guardada.

DELEGADO - Diga o lugar exato, para evitar que os meus homens tenham que remexer tudo que é seu, até encontrá-la.

G. FREIOS - Está na prateleira da cozinha, em baixo do ferro de engomar.

DELEGADO - Vá você lá e faça uma busca. Traga a carta e qualquer outra coisa que encontre por lá que lhe pareça interessante.

GUARDA - Sim senhor.

DELEGADO - Sabe onde ele mora?

GUARDA - Sei, sim senhor. Antes do senhor chegar eu já tinha feito uma série de perguntas, inclusive o seu endereço.

DELEGADO - Então trate de ir, imediatamente e volte logo que lhe for possível.

GUARDA - Sim senhor. Com licença.

C/REGRA - PASSOS DO GUARDA QUE SE AFASTAM. PORTA QUE ABRE E FECHA EM 2º PLANO.

DELEGADO - Vamos prosseguir no nosso interrogatório. Por que motivo a pessoa que lhe escreveu a carta, pedindo a vida de seu Rafael, desejava tanto a sua morte? Você sabe?

G. FREIOS - Bem... quer dizer... eu não sei muito bem, porque ela nunca me falou, mas segundo comentários que ouvi por aí, ela tinha raiva dele porque foi desprezada por ele.

DELEGADO - Muito bem, vamos suspender o interrogatório até que venha a tal carta que mandamos buscar. No momento em que ela tiver chegado, recomeçaremos.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL

SARARÁ - Trago-lhe uma noticia nada boa para nós. Você sabe quem é que está preso?

MANON - Não vá me dizer que é Reginaldo. Se for, eu já vou começar a tremer desde já, por você.

SARARÁ - Não foi Reginaldo, mas de todo modo acho que vamos ter que botar nossas barbas de molho.

MANON - Quem foi, então, homem? Diga logo e não fique aí fazendo guerra de nervos.

SARARÁ - Foi o guarda freios Jacinto.

MANON - O que fazia o pombo correio entre você e Reginaldo?

SARARÁ - Exatamente. Foi surpreendido envenenando os cabhorros da Vila Verde.

MANON - E agora?! Será que ele vai comprometer vocês com as suas declarações?

SARARÁ - Está visto que sim. Ele não há de ser tolo de querer assumir a responsabilidade de um tróço que a gente sabe que ele foi mandado fazer.

MANON - Ah, pois é. Si bem que isso não chegará a livrá-lo da cadeia. Ou chega?

SARARÁ - Não, nao... livrar não livra, mas se o crime foi incutido na sua cabeça por uma outra pessoa, a maior responsável é essa outra pessoa. Eles chamam de autor intelectual.

MANON - A confissão dele pode prejudicar você diretamente?

SARARÁ - Acredito que não, mas nas suas declarações ele poderá fazer qualquer referência a mim, como fazendo parte do bando e aí é que a porca torce o rabo. Vamos ter que fugir na mesma hora.

MANON - Vamos, por que? Eu posso muito bem fingir que ignorava completamente sua vida lá fora e manter-me aqui, firme, para ajudá-los, no momento em que pudessem precisar de mim.

SARARÁ - Sim, sim... você tem razão... Se você ficar poderá prestar-nos muito mais serviços do que se fugir.

MANON - E quanto a fingir que ignorava sua vida não vai ser tão difícil para mim. Gosto de representar e todos dizem que represento bem razoavelmente. Vou fazer uma expressão tal de admiração que o delegado jamais vai poder acreditar que eu estava a per de todas as sujeiras.

SARARÁ - Eu estou aflito pela vinda do guarda que controla aqui a nossa porta, de noite, porque vai ser ele, sem saber, que vai me dar todas as coordenadas.

MANON - Cuidado, Sarará! Não vá, com as suas perguntas, despertar as desconfianças do guarda que aí mesmo é que você se perde. Tenha prudência e calma.

SARARÁ - Procurarei ter, Manon, mas afianço-lhe que não vai ser muito fácil.

MANON - Quem sabe eu faço isso para você? A curiosidade, na mulher, sempre se justifica mais.

SARARA - É... você tem razão... talvez seja melhor e se obtenha melhor resultado.

Faça isso para mim, então.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

LEOPOLDINA - Seu Rafael, eu tenho que lhe confessar uma coisa que fiz, aqui, sem a sua autorização. Talvez o senhor se aborreça comigo, mas eu não podia mais dormir, tal era a minha preocupação e hoje me dou por feliz por ter visto confirmadas as minhas suposições.

RAFAEL - Por que toda essa lenga-lenga, Leopoldina? O que foi que você fez que parece tão assustada?

LEOPOLDINA - Eu não me conformava com o envenenamento dos cachorros e achava que eles se prendiam a um plano qualquer estabelecido para uma segunda tentativa ao senhor. Então que fiz? Dei queixa à polícia, dizendo-lhe das minhas desconfianças e segundo o guarda acaba de me comunicar, elas se confirmaram. O envenenador foi preso e confessou que tinha a incumbência de matá-lo.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL DE GRANDE SUSTO.

RAFAEL - Por Deus, Leopoldina, conte-me essa história toda do princípio e de maneira a que eu possa entender claramente o que você está dizendo. Que aconteceu, vamos?

LEOPOLDINA - Eu vou contar. Apareceu um cachorro morto, numaxxxxxx manhã de sábado para domingo. Envenenado. Daí a uma semana outro. Depois terceiro. Eu comecei a cisnar com aquela história e já não podia mais dormir. Pensava comigo: estão matando os cachorros para poderem entrar aqui e matar, depois o seu Rafael. Fui falar com o delegado e contei tudo. Ele mandou dois guardas passarem a noite de vigília. Passaram ontem. Nada. Passara hoje outra vez e o resultado foi satisfatório. Pegaram um sujeito que é guarda-freios do trem da tabela e o senhor vai saber, depois, o que ele disse por intermédio do delegado.

RAFAEL - E o que foi que ele disse? Você sabe?

LEOPOLDINA - Não. Sei apenas que o delegado disse que as minhas desconfianças foram plenamente confirmadas e que mandaria chamá-lo para que o senhor ficasse sabendo do que havia escapado, já que o senhor nunca acredita que alguém possa querer lhe fazer mal.

RAFAEL - Neste caso vou lá, agora mesmo, conversar com seu Lourenço.

LEOPOLDINA - Ele ia mandar chamá-lo quando tivesse as investigações concluídas.

... Talvez fosse melhor esperar mais um pouco.

RAFAEL - Não, não... eu vou agora. Nesta altura você deve compreender que já estou ardendo em curiosidade.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

SARAH - A senhora soube da novidade que anda correndo aí, dona Angela?

ANGELA - A respeito de que, dona Sarah?

SARAH - De um novo atentado que pretendiam fazer contra o seu Rafael?

ANGELA - Não sabia, não. Quem foi que lhe contou?

SARAH - Tantas pessoas já me falaram nisto hoje, que eu nem sei mais quem foi a primeira. O que sei é que o boate está soberano na vila toda. Não há quem não o comente. Quando eu saía da missa das sete, hoje, já na porta alguém me trouxe a novidade. E dali para cá, nem tem conta as pessoas que a repetiram.

ANGELA - Então deve ter sido verdade, porque quando as coisas se espalham assim com muita rapidez, é porque realmente aconteceram. E será que ele sofreu alguma coisa, dona Sarah? A senhora não sabe?

SARAH - Ele parece que só ~~se~~ tomou conhecimento do assunto, depois de tudo passado pelo menos foi o que me garantiram, porque eu também fiquei muito preocupada, por causa de Simone e fui logo perguntando.

ANGELA - E quando será que vai se saber tudo com detalhes, meu Deus? Agora, ^{também} ~~kkkkk~~, eu já estou curiosa e não só curiosa como preocupada.

SARAH - Hoje mesmo Simone já deverá saber de tudo por ele. Disse que ele tinha sido chamado na delegacia pelo seu Lourenço... E sabe quem tomou todas as providências para pegar o culpado? A moça que trabalha lá e que foi criada quasi como irmã de seu Rafael, a Leopoldina.

ANGELA - Si ele foi à delegacia, não deve ter ido à Casa de dona Clara e Simone é capaz de levar um susto se chega até lá algum boato.

SARAH - Não faz mal que leve susto. Deixe. Isso às vezes é bom. Faz nascer um novo interesse nas coisas das quais a pessoa parecia um tanto afastada.

ANGELA - Meu Deus, eu agora já estou desejando que chegue de uma vez o meio dia!

SARAH - Eu também. E a senhora inda vai saber primeiro do que eu, porque para mim ela não vai contar de chegada. A senhora é que vai me contar depois.

ANGELA - Bem, dona Sarah, eu vou procurar alguma coisa para fazer, afim de ver se o tempo não custa tanto a passar. Quer que lhe ajude em alguma coisa?

SARAÍ - Para mim seria ótimo! Tenho um kilo de batatas para descascar, cortar e fritar. Se a senhora fizesse isso para mim, seria uma mão na roda!

ANGELA - Faça, sim. Vamos lá que assim o tempo passa mais ligeiro.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

JOANA - A senhora já soube o que aconteceu ao guarda freio? Ele foi preso ontem.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL DE SUSTO.

TEREZA - Quem foi preso? Aquele que trazia os recados para Laila e que levou a minha carta para ela?

JOANA - Ele mesmo. Estava envenenando os cachorros da Vila Verde e os guardas pegaram ele em cima do muro. Mas o pior de tudo não é isto.

TEREZA - O que é, Joana, fala. Será que a prisão desse homem não vai me implicar nos fatos? Eu já estou até nervosa.

JOANA - Implicar por que? A senhora tem alguma coisa que ver com o que ele estava procurando fazer?

TEREZA - Bom... ter, propriamente, não tenho, mas a questão é que mandei uma carta por ele, para Laila, e ele é capaz de fazer referência a esse fato e isso complicar a minha situação.

JOANA - Pois eu, se fosse a senhora, antes que me chamassem, ia lá e contava tudo ao delegado.

TEREZA - Mas aí eu acho que posso precipitar os acontecimentos. Vamos que ele não fale nada... Acho que é melhor esperar, para ver como param as rodas.

JOANA - Não sei, não. A senhora faça como entender, mas essa gente, para livrar-se, é capaz de tudo. Não duvide nada que ele amanhã declare que foi envenenar os cachorros por ordem sua, ou minha.

TÉCNICA - ~~XXXXXXXXXXXX~~ VERGASTADA MUSICAL FORTE.

TEREZA - Credo, Joana! Isso lá seria possível? Então alguém poderia acreditar numa asneira dessas?

JOANA - E por que não? A senhora sabe, tão bem como eu, que neste mundo há gente para tudo e ainda sobra uma boa porção para muito mais. É um absurdo, mas se ele dissesse para o delegado, ia nos incomodar.

TEREZA - Por isso mesmo é que eu acho que não devo provocá-lo. Quem não é visto, não é lembrado. Vamos deixar as coisas como estão e esperar. Se ele disser alguma coisa a meu respeito, aí então eu vou me defender. Sim, porque afinal de contas o que foi que eu fiz? Mandei uma carta a Laila. Podia mandar era minha colega. Eu precisava saber se ela voltava ou não... Até aí não me parece nada de mal.

JOANA - E não tem, realmente, mas é como eu já lhe disse: quando eles querem enrras car a gente, eles não fazem nenhuma cerimônia e inventam coisas. E aí, até provar que essas coisas são mentirosas, a gente está se aborrecendo e se preocupando. Por isso que eu acho que mais vale prevenir, do que remediar.

TEREZA - Não, não... eu penso ~~uma~~ diferente. Acho que nem não é visto, não é lembrado e que em boca fechada não entra mosca.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

DELEGADO - Eu já indaguei toda a sua vida e fiquei sabendo que você é um homem casado, que tem mulher e vários filhos pequenos, que dependem do seu trabalho, ~~me~~ ^{e por} isso lhe dou um conselho de pessoa que quer lhe ajudar. Confesse tudo, aperte os mandantes do seu ato porque isso só poderá trazer-lhe benefícios. Do contrário o que sucederá? Você será preso, sua família começará a passar trabalho, começarão seus filhos a passar fome e eles continuarão muito bem, ~~coendo~~ ^{coendo} do melhor e dormindo tranquilamente, sem se preocuparem com as faltas que a sua gente está passando. Pensa que eles vão mandar alguma coisa para aliviar a situação da sua gente? Nada. Absolutamente nada. Nem um advogado para defendê-lo contratarão, com receio de se comprometerem. Portanto, não há razão de defendê-los. Pelo contrário. É chegado o momento de cobrar o que eles lhe devem, porque foram eles que o envolveram nessa questão, ~~me~~ tenho certeza. Foram eles que lhe propuseram maiores ganhos, sabendo a miséria e as provações que sua família passava. É verdade, ou não é verdade o que eu estou dizendo? (PAUSA) Responda. É verdade ou não é?

G. FREIOS - É verdade, sim senhor.

DELEGADO - Era preciso que eu não conhecesse essa gente para pode enganar-me. E você vai sacrificar a sua família por causa dessa gente? Não pode. Será mau pai e mau marido se assim fizer. Seus filhos vão ficar abandonados... jogados na rua... sem ter o menor auxílio deles. Pode estar certo. Sua mulher, impossibilitada de trabalhar, por não ter com quem deixar as crianças, vai sair pelas ruas a mendigar restos de comida e pedaços de pão da véspera. É esta a vida que você deseja para eles? Não é. Você tem direito de aspirar mais para a sua família. Portanto... esqueça-se logo de quem vai se esquecer de seus e os denuncie. Diga o nome de toda essa quadrilha e eu lhe prometo fazer tudo para livrá-lo da cadeia.

G. FREIOS - É verdade, mesmo? O senhor me promete? E o senhor me protege, depois, do que eles possam querer me fazer?

DELEGADO - Protejo.

CAP. 52º / Pag. 9

G.FREIOS - Pois então eu vou lhe dizer toda a verdade.

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL PORTE, PARA ENCERRAMENTO DO CAPÍTULO.

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA.

DELEGADO - Você tem direito de aspirar mais para a sua família. - Portanto... esqueça-se, logo, de quem vai se esquecer dos seus e os denuncie. Diga o nome de toda essa quadrilha e eu lhe prometo fazer tudo para livrá-lo da cadeia.

G. FREIOS - É verdade, mesmo? O senhor me promete? E o senhor me protege, depois, do que eles possam querer me fazer?

DELEGADO - Protejo.

G. FREIOS - Pois então eu vou lhe dizer toda a verdade.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

DELEGADO - Isso. Diga logo toda a verdade, que só pode lhe trazer benefícios.

G. FREIOS - Eu ia, realmente, envenenar primeiro os cachorros, para depois tentar matar seu Rafael.

DELEGADO - Mas ele fez alguma coisa a você, ou a alguém da sua gang?

G. FREIOS - Pois eu já não disse ao senhor que ele havia desprezado dona Laila e corria com ela de lá? Sabe como é mulher. Ela ficou doida de raiva dele e jurou vingar-se. Daí ela me escreveu a carta que o senhor mandou o guarda buscar na minha casa, pedindo que eu fizesse esse serviço para ela, já que o seu Reginaldo tinha querido fazer e não conseguiu.

DELEGADO - Então quer dizer que aquela primeira tentativa já foi encomendada por ela?

G. FREIOS - Foi, sim senhor. Seu Reginaldo procurou matar seu Rafael a pedido dela. Mas seu Rafael foi esperto, se atirou no chão e ficou quietinho. Ele pensou que o serviço estava feito e botou pra fugir. Agora, há pouco tempo, é que eles ficaram sabendo que seu Rafael não tinha morrido, por uma carta que a diretora do Grupo escreveu para dona Laila e fui eu que levei. Eu bati muito, ninguém me atendeu, botei a carta em baixo da porta, mas depois eu vi que ela tinha recebido pela resposta que ela me mandou que é essa que o senhor mandou me trazer na sua mão.

DELEGADO - Quer dizer, então... que dona Tereza também faz parte da gang?

G. FREIOS - Eu não sei si ela faz, só sei que ela escreveu pra outra. Quem faz parte da gang, também e que mora aqui é o Sarará.

DELEGADO - Quem? O Sarará? O sócio de Manon na boate do sobrado?

G. FREIOS - Exatamente. Ele mesmo. Esse eu sei que faz parte da quadrilha, mas o senhor não pode dizer pra ele que soube por mim, senão ele dá um jeito e me mata ou manda alguém fazer o trabalho por ele.

DELEGADO - Eu já lhe disse que você não precisa ter receio de contar a verdade porque que será protegido por nós.

G. FREIOS - Pois é, mas si ele souber que eu confessei o que estou confessando, eu não me escapo.

DELEGADO - Mas ele não vai saber. Pode estar descansado, porque ele não vai saber. E se sabe de mais alguma coisa, trate de confessar logo, para não nos fazer perder tempo. Tempo é dinheiro, para nós.

G. FREIOS - Acho que não sei mais nada. Penso que já falei tudo que sabia. Mas se lembrar, depois, mais alguma coisa, eu mando logo dizer ao senhor.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

SIMONE - É verdade o que se comenta, na vila, a propósito da prisão de um homem que ~~pretendia~~ pretendia matá-lo e foi preso, quando transpunha o muro da sua casa, depois de envenenar os cachorros?

RAFAEL - Não é bem assim, Simone. O homem envenenou tres dos cachorros lá de casa e quando procurava envenenar mais um, foi preso, no muro, por duas guardas da nossa polícia. Mas que ele pretendesse me matar, isso já é uma posição da turma, porque, ao que parece, ele não tinha confessado nada. Pode, muito bem, ser, apenas, um ladrão de galinhas; não pode?

SIMONE - Pode, mas o que dizem é exatamente ao contrário do que você está dizendo. Comentam que ele confessou que o seu plano era poder entrar na casa, para matá-lo. E dizem mais: que ele confessou, inclusive, a pessoa que ~~me~~ encomendou esse serviço.

RAFAEL - Não sei, só se foi hoje que isso aconteceu, porque até ontem, pelo menos que eu saiba, ele não tinha confessado nada.

SIMONE - Bom, eu também não posso afirmar que seja verdade o que me disseram, estou repetindo a você, justamente para ver se você confirma, ou desmente. É claro que você deve estar muito melhor informado, do que esses que andam por aí a fazer comentários, sem nenhum conhecimento de caso.

RAFAEL - Para ser bem franco a você, eu, até agora, não dei nenhuma importância ao sucedido. Não creio que o homem tivesse intenção de me matar. Não fiz nada de mal a ele. Em todo caso, seja verdade ou mentira, o que não podemos deixar de fazer é de auxiliar a sua família, pelo menos durante o tempo em que ele estiver preso, pois, segundo sei, ele parece que tem ~~um~~

RAPHAEL - (CONTINUAÇÃO) quatro ou cinco crianças pequenas e a pobre mulher não pode trabalhar fora, porque não tem com quem deixá-las.

SIMONE - Amanhã procurarei entrar em contato com ela para ver o que poderemos fazer para ajudá-la.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

DELEGADO - Aqui estou eu, mais uma vez, fazendo uma visita à senhora. Preciso fazer-lhe umas perguntas, em vista de uma denúncia que me veio, há dias, da cidade.

MANON - (ASSUSTADA) Uma denúncia? Contra mim?!... Mas eu nem posso saber a que atribui-la. Eu não fiz...

DELEGADO - Espere, tenha calma. Deixe-me falar, primeiro. Eu não recebi denúncia contra a senhora. Foi contra o seu sócio, entende?

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

MANON - Contra... contra Sarará? Mas que fez ele, afinal? Juro-lhe que ele não tem feito outra coisa, senão administrar nossa casa. Passa o dia todo trabalhando na escrita e de noite, ajudando a atender a freguezia.

DELEGADO - Bem... a denúncia me veio de longe e por fatos passados anteriormente. Não são fatos de agora. De maneiras que eu gostaria de conversar com ele, para perguntar-lhe umas tantas coisas e exigir que ele me explicasse outras tantas. Quer fazer o favor de chamá-lo?

TÉCNICA - REPETE A VERGASTADA MUSICAL FORTE.

MANON - Chamá-lo?! O senhor quer que eu chame Sarará para conversar com o senhor?

DELEGADO - Não foi o que eu disse? Ou quem sabe não me expliquei direito?

MANON - Não, não... não é isso... é que... é que ele, hoje, precisamente, foi à cidade, para ultimar os preparativos do show de sábado próximo. Não sei nem lhe dizer se voltará hoje à noite, ou amanhã.

DELEGADO - É pena. Eu justamente não quise mandar chamá-lo, por isto. Queria pegá-lo de surpresa, para observar os efeitos que as minhas palavras poderiam causar no seu espírito. Mas não tem importância. Eu vou deixar um dos meus guardas de serviço permanente na sua porta e, quando ele voltar, antes mesmo de haver entrado, terá que ir prestar declarações lá comigo.

MANON - Está muito bem. O senhor não quer que mande chamá-lo?

DELEGADO - Não, não... prefiro, como já disse, pegá-lo de surpresa.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.

ANGOT - Você não sabe das últimas novidades, Luze? São fantásticas. São formidáveis. São pirramidais!...

LUZA - Ih, Madame Margot, o que terá acontecido para a senhora estar nesse entusiasmo todo? Palavra que estou curiosa.

MARGOT - Pasmee Luza, estarreça! Você nem vai acreditar, nas minhas palavras, assim à primeira vista. Mas eu sabia que a minha hora de vingança ia chegar. Eu sabia!...

LUZA - Hora de vingança? Mas então aconteceu alguma coisa a Manon? (ue foi? Diga.

MARGOT - A ela mesma ainda não aconteceu, mas vai acontecer. Orra se vai! Ela não é bruxa, perra escapar.

LUZA - Diga logo o que aconteceu que lhe deixou tão satisfeita, Madame.

MARGOT - Descobrimos que o tal de Sarrarrá, sócio de Manon, é um contraventor, um vigarrista, ladrão e parece até que assassino e está sendo procurado pela polícia.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

LUZA - Não me diga, Madame!... Mas isso será verdade, mesmo, ou é conversa do povo? Sabe como o povo é para inventar coisas...

MARGOT - Nada diste. Não é invenção do povo coisa nenhuma, porque até o senhor delegado esteve na casa dela hoje de tarde e deixou lá um guarda na porta, com ordem de prender o Sarrarrá, assim que ele entre em casa.

LUZA - E a senhora acha que ele vai entrar? Acha que não vão avisá-lo? É claro que sim. E ele aí não vai voltar que não é trouxa. Ou a senhora acha que é?

MARGOT - Não sei. O que sei é que o reinado da Manon começou a declinar. Você acredita que sem o sócio ela vai poder fazer grandes coisas? Poderia.

LUZA - Bom, de qualquer maneira não se pode cantar vitória antes do tempo. Vamos esperar o resultado da questão, primeiro, para depois fazer as nossas suposições. Adiantar expediente é que não se pode.

MARGOT - Eu posso porque quem me contou todas estas novidades foi uma pessoa que me merece inteira e absoluta confiança.

LUZA - Apesto como foi o Glauco, não foi?

MARGOT - Ele mesmo. E por isso mesmo eu tenho que acreditar, porque Glauco não é pessoa de dizer uma coisa que ele não tenha absoluta certeza. E ele me disse e me afirmou. Ele parece que falou com o próprio senhor delegado e ficou sabendo de tudo por ele. Portanto... só posso pensar que seja verdade! A hora da vingança começou a soar perra mim, Luza. Demorrou um pouco, mas veio. E como eu vou dar gargalhadas, quando tudo acontecer! (GARGALHA)

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.

LOCUTOR - SENSACIONAL COMERCIAL.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

DELEGADO - Aqui estou, novamente, para uma visitinha à senhora. Talvez a hora não seja muito própria, mas a pressa poderá justificar-me.

TEREZA - Eu já estava admirada que o senhor não tivesse me aparecido. Quando fui sabedora da notícia da prisão do guarda-freios Jacinto, pensei logo comigo: o delegado vai saber que era ele que levava a minha correspondência para Laila e com toda a certeza vai me procurar para esclarecimentos. Digo-lhe mais: cheguei a pensar em ir procurá-lo, antes, mas depois, devido aos muitos afazeres, fui obrigada a desistir desse meu intento.

DELEGADO - Poi pena. Isso talvez a tivesse isentado de qualquer suspeita.

TEREZA - Mas pode pesar sobre mim alguma suspeita, senhor delegado? Por que?

DELEGADO- Porque eu me lembro, perfeitamente, que na outra visita que lhe fiz a senhora me disse que não tinha o endereço de dona Laila, nem sabia como dirigir-se a ela.

TEREZA - Sim, sim... de fato eu disse isso, por duas razões: ~~xxxxx~~ primeira porque o guarda freios havia levado uma carta minha e não encontrara ninguém em casa, constando que tinham saído para uma viagem e segundo porque, mesmo que eu soubesse qualquer coisa, só poderia declará-la se tivesse absoluta certeza e eu não tinha. Não era o que o senhor faria, no meu caso?

DELEGADO- Não sei... talvez... essas coisas não são fáceis de prever. Mas de qualquer maneira, a gente sempre deve ter o cuidado de não se colocar mal. Neste momento, por exemplo, eu poderia considerá-la uma cúmplice de dona Laila.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL PORTE.

TEREZA - (ESFORÇANDO-SE POR SER CALMA) Mas ~~xxxxxxxxxxxxx~~ cúmplice por que? Eu entendo por cúmplice a pessoa que ajuda outra a praticar um crime ou um roubo e eu não fiz nada disto.

DELEGADO- A pessoa que ajuda a outra a fugir, também pode ser considerada assim.

TEREZA - Mas eu não ajudei Laila a fugir! Como poderia ter ajudado se só fui tomar conhecimento da sua saída no dia seguinte de manhã pelo bilhete que ela me deixou e que mostrei ao senhor?

DELEGADO- Mas depois sabia onde poderia encontrá-la e negou-se a dar-me o seu endereço dizendo que o desconhecia.

TEREZA - Não senhor. Na ocasião que o senhor esteve aqui, eu realmente não sabia. Só alguns dias depois é que, falando, ocasionalmente, com o guarda freios

TEREZA - (CONTINUAÇÃO) do trem da tabela, Ele me disse que faria chegar às mãos de la qualquer mensagem que eu quizesse. Foi então que lhe escrevi uma carta, perguntando si ela voltava ou não, por causa das crianças que estavam sendo mal atendidas e prejudicadas. Ele me disse que não encontrou ninguém em casa, que algues lhe dissera que eles tinham ido viajar, mas que Ele havia deixado a carta em baixo da porta.

DELEGADO - A senhora, agora, caiu numa contradição. Veja bem. Primeiro disse que não me dera o endereço, porque o guarda freios lhe falara que não encontrara ninguém em casa e agora terminou de falar que só depois de eu ter estado aqui é que o guarda freios, ocasionalmente, falou com a senhora e se prontificou a fazer chegar às mãos de dona Laila qualquer mensagem sua. Qual das duas coisas representa a verdade?

TEREZA - Seu Delegado, eu vou dizer uma coisa ao senhor: eu nem sei bem se foi antes ou depois do senhor ter estado aqui que eu falei com Ele. Fiquei tão tonta com aquelas coisas que o senhor me disse - lembra-se? - tão desorientada, tão admirada de tudo e tão assustada de me ver comprometida num assunto que, afinal, eu não tinha tido nenhuma interferência, que perdi o controle dos meus nervos e comecei a meter os pés pelas mãos. Em todo caso, se houve alguma culpa da minha parte, foi a de ter duvidado das coisas que o senhor me afirmou a respeito de Laila e ter escrito a ela, para saber si ela voltava ou não ao Grupo, para que eu tomasse as minhas providências, como diretor que sou. Joana, a servente, está aí e se o senhor quiser interrogá-la, ela poderá confirmar tudo que eu estou lhe dizendo.

DELEGADO - Não, não... de momento não há necessidade. Pode ser que mais tarde se faça necessária essa providência e então mandarei chamá-la. Por óra, estou satisfeito com o que a Senhora me declarou.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

LAILA - Afinal de contas, até quando vamos permanecer aqui, neste buraco? Eu não ficarei morando aqui, por coisa alguma deste mundo.

REGINALDO - Acalme-se, criatura, eu já lhe disse que não vamos ficar aqui.

LAILA - Mas então por que não vamos embora para qualquer outro lugar?

REGINALDO - Porque eu preciso, primeiro, receber alguma notícia de lá. Só por isto. Faz quinze dias que espero uma carta... um bilhete... um recado... e nada. Não posso imaginar o que estará acontecendo com a minha gente por lá...

LAILA - Por que você não escreve ao Sarará? Diga-lhe que está aqui e espera notícias urgentes para poder tomar rumo.

REGINALDO - Ao Sarará só poderei me dirigir através do Guarda Freio. Faz parte do nosso código. Se me dirigir a ele, diretamente, desmantelo todo o nosso serviço de comunicações.

LAILA - Mas o caso é que o guarda freios não se manifesta e você não pode ficar esperando indefinidamente. Vamos admitir que ele tenha sido preso...

REGINALDO - Impossível! O serviço do qual ele está encarregado, jamais o levaria à prisão. O que pode acontecer é que ele tenha adoecido e não esteja vigiando. Por isso estou procurando retardar um pouco as minhas providências.

LAILA - Na minha opinião você está dormindo nas palhas. É confiando demais na capacidade de um homem que, afinal de contas, é tão vulnerável quanto qualquer outro. Enfim... você sempre diz que sabe o que faz... proceda lá como melhor entender, mas depois não venha me dizer que não teve quem o avisasse.

REGINALDO - O que há com você, Laila? Você está falando assim de uma maneira como quem está sabendo de alguma coisa? Vamos, fale. Diga logo o que sabe.

LAILA - Eu não sei nada, mas o meu coração não me pede que permaneça aqui.

REGINALDO - Está bem. Vamos permanecer aqui mais três dias e se não vier nada, mudaremos logo para Salvador e de lá eu me dirigirei ao Sarará.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

SARARÁ - Eu preciso encontrar um jeito de sair daqui o quanto antes. Num gueto mais esse negócio de ficar lá em cima, no fôrrô da casa, até que saia a última pessoa da boate, e os da casa se deitem. É calor, poeira e chateação o dia todo... Estou cansado de ler e dormir... ler e dormir... ler e dormir...

MANON - Por que você não foge de madrugada, disfarçado... passa o dia no mato... e de noite toma rumo? Acho que seria a única maneira. Você pensa que eu também não estou aflita que você vá embora? Tenho um medo horrível de me comprometer. De repente alguém da casa surpreende você subindo para o fôrrô, ou descendo... ninguém sabe o que poderá acontecer.

SARARÁ - Você precisa arranjar um meio de contratar um automóvel para me apanhar lá na gruta da fonte, de madrugada e me levar para a cidade antes que xxxxxxxx tenha clariado. Feito isto, tudo mais será fácil.

MANON - Mas como é que eu vou arranjar esse automóvel? Falando com quem? Nós nos arriscamos, inclusive, a sermos denunciados.

SARARÁ - Não sei como é que você vai fazer isso. Só sei é que "vai" fazer. Está bem? Então você é nossa sócia só para receber a parte que lhe cabe nos

SARARÁ - (CONTINUAÇÃO) os riscos a que a sociedade está sujeita. Entendidos?

MANON - Está bem. Vou começar, hoje, a observar as pessoas que frequentam a nossa casa e ver a qual delas poderei solicitar o favor que precisamos.

SARARÁ - Não é favor, não. Nós não vamos pedir favor. Nós vamos pagar e pagar bem. Você vai ver quem é que poderá, melhor, fazer esse serviço para nós. Não precisamos dizer ao que vamos. Podemos, por exemplo, inventar um chamado de urgência para você, na cidade e eu irei acompanhá-la.

MANON - Mas então eu terei que ir, também?

SARARÁ - Está claro. Você pode ser chamada com urgência por uma pessoa da sua família, que pode estar prestes a morrer e penso que não lhe custará muito, em fingir-se chorosa e triste durante uma viagem de quatro ou cinco horas. Depois de chegado lá, ^{tratarmos} ~~tratar~~ um outro carro para você voltar é fácil. E eu tomarei meu rumo.

MANON - Está bem. Já que tem que ser assim... hoje mesmo já vou começar a procurar quem nos leve.

SARARÁ - Acho bom. Se eu tiver que ficar mais três dias encerrado lá em cima, sinto que acabarei enlouquecendo.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

MANON - Está tudo pronto, Sarará. Manolo ficou de vir às duas horas da madrugada de segunda-feira... é hoje. Daqui a pouco deve estar batendo aí.

SARARÁ - Você preparou o que comermos na viagem?

MANON - Tudo. Garrafa térmica com café, garrafinho com água, sanduíches de presunto e carne assada, ovos duros, bolachinhas e uma garrafa de vermouth para você, conforme recomendou.

SARARÁ - É melhor assim. Não convém estarmos perando pelo caninbo. Quanto menos pistas deixarmos atrás de nós, tanto melhor será.

MANON - Você vai levar toda a sua roupa?

SARARÁ - É claro. Eu não sei em que vão parar as coisas. Só que você terá que fingir que a mala é sua. Não vá esquecer de choramingar durante toda a viagem, pela notícia má que recebeu.

MANON - Não precisa se preocupar que eu não me esquecerei.

C/REGRA - CAMPAINHA DE PORTA TOCA EM SEGUNDO PLANO;

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL DE SUSTO.

MANON - Será Manolo? Parece-me um pouco cedo.

SARARÁ - Vá abrir. E seja quem for, diga bem alto o nome para que eu ouça daqui.

C/REGRA - PASSOS DE MANON PARA A PORTA, SEMPRE EM PRIMEIRO PLANO.

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE PARA FINAL DO CAPÍTULO.

S O L I D A D O

- Novela de Érico Cramer -

54º CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA.

SARARÁ - Não convém estarmos parando pelo caminho. Quanto menos pistas deixarmos atrás de nós, tanto melhor será.

MANON - Você vai levar toda a sua roupa?

SARARÁ - É claro. Não sei em que vão parar as coisas. Só que você terá que gingir que a mala é sua. Não vá esquecer de choramingar toda a viagem, pela notícia má que recebeu.

MANON - Não precisa se preocupar que eu não me esquecerei.

C/REGRA - CAMPAINHA DE PORTA TOCA EM 2º PLANO.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL DE SUSTO.

MANON - Será Manolo? Parece-me um pouco cedo.

SARARÁ - Vá abrir. E seja quem for, diga bem alto o nome para que eu ouça daqui.

C/REGRA - PASSOS DE MANON PARA A PORTA, SEMPRE EM 1º PLANO.

MANON - Uma hora da madrugada... nós combinamos um pouco antes das duas... será que houve alguma coisa com o carro e ele vem me avisar que não pode ir?

C/REGRA - RUÍDO DE PORTA QUE ABRE COM TRANCA E COM CHAVE.

DELEGADO - Boa noite.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL DE GRANDE SUSTO.

MANON - (ALTO) - Senhor Delegado! Que aconteceu? O senhor a esta hora da noite em minha casa?!...

DELEGADO - Quero revistar sua casa.

MANON - Sim senhor. Pode entrar.

DELEGADO - Um de vocês ficará de guarda aqui na porta da rua e o outro no portão de serviço. Vamos, poste-se cada um no seu lugar. E a senhora me acompanhe. Quero dar uma busca na casa toda.

MANON - (ALTO) Perfeitamente, senhor Delegado. É só dizer por onde deseja começar.

DELEGADO - É indiferente. Contanto que verifique peça por peça...

MANON - Então poderemos começar pelo salão da frente, se quiser. Um momento que vou acender as luzes.

DELEGADO - Nada disto. Eu farei junto com a senhora. E mudei de ideia. Vamos começar a revista pelo fundo.

MANON - Sim senhor. Como quiser. Vamos, xx então...

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

MANON - Convenceu-se que o informaram mal? Que a denúncia foi falsa?

DELEGADO - Pode ser... e não ser que exista, na casa, um esconderijo qualquer que eu não tenha conseguido atinar com ele...

MANON - Seria muito difícil, um homem, atilado como o senhor, deixar-se enganar por uma pobre mulher como eu.

DELEGADO - Boa noite.

MANON - Boa noite. Desculpe se o decepcionei.

C/REGRA - PASSOS QUE SAEM DO SOALHO PARA A CALÇADA. PORTA QUE FECHA COM CHAVE E TRANCA DE FERRO.

MANON - DEPOIS DE PAUSA, CANSADA) Puxa vida! Outro susto como este será capaz de rebentar-me o coração!... E nunca vi ninguém se esconder tão depressa como Sarará. O homem sumiu-se! Esclipou-se! Eu tinha medo que, a qualquer momento, o Delegado o surpreendesse a traz de uma porta, ou dentro de um armário, porque eu não podia acreditar que, em tão pouco tempo, ele tivesse conseguido subir para o forro da casa e recolher a escada, fechando, ainda, o alçapão. (RESPIRANDO FUNDO, CANSADA) Enfim... desta nós escapamos.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

EUDOXIA - Suncê já teve alguma notícia das declarações do homem que prendero ele em ribe do muro, Leopoldina?

LEOPOLDINA - eu já não lhe contei, Eudóxia?

EUDOXIA - Contô, nada. Suncê tá mais argariada que num sei o que. Nem para mais droto de casa. É só rua... rua... rua... Conversá ca gente, que é bño, suncê nem não conversa mais.

EUDOXIA - Eu ando, realmente, muito excitada com essas coisas todas que sucederam aqui em casa e me deu uma reação nervosa excelsita que eu não consigo ficar muito tempo parada. Parece que tenho necessidade de movimento. Por isso tá eu não saído tanto e andado tanto...

EUDOXIA - Mas afinar de conta o que é que o homem declarou na pulga que intê agora eu num tô sabendo?

LEOPOLDINA - Exatamente aquilo que nós havíamos previsto. Ele estava encarregado de matar seu Rafael.

TÁCNICA - VERGASTADA MUSICAL, FORTE

EUDOXIA - Créo em Cruz! Virge Maria! Bem que suncê tava adiscunfiada!

LEOPOLDINA - Mas ele denunciou toda a quadrilha que estava empenhada na morte de seu Rafael. Inclusive, sabe quem? Aquela professora que uma vez esteve aqui para falar com o patrão e o patrão mandou que ela fosse embora. A tal

LEOPOLDINA - (CONTINUANDO) de dona Laila. Uma já quasi coroa...

EUDOXIA - Eu sei qual é. Eu num fui ca cara dela d'êis da primeira vez que aquela iscamungada teve aqui. Suncê se lembra que eu disse?

LEOPOLDINA - Lembro-me, sim. Você disse exatamente o que ela é. Que ela tinha cara de má. Que não fitava a gente de frente e que pessoa assim não era de confiança. Eu inda contei a sua impressão ao seu Rafael e ele achou graça.

EUDOXIA - Pois é, ele achou graça, num é? Mas agora ele deve de tê se lembrando das cousa que eu disse da mervadeza da cuja. Aqueles ôio nunca me enganô eu. E diz uma cousa, Leopoldina: preguiçero ela?

LEOPOLDINA - Por enquanto, não. Eles desaparecerem da casa onde estavam morando, na cidade. Agora o homem que foi preso disse que êles devem ter se refugiado em Vitória e parece que deu até o endereço ao delegado. O delegado parece que vai lá, ou vai mandar alguem.

EUDOXIA - Tumara que peguem aquela mervada pra gente tê o gôsto de vê ela no meio das grade, pra pagá as mervadez que deve de tê fazido por esse mundo de Deus Nosso Sinhô.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

ADELIA - A senhora é que é a diretora do Grupo Escolar?

SIMONE - Não. Sou apenas professora. A senhora desejava falar com dona Tereza?

ADELIA - Bem... quer dizer... acho que devo me apresentar a ela. Eu sou a nova professora designada para o grupo.

SIMONE - Muito prazer. Dona Tereza saiu, mas não deve demorar muito. Sente-se, por favor.

ADELIA - É que eu estou com a mala no automóvel e não sei si devo deixá-la aqui, ou levá-la para qualquer outro lugar.

SIMONE - Não, não... o melhor é despachar o automovel e tirar a mala. Depois, com firme o que a senhora resolver...

ADELIA - Então eu vou lá, num instante, pagar a corrida e recolher minha mala. Com licença.

C/REGRA - PASSOS DE ADELIA QUE SE AFASTAM E SE PERDEM NA DISTÂNCIA.

SIMONE - (CHAMANDO) Joana! Joana! Você quer chegar aqui um momentinho, por favor?

JOANA - (2º PLANO) Já vou lá, dona Simone. Um momento.

SIMONE - Chegou a nova professora que vai ocupar o lugar de Laila. Como eu vou sair, dentro de poucos instantes, queria apresentá-la a você, para você, por sua vez, apresentá-la, depois, à dona Tereza.

C/REGRA - PASSOS DE JOANA QUE SE APROXIMAM.

SIMONE - Você não sabe se dona Tereza vai hospedá-la aqui no colégio?

JOANA - (CHEGANDO) Não sei, mas o melhor, para essa moça, éra que ela ficasse lá com a senhora. Será que a senhora não arranja um quarto para ela lá com a dona Sarah? Aqui, a senhora sabe como é... dona Tereza vai botar o pé em cima da coitada que ela não vai ter a menor liberdade.

SIMONE - É... de fato... mas acho que isso só quem pode resolver é ela mesma. Eu não vou repetir a ela essas coisas que você disse.

JOANA - Mas eu repito, óra esta! Pensa que eu tenho medo? Não tenho medo, não. Já se foi o tempo que elas me assustavam e faziam de mim o que queriam. Agora não tem mais disso, não.

C/REGRA - PASSOS DE ADELIA QUE SE APROXIMA.

SIMONE - Joana, esta é a nova professora do Grupo. Esta é Joana. A servente.

JOANA - Muito prazer em conhecê-la.

ADELIA - Igualmente. Adelia Álvares. A senhora não sabe se a diretora vai querer que eu fique hospedada aqui? Parece que na Secretaria me disseram que o Grupo tinha alojamento para professoras?

JOANA - Tem, sim senhora, mas eu não acho muito bom negócio para a senhora, não. Si a dona Simone arranjasse lugar para a senhora na casa onde ela mora, ia ser outra vida. Dona Tereza não é muito fácil de aguentar, não. Aguento eu que sou velha como ela, mas uma moça como a senhora acaba dando o fora. Assim... para não ter que sair, depois, é melhor não ficar.

ADELIA - E a senhora me arranjará um quarto na casa onde está morando?

SIMONE - Pode ser. Mas não vá dizer à diretora que fui eu que lhe aconselhei. Ela já não se quadra muito bem comigo...

JOANA - Pode dizer que fui eu, não me importo, não.

ADELIA - Está muito bem, já que a senhora não se aborrece, eu direi que o conselho foi seu.

JOANA - Pode dizer. E quer outro conselho? Vá de uma vez, antes que ela chegue e resolva que a senhora deve ficar aqui.

ADELIA - A senhora vai para casa agora? Será que eu posso ir junto?

SIMONE - Claro que pode. Vamos ver se conseguimos um automóvel que nos leve e vamos em seguida.

ADELIA - Um momentinho, então. Vou só pegar a minha mala.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

TARCISIO - Mãe, a senhora já conhece a nova professora do Grupo Escolar? A que veio para o lugar daquela vóvora que se chamava Laila?

ELVIRA - Não, meu filho, não conheço. Nem sabia que tivesse vindo uma professora para o lugar dela.

TARCISIO - Pois veio. Foi apresentada a ela, hoje, pela dona Joana. Está morando na casa de dona Sarah, com Simone e a mãe.

ELVIRA - E que tal é? É mocinha... é moça feita... o que é que ela é?

TARCISIO - É mocinha. Deve regular com Simone. É, também, bonita e simpática como ela. Só me pareceu um pouco mais alta, talvez.

ELVIRA - Então é certo que Laila não voltará mesmo para Lagoa Parada?

TARCISIO - Deve ser, do contrário não mandariam substituí-la para o lugar dela. O que dizem por aí é que Laila fugiu, por se ter metido numa enrascada com a polícia.

ELVIRA - Meu filho, não diga!... Será possível uma coisa dessas? Deve ser conversa dessa gente. Aqui em Lagoa Parada, fala-se muito de vida alheia.

TARCISIO - Não, mãe, mas parece que o negócio tem fundamento. Houve um atentado contra Rafael e o camarada que foi preso escalando o muro de Vila Verde parece que declarou que estava agindo a mandado dela.

ELVIRA - Bom... Ele pode ter declarado, agora resta saber se a declaração é verdadeira ou se é mentirosa.

TARCISIO - Mas o caso é que ele fugiu. Desapareceu. Por isso é que ela está mais comprometida. A fuga vale por uma confissão.

ELVIRA - Bom, isso é verdade. E de qualquer forma, com culpa ou sem culpa, o afastamento dela de nossa vila foi um alívio para todos nós. Laila não era simpática e não inspirava a menor confiança. A gente nunca sabia bem o que ela estava pensando e o que seria capaz de fazer. Muito recei eu e Deus para que ela se afastasse de vocês e finalmente, um dia, Deus me atendeu.

TECHICA - PASSAGEM MUSICAL

TEREZA - Ela não quis ficar morando aqui no grupo, ocupando o quarto de Laila?

JOANA - Não sei se quis, ou não quis. Eu, com receio que a senhora não desejasse a presença dela aqui, já fui indicando a casa de dona Sarah e já pedi à dona Simone que a levasse. Dona Simone levou-a.

TEREZA - Se ela tivesse preferido ficar, eu não teria me importado, não. Para falar a verdade, sinto-me um tanto só, sem a companhia de Laila. Com ela eu conversava... trocava ideias... fazia planos... agora, praticamente, não

TEREZA - (CONTINUAÇÃO) tenho com quem conversar. Você deita-se antes das galinhas. Mal começa a anoitecer está entregue ao ronco.

JOANA - Pois é, mas às seis horas da manhã já estou acordada, varrendo as salas, para as dez horas poder começar o nosso almoço. E não paro mais o resto do dia, a senhora sabe. Quando chega sete e meia, oito horas da noite, estou exausta. Meu corpo só pede cama. A senhora tem que ver que eu tenho quasi sessenta anos e que sou sósinha, aqui, para atender tudo.

TEREZA - Eu sei, Joana, não estou reclamando. Estou apenas dizendo que quando chega a noite, si não vou ao cinema ou à Igreja, fico sósinha em casa, sem ter a quem conversar. Por isso não teria me importado que Adélia ficasse morando aqui.

JOANA - Pois é, mas eu não podia imaginar, não é? A senhora não quis que dona Simone ficasse, pensei que também não ia querer a nova. Fui logo tratando de despidá-la. Mas também se a senhora quizer que ela venha é fácil. Falo com ela e eu acho que ela vem.

TEREZA - Não, não... agora vamos deixar assim como está. Si ela não se der bem lá onde está, eu então ofereço que ela venha para cá. Que tal te pareceu ela?

JOANA - Olhe, dona Tereza, para falar a verdade, achei que a moça tem boa cara.

TEREZA - Bom, isso não é milagre que tenhas achado. Todo mundo, para ti, tem boa cara. Já já dizias isso, quando Simone chegou aqui.

JOANA - Pois é, mas não me enganei; não é verdade? A senhora recebeu mal a moça, porque dona Laila não foi com a cara dela e encheu a sua cabeça contra a coitada, mas o que é que se pode dizer contra ela, até hoje? Nada. Dona Laila chegou a inventar coisas que poderiam ter prejudicado muito a coitada da moça, mas ela era tão boa e procedia com tanta decência que as coisas nem chegaram a atingi-la. Não é qualquer uma que passa por uma prova dessas sem se arranhar, não, dona Tereza. E ela passou.

TEREZA - (PAUSA. PENSANDO ALTO) Laila era machivélica! Como sabia envolver a gente e prender, depois, a gente nos seus tentáculos. Não conheci nenhuma outra mulher que lhe pudesse ser comparada. Sabes que eu hoje estou satisfeita por ela ter ido embora daqui, Joana? Se tivesse ficado, não sei até que ponto ela teria me arrastado. Eu não tinha forças para contrariá-la. Ela me fazia dizer "sim" a tudo quanto imaginava.

JOANA - Era uma mulher perigosa, sim. Tão perigosa que só o fato da senhora lhe ter escrito uma carta, quasi que a envolveu na sua trama sinistra. A sua sorte, ainda, é que o delegado foi muito compreensivo. Fosse outro... não sei.

TEREZA - É, sim, Joana, tú tens razão. Outro delegado, que nãotivesse boa vontade, teria-me complicado facilmente.

JOANA - Sabe o que é que mais ajudou a senhora? As declarações de dona Simone. Por aí a senhora pode ver o quanto ela é boa. Fosse outra, também, não teria perdido a oportunidade de se vingar da senhora.

TEREZA - É... tú tens razão, sim. Ela foi boa para mim e me ajudou bastante. Quando houver oportunidade, hei de mostrar-lhe o meu reconhecimento.

JOANA - Inda bem. Mais vale tarde... que nunca!

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

SIMONE - Então? Qual foi a sua impressão a respeito de nossa casa?

ADELIA - Ótima! Não podia ser melhor. Nem sei como é que você conseguiu, em tão pouco tempo, construir uma obra de tal envergadura.

SIMONE - Isso não foi obra minha, não, Adelia. Isso foi obra de uma pessoa que não quer aparecer, mas que manda a justiça que não se deixe de citá-lo. Foi seu Rafael, quem verdadeiramente construiu esta casa e completou a ala que está em funcionamento. Sem ele, não teríamos nem a metade do que temos.

ADELIA - Seu Rafael é aquele moço que você me falou que é muito rico?

SIMONE - Exatamente. Rico e desprendido, porque não tem nenhum fastio de dar aos pobres aquilo que eles precisam. Você vai conhecê-lo. Não demora ele deve aparecer por aí. Até me admiro que já não tenha vindo. Ele é o nosso xxxxx tesoureiro, o nosso secretário, o nosso conselheiro... é tudo, enfim. Ele vir trazer uns papéis para eu assinar.

ADELIA - Como é que um rapaz assim continua solteiro? Não tem moças neste lugar?

SIMONE - Que estejam na altura de casarem-se com ele, não. Rafael foi educado na Inglaterra, é um rapaz inteligente, culto, tem uma biblioteca admirável, adora todas as manifestações da arte, destacando-se, entre elas, a música e a pintura. Sabe que ele possui um Velasquez e um Van Gog?

ADELIA - Não diga! Mas e por que um rapaz como esse veio se enterrar num vilarejo tão pobre, tão sem recursos como parece ser este?

SIMONE - Porque o pai morreu e a mãe não se animou a continuar sósinha a direção da granja que lhe ficara e então mandou chamar o filho. Ele veio... depois a mãe morreu também... e ele continuou sempre aí.

RAFAEL - (AFASTADO) Dá licença?

SIMONE - Entre, Rafael. (BAIXO O TOM) Aí está ele.

C/REGRA - PASSOS DE RAFAEL QUE SE APROXIMAM.

RAFAEL - Bom dia... Como tem passado?

SIMONE - Polimento bem, obrigada. Permita que lhe apresente a minha nova colega do Grupo Escolar, que veio ocupar o lugar de Laila.

RAFAEL - Pois não, muito prazer em conhecê-la. Rafael.

ADELIA - Adélia Álvares. Muito prazer, igualmente. Não lhe arderam as orelhas, ha pouco?

RAFAEL - Por que? Estavam falando mal de mim?

ADELIA - Exatamente. Estava ouvindo as piores ausências a seu respeito, quando o senhor chegou.

RAFAEL - E quem é que estava fazendo essas más ausências? Simone? Não acredito. Das culpe, mas não posso acreditar. Simone é boa demais para dizer mal mesmo das pessoas que o merecem, como eu.

ADELIA - Não creio que o senhor mereça. Se merecesse, não dizia. Ficava calado.

RAFAEL - Cada um tem uma maneira de despistar. Talvez a minha seja esta. (TOM) Simone aqui estão os papéis que você deve assinar. Tenho que levá-los à Coletoria ainda agora de manhã.

SIMONE - Eu vou assinar num momento. Não quer sentar para descansar um pouquinho?

RAFAEL - Não, não, a demora é muito pouca. A coletoria fecha às onze e eu estou sem carro hoje outra vez. Quer a minha caneta?

SIMONE - Não, não, obrigada... eu assino bem com esta. São só estas duas vias?

RAFAEL - Sim. Amanhã é que você terá que assinar várias vezes. Tenho pronta uma série de autorizações de pagamentos.

SIMONE - Pronto. Aqui está. Mas sente ao menos um pouquinho para descansar. São dez e meia e mesmo a pé você não leva mais que quinze minutos aqui à Coletoria?

RAFAEL - Eu sei, mas acontece que às vezes o relógio deles está adiantado e fecha a porta até dez minutos antes da hora. Por isso é melhor que eu vá. Com licença e muito prazer, senhorita.

ADELIA - O prazer maior foi meu, pode crer.

RAFAEL - É muito amável. Até amanhã, Simone.

SIMONE - Até amanhã, Rafael. Obrigada.

C/REGRA - PASSOS DE RAFAEL QUE SE APASTAME SOMEM.

ADELIA - (DEPOIS DE PAUSA) Simone, responda, sinceramente, a uma pergunta que lhe vou fazer. Você não tem nada com esse moço?

SIMONE - (DEPOIS DE BREVE PAUSA) Não.

ADELIA - Pois então escreva o que vou lhe dizer agora: eu vou me casar com ele!

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE BBNDE COM CARACTERÍSTICA MUSICAL PARA ENCHIMENTO DO PROGRAMA.

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA.

ADELIA - (DEPOIS DE PAUSA) Simone, responda, sinceramente, a uma pergunta que lhe vou fazer: você... não tem nada com esse moço?

SIMONE - (DEPOIS DE BREVE PAUSA) Não.

ADELIA - Pois então escreva o que eu vou lhe dizer agora: eu vou me casar com ele!

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE

ADELIA - Você... ficou admirada do que eu lhe disse?

SIMONE - Não. Por que? Tudo é possível neste mundo. E além disto... você é uma mulher bonita... inteligente... conversa bem... tem facilidade de expressão... não faria má figura como esposa de Rafael.

ADELIA - Você nunca tentou conquistá-lo?

SIMONE - Não. Quer dizer... tive até uma profunda antipatia por ele, a princípio. Depois as coisas foram se modificando e chegamos mesmo a um frêztesinho, mas logo em seguida houve um mal entendido entre nós e a coisa ficou por isso mesmo. Somos bons amigos... trabalhamos juntos... mas não temos nenhuma ligação sentimental.

ADELIA - Que bom! Assim me sentirei inteiramente à vontade para conquistá-lo. Ele não costuma ir na sua casa?

SIMONE - Não. O único lugar onde nos encontramos, diariamente, é aqui e assim mesmo como você viu, por poucos instantes.

ADELIA - Amanhã virei aqui com você, novamente. Será que você não arranja uma maneira de prendê-lo por meia hora que seja? Ao menos eu teria um tempinho para me insinuar. Si ele vem correndo, como hoje, não dá para nada.

SIMONE - Eu dou um jeito de prendê-lo por quinze ou vinte minutos. Pode ficar descansada, Adélia.

ADELIA - Já vi que você é uma esplendida camarada, Simone e acho que vamos nos entender maravilhosamente bem. (TOM) Você vai já para casa, ou demora, ainda? Se não demora eu espero para irmos juntas.

SIMONE - Não, não demoro. Pense que dentro de dez ou quinze minutos, no máximo, eu terei com tudo pronto e poderemos ir almoçar. Dona Teresa não gosta muito quando se chega atrasada ao Grupo.

ADELIA - Eu gostarei de poder conversar com você, a respeito da nossa diretora. Acho que será o nosso assunto de amanhã, porque o de hoje você já viu que será o moço Rafael.

SIMONE - Não vamos ter tempo bastante para falar de uma e de outro. Não se preocupe por isto.

OPERADOR - PASSÁGEM MUSICAL.

GUARDA - A mulhersinhe lá da boate do sobrado quer falar com o senhor. Diz que é assunto de grande importância e de muito interesse para o senhor. Que é que eu respondo a ela?

DELEGADO - Mande-a entrar e deixe-nos a sós. Talvez venha me dar a pista que estou procurando.

GUARDA - Sim senhor. Com licença.

CONTRA REGRA - PASSOS DO GUARDA SE AFASTAM. PORTA ABRE EM 2º PLANO.

GUARDA - O delegado disse que a senhora pode entrar. (NA ALTURA DA PORTA)

C/REGRA - PASSOS DE MULHER SE APROXIMAM. PORTA FECHA EM 2º PLANO.

MANON - Boa tarde, seu Delegado.

DELEGADO - Boa tarde.

MANON - Desculpe se insisti em falar com o senhor, mas é que eu precisava muito lhe contar umas coisas que estão acontecendo lá em casa e que já estão começando a me preocupar.

DELEGADO - Perfeitamente. Pode falar, então. Diga lá o que tem a dizer.

MANON - Mas antes eu precisava ter a certeza de que ninguém nos ouve, para não correr o risco de ser atraioada.

DELEGADO - Pode falar sem receio. Quando disse ao guarda que o deixasse entrar, falei que ele fechasse a porta e nos deixasse a sós.

MANON - Mas além disto, eu preciso também ter a certeza de que não serei castigada por não ter lhe dito, antes, a verdade. Não é que eu desejasse escondê-las mas quando a gente sabe que está com um revolver apontado para as nossas costas... nem sempre se pode dizer o que se deseja.

DELEGADO - Eu entendo isto perfeitamente. Descanse. Pode dizer o que sabe que eu não a comprometerei e ainda lhe darei garantias.

MANON - Bem, era isto que eu precisava ter certeza de que teria, antes de falar. O homem que o senhor procura... está escondido lá em casa.

TÉCNICA -- VERBENA MUSICAL PARTE. MUSICA DE SUSPENSÃO, EM FUNDO.

DELEGADO - Agora? Ou desde a primeira vez em que o procuramos?

MANON - Desde a primeira vez, seu delegado.

TÉCNICA - REPETE ACORDE ANTERIOR.

MANON - Transferi o meu quarto para o forro da casa e lá tem vivido. Acontece que agora farto-se de viver assim e quer fugir, a qualquer preço. E de maneira como pretende realizar a fuga, acabará por comprometer-me seriamente.

DELEGADO - Cua maneira é essa?

MANON - Obrigou-se a contratar um automóvel, como se fosse para levar-me à cidade e como si ele fôsse apenas acompanhar-me, entende? O chauffeur fatalmente amanhã, daria com a língua nos dentes e então ficaria eu como tendo lido da fuga. Que aconteceria, no frigidir do óvos? Ele escaparia e eu seria presa. Depois de muito pensar, cheguei à conclusão de que a melhor coisa que eu teria a fazer era esta. Vir aqui e contar-lhe toda a verdade.

DELEGADO - Para que horas está marcada essa fuga?

MANON - Para as duas horas da manhã. Agora eu pergunto ao senhor o que devo fazer.

DELEGADO - Vamos pensar com calma e ver a melhor maneira de prendê-lo, sem que você se comprometa. Uma busca na casa, quasi na hora da saída, poderia levantar suspeitas. Ele podia desconfiar que tivesse sido traído por você. Talvez o melhor de tudo fosse você fugir com ele e nós efetuarmos a prisão de todos no próprio carro. No dia seguinte, você seria solta e ele continuava preso. Não lhe parece melhor plano?

MANON - Muito melhor. Às duas horas da manhã o carro estará estacionado numa das esquinas da boate. Quando o motorista nos avistar saindo da porta, dará um sinal de luz para nós, afin de nos dizer onde é que está parado. Quando estivermos nos dirigindo para o carro, os guardas podem nos dar voz de prisão. O motorista podem deixar fugir porque ele não tem culpa de nada. Nem sabe as razões de nossa viagem. Prendê-lo seria ocupar um homem e mais sem nenhum resultado prático.

DELEGADO - Perfeito. Estamos então combinados. Estou pensando, até, que ~~xxxxx~~ o sinal luminoso talvez já seja dado por um dos nossos guardas. Uma lanterna potente fará o mesmo efeito de um farol de automóvel.

MANON - Isto mesmo. Nós já sairíamos da porta da boate para a boca do lobo, como se costuma dizer.

DELEGADO - Exato. E o resto, depois, ficará aos meus cuidados. Vá então e às duas horas da madrugada tornaremos a nos encontrar.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

SARAH - Qual é a sua impressão sobre a minha nova hóspede, dona Angela?

ANGELA - Muito boa, dona Sarah. Parece uma menina ajuizada, de maneiras muito bonitas e que dá prazer quando está na companhia da gente. A senhora tambem não acha?

SARAH - Acho. Mas tenho observado uma coisa que não está me agradando muito, não.

ANGELA - O que é, dona Sarah? Ela está sempre conosco e eu não vi nada de maior.

SARAH - Pois é, a senhora não viu porque tem muito boa fé, como a sua filha, mas que que já não sou como a senhora, vi muito bem e se as coisas não se modificarem, vou falar para ela.

ANGELA - Por Deus, dona Sarah, o que foi que ela fez?

SARAH - Está dando em cima do namorado de Simone.

TÉCNICA - VERGASTATA MUSICAL PORTE.

ANGELA - Não é possível, dona Sarah! A senhora tem certeza absoluta?

SARAH - Claro que tenho. Já vi isto mais de uma vez. Ela crava os olhos nele que não tira mais. É sou capaz de apostar com a senhora como a própria Simone já notou o que está acontecendo. Fale com ela, hoje à noite e pergunte para a senhora ver.

ANGELA - Talvez ela não saiba que eles são namorados. Simone não ia falar uma coisa destas a Rafael menos ainda.

SARAH - Bem, mas mesmo admitindo que fosse assim, ela não deveria fazer pressão sobre um rapaz, sem antes saber se o rapaz tem algum compromisso. Ele podia, até ser casado, não podia?

ANGELA - Bem, mas acho que isto ela deve ter sabido, talvez, até, pela própria Simone. E não duvide nada que tenha sido a própria Simone quem tenha dito a ela que ela é desimpedido. Minha filha tem dessas coisas. Portanto não vamos fazer um juízo da moça, sem sabermos, direitinho, como as coisas são.

SARAH - Dona Angela, eu vou lhe dizer uma coisa: estou com quarenta e oito anos e nunca me enganei a respeito das pessoas na minha primeira impressão. Essa menina eu não vou dizer que seja ruim; não quero chegar a esse extremo, mas que será capaz de fazer uma urrada para tirar o namorado de uma amiga, ou mesmo de um colega, isso a senhora não tenha nenhuma dúvida porque ela faz mesmo. Vamos dar tempo ao tempo e depois a senhora vai me dizer se eu não tinha razão.

ANGELA - Pode ser, dona Sarah, eu não duvido, mas que se isso acontecer a culpa não vai ser de Simone, eu também não duvido. Não que ela seja orgulhosa e não queira dar o braço a torcer, mas por timidez e para não confessar que gosta dele, ela será capaz de perdê-lo.

TÉCNICA - PABLOTTA MUSICAL

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - PABLOTTA MUSICAL

ADÉLIA - Sabo a quem encontrei hoje, na hora que sai do Grupo, a tardinha? Imagina.

SIMONE - Pelo brilho dos seus olhos, eu não preciso nem ter dúvidas. Foi Rafael.

ADELIA - Exatamente. Ele cumprimentou e ia seguir seu caminho, mas eu o obriguei a parar. Convidei-o a aparecer aqui em casa, hoje à noite, para uma convésa, ou uma partidinha de dominó, si ele gostasse...

SIMONE - E ele? Que lhe respondeu?

ADELIA - Que não podia me dar certeza, porque precisava apertar um trabalho para amanhã de manhã, mas se tivesse a sorte de poder apresentá-lo cedo que iria viria.

SIMONE - Não vem. Si ele disse assim, é porque não vem. Eu conheço muito bem Rafael.

ADELIA - Simone vou dizer uma coisa a você: acho que vou amar desesperadamente esse homem. Você tem certeza absoluta de que ele não tem compromisso com ninguém aqui em Lagoa Parada?

SIMONE - Que eu saiba, não. Agora, o conselho que lhe dou é o seguinte: não confie muito nos homens. Eles são volúveis e incontentáveis.

TÁCHICA - PASSAGEM MUSICAL.

SARAH - Mais uma vez, mano, você vai ter que interceder por sua amiga Simone.

DEMETRIO - Por que? Interceder por ela a propósito de que?

SARAH - Simone gosta de Rafael. Eu sei, você sabe, dona Angela sabe e ele próprio também sabe. Muito bem. Você sabe o que ela fez? A xam nova professora se entusiasmou por ele e ela, em vez de usar de franqueza e dizer que era namorada do rapaz e que gostava dele, por elegância, por ética e não sei mais por que tolices, disse que o rapaz era livre e desimpedido e que si ela quizesse podia procurá-lo. Ora, a moça não esperará segunda autorização. Passou, logo, e atacá-lo de rijo e ao que parece seu Rafael está dando lição para ela.

DEMETRIO - É o que é que você quer que eu faça, mana? Que diga ao rapaz que não olhe para a outra? Eu não posso me meter nessas coisas, mana. Você precisa compreender. Se Simone, que é a interessada, não cuidou de se defender, eu é vou fazer isto? Não, mana, eu também não posso me expor assim. Vence que ele não goste da minha interferência? Com que cara eu fico?

SARAH - Boa, mano, se você acha que não pode falar para ele, ao menos, então, para ela você podia dizer alguma coisa. Quando ela ~~ela~~ procurasse para a confissão, você podia puxar o assunto e dizer que Rafael e Simone se gostam e que são namorados há muito tempo. Sim, porque pode ser que ela sabendo isto, tome uma atitude diferente.

DEMETRIO - Está bem, mana, se houver oportunidade eu falarei a ela, mas não no momento da confissão. Isso é um assunto para ser tratado fora da igreja e para o qual eu não devo fazer valer a minha autoridade de sacerdote.

SARAH - Puxa lá como atender, mano, desde que ele ficou sabendo que está pisando um terreno que já tem dono.

TÉCNICA - PASSAGEM RUBICAL

DELEGADO - Falou com a proprietária da boate do sobrado, como lhe recomendei?

GUARDA - Falei, sim senhor. Ela me pediu que dissesse ao senhor que o negócio está confirmado para hoje. Eu não entendi bem o recado, mas ela me disse que repetisse assim para o senhor que o senhor entenderia.

DELEGADO - Ela só disse isto? Não fez nenhuma referência à hora em que o negócio acontecerá?

GUARDA - Não senhor. Ela só disse que confirmava tudo que havia dito anteriormente ao senhor. Falou muito depressa, empurrando-me para que descesse ali da logo, muito assustada e muito nervosa.

DELEGADO - Então temos que tomar todas as providências para uma batida importante esta noite. Você vai procurar mais três guardas e trazê-los aqui para receberem minhas ordens. Tem alguns na delegacia?

GUARDA - Não senhor. Estão todos em serviço, na vila. Só eu que fiquei de plantão.

DELEGADO - Pois então saia e vá buscar três guardas onde estiverem. Preciso estudar com todos um plano para não deixar fugir um criminoso que vai procurar nos escapar esta noite. Quero que estejam aqui antes das onze da noite, pois que à meia noite já deveremos estar todos a postos.

GUARDA - Sim senhor. Vou sair à procura deles agora mesmo.

TÉCNICA - PASSAGEM RUBICAL FUNDE COM RELÓGIO DE TORRE DE IGREJA BATENDO AS DOZE BALANÇAS DA MIA NOITE APASTADAS E ESPACADAS.

SARAH - (MUDO TOM) Inda tem muita gente na boate?

MANON - Não. Apenas dois freguezes bebendo, mas eu penso que não irão demorar muito, porque já dei ordem aos garçons que não lhe forneçam mais bebida.

SARAH - Você podia deixar apenas um garçon atendendo a esses freguezes e dispensar os outros três, para adiantar serviço. Lembre-se que ainda terá que arrumar a minha mala e antes das duas horas deveremos estar prontos para sair. O guarda de serviço, na porta, já foi dispensado?

MANON - Bem, às onze horas, quando mandei fechar a porta e não deixar entrar mais ninguém.

SARAH - Pois então vá de uma vez fazer o que eu disse e despache os garçons, deixando apenas um para atender aos dois retardatários.

MANON - Você já podia baixar sua mala e botar, com as roupas, no cima da minha mala. Assim que saísemos todos, já eu conseguia a arrumá-la.

SARARÁ - Sim, é o que vou fazer agora mesmo, mas vou deixar a porta do quarto fechada por dentro. Se precisar entrar, nesse meio tempo, já sabe de que modo terá que bater.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL FUNDE COM RUIDOS DE NOITE. RELOGIO BATE UMA HORA APAST.

DELEGADO - Você fique aqui nesta esquina. Naquela de lá está o Aristides. Na bomba de gasolina o Estanislau. Eu ficarei nesta direção, a vinte metros de distância, mais ou menos. Todos os sentidos de vocês devem estar voltados para mim. Quando a porta da boate se abrir, eu darei um sinal com esta lanterna. Duas pessoas caminharão na minha direção. Vocês devem procurar segui-las sem qualquer ruído, aproximando-se delas o mais possível, antes que elas me tenham encontrado. Compreendeu bem a minha explicação?

GUARDA - Perfeitamente. Os outros também já sabem como devem proceder?

DELEGADO - É claro. Esta mesma explicação que estou dando a você, já dei a cada um deles separadamente.

GUARDA - Se as pessoas nos perceberem e tentarem fugir? Devemos atirar nelas?

DELEGADO - De maneira alguma. Será muito difícil que possam escapar. Veja aqui. São três homens fechando as saídas existentes na rua. Para qualquer lado que tentem avançar existirá alguém fazendo-lhes frente e obrigando-os a recuarem.

GUARDA - Devemos prever tudo. E se eles atirarem contra nós? Sim, porque eles devem estar armados. Ninguém empreende uma fuga sem a garantia de uma arma para sua própria defesa.

DELEGADOS - Si eles atirarem, tratem de defender-se, mas de modo algum atirem a esmo nem usem a mulher como alvo. Somente o homem deve ser visado. Entendido agora?

GUARDA - Perfeitamente. Serão dois os furtivos: uma mulher e um homem. Si tentarem agredir-nos só deveremos atirar no homem. Na mulher, não.

DELEGADOS - Muito bem. Então vamos cada um tomar o nosso lugar e permanecer atentos que a qualquer momento os furtivos devem aparecer.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

MARON - Está tudo pronto. O momento que você quiser, poderemos andar.

SARARÁ - Como vamos andar, sem saber se o automóvel está à nossa espera? Primeiro teremos que ouvir a buzina, conforme combinamos com o chofer. E ele só buzinará, depois de ter rodado a quadra toda e certificar-se que não há nenhum guarda por perto.

MARON - Exato. Mas para isso já deveremos estar lá em baixo, junto à porta da rua, para não perdarmos tempo. No que ele buzinar, sairemos.

SARARÁ - Perfeito. Então pegue a mala e desça sem fazer luz.

MANON - Ah, eu é que tenho que levar a sua mala, engraçado? Ela pesa muito. Eu não vou descer no escuro, carregando um peso destes.

SARARÁ - (AMEÇA DE VOZ, CONTIDO) Pegue a mala, desça e não discuta. Quando estou aqui de vossa, como a ora, não gosto que discutam comigo. Aviso-lhe que perco as/ estribeiras por muito pouca coisa. Faça o que eu disse, ande.

MANON - Está bem. Você, por que não desça comigo?

SARARÁ - Vou apanhar o meu revólver e a caixa de balas que deixei no meu quarto. Você trouxe o dinheiro do cofre?

MANON - Natural. Você já me tinha dito que trouxesse. Está comigo.

SARARÁ - Podemos precisar dele. Fique atenta à busina do carro que é o sinal de estarmos livres para nós sairmos.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL FRENTE COM RELOGIO DE TORRE BATENDO DUAS HORAS APASTADO.

DELEGADO - Duas horas! Foi exatamente a hora marcada para o início da operação. Não devem tardar os acontecimentos.

TÉCNICA - RUIDO DE AUTOMÓVEL QUE VEM DE LONGE.

DELEGADO - Lá vem um automóvel. Preciso esconder-me para que ele não me veja. Deve ser o chofer que vem buscá-los. Esta coluna me abrigará do holofote. E quando ele passar na bomba de gasolina será detido e não poderá prosseguir.

TÉCNICA - O AUTOMÓVEL PASSA PERTO E SEGUE ANDANDO. BUSINA DEAS VEZES, JÁ EM SEGUNDO PLANO. CONTINUA ANDANDO E SOME OU PARA EM DISTANCIA DE UMA QUADRA. CORTINA MUSICAL RÁPIDA.

SARARÁ - Businou, não ouviu? É o sinal para sairmos. Deve estar tudo limpo lá fora.

MANON - Neste caso vamos sair logo. Não deveremos perder tempo. AGORA VOCE a porta sem fazer ruido. Eu estou com a mala não posso fazê-lo.

C/REGRAS - RUIDO DE ABRIR PORTA DE RUA, TIRANDO TRANCA DE FERRO E FAZENDO VOLTA NA CHAVE. DEPOIS ABRINDO O TRINCO, TUDO COM CUIDADO E SEM GRANDES RUIDOS.

SARARÁ - Pronto. Agora a porta está aberta. Saia você e espie. Se estiver, realmente o campo livre, me avise.

MANON - (DEPOIS DE PAUSA LONGA) Está, pode vir. Não há nenhum movimento, quer de um lado da rua, como do outro. Saia logo e feche a porta.

C/REGRAS - RUIDO DE FECHAR PORTA, SEM A TRANCA É LÓGICO, PASSANDO APENAS A CHAVE.

MANON - Olho! O sinal de luz que nós esperávamos. É daquele lado que o auto esperava. Vamos.

GUARDA - Parece! Mas não se o ar, se não querem ser fuzilados agora mesmo!

TÉCNICA - EXPLOSAO MUSICAL FORTÍSSIMA. VAI BAIXANDO E EMENDA COM A CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ENCERRAMENTO DO CAPÍTULO.

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

SARARÁ - Pronto. Agora a porta está aberta. Saia você e espie. Se estiver, realmente o campo livre me avise.

BARON - (DEPOIS DE PAUSA LONGA) Está. Pode vir. Não há nenhuma movimentação, quer de um lado, como do outro. Saia logo e feche a porta.

C/REGRA - RUÍDO DE FECHAR A PORTA - SEM A FRANCA, É LÓGICO - APENAS COM A CHAVE.

BARON - Olhe! O sinal de luz que nós esperávamos. É daquele lado que o auto espera. Vá.

GUARDA - Perceba! Mãos para o ar, se não querem ser fuzilados agora mesmo.

DELEGADO - Desarme-o, imediatamente, vamos. E você quieto, hein? Você também quieto, não. Não pense que estamos apenas os dois. Naquela escuinha temos um guarda e na bomba está outro postado. Todos atentos.

SARARÁ - (ENTRA DEBENTRES) Deve ter sido aquele porco de chofer que nos traiu. Só podia ser ele. Mas ele não perde por esperar.

GUARDA - O que é que está falando aí? É a nós que está fazendo ameaças?

DELEGADO - Deixe-o falar à vontade. O principal é que conseguimos apará-los. Pensa vão que tínhamos afrouxado o cerco, não é? Não, meus amigos. Nós sabemos esperar. Esta é a nossa maior virtude e talvez por isto sejamos sempre bem sucedidos ao final dos nossos trabalhos. E você também. O que é que conta essa história?

BARON - (ABRE A BARRA) Roupas. Apenas roupas.

DELEGADO - Bem, vamos conversar melhor lá na delegacia. Poderemos ver melhor uns do outro. Aperte para que o auto se aproxime.

C/REGRA - UM DOIS APITINHOS CURTOS, SEGUIDOS.

TECNICA - RUÍDO DE AUTOMÓVEL QUE LIGA MOTOR E SE APROXIMA, VINDO DE MUITA QUADRA DE DISTÂNCIA. CHEGA, PARA, MAS O MOTOR PERMANECE LIGADO. ABRE PORTA DO AUTO.

DELEGADO - Pronto. Está aí o carro que ia levá-los para a liberdade e que, por ironia da sorte vai, agora, conduzi-los à prisão. Embarque você primeiro, guarda. Ele fica no meio e eu do lado de cá. A moça se arma na frente com o outro guarda. Vamos, vamos... nada de correr ganhar tempo porque não adianta. Temos muito ponto espalhado por aí de olho na mira.

C/REGRA - RUÍDO DE ENTRA-CARRE CINCO PESSOAS E BATER DE DUAS PORTAS DE AUTOMÓVEL.

DELEGADO - Ponha a mão na grade, ao cima do carro, guarda. Faremos uma examinação, mais tarde.

GUARDA - Já está lá. Podemos ir, se quiser.

DELEGADO - Vamo, então.

TÉCNICA - AUTOMÓVEL SINGREHA E SAI. VAI SE DISTANCIANDO. BEMBA PASSAGEM MUSICAL.

GUARDA - Deixo os dois aqui, para serem interrogados, ou já boto nas grades e mais tarde o senhor fala com eles?

DELEGADO - Não. Bote a mulher nas grades e deixe o homem aqui que já vou interrogá-lo. Foi tudo tão fácil que eu nem cheguei a me cansar.

GUARDA - Sim senhor. Venha você comigo, anê. (PAUSA E TOM) Não, não. A mala fica aí. Venha só você.

MANON - Está bem.

C/RESCRA - PASSOS DE GUARDA E MANON QUE SE AFASTAM. PORTA QUE ABRE E FECHA EM 2º PLANO.

DELEGADO - E agora nós vamos conversar, sem caso. Antes, no entanto, quero adverti-lo que será muito melhor dizer o que sabe espontaneamente do que ser obrigado a falar a verdade por meios violentos. Sim, porque nós chegaremos lá se for preciso, entende?

SARARA - Não sei.

DELEGADO - Claro que sabe. Não deve ser esta a primeira vez que é forçado a enfrentar a polícia. Suas fias do roubo e do crime o seu ramo de negócio, está constantemente a braços com estes problemas. Qual a sua interferência na tentativa de assassinato de que não chegou a ser vítima o senhor Rafael, lá de Vila Verde?

SARARA - Se quer que lhe responda apenas a verdade devo responder que não sei. Não sei quem conheço, e não ser de vista, esse tal senhor. Se alguém tentou contra a vida dele, não me cabe a culpa. Digo-lhe mais: só fiquei sabendo do fato, dois ou tres dias depois de ter acontecido.

DELEGADO - Qual é a sua ligação com Reginaldo Augustin? Vai dizer que não conhece talvez?

SARARA - Não senhor. Vou dizer que o conheço e que até já trabalhamos juntos. Ou melhor, fui sócio dele até que Manon abriu a boate do sobrado e passamos a trabalhar de acôrdo. Eu e ela. Foi nessa ocasião que desfiz minha sociedade com Reginaldo Augustin. Se quiser ter certeza disso, pode andar sobre as cidades. Todo mundo conhece a história e não faltará quem lhe informe.

DELEGADO - E o que sabe a respeito da mulher que vive com Reginaldo Augustin?

SARARA - Acho que o senhor deve saber mais do que eu. Ela era daqui, morava aqui. Trabalhava no Grupo Escolar. Quanto a mim o que sei é que ela era tarado por ela e governado por ela. Foi até uma das razões porque deixei de tra-

SARARÁ - (CONTINUANDO) balhar com Ele. Não gosto de homem que se deixa governar por mulher.

DELEGADO - Quando era sócio de Reginaldo Augustin, que espécie de trabalho fazia para Ele?

SARARÁ - Diversos. Bancávamos jogo... explorávamos o lenocínio... Desempenhávamos missões secretas de encomenda... quer dizer... eu estorpidamente bancávamos... explorávamos... desempenhávamos, mas quem fazia tudo isso era Ele. A minha missão era garantir os seus costados. Ele me pagava bem, mas eu não era propriamente um sócio, era mais um empregado de confiança.

DELEGADO - E onde é que está Reginaldo Augustin, agora? Você deve saber.

SARARÁ - Sabia quando ele estava na cidade, mas a última vez que fui lá - e isto o guarda freios pode atestar - já a casa estava fechada e os vizinhos informaram que Eles haviam viajado súbitamente, sem falar, nem dizer para onde iam.

DELEGADO - Qual é a ligação que existe entre a mulher que foi presa em sua companhia e o senhor?

SARARÁ - Somos apenas sócios na boate. E tudo que ela fez, para ocultar-me, foi exigido por mim. Podem libertá-la porque ela não tem culpa de nada.

DELEGADO - Depois veremos isto. Bem, agora vá descansar e amanhã às oito da manhã esteja pronto para novo interrogatório.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.

DELEGADO - Não lhe pergunto como passou a noite, porque ela não pode ter sido muito agradável, visto que dormiu sentada numa poltrona, mas era o que havia de melhor para oferecer.

MANON - A poltrona não era de todo incômoda, o sono é que se fez de rogado e não me ajudou. Passei a noite toda em claro.

DELEGADO - Lamento muito, mas, por vários motivos, eu não podia deixá-la retá-la, o que farei ainda hoje e talvez amanhã.

TÉCNICA - VERDADEIRA MUSICAL FORTE.

MANON - Como?!... O senhor pretende manter-me presa ainda dois dias?!... Não foi o que se prometeu. Lembre-se bem.

DELEGADO - Foi exatamente o que lhe prometi. Protegê-la, E para protegê-la, devo, antes de tudo, evitar que suspeitem da sua cumplicidade conosco. E a maneira mais eficaz de evitar essa suspeita, qual é? Conservando-a presa por alguns dias e até mesmo interrogando-a, com inteiro rigor, na frente de várias pessoas. Antes que isto seja feito, qualquer vantagem que se lhe dê, poderá comprometê-la. E aí sua vida correrá perigo, lembre-se.

MANON - Quer dizer, então que preciso ficar por aqui, ainda, dois ou três dias?

DELEGADO - Exato. Se quiser ir em casa buscar alguma roupa, seus pertences de toalete, etc., mandarei um guarda acompanhá-la.

MANON - Seria melhor. Inclusive poderia trazer uma caninha de lona muito leve e muito cômoda, na qual eu costumo sestar, às vezes.

DELEGADO - Traga o que quiser, para diminuir seu desconforto. O principal é que se convence que deve ficar aqui, alguns dias, para seu próprio bem e sua maior segurança.

MANON - Já estou convencida, senhor delegado. Convencida e resignada. A que horas poderei ir buscar minhas coisas?

DELEGADO - Depois do almoço um guarda acompanhará a senhora até lá.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

REGINALDO - Trago más notícias para vocês. Chegou uma pessoa lá de Lagoa Parada e esteve conversando comigo longamente. Jacinto, o guarda fôco, foi preso, como já sabiamos, mas o pior é que não sabíamos, é que ele, pensando safar-se, denunciou Sarará que foi preso, também. Estamos, agora, sem nenhum elemento de ligação com a nossa turma de lá.

LAILA - Teremos um, se quisermos, ou melhor, uma. Dona Tereza não terá coragem de recusar-se a prestar-nos qual quer serviço. Ela tem medo de mim, de modo que se tivermos absoluta necessidade de alguém por lá, poderemos nos valer dela.

REGINALDO - Mas você parece que não está atinando bem para o risco que estamos correndo. Não é mesmo? Se Sarará se resolver a denunciar-nos também? Já pensou que poderemos ser surpreendidos com uma ordem de prisão qualquer?

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL DE SUSTO.

LAILA - E neste caso, por que continuamos aqui? Por que não tratamos logo de fugir para mais longe e onde ninguém saiba de nós?

REGINALDO - Sim, é o que vamos ter que fazer esta noite mesmo. Seguir viagem para Salvador, porquanto quanto mais longe, mais garantidos estaremos.

LAILA - Posso, então, começar a arrumação de nossas malas? Se vamos sair esta noite não dispomos de muito tempo para fazer tudo que precisamos.

REGINALDO - Sim, pode arrumar nossas malas. Enquanto isto, vou comprar pão, manteiga, feijão alguns ovos para você preparar nosso farnel. A estrada para Salvador tem trechos grandes completamente desertos. Precisamos estar preparados. Levaremos também água mineral e café.

LAILA - OK. Vou começar a tratar de tudo isto agora mesmo.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

MARGOT - (GRITANDO E FAZENDO ESPALHAPATO) Luza! Luza! Depressa, Luza! Depressa! Uma grande novidade que você vai ficar estupefata!... Uma novidade que eu jamais poderia esperrar, mas que me deixou radiante... feliz...louca de alegria!... Você nem imagina o que seja. Nem imagina!...

C/REGRA - PASSOS DE LUZA, DEPRESSA, CHEGANDO.

MARGOT - Depressa, Luza, venha saber!... Você nem será capaz de imaginar!...

LUZA - Que houve, Madame Margot? Por que essa gritaria toda? Que aconteceu?

MARGOT - Que aconteceu? Segure-se para não cair para trás! Você sabe quem é que foi presa? Veja se advinha, Luza. Veja se advinha!...

LUZA - Para a senhora estar nessa alegria toda, só poderá ser Madame Dinórra.

MARGOT - Não, Madame Dinórra, Luza. Outra pessoa que você nem imagina.

LUZA - Então só pode ser Manon?

MARGOT - Exatamente ela! Manon, sim. Foi presa, Luza, preza! Manon foi presa!

TÉCNICA - KKKKKKKKKKKKKK VERGASTADA MUSICAL FORTE

LUZA - Meu Deus!... Mas presa por que, Madame Margot? Que foi que ela fez? Sabe?

MARGOT - Disse que foi presa, porque estava envolvida com mais aquele ordinário do Sarrarrá, numa tentativa de morte que fizeram contra o ricoço da Vil Verde. O Rafael, você conhece.

LUZA - Não pode ser! Deve haver engano, por força! Manon não se meteria num crime que ela não tem coragem para isto. Sarrará pode ser, mas ela, não.

MARGOT - Não faz mal que não, o caso é que está presa e foi bem feito. Para ela para aquele ordinário do Sarrarrá, que eu tenho um ódio dele que nem sei. Foi ele que me deu bofetadas na minha cara, eu sei. Não pude provar, mas sei. E agora ele foi preso. Bem feito, bem feito! Eu estou tão contente, tão alegre que nem sei. Diz que faz três dias que a boate do sobrado está fechada e não abre. Oh que vingança adorável a minha! Que vingança maravilhosa, Luza! Eu acho que até vou fazer uma festa de regosijo!

LUZA - Primeiro indague bem. Não vá assim na primeira notícia. Sabe como é essa gente daqui para inventar as coisas. Elas nunca dizem bem como foi. Sempre aumentam.

MARGOT - Hoje de noite vou sair especialmente e vou passar na boate do sobrado, para ver se é verdade que está fechada. Se estiver... é sinal que de fato aconteceu alguma coisa. Tanta gente falou que também sentiram não pode ser.

LUZA - Quem deverá saber alguma coisa certa é Glauco porque ele vem muito aqui, mas também vai sempre lá. Assim como ele é seu amigo, é amigo de Manon, também. Telefone para a casa dele e peça que venha aqui esta noite.

MARGOT - Sim, sim... é o que eu vou fazer agora mesmo. Vou na bomba de gasolina

BERGOT - (CONTINUAÇÃO) telefonar parra o Glauce e pedir que ele venha cá esta noite que eu preciso muito conversar com ele.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

SARAH - Esteve na Igreja, hoje? O mano queria falar alguma coisa com você.

ADELIA - Eu recebi o recado, mas a senhora sabe que saí tão tarde do Grupo que quando passei na Igreja o Padre Demétrio já tinha vindo jantar. Cheguei aqui ele tinha saído. Parece que está brincando de esconder comigo.

SARAH - Ele não está brincando, não. Ele quer falar com você um assunto até muito sério.

ADELIA - Ah é?! A senhora sabe o que é? Eu agora fiquei preocupada. E não gost de me deitar assim, porque fico sem dormir a noite toda.

SARAH - Eu posso lhe adiantar o assunto, porque, casualmente, ele me disse qual

ADELIA - Ah, sim? Então é um grande favor que a senhora me faz, porque no momento, sabendo o que é, eu já não fico tão aflita.

SARAH - É sobre o rapaz que você está procurando namorar. O tal de seu Rafael.

ADELIA - O que é que tem ele? Não é bom?

SARAH - É muito bom, mas a questão é que você está se atravessando no caminho de uma outra moça que tem muito mais direito a ele do que você.

ADELIA - Uma outra moça? Mas quem poderá ser? Simone me disse que ele era solteiro e desimpedido... Será que a informação não foi verdadeira?

SARAH - Não. Não foi. Ele é solteiro, de fato, mas desimpedido não é.

TÉCNICA - VERBAZADA MUSICAL FORTE.

ADELIA - Será possível?! Mas então por que motivo Simone terá mentido para mim?

SARAH - Porque percebeu que você estava impressionada por ele e não quis ser o pechincho e sua tentativa de conquistá-lo. O compromisso de Rafael é justamente com Simone. Se não sabia, fique sabendo agora.

ADELIA - Não sabia, juro-lhe. Tive o especial cuidado de perguntar isto a ela e ela me afirmou que nada tinha com ele e que ele não a interessava absolutamente. Que eu estava simpatisando com ele que podia começar o meu jogo porque ela sabia que ele não tinha compromisso com ninguém.

SARAH - Simone é assim. Mas agora você já está sabendo que ela não disse a verdade e portanto já deve saber, também, como deverá agir a partir de hoje.

ADELIA - Está bem. De qualquer maneira agradeço-lhe o aviso. Ela talvez insistiu na mentira e eu continuaria a prejudicá-la sem saber de nada.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

GLAUCO - As notícias sobre a prisão dos proprietários da noite do sobrado, são as mais descontraçadas que se possa imaginar.

MARGOT - Mas todos sabem que eles estão presos; não sabem?

GLAUCO - Sim, sabem. Sobre isto não resta nenhuma dúvida. Basta dizer que a ponte não abre suas portas desde terça-feira; portanto há quatro dias, hoje.

MARGOT - Mas qual a razão que dizem que eles foram presos? Não é por causa de Rafael? De um atentado que pretendiam fazer contra ele?

GLAUCO - De fato. Um homem andou envenenando os cachorros da Vila Verde. Uma noite foi surpreendido e preso. O delegado parece que agiu direitinho e pegou o paspalhão com a boca na botija. Aí ele declarou que fora mandado por Laíla que tinha ódio de morte de Rafael por ter sido desprezada por ele. Laíla, você sabe quem é; não sabe?

MARGOT - Sei, sim, como não? Erra aquela professora do Grupo que desapareceu de um dia para o outro.

GLAUCO - Exatamente. Desapareceu na mesma noite em que o guarda freios foi preso. Aí parece que o guarda freios confessou que Manon e Sarará faziam parte da quadrilha.

MARGOT - Com toda certeza faziam. Com toda certeza. Nem precisam ter dúvidas.

GLAUCO - Aí parece que eles souberam que tinham sido denunciados e se preparavam para fugir quando foram os dois presos. Mas por outro lado também já me disseram que Manon está presa só para constar, porque quem deu as tintas ao delegado foi ele e por esse serviço será solta muito em breve.

MARGOT - Glaucos, eu vou dizer uma coisa para você: se acontecer do delegado soltar Manon, eu vou fazer a caveirra daquela desgraçada, você vai ver.

TÔNICA - BARRAGEM MUSICAL

ADELIA - Dona Sarah veio falar comigo e me disse que Rafael era seu namorado e que você gostava muito dele. Se isto é verdade, Simone, você procedeu muito mal encobrindo a verdade e permitindo que eu me apaixonasse por ele e eu chesse meu coração de esperanças.

SIMONE - Dona Sarah não pode saber o que se passa dentro de mim para garantir que eu goste muito de alguém. O que ela disse foi por conta própria, pode crer.

ADELIA - Eu não gostaria de me atravessar no seu caminho, Simone e por isso tive o cuidado de lhe perguntar, antes. Você deve estar lembrada, não está?

SIMONE - Claro que estou. Mas esteja tranquila que você não se atravessou no meu caminho, não. Eu já havia brigado com ele, quando você chegou aqui. E brigado definitivamente, o que é mais importante ainda.

ADELIA - Você jura, Simone? Veja lá, hein? Por amor de Deus não se envolva em confusões. Sempre gostei das coisas muito claras.

SIMONE - Vejo que você está receosa e, para matar de vez essa impressão, vou-lhe dizer o motivo porque desmanchei o namoro com Rafael. Você conhecendo o motivo, há de compreender que o rompimento tenha sido definitivo. Ele foi alvejado, à saída de uma boate, por causa de uma mulher qualquer. Acha que eu poderia continuar a me apresentar, na vila, como namorada dele? É claro que não. Qualquer moço que se prezasse teria procedido da mesma forma.

ADRIANA - Ah, bom. Agora acredito, realmente, que você tenha perdido completamente o interesse por ele. Realmente o procedimento dele não foi correto. Principalmente num lugar pequeno, onde as coisas se espalham com a rapidez dos relâmpagos.

SIMONE - E agora, que já sabe de tudo, espero que não tenha mais dúvidas a meu respeito.

TÉCNICA - PASSEIO MUSICAL.

SARARÁ - Você tem certeza absoluta de todas essas coisas que acabou de me contar?

MARGOT - Tenho porque quem se contou é um rapaz muito correto e muito verdadeiro. Um rapaz que não seria capaz de mentir nem dizer coisas trocadas, das quais não tivesse certeza.

SARARÁ - Ele disse que ela vai ser solta, como prêmio à traição que me fez?

MARGOT - ~~XXXXXXXXXX~~ Exatamente. E no momento que eu tenha a confirmação de que ela saiu de cadeia, virrei em seguida avisá-lo.

SARARÁ - Era justamente isto que eu ia lhe pedir, agora. Que espere que a sua denúncia se confirme e venha me trazer essa confirmação.

MARGOT - E o que será que o senhor pensa fazer? Já tem algum plano traçado?

SARARÁ - Não posso ter. Recem acabo de ser avisado dessa sujeira. Vou pensar, hoje à noite, no maneira da melhor poder me vingar daquela ordinária.

MARGOT - Se quiser eu tenho uma ideia que será um assombro. Conheço Manon. Morrou na minha casa vários anos e sei todas as suas maldades. Há uma maneira de o senhor se vingar dela que vai ser magnífico! Quer que eu lhe diga qual é?

SARARÁ - Ainda não. Primeiro quero que me confirme que ela foi solta. E, então, poderá pensar na vingança. Se eu precisar de alguém, ~~ou seja~~ a senhora estará disposta a ajudar-me?

MARGOT - Como não? Dependerrá, apenas, de nós combinarmos as condições. Nada mais.

SARARÁ - Muito bem. E o senhor já sabe o momento em que estarei disposto a iniciar o meu trabalho, portanto, assim que tiver qualquer novidade a respeito de Manon, trate logo de vir avisar-me. E ele vai ver, finalmente, do que o Sarará é capaz! (SUSIS) Bei de castigá-la como um verme que é!

TÉCNICA - XXXXXXXXXX COM CARACTERÍSTICA PARA ENCERRAMENTO.

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA.

MARGOT - Há uma maneira do senhor se vingar dela que vai ser magnífico! Quer que eu lhe diga qual é?

SARARÁ - Ainda não. Primeiro quero que me confirme que ela foi solta. Ai, então, poderemos pensar na vingança. Si eu precisar de alguém, a senhora estará disposta a ajudar-me?

MARGOT - Como não? Dependerrá, apenas, de nós combinarmos as condições. Nada mais.

SARARÁ - Muito bem. A senhora já sabe o momento em que estarei disposto a iniciar meu trabalho, portanto, assim que tiver qualquer novidade a respeito de Manon, trate logo de vir avisar-me. E ela vai ver, finalmente, do que o Sarará é capaz. (ÓDIO) Hei de esmagá-la como um verme que é!

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE. A MÚSICA FICA EM FUNDO.

MARGOT - Isto mesmo. Cobrir bem carra a sua traição miserrável. Eu vou lhe ajudar, parra cobrir, também, a traição que ela me fez.

SARARÁ - (TOM DE SEGREDO) O melhor mesmo, seria se a senhora quizesse me ajudar a fugir porque então ai eu me vingava muito bem e vingava a senhora melhor ainda. Além disso, a senhora poderia ganhar uma nota sem tamanho, se conseguisse libertar-me. (PAUSA) Que tal? O que é que a senhora diz?

MARGOT - (BAIXA A VOZ) Que é um caso a estudar. Tudo vai depender dos riscos que eu possa correr, entende? Se for coisa muito perigosa, não me comprometo a fazer. Eu tenho verdadeiro horror de emburros com a polícia.

SARARÁ - Não precisa haver emburro nenhum. O plano sendo bem feito e bem executado não tem porque comprometé-la. Eu vou estudar direitinho esse plano e, na semana que vem, converso com a senhora. Combinado?

MARGOT - Por que não? Mas antes eu quero examinar o plano, entende? Não assumo nenhum compromisso, sem antes ver o que é preciso fazer.

SARARÁ - Se a senhora não quiser se envolver e arranjar uma outra pessoa que queira fazer a sua independência, também serve. A senhora já não ganhará tanto, mas não deixa de ganhar alguma coisa.

MARGOT - Ótimo! Então assim já fica tudo mais fácil parra mim. Si eu não puder ser, arranjo uma pessoa que faça por mim e pronto. E então agora eu vou que já me demorei bastante. Dentro de dois ou tres dias, no máximo, voltarei aqui.

SARARÁ - Eu ficarei à sua espera.

MARGOT - Passe bem, entom e muito obrrigada por me ter recebido, mesmo sem saber quem eu erra. Foi uma grrande gentileza sua.

TÁCNICA - PASSÁGEM MUSICAL

SIMONE - Você disse que viria hoje, fiquei a manhã inteira à sua espera e você não apareceu. Que é que houve?

RAFAEL - Meu carro pifou. Como você sabe, não posso levá-lo na melhor oficina que temos aqui, porque tenho receio de ser desfeitoado. Tenho que me sujeitar ao Rogério, que me parece entender menos que eu, ainda. O Rogério remexeu o carro todo por dentro e não encontrou o defeito. Já decidi. Vou comprar um carro novo e vender o que tenho por qualquer preço.

SIMONE - Você acha que se chegasse na oficina do Tarcísio que ele seria capaz de desfeitoá-lo?

RAFAEL - É só o que posso pensar, diante do ódio que me dizem que ele tem de mim.

SIMONE - Não acredite uma coisa nem outra. Tarcísio é um ótimo rapaz. As coisas que fez mal feitas, foi exclusivamente por se ter metido a beber, sem estar acostumado. E a prova que foi um acidente na sua vida, está em que nunca mais repetiu a proeza. Não vá atrás do que dizem, Rafael. Nesta terra se fala muito e se inventa muita coisa. Tarcísio é um rapaz de bons sentimentos, educado e até com uma relativa cultura. Aposto o que você quiser como não será capaz de desfeitoá-lo. Experimente e me diga, depois.

RAFAEL - Agora já encomendei um carro novo, não tenho maior interesse em consertar o velho, mas se precisar de alguma coisa, até o outro chegar, vou confiar no que você me disse e vou chegar na oficina dele.

SIMONE - Faça mais: diga-lhe que fui eu que o recomendei e verá como há de se empenhar em fazer um bom trabalho.

RAFAEL - Eu não preciso fazer isto, para ter certeza de que Tarcísio a adora. Eu já sei muito bem. Já tive várias oportunidades de constatar.

SIMONE - Pobre Tarcísio! Ele deveria odiar-me. Si bem que nunca o enganei. Fui leal desde o princípio, dizendo-lhe que só o aceitaria no dia em que tivesse a certeza absoluta de que também gostava dele.

RAFAEL - A mesma coisa que você fez comigo.

SIMONE - Com a diferença que, mesmo depois de desenganado, ele nunca mais procurou ninguém.

RAFAEL - Por que a diferença? Eu, acaso procurei alguém?

SIMONE - Sem falar nas coisas que passaram... você, presentemente, não está procurando do ninguém, efetivamente, mas está se deixando procurar. E quando se procura de assim, porque as coisas não estão nos desagradando.

RAPAEEL - Óra, vamos, Simone! Que é que você quer que eu faça? Que seja grosseiro com a moça? Não posso ser. Tanto mais que ela é sua colega e me foi apresentada por você.

SIMONE - Mas eu não estou reclamando, não pense, não. Estou apenas exemplificando uma diferença. Não tenho nada com você, nem nada contra ela, portanto...

RAPAEEL - Lembre-se que foi você mesma quem disse, há pouco, que nesta terra se fala muito e se inventa muita coisa.

SIMONE - Mas ninguém me contou nada a seu respeito e de Adélia. Estou dizendo, apenas, aquilo que eu vejo, diariamente e que vocês não fazem nenhuma questão de ocultar. Mas vamos deixar de lado esse assunto que não tem maior interesse e vamos tratar do nosso trabalho que hoje está mais atrasado do que nunca. Vou lhe pedir, inicialmente, que me some estas duas folhas do balancete para ver se ao menos esse serviço fica pronto agora de manhã.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

GLAUCO - De tudo que você me contou, eu pude deduzir o seguinte: você está tentada a auxiliar a fuga de Sarará, para que ele se vingue de Manon e essa vingança seja sua também. Não é isto?

MARGOT - Tenho ódio daquela pequena! Ódio! Tudo de mau que lhe acontecer, serrá um prazer parra mim.

GLAUCO - Mas o que você está querendo fazer é perigoso, Margot. Você sabe, perfeitamente, que Sarará não é flor que se cheire. É um homem perigoso. Por que há de se meter em negócios com ele, arriscando-se a não ganhar coisa alguma e ainda perder a sua liberdade, que é pior ainda?

MARGOT - Mas ele me disse que sieu não tiver coragem de fazer o negócio pessoalmente que basta eu indicar uma outra pessoa de confiança que ele me pague, da mesma maneira. Que eu não vou ganhar tanto como se fizesse o serviço, é claro, mas que da mesma forma vou ganhar. Você acha que um dinheiro assim tão fácil é coisa que se despreze?

GLAUCO - E você tem uma pessoa de sua absoluta confiança que seja capaz de livrar o seu nome, no caso de uma enrascada? Não tem. Seja lá quem for que você indique ao Sarará, no caso de ser descoberta a trama, o primeiro nome que aparece é o seu. Pode ficar certa.

MARGOT - Você acha mesmo, Glaucue?

GLAUCO - Acho, não. Tenho certeza absoluta. É lógico que para safar-se a pessoa vai dizer logo: eu fui mandada por Margot. E como é que você vai sair dessa?

MARGOT - Então eu não vou poder ganhar o dinheiro que ele me oferece? É pena;

GLAUCO - Pena por que, Margot? Você lá precisa desse dinheiro? Ele está lhe fazendo falta para comer? Você está cheia de dinheiro. Não sou eu mesmo que pago, todos os meses, quantias enorme para a sua conta no Banco de França?

MARGOT - Mas agora, desde que se abriu aquela maldita boate do sobrado que eu não posso mais juntar um dinheirinho, por pequenino que seja. A miséria que se ganha, mal dá para as despesas. Agora que aquela porcaria fechou é que tem melhorado um pouco.

GLAUCO - Eu sei, mas mesmo assim você não precisa. Você está com casa própria, com Granja própria, tem ações, tem depósitos... para que, tudo isso? Você tem parentes a quem deixar esse dinheiro, depois da sua morte?

MARGOT - Não sei onde andam os meus parentes. Forram todos umas pestes para mim. Ninguém vai ver um franco do meu dinheiro.

GLAUCO - Pois então? Por que há de lutar, se encanizar, se desesperar, porque a receita do seu negócio baixou e você não tem dinheiro para depositar lá? O que tem já chega, deixe de ser gananciosa. Margot, escute uma coisa que eu vou lhe dizer: o dinheiro só vale quando sabemos destiná-lo a missões nobres ou aproveitá-lo em coisas que nos tornem a vida agradável e feliz. Para estar dentro de um banco, trancado, rendendo juros e a gente se privando de coisas que gosta, então é a mesma coisa que não se ter nada e o dinheiro perde a sua verdadeira significação. Você acha que vai poder gastar o dinheiro que tem nos anos que lhe restam de vida?

MARGOT - Que é isto, Glauco? Você está me agourrando?

GLAUCO - Não. Estou querendo fazer com que você desperte e faça uma vida melhor que você não faz, pelo afan de juntar sempre mais e mais.

MARGOT - Eu sei o que é que você está querendo dizer. Que eu sou uma velha, não é?

GLAUCO - Não. Não foi essa a minha intenção. Você, realmente, não é criança, mas mesmo que tivesse dezoito ou vinte anos eu acharia ruim se levasse uma vida como a que você leva, tendo dinheiro no banco.

MARGOT - (ABORRECIDA) Si eu soubesse que você ia brigar comigo, não tinha falado neste assunto a você.

GLAUCO - Você falou porque confia em mim e não teve coragem de tomar sósinha a decisão, mas se esperava de mim uma palavra de ânimo, enganou-se. Acho que você já não está mais em idade de se meter em complicações e se fizer o que está tentada não conte comigo, porque eu não levantarei uma palha para levar-lhe auxílio.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

LEOPOLDINA - Você já conhece a nova namorada do patrão, Eudóxia?

EUDOXIA - A nova namorada do patrão?! Quem foi que disse a ~~XXX~~^{simão} que o patrão tem nova namorada? Eu num sei disso, não.

LEOPOLDINA - Todo o mundo, na vila, anda comentando isso. Diz que é a outra professora do Grupo. A última que chegou. É bem bonitinha, sabe?

EUDOXIA - Pode sê, num digo que não, mais eu num quero outra pro patrão que num xege a dona Simona. Aquela, sim, me enche as midida. Aquela eu cuirãa que o patrão casasse/ com ela.

LEOPOLDINA - Eu também, mas houve qualquer coisa com eles e o namoro foi desmanchado. Agora dizem que ele/ está namorando a outra.

EUDOXIA - Ela pode sê boa, eu num digo que num xege, mas mió que a dona Simona ela num vai sê. Minina boa tá ali. Trabaia pros pobre... ajuda eles... se interessa por eles... Quanta coisa ela já feiz, depois que chegô aqui! É num faiz um ano ainda. O mais que pode fazê é seis ou oito meis.

LEOPOLDINA - É depois foi ela quem tirou o patrão da toca. Ele não saia, não ia a parte nenhuma, detestava todo mundo na vila, ela veio aqui, disse umas verdades para ele e o patrão se transformou. Antes, o patrão estava sempre de cara feia, você se lembra, Eudoxia? Nem falava com a gente.

EUDOXIA - É memo. Das veiz, chegava até a xingá as pessoa sem tê rezão. Num discia pra vila a num sê talde de noute e anssim memo diz que pra i em lugá que gente de juizo num vai.

LEOPOLDINA - É... isso vem confirmar sabe o que, Eudóxia? Aquele provérbio que diz: que nem sempre quem faz a cama é quem se deita nela.

EUDOXIA - Ah, mas eu vou rezã tanto pra São Binidito e pra Senhora do Rus'ario, vô pidim tanto pre eles, que eles num vai deixá de me atendê eu.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

SARARÁ - Você vem me trazer a notícia de que Manon foi posta em liberdade pela polícia? Desde ontem que estou com palpito que isto aconteceu.

MARGOT - Nom, nom, inda non aconteceu, nom, Sarrarrá. Eu estou cuidando, pode ficar descansado. Assim que acontecer você saberrá. Vim lhe trazer uns cigarro

SARARÁ - Muito bem. Estou vendo que você é uma velha legal. Cigarro é coisa que faz falta.

MARGOT - Você diz que eu sou uma "velha" legal, Sarrarrá? Uma "velha"? Você está me chamando de velha? Isto noné delicade de dizer parra uma pessoa que vem lhe fazer um obséquo.

- SARARÁ - Está bem, se não gosta de ser chamada de velha eu lhe chamo de corça, pronto. Corça você num vai achar ruim, vai?
- MARGOT - Corroa... corroa!... Eu acho uma graça de vocês acharrem que quem passou dos trinta anos é velha, ou corroa. Tomarra que você chegue na minha idade de com a disposição que eu tenho. Tomarra. Com o aspecto que eu tenho!
- SARARÁ - Bom, Margot, deixa isso pra lá. Você vai se aborrecer comigo, agora, só porque eu fiz uma brincadeira?
- MARGOT - (QUEIMADA) Brincadeira de mau gosto, porque quando a gente já deixou de ser mocinha, não é delicade fazer alusões à idade que a gente tem, principalmente chamar a gente de velha, ou corroa. Não gosto.
- SARARÁ - Está ~~xxx~~ bem, está bem, não vamos brigar por causa disto. Eu agora só chamei você de menina. Está bom?
- MARGOT - Menina também já me parece deboche e eu não gosto de deboche comigo, Sarrarrá. Eu gosto de muito respeito. Isto sim, eu gosto.
- SARARÁ - Está bem, Margot. Mas sabe o que é que eu queria de você? Que você desse um jeito de falar com a diretora do Grupo Escolar e avisasse a ela que eu estou preso e que ela mande dizer isso à amiga dela, a tal ~~xx~~ professora Laila. Laila vive com Reginaldo, Reginaldo logo tomará providências para me libertar e ajudar a minha fuga.
- MARGOT - Mas eu estou disposta a fazer ~~xxxxx~~ isto.
- SARARÁ - Mas para você sózinha vai ser difícil. Assim ele manda uma pessoa que poderá logo entrar em contacto com você e, as duas juntas, farão um trabalho mais rápido e mais completo. Você dá jeito de falar com a diretora?
- MARGOT - Sim, sim, eu vou procurar um jeito de falar com ela. Não sei se ela me receberá no Grupo ou se preferirá ir na minha casa.
- SARARÁ - Não é preciso nada disto. Mande um bilhete a ela que lhe encontre no jardim, sentam-se no mesmo banco e falam sem olhar uma para a cara da outra. Ninguém pensará que estão conversando. Vá aprendendo. É assim que se faz.
- MARGOT - Ótima ideia, Sarrarrá. Ótima ideia!... É assim mesmo que vou proceder. Mando botar um bilhete num envelope fechado, em baixo da porta do Grupo, marco lugar e horra e depois uma senta pra cá, outra senta pra lá, no mesmo banco e eu transmito o seu recado a Reginaldo. Não foi esse o nome que você disse?
- SARARÁ - Exatamente. Então vá tratar disso dum vez e obrigado pelos cigarros.
- MARGOT - Não tem de que. Agorra só no domingo é dia de visita. Eu volto. Trago mais cigarros. E uns pasteis, também vou mandar fazer.
- TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.

JOANA - Dona Tereza, hoje de manhã cedo, quando fui varrer a secretaria, encontrei este envelope em baixo da porta, destinado à senhora.

TEREZA - Deixe ver... Não conheço a letra. Vamos ver de quem possa ser...

C/REGRA - RASGAR ENVELOPE E TIRAR PAPEL DE DENTRO, ABRINDO-O.

TEREZA - (LENDO) ~~xxxxx~~ Senhor^a Diretora.

MARGOT - (FILTRO) Sei que a senhora vai ficar muito admirada de receber uma carta de uma pessoa que nunca conversou com a senhora, mas acontece que agora uma outra pessoa com quem tenho relações e a senhora conhece, está precisando muito de que a senhora lhe preste um serviço. E é sobre isto que preciso falar-lhe. Como a senhora não poderá ir na minha casa nem eu no Grupo que a senhora dirige, mando-lhe este bilhete para marcar um ponto onde poderemos nos encontrar amanhã, às ~~xxxxx~~ quatro horas da tarde e que será no jardim da frente da igreja, na parte que passa na outra rua que não tem tanto movimento. A senhora chega e senta num banco. Eu chego e sento no mesmo banco, de costas para a senhora. Ah lhe digo tudo que precisa ser feito, sem ninguém desconfiar que estamos conversando. Ao fim uma sai primeiro e a outra depois como se não tivessem se visto. Combinado. Espero a senhora ~~xxxxx~~ então, amanhã sem falta, no jardim, às quatro horas da tarde.

TEREZA - (LENDO) Não vá faltar. Madame Margot. (PAUSA E TOM) Essa mulher não é a que tem uma casa perto da estação? Um bar, ou uma boate, sei lá?...

JOANA - Ela mesma. Que será que ela quer com a senhora?

TEREZA - Não sei e não me interessa. Ela vai ficar esperando por mim o resto da tarde, porque eu não vou aparecer.

JOANA - Dona Tereza, não será algum recado da Laila para a senhora? Olhe que é.

TEREZA - Não me interessa seja lá o que for. Não quero mais nem ouvir falar no nome de Laila. Graças a Deus que foi embora e me deixou em paz.

JOANA - Então a senhora não vai, mesmo, nem por curiosidade?

TEREZA - Não vou. Já disse e não volto atrás. Não me interessam recados de ninguém.

JOANA - Escute, dona Tereza, e a senhora se aborreceria se eu fossé no seu lugar, só para saber o que é?

TEREZA - Se você não tem medo de ser envolvida por essa gente ordinária, vá. Eu não tomo conhecimento, entende? Eu não recebi esse bilhete, compreendeu? Ele não chegou às minhas mãos. O que você fizer é por sua livre determinação e sem o meu consentimento. Estamos entendidas?

JOANA - Estamos, sim senhora. Se eu for, não vou comprometer a senhora.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.

SARARÁ - Eu estava aflitissimo que você chegasse, Margot. Preciso que Reinaldo me mande auxílio. E teresa deve saber o endereço deles. Não sabe?

MARGOT - Não sei se sabe. Ela não me deu confiança. Não compareceu ao encontro.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

SARARÁ - Como?!... Ela não compareceu ao encontro? Mas você marcou, bem claro, o lugar e a hora? Quem sabe ela não entendeu bem?

MARGOT - Como não havia de entender? Claro que não sei bem claro. Marquei e fui pra lá bem cedo, esperrar. Erram tres e meia e já eu andava de um lado pra outro, fazendo voltas na praça. Depois, às tres horas e cincoenta minutos, sentei no banco que havia combinado, antes que ele fosse ocupado por outra pessoa. Fiquei até às quatro e meia e não chegou ninguém. Aí eu levantei... dei outra volta na praça, pra ver se, por acaso, ela havia se enganado de banco e nada. Não chegou, nem mandou satisfação.

SARARÁ - Isso é o diabo! Que será que houve? Ela terá medo de se meter no assunto, ou não quis se encontrar com você?

MARGOT - Não posso saber, mas de qualquer maneira a verdade é uma só. Ela não foi. Eu fiquei lá na praça uma tarde inteira e ela não apareceu.

SARARÁ - Pois é, mas nós temos que desencavar o endereço de Laila, de qualquer maneira. Eles estavam em Vitória, eu sabia, mas quando o guarda freios foi preso, ele, com certeza, recebeu o aviso e pirou, que ele não ia ser besta. Nesta altura não tenho a menor ideia por onde andará, mas você tem que dar um jeito de me descobrir isto.

MARGOT - Que jeito? Qual o jeito que posso dar? Você quer que eu vá lá no Grupo Escolar e bata na porta? A mulher é capaz de me correr. Não posso fazer isto. Ou posso?

SARARÁ - Tive uma ideia! Você vai escrever um novo bilhete à diretora dizendo que precisa muito falar com ela e não pode ficar à espera de que ela se resolva e então faça-lhe a seguinte ameaça: ou ela vai ao encontro nas condições marcadas no bilhete anterior, ou você vai lá no Grupo, na hora de mais movimento e bate na porta e fala com ela de qualquer jeito. Garanto-lhe como ela vai correndo ao seu encontro.

MARGOT - Serrá que vai? Serrá que não vai dar parte de mim à policia?

SARARÁ - Vai dar parte, nada. Faça isto e você vai ver como ela vai.

MARGOT - Então está combinado. É isto mesmo que vou fazer. Ou ela vai na praça... ou eu vou no Grupo.

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE, PARA FINAL DO CAPÍTULO.

58º CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA.

MARGOT - Qual é o jeito que posso dar? Você quer que eu vá lá no Grupo-Escolar e bata na porta? A mulher é capaz de morrer. Não posso fazer isto. Ou posso?

SARARÁ - Tive uma ideia! Você vai escrever um novo bilhete à diretoria, dizendo que precisa muito falar com ela e não pode ficar à espera de que ela se resolva e então faça-lhe a seguinte ameaça: ou ela vai ao encontro, nas condições marcadas no bilhete anterior, ou você vai lá no Grupo, na hora de mais movimento e bate na porta e fala com ela de qualquer jeito. Garanto-lhe que mo ela vai correndo ao seu encontro.

MARGOT - Serrá que vai? Serrá que não vai dar parte de mim à polícia?

SARARÁ - Vai dar parte, nada. Faça isto e você vai ver como ela vai.

MARGOT - Então está combinado. É isto mesmo que vou fazer. Ou ela vai na praça, ... ou eu vou no Grupo. E si ela não quiser me atender no Grupo, eu armo um escândalo de tal natureza que ela vai se arrepender mil vezes.

SARARÁ - Ela atende, sim. Você ameaçando, eu aposto a minha vida como ela atende. Ela sabe que você não tem nada a perder com o escândalo e ela tem tudo.

MARGOT - Isto mesmo. Si ela se faz de boba, eu até conto que uma vez ela foi na minha boate, escondida.

SARARÁ - É mesmo? Ela foi? Mas então está ótimo. Você ameaça de contar e pronto.

MARGOT - Mas ela não foi, Sararrá. Eu é que estou dizendo que invento esta mentira e pronto. Muita gente pode não acreditar, mas a maioria acredita.

SARARÁ - Ah, e acredita, mesmo. Sendo para desmoralizar os outros, são mais os que acreditam do que os que não acreditam. Essa humanidade é má a meu gosto.

MARGOT - Então está combinado. Eu já mando dizer, no bilhete, que si ela não for ao meu encontro, na praça, eu vou contar uma porção de coisas que eu sei a respeito dela. Vou deixar a mulher louca de medo.

SARARÁ - Ótimo, Margot. Se você conseguir me tirar daqui, nós vamos ganhar muito dinheiro com chantagem. Você já pensou quanto a gente poderia arrancar das riquezas da vila com uma ameaça desta natureza? Qual a pessoa que nunca teve um deslize na sua vida? Pouquíssimas. Você ameaça que sabe uma coisa, a pessoa logo pensa naquilo que fez.

MARGOT - Não, mas eu não quero negócios desta natureza. Sabe o que quero? Que você bote Manon parra forra da boate do sobrado e se deixe ficar lá como sua sócia. Ai você vai ver como eu saberrei ganhar dinheiro parra nós.

SARARÁ - Ótimo, então. É isto mesmo que vou fazer. Tiro Manon e você fica comigo.

MARGOT - Mas eu quero que você dê umas bofetadas na cara dela. Bastantes bofetadas.

SARARÁ - Eu dou. Se isto lhe satisfaz, pode deixar que eu dou sem fastio. Durante uma semana ou duas, ela não vai poder aparecer para ninguém.

MARGOT - Oh, que vingança gostosa que eu vou ter. Ver Manon apanhar na cara. Haverá coisa mais gostosa?

~~TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.~~

SARARÁ - Escute aqui, Margot. Quando é que você vai fazer o novo bilhete?

MARGOT - Hoje mesmo. Esta noite já boto ele em baixo da porta do Grupo. Amanhã, com certeza, ela recebe.

SARARÁ - Eu tive uma outra ideia. Se ela não for, ou se realmente não souber, sabe a quem é que você vai visitar? Ao guarda freios. Ele está lá na Cadeia, mesmo, não eu dava jeito de falar com ele. Você vai lá visitá-lo e pergunte-lhe se sabe os endereços além de Salvador.

MARGOT - Que quer dizer isto? Endereços além de Salvador?

SARARÁ - É que nós temos um roteiro de fuga, entende? Daqui para Vitória, de Vitória para Salvador, de Salvador para outro lugar qualquer, mas todos já com endereço certo, onde os que ficam para trás possam se comunicar com os que foram adiante. A esta altura dos acontecimentos, Reginaldo já deve ter dado o fora de Salvador e eu preciso saber para onde. Ele tem que dar um jeito de vir, ou mandar alguém para me ajudar a fugir da prisão.

MARGOT - Está bem. Eu vou visitar o guarda freios. Mas como é o nome dele? Preciso saber, pra dizer lá.

SARARÁ - Jacinto. Você dizendo que vai visitar o guarda freios Jacinto, não precisa dizer mais nada.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.

~~TARCISIO~~ - Mãe, a senhora sabe que eu encontrei hoje na rua o Rafael ao lado da nova professora? iam conversando muito animados. Pelo visto, parece mesmo que estão de namoro.

ELVIRA - Será, meu filho? Realmente, o que dizem por aí é que eles são namorados, mas alguém já me afirmou que é ela que o procura porque ele não mostra nenhum entusiasmo ~~max~~ pela moça.

TARCISIO - Pois olhe, eu não posso dizer que ele estivesse muito entusiasmado, mas que dava a impressão à gente de que estava gostando da companhia dela, ~~max~~ dava, porque ia bem risonho ao lado dela e num diálogo que me pareceu muito animado.

ELVIRA - Bem... isso não quer dizer grande coisa. Às vezes o rapaz gosta de conversar com a moça, gosta até de dançar com ela, de andar na companhia dela...

ELVIRA - (CONTINUAÇÃO) e não se considera mais do que amigo e companheiro da moça.

TARCISIO - Eu, mãe... confesso que gostaria que isso fosse verdade.

ELVIRA - (DEPOIS DE PAUSA) Eu sei que você gostaria, meu filho, mas justamente porque pode não ser é que eu não quero que você se entusiasme. Afinal... já passou tanto tempo... custaria menos a esquecer, daqui para diante. Tenho muito medo que você volte a sofrer o que já sofreu, entende? Por isso é que não quero que você se ~~xxxxxxx~~ encha novamente de esperanças que possam, no fim, ser vãs. Portanto, o melhor de tudo é você permanecer onde está.

TARCISIO - Não tenha medo, mãe. O sofrimento ensinou-me muita coisa e eu aprendi, à minha própria custa, que a gente não deve confiar demais, razão pela qual, daqui para diante, eu só confiarei... desconfiando.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL

MARGOT - Você sabe quem sou, não é verdade? Acho que você, pelo menos de vista, deve saber quem eu sou.

G.FREIOS - Claro. A sua pinta é manjada. A senhora é Madame Margot, da boate velha, lá perto da estação. Só não sei o que é que veio fazer aqui.

MARGOT - Vinha fazer uma visita; não posso?

G.FREIOS - Pode, é claro, mas uma visita assim, sem mais nem menos, dá para a gente desconfiar. Abra logo o jogo, Madama. O que é que a senhora veio fazer aqui? O que é que quer de mim?

MARGOT - Bem, quer dizer... eu propriamente não quero nada. Mas acontece que há uma pessoa que quer e me mandou aqui falar com você a esse respeito.

G.FREIOS - Que respeito? Eu, até agora, confesso que não manjei nada. Abra o jogo, Madama, deixe de fazer fricote.

~~MARGOT~~ - Quem me mandou falar com você foi o Sarará; conhece-o? Claro que não tem que conhecer. Irrabalarrom de acordo tantos anos...

G.FREIO - (ASSUSTADO) O que é que o Sarará quer de mim? Vamos, diga, Madama: o que é que ele quer?

MARGOT - O endereço de Reginaldo. Ele quer escrever para Reginaldo e precisa do endereço dele, entende? E ele disse que você deveria saber esse endereço e então eu prometi a ele que viria aqui buscar.

G.FREIOS - Os endereços que eu sei, penso que ele também deve saber, mas eu não acredito que Reginaldo, se soube da minha prisão e da dele, ainda esteja em qualquer um dos dois endereços que eu tenho.

MARGOT - Mas não faz mal. Você pode me dar os que você tem que eu leve para ele

G. FREIOS - Mas não vão servir para nada. Ele não está mais lá, garanto.

MARGOT - Não importa. Você me dá os que você tem e eu levo para ele. Se servir, muito bem, se não servir, azar dele.

G. FREIOS - Está bem. Eu tenho escrito aqui, na folha do meu caderninho, posso até arrancar a folha e mandar para ele.

G/REGRA - ABRIR GAVETINHA. FOLHEAR CADERNINHO. RASGAR UMA FOLHA.

G. FREIOS - Está aqui. Tenho aí os endereços de Vitória e de Salvador. Depois não tenho mais. Ele ficou de mandar os outros, mais adiante, e não mandou.

MARGOT - Não importa. Estes aqui já servem. Ele pode passar telegrama para os dois lugares. Pode ser que de algum venha uma resposta. Vamos ver.

G. FREIOS - Eu não acredito que venha, mas em todo caso não custa tentar.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

MANON - Eu pedi para falar com o senhor porque estou começando a acreditar que caí numa cilada.

DELEGADO - Como assim? Caiu numa cilada por que?

MANON - Porque o senhor me disse que eu seria logo solta e já faz uma semana que estou presa e nada. O senhor me falou que eu ficaria uns dois ou três dias, não foi? E há quantos dias estou aqui? Uma semana exata.

DELEGADO - Eu estou, justamente, procurando fazer as coisas de maneiras a que não se levantem suspeitas a seu respeito, mas se você não está se importando com isto, eu posso mandar libertá-la agora mesmo. Quer?

MANON - Bem... quer dizer... o senhor deve compreender que eu esteja louca para sair daqui, não é? Mas também se o senhor acha que eu ficando mais uns dois ou três dias saio mais garantida, então eu prefiro ficar.

DELEGADO - Claro que sai. Quanto mais rapidamente você sair, nas suspeitas levantadas ao passo que demorando, as suspeitas vão naturalmente se apagando. É muito mais garantido para você.

MANON - E quantos dias mais o senhor acha que eu deveria ainda ficar? Dois? Três? Cinco? Eu gostaria de saber mais ou menos para tomar minha decisão.

DELEGADO - Bem... eu penso que se você quiser ficar mais uma outra semana, já sairá bem mais garantida. Mas também se quiser sair hoje... hoje mesmo eu mandarei libertá-la. Pode decidir livremente.

MANON - Bem, eu... eu penso que... se o senhor acha mais garantido... então eu ficarei mais uma semana.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

LOCUTOR - MENSAAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.

SARARÁ - Pronto. Aqui tem duas cartas iguais. Uma para Vitoria e outra para Salvador. Pode ser que tenhamos sorte e uma, ao menos, possa chegar às mãos de Reginaldo. Você ponha hoje mesmo no Correio. Ok?

MARGOT - Pode deixar. Eu escondo elas aqui no decote do meu vestido que ninguém vai mexer e só tiro quando estiver lá dentro do Correio. Mas tenha cuidado que elas vão ser postas direitinho onde devem ser.

SARARÁ - Desta resposta vai depender a minha fuga daqui e a sua vingança de Manon.

MARGOT - Oh, a minha vingança!... Que coisa gostosa que vai ser!... Eu quero que ela apanhe bastantes bofetadas na carra dela. Bastantes e com força.

SARARÁ - Pode deixar. Ajude-me a sair daqui e eu farei o que você quiser contra Manon.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

LAILA - Carta? De quem?

REGINALDO - Não sei. Agora é que vou ver. Estava de baixo da porta, quando cheguei.

C/REGRA - RUIDO DE RASGAR ENVELOPE E ABRIR FOLHA DE PAPEL.

REGINALDO - É de Sarará. Vejamos o que ele diz. (LENDO) Meu prezado chefe e camera da Reginaldo.

SARARÁ - (FILTRO) Não sei se estes rabiscos vão chegar na sua mão, mas na atucangação em que me encontro, estou lançando mão de todos os recursos e argumentos para ver se consigo botar a polveira para escanteio e sair das grades onde me encontro há mais de uma semana, penso que por indicação do meu guarda freios Jacinto que está preso também.

TÉCNICA - ACORDE MUSICAL FORTE.

REGINALDO - Está confirmada a prisão ~~de Jacinto~~ do guarda freios e a de Sarará. A próxima será a nossa, se não fugirmos daqui.

TÉCNICA - REPETE O ACORDE ANTERIOR.

REGINALDO + Mas vamos ler até ao fim para ficarmos inteirados de tudo.

SARARÁ - (FILTRO) Penso que arroxaram muito o Jacinto e, por ele, conseguiram ~~saber~~ saber que eu fazia parte da "turma", mas o que até hoje não consegui compreender é a razão porque ele foi envenenar os cachorros de Rafael e, ainda por cima, um de cada vez. O animal em vez de matar tudo de uma vez só, ia matando um em cada semana. Claro. Lógico. Acabou sendo preso em cima do muro e eu logo depois, sem ter chegado a saber, muito bem, a intenção que o levou até lá. Ao saber da prisão dele, procurei logo fugir, mas seu Lourenço foi mais rápido que eu e mandou logo vigiar a boate. Uma semana depois, quando parecia que a vigilância tinha sido relaxada, pegaram à mim e à ~~Margot~~ ^{Margot} na hora que iam saindo para dar o pira.

SARARÁ - (CONTINUAÇÃO) Já houve quem me afirmasse que foi ela quem me denunciou e não o Jacinto e há até quem diga que ela vai ser solta por esses dias, como prêmio pela sua confissão. Não sei. Está tudo muito confuso, mas um dia eu descubro a verdadeira causa e castigo o verdadeiro culpado. O que desejo, agora, é que o meu caro chefe dê um jeito de me ajudará a fugir daqui. Não posso ficar, de jeito nenhum. E sem o auxílio de alguém de fora, também nada poderei fazer. Se o chefe não quiser vir, escreva a alguém que possa me ajudar. Aguardo, em poucos dias, a resposta, se é que esta carta, por sorte minha, chegar às suas mãos. Nossos interesses aqui, de momento, estão completamente abandonados. Nada sabemos sobre o dia de amanhã. Isto não pode ficar assim; não lhe parece? Um abraço do Sarará.

REGINALDO - (DEPOIS DE PAUSA) E agora? Que podemos fazer por esse idiota que se deixou prender, tola mente, como qualquer assassino primário? Nada. Ele que se arranje. Nós vamos é fugir hoje mesmo, antes que seja tarde. Assim como o guarda freios deu o endereço dele e denunciou as suas atividades, deve ter feito o mesmo conosco. Vamos, Laila, depressa. Trate de arrumar as malas para sairmos ainda esta noite para João Pessoa.

LAILA - Como ~~knizim~~ Reginaldo?!... Você vai fazer uma coisa dessas ao Sarará?!... Não pode. Você não tem o direito de negar-lhe auxílio num momento destes!

REGINALDO - Expondo-me a ser preso também? Lá todos me conhecem.

LAILA - Você é bastante inteligente para esconder-se de todos e fazer alguma coisa pelo seu sócio e amigo. Você tem a boate do sobrado para esconder-se. Entre na vila durante a noite, esconda-se lá e na noite seguinte execute um plano qualquer para libertar Sarará. Esqueceu-se que ele é que produz para nós? Se ele não trabalhar, nossa fonte estará seca. Vamos, ande.

REGINALDO - Mas ~~o~~ você? Que vai fazer durante esse tempo? Onde ficará?

LAILA - Aqui mesmo, à sua espera. (RÁPIDA) Já sei o que vai dizer. Se vierem prendê-lo; não é isto? Direi que você me abandonou e fugiu covardemente para o exterior. Uma cena de teatro não me custará fazer. ~~P~~enso até solucionar se for preciso. Vamos, vamos... não pense mais. Vá tratar da sua viagem a Lagoa Parada esta noite mesmo. Eu ficarei aqui esperando a sua volta.

TEONILIA - PASSAGEM MUSICAL. PUNDE • COM RUIDOS DE RUA, DURANTE O DIA. POUCOS.

ADELIA - (CHAMANDO) Rafael... Rafael... onde é que vai tão absorto?

C/ REGRA - POUCOS PASSOS EM CALÇADA EM APROXIMAM. PASSOS DE RAFAEL.

RAFAEL - Oh, desculpe, senhorita Adélia! Eu ia tão absorvido nos meus pensamentos que teria cometido a grosseria de passar sem saudá-la. Ven voltando do colégio?

ADELIA - Exatamente. E como vinha com muita sede, estava pensando dar uma chegada no bar e tomar um sorvete ou um refrigerante. Não quer me dar o prazer da sua companhia? Seria uma oportunidade de conversarmos um pouco. Você está sempre tão ocupado, eu também...

RAPHAEL - Bem, eu... eu gostaria de conversar com a senhorita, mas... acontece que... que estou com um compromisso, entende? Um compromisso muito sério e que não posso deixar de cumprir hoje...

ADELIA - Meu Deus, mas será possível que dez minutos que ficemos sentados no bar, vá atrasá-lo ao ponto de impedir o cumprimento da sua obrigação...

RAPHAEL - Mas a questão é que... é que já estou atrasado, entende?

ADELIA - Pois então? Mais uma razão. Se fosse para não chegar atrasado, muito bem, mas uma vez que já está... mais uns minutos, menos uns minutos, pouca diferença faz. Quem sabe você tem receio de ser visto ao meu lado, sentado na mesa do bar? Si é isto... eu respeito e deixarei de insistir.

RAPHAEL - (MENTINDO) Não, não... não é isto, não... é que... bem, é que...

ADELIA - Vamos, deixe de inventar desculpas. Si não aceitar o meu convite, agora, eu tomarei como desfeita e zango-me seriamente com você.

RAPHAEL - Mas senhorita... por favor...

ADELIA - Venha, venha de uma vez porque eu vou começar por falar nessa "senhorita" que já, há muito tempo, deveria ter sido substituída por "você".

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

MARGOT - Hoje trago-lhe uma empadinhas de camarão que estão deliciosas! E trago-lhe, ainda, uma outra coisa que você vai gostar mais de saber.

SARARÁ - (RÁPIDO) Minha carta chegou?

MARGOT - Não sei, mas mandei botar no correio da cidade para andar mais rápido. Mas a outra coisa que eu ia dizer a você é uma novidade que não faz muito eu fiquei sabendo pelo guarda de plantão.

SARARÁ - Então já sei. Manon vai ser libertada?

MARGOT - Exatamente. Deve sair amanhã de manhã, ou depois do meio dia, me disse ele.

SARARÁ - E eu ficarei aqui. Mas ela não perde por esperar, a cachorra. O meu dia também chegará e aí eu vou cobrar direitinho a minha diferença.

MARGOT - E eu vou ver ele spanhar bofetadas na carra com toda a força. Para valer.

SARARÁ - Então a ordinária sai amanhã? Eu saio, também, um dia. Vamos esperar a resposta da minha carta. Você botou o seu endereço pelo lado de fora do envelope, como se fosse a resatente?

MARGOT - Botei. Fiz tudo direitinho como você mandou que eu fizesse. Falei muito

MARGOT - (CONTINUAÇÃO) tempo sózinha, parra os guardas não desconfiarrem que você estava escrevendo uma carta e não ia fazer, depois, as coisas mais fáceis clarro que sim, orra bolas!

SARARÁ - É você é inteligente, Margot. Acontece que nós nunca trabalhamos juntos a gente tem sempre dúvidas, entende?

MARGOT - É, mas comigo não precisa ter. Quando eu disser que faço as coisas, pode deixar porque faço, mesmo.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

LAILA - Arrumou tudo para a sua viagem esta noite?

REGINALDO - Não, Laila, não arrumei nada. Acho que não vou. Acho que vamos é sair daqui, antes que alguém nos encontre.

LAILA - Mas Reginaldo, não é possível! Você não pode fazer uma coisa destas ao Sarará. Isso é uma traição miserável que ele não faria nunca a você. Lembre-se disto e anime-se a tentar salvá-lo.

REGINALDO - O que mais me apavora é saber que você ficará aqui, sózinha e desprotegida, Laila. E eu longe, sem saber o que está acontecendo com você...

LAILA - Eu já disse a você que não precisa se preocupar comigo. Sou suficientemente astuta para livrar-me de qualquer cilada que pretendem me fazer. Vá cumprir com o seu dever e volte que me encontrará aqui à sua espera.

REGINALDO - Vamos ver... eu preciso de algum tempo para me habituar a essa ideia. Talvez amanhã... quem sabe...

LAILA - Mas isso é que não convem, você ficar aqui, arriscando-se a que o venham prender. Anda logo. Vai esperar o que? Não espere coisa alguma. Vou arrumar a sua valise, porque a mala grande já está arrumada. Deixei um canto para você botar uma caixa com as reservas do cofre que eu já não botei porque não sei abri-lo. Quer fazer isto agora?

REGINALDO - Não, não... talvez até o fim da noite você ainda se convença, mas por ora não me animo a tomar nenhuma resolução definitiva.

LAILA - Pois bem, então ouça uma coisa muito importante que eu tenho a lhe dizer: Considerarei uma covardia da sua parte abandonar seu companheiro à sua sorte e não tentar absolutamente nada para salvá-lo. E se você persistir nessa ideia eu não posso responder pelo que acontecerá comigo, porque mais uma vez vou lhe repetir: detesto os homens covardes, entendeu? Detesto os homens covardes. Pense bem no que lhe quero dizer com isto, Reginaldo. Pense bem.

TÉCNICA - EXPLOSO MUSICAL, PUNTE COM CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ENEREBAMENTO.

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE, DE ABERTURA

LAILA - Vou arrumar sua valise, porque a mala grande já está arrumada. Deixei um cento para você botar uma caixa com as reservas do cofre que eu já não botei porque não sei abri-lo. Quer fazer isto agora?

REGINALDO - Não, não... talvez até o fim da noite você ainda me convença, mas por ora não me animo a tomar nenhuma resolução definitiva.

LAILA - Pois bem, então ouça uma coisa muito importante que eu tenho a lhe dizer: considerarei uma covardia de sua parte abandonar o seu companheiro à sua sorte e não tentar absolutamente nada para salvá-lo. E se você persistir nessa ideia, eu não posso responder pelo que acontecerá comigo, porque mais uma vez vou lhe repetir: detesto os homens covardes, entendeu? Detesto os homens covardes! Pense bem no que lhe quero dizer com isto, Reginaldo. Pense bem.

REGINALDO - Não preciso pensar. A ameaça está clara. Quer dizer que se eu não for socorrer Sarará você não quererá mais nada comigo?

LAILA - Exatamente. Nenhuma mulher gosta de se sentir insegura perto do homem com quem vive. Ela precisa ter a convicção de que conta com ele e será defendida por ele em qualquer caso.

REGINALDO - Mas é claro que você será defendida por mim em qualquer circunstância.

LAILA - Já não posso ter certeza absoluta disto, diante do que estou vendo com Sarará.

REGINALDO - Mas por Deus, Laila! ~~Você~~ quer se comparar com ele?

~~LAILA~~ - Não posso me comparar, realmente. Ele tem o direito de merecer muito mais de você do que eu. É seu sócio há tantos anos... trabalhou toda a vida para você com lealdade total... safou-o, por várias vezes, de situações as mais embaraçosas... deve ter, por direito e por justiça, muito mais merecimentos do que eu. Se um homem assim, no momento que precisa do seu auxílio, é relegado ao abandono total... que acontecerá comigo em situação idêntica? É evidente que tenho o direito de pensar assim.

REGINALDO - Laila, você não pode dizer uma coisa destas. Será que você não conhece exatamente a força irresistível do amor? Não deve conhecer, não jamais se colocaria abaixo de Sarará, para mim.

LAILA - Cada um pensa e reage de uma forma diferente, Reginaldo. A minha é essa. Não posso pensar em que você faltará ao seu sócio e amigo. Não posso!

REGINALDO - Está bem, Laila, eu vou lhe dar mais uma prova do meu amor por você.

LAILA - (RÁPIDA) Vai socorrê-lo?

REGINALDO - Sim. Mas não embarcarei hoje ainda. Preciso deixar tudo organizado aqui para que você não tenha faltas.

LAILA - Deixe-me algum dinheiro - nem é preciso muito - e eu prometo que você me encontrará tal como me deixou.

REGINALDO - Está bem. Seus argumentos me venceram, ou melhor... suas ameaças. Não posso nem pensar de viver sem você e sem o seu amor. Amanhã começarei a preparar a viagem e, conforme as coisas, talvez à noite já possa seguir.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

MARGOT - Hoje, finalmente, posso lhe dar a certeza de que Manon saiu da prisão. Passei no sobrado, estava uma janela aberta para traz e quando cheguei aqui o guarda me disse que ela tinha sido solta pela manhã.

SARARÁ - Então não resta mais dúvida de que se vendeu, do contrário estaria presa, como eu estou.

MARGOT - Pois eu já disse para você que não podia confiar nela. Quem senhor de que eu sabe disto? Quem? Tirei aquele imundície da sargeta, arrumei direitinho, ensinei muita coisa que ela não sabia, até como vestir para esta ou aquela ocasião e, de repente, sem nenhuma razão justificada, ela fica contra um amigo meu, faz falso jurramento e logo depois aparece com você, de proprietária da boate do sobrado. Manon é mulher rufa. Mal agradece. Mulher que é capa de vender a alma para o demônio, só para ganhar um pouco mais de dinheiro. Oh, eu tenho um ódio dela, um ódio que não tem tamanho no mundo para pode dizer.

SARARÁ - Mas deixa... deixa ~~o~~ o dia dela chegar. Ela que trate de fugir da minha frente porque senão eu sou capa de nem lhe dar tempo de pedir socorro.

MARGOT - Bofetadas! Bofetadas na cara dela. Bastantes, com toda força. Isso que eu quero que você faça e você se prometeu, Sarará. Não se esqueça.

SARARÁ - Não me esqueço, não. Vou dar por você e por mim. Durante uma semana ela não vai poder mostrar a cara para ninguém, de tão inchada que vai ficar.

MARGOT - Como eu vou dar gargalhadas quando olhar para a cara dela! Como eu vou dar gargalhadas!... Vai ser um góso, Sarará. Vai ser um góso!...

XXXXXXXX

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL

MANON - Luz!... Que bom que você veio!... Eu estava tão sentida com você... estive duas semanas presa e você não foi me ver nem uma vez, sequer.

LUZA - Por causa dela. Ela vivia lá, eu tive receio de que me encontrasse, entende? E depois eu tinha sempre notícias suas, por ela mesma. Todos os dias ela falava em você. Foi por ela, ainda, que eu fiquei sabendo que você havia saído da prisão. Ai eu vim logo, porque sabia que aqui ela não viria.

MANON - Eu não estive presa, propriamente, entende? Estive detida para interrogatórios e para averiguações. Mas fui muito bem tratada. Até a comida eles me deixavam mandar buscar, diariamente, no hotel, imagine.

LUZA - Eu vim fazer uma visita rápida, Manon, para lhe dar um conselho, sabe? Eu tenho ouvido muita coisa lá em casa. Madame Margot vai visitar o seu sócio todos os dias de visita.

MANON - Eu sei. Um dos guardas lá me disse. Não sei que amores ela tomou por ele, de repente, depois de ter até dado parte dele como sendo o homem que a esbofetou. Como as mulheres são difíceis de compreender, não é Luza?

LUZA - Como as mulheres são astuciosas, quando querem conseguir as coisas, digo eu

MANON - Mas então essas visitas dela ao Samará tem um objetivo oculto?

LUZA - Claro. É dirigido contra você. Por isto, exatamente, é que estou aqui.

MANON - Contra mim? Mas contra mim por que, Luza?

LUZA - Ora, Manon, não se faça de ingênua! Então você pensa que ela já perdoou ou esqueceu que você abriu uma nova boate para fazer concorrência à dela e que - praticamente - anulou o negócio bom que ela tinha aqui?

MANON - Mas meu Deus do céu! Ela ainda se lembra disto? Já não está conformada?

LUZA - Margot não é mulher de esquecer nem perdoar a quem quer que seja. Está tramando, com Samará, a sua vingança contra você. Samará vai procurar fugir, e nem que seja por uma noite, para fazer horrores em você, Manon!

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL DE SUETO.

MANON - Luza! ~~Isso é verdade?~~ Você tem certeza, ou ouviu apenas dizer?

LUZA - Tenho certeza absoluta. Margot está tramando tudo com ele e chega em casa numa euforia tal que não se contém. Começa contando uma coisinha, daí a pouquinho conta outra... depois outra... e, no fim, eu fico sabendo tudo.

MANON

XXXX - O que é que você acha que eu devo fazer?

LUZA

XXXXX - Você quer saber o que é que eu faria no seu lugar?

MANON - Quero. Diga.

LUZA - Eu tratava de vender tudo que pudesse, apurar o máximo de dinheiro e dava o fora daqui para bem longe, onde ninguém pudesse imaginar que eu estivesse. Comprava um canto e ia fazer a minha vida sem grandes aspirações, mas com a muito mais segurança. Eu não compreendo correr risco para ganhar mais. Pra firar o meu descanso e a minha paz de espírito.

MANOEL - É... você tem razão, mesmo, Luza. Acho que vou seguir o seu conselho.

Tenho uma amiga na Argentina que me convida muito para ir pra lá... sou capaz, desta vez, de fazer esta violação.

LUZA - Vá. Se você não gostar não custa voltar e tentar uma outra cidade qualquer daqui mesmo. Há tantas neste Brasil tão grande...

MANOEL - Isto mesmo, Luza. Mas só você vai ficar sabendo onde eu estarei.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

LAILA - (PROJETANDO) Você já botou na sua mala o que estava faltando?

REGINALDO - (AFASTADO) Já. Deixei no cofre alguma coisa para você e depois vou lhe ensinar a maneira de abri-lo.

LAILA - Está ótimo. Você vai pegar uma noite boa para viajar. Está fresquinho... agradável... (TOM) Onde diabo está a tal caixa que eu não encontro? (ALTO)

Você se lembrou de comprar dois pneus sobressalentes? Podem ser precisos.

REGINALDO - (AFASTADO) Lembrei-me, sim. Vou passar agora na garagem, quando sair.

LAILA - (PROJETANDO) É bom. (TOM) Ah, está aqui a tal caixa, finalmente.

REGINALDO - (AFASTADO) O que foi que você preparou para eu comer na viagem?

LAILA - (PROJETANDO) Fiz um frango assado com farofa e sanduíches de presunto.

Botei também na sestina uma garrafa de vermouth e várias minerais.

C/REGRA - RUIDO DE FECHAR MALA. PRIMEIRO O TAMPO E DEPOIS A CHAVE.

LAILA - Pronto. Agora está tudo bem. (ALTO) Você vai demorar, eu vou fazer um café.

REGINALDO - ~~xxxxxxxx~~ (AFASTADO) Pode fazer. Dentro de cinco minutos estarei pronto.

LAILA - Então quando sair do banho vá direito à cozinha que o café estará pronto.

(TOM) Enquanto isto, deixe-me esconder a duplicata da chave da mala, para

que ele não descubra que andei mexendo. Se ele resolve mexer na caixa

~~que está na mala, antes de sair, estarei perdida.~~ Ele pensa que vai me

ensinar o segredo do cofre, para que eu tire, depois, o que ficou para mim.

Mal sabe ele que já descobri esse segredo há muito tempo. Copiei-o do seu

caderninho de notas, experimentei-o e tudo deu certo. (TOM MAIS ESCURO)

Desta vez, seu Reginaldo... você vai se surpreender comigo, mas... eu vou

colher o que venho plantando há tanto tempo! Quando você voltar da sua

viagem, vai ter a maior de todas as surpresas de sua vida! A maior de todas

das as surpresas!... (TOM) Bem, deixe-me ir fazer o café que o homem não

demora a sair do banho.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.

TEREZA - Que coisa engraçada! Eu estou impressionada com um sonho que tive esta noite com Leila. Um sonho tão exquesito... tão impressionante...

JOANA - Com certeza ela pensou na senhora. Dizem que quando a pessoa está longe e pensa muito na outra, que a outra sonha com ela.

TEREZA - Nunca ouvi dizer isto, mas a verdade é que o sonho me impressionou de tal forma que volta e meia me assalta a lembrança. Será que ela vai voltar, Joana?

JOANA - Credo em Cruz, dona Tereza! Não invente! Deixe ela por lá onde anda e nós aqui calmamente, sem barulho e sem briga. Ela estava sempre inventando coisas para aborrecer ou preocupar a gente. E ela tem um espírito muito forte, acaba dominando a gente. Mas qual foi o sonho que a senhora teve com ela? Conte.

TEREZA - Pois eu sonhei que ela tinha chegado aqui no collegio, sem eu esperar, e minha mala estava arrumada, em cima da minha cama, porque eu ia viajar. De repente, entro no quarto e ela estava com a mala entre-aberta e, com mão lá dentro, procurava qualquer coisa. Aí eu perguntei para ela: o que é que você procura na minha mala? e ela me respondeu: Ah, a mala é sua, desculpe, então, eu estava mexendo porque pensei que era a mala do meu marido. É um sonho tão descabido... tão idiota... mas você sabe que me impressionou tanto, que volta e meia eu estou me lembrando da mala entre-aberta e Leila com a mão afundada entre as roupas, procurando alguma coisa ~~XXXXXXXXXX~~ lá dentro. Não é estranho isso, Joana?

JOANA - É... realmente... É um sonho muito exquesito, mesmo e difícil de interpretar, também. A mala é viagem... a mão dentro dela me parece roubo... mas ela aqui no collegio ~~que eu não sei como interpretar. Disse que aqui na vila existe uma senhora que interpreta sonhos muito bem; e cobra barato. Se a senhora quizesse eu podia arranjar o endereço dela e nós...~~

TEREZA - (CORTE) Não... não... não... Joana, nada disto. Eu tenho verdadeiro horror a essas coisas e não acredito em nada do que me dizem. Para que inda vou gastar meu dinheiro? Deixe o sonho pra lá que é o melhor de tudo. O que for... a gente vai saber.

JOANA - Bem, a senhora pode não querer mandar interpretar o sonho, mas uma coisa a senhora não vai impedir que eu faça.

TEREZA - Que é?

JOANA - Vou cercar o rato por todos os lados porque garanto à senhora que é o bico que vai dar hoje.

- DELEGADO - Sabe de quem era aquele telegrama que você se entregou hoje? Do chefe de polícia de Salvador, em resposta a um outro que lhe passei, pedindo que procurasse e prendesse Reginaldo Augustin.
- GUARDA - É o que foi que ele disse do cara? Encontrou?
- DELEGADO - Leia a resposta dele.
- GUARDA - Reginaldo Augustin fugia Salvador, viajando para essa localidade, afim ajudar seu sócio preso como mandante tentativa homicídio. Deverá hospedar-se boate sobrado, segundo informação sua companheira aqui residente.
- DELEGADO - Sabe, agora, o que vamos precisar fazer para aprisioná-lo? Cuidar, dia e noite a boate do sobrado para prendê-lo no momento em que bater na porta para pedir hospedagem.
- GUARDA - É fácil. Manon pode deixar sempre um guarda lá dentro, para deitar-lhe a mão no momento em que ele chegar.
- DELEGADO - Manon parece que vai embora. Não quer mais ficar aqui. Tem medo que Sara já consiga fugir e vingue-se dela. Parece que já contaram a ele que ela o traiu.
- GUARDA - Mas a gente podia conseguir que ela nos deixasse a chave por uns dias, até que o camarada chegasse e depois então a gente entregaria a chave a quem ela indicasse.
- DELEGADO - É... isso talvez possa ser. Vou conversar com ela, antes que tenha resolvido qualquer negócio. Você podia dar uma chegada lá e pedir-lhe que amanhã, a qualquer hora, ela chegasse até aqui para conversar comigo. Diga-lhe que é um assunto de grande interesse que ela venha logo.
- GUARDA - Quer que eu vá agora mesmo, ou pode ser amanhã cedo?
- DELEGADO - Tanto faz. O essencial é que ela venha até ao meio dia.
- GUARDA - ~~Então~~ talvez seja melhor eu ir hoje mesmo. Amanhã ela pode sair cedo, não estar em casa quando eu for, e aí já fica tudo complicado. Com licença, então, seu delegado.
- TÉCNICA - PASSADIMUS MUSICAL
- LAILA - Que suato levei, quando o delegado mandou me chamar! Pensei logo que seria presa e não aproveitaria o dinheiro de que lancei mão. Mas felizmente parece que representei tão bem a tragédia que consegui convencer o delegado de Salvador. Ele chegou a tirar o lango do bolso para que eu secasse as minhas lágrimas. Também agora estou garantida. Com o dinheiro que ele me deixou e mais o que lhe tirei da mala, na hora de embarcar, poderei fazer uma vida respeitável, sem precisar valer-me dos recursos de ninguém. É agora que o denunciei, dificilmente ele poderá escapar das gar-

LAILA - (CONTINUAÇÃO) ras da policia de Lagoa Parada. Inda mais que dei o endereço onde poderão encontrá-lo. Mas mesmo assim, por garantia, eu não vou ficar aqui. Foi-me oferecida uma pequena fazenda em Goyaz, o preço era razoável, eu sou capaz, agora, de aproveitar e ir lá ver as coisas de perto e quem sabe se não faço negócio? Lá estarei completamente garantida. Nunca que ele vai imaginar que fui para lá e eu irei para qualquer lugar, contanto que fuja da vingança dele.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

LUZA - Eu recebi seu chamado ontem, mas não era possível sair, porque Margot já tinha um compromisso e você sabe que quando ela sai quem toma conta da casa sou eu.

MANON - Sei, sim. Mas também não era necessário que você viesse ontem. Hoje está muito bem. É que eu tenho umas novidades para você, sabe?

LUZA - Ah, sim? Que novidades? Eu também tenho umas coisas para contar a você, depois, mas primeiro diga o que você ia dizer.

MANON - Vendi a boate. Vou receber o dinheiro até sábado, transfiro as escrituras no cartório e já no domingo me mando para a cidade pelo trem da tabela e logo depois me transfiro para a Argentina. Vou tentar a vida lá.

LUZA - Que coisa boa, Manon! Eu se pudesse ir com você, garanto-lhe que não hesitava.

MANON - Se tudo me sair bem, lá, eu mais tarde mando buscar você, mas com a condição de que você jamais dirá, a quem ouer que seja, onde é que eu me encontro. Combinado?

LUSA - Combinado, Manon. Pode ficar completamente descansada. Por que haveria eu de bater com a língua nos dentes, sabendo que isto poderia prejudicar você?

MANON - ~~Ben~~ eu tenho confiança em você. Tanto assim que lhe contei. Afinal, nós sempre fomos boas amigas e sempre nos entendemos bem. Neste no tempo em que Margot procurava atirar uma contra a outra; lembra-se?

LUSA - Claro. Pois então não vou me lembrar? Pois se foi exatamente isso que nos fez ficar ainda mais unidas. Ela é que nunca percebeu isto.

MANON - Pois é, Lusa, a boate foi vendida para um grupo da cidade e penso que já na próxima segunda-feira eles reabrirão a casa com grande barulho.

LUSA - Segunda-feira?!... Cruzes!... Que dia horroroso! Você não disse a eles que não é dia para inauguração de uma casa desse gênero? Por que não inauguram logo ^{no} sábado?

MANON - Porque eu lhes pedi que enquanto não embarcasse, não só não inaugurassem a casa, como não dissessem a ninguém que a tinham comprado. Eles concordaram

LUZA - Ah, bem. Agora está compreendido. Você não teve nenhum embaraço para efetuar a venda? Sarará não era seu sócio?

MANOEL - De boca. No papel, o meu nome é que figurava. Foi tudo muito fácil, portanto

LUZA - Quer dizer que na próxima segunda-feira acaba, outra vez, a alegria de Madame Margot? Ela ainda radiante porque a casa está outra vez com movimento.

MANOEL - Mas isso não vai durar muito, não. O Grupo é de mandar brasa, ela vai ver só. Parece que vão ter orquestra diariamente. Nós tínhamos só aos sábados e domingos. Nos outros dias era eletrola. Eles parece que vão ter, apenas, um dia de folga na semana, todos os outros dias vão ter orquestra. Você sabe... isso anima muito.

LUZA - É claro. Você não vai avisar nada ao Sarará?

MANOEL - Pensei em deixar-lhe uma carta que lhe desse conta de tudo quanto fiz, mas depois achei que ele podia encarregar alguém de se seguir e achei melhor sair na surdina e deixar que as coisas viesse a ele ao seu devido tempo.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL. FUNDE COM RUÍDO DE AVIÃO EM PLENO VOO. DE VEZ EM QUANDO O MOTOR DEVE *falhar* POR BREVES MOMENTOS, PARA DAR A PREVISÃO DO DESASTRE.

LAILA - Por que nos mandam botar os cintos, se ainda estamos tão longe do pouso?

VOZ MASC. - PORQUE estamos ameaçados de termos que fazer, de repente, um pouso de emergência. Não sentiu que de vez em quando o ruído do motor se altera e quasi para? Isso é que temos medo que possa acontecer e portanto devemos estar preparados.

LAILA - Dizem que as mulheres são sempre mais escandalosas do que os homens, nestas ocasiões, mas o senhor repare que os outros dois passageiros nem se mexem no lugar, tão apavorado parecem estar. Eu, pelo menos, ainda falo, ainda procuro saber o ~~que~~ das coisas.

VOZ MASC. - Nosso Comandante é um homem de uma calma admirável, além da longa prática que possui. O que tiver que ser feito, ele não deixará de fazer por nervosismo, ou incapacidade profissional. Certa ocasião, num caso como este, ele conseguiu aterrizar num campo de futebol onde estava sendo disputada uma partida importante, com uma assistência enorme, que muito dificultou seu trabalho. Pois mesmo assim conseguiu fazer tudo que era...

TÉCNICA - O MOTOR COMEÇA A PALHAR LAMENTAVELMENTE E DE REPENTE O AVIÃO COMEÇA A CAIR COM AQUELE SEU BARULHO CARACTERÍSTICO, ESPATIFANDO-SE NO CHÃO COM GRANDE EXPLOÇÃO, SEGUIDA DE FOGO FORTE E CONSTANTE.

LAILA - DÁ UM GRITO DE FAVOR, NA HORA EM QUE O AVIÃO COMEÇA A DES-ENCAR. UM GRITO LONGO E FURTISSIMO, DAQUELES DE ARREPIAR.

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE PARA ENCERRAMENTO DO CAPÍTULO.

S O L I D A D O

- Novela de Erico Cramer -

60º CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA FUNDE COM RUÍDO DE AVIÃO EM PLENO VOO. DE VEZ EM QUANDO O MOTOR DEVE FALHAR? POR MOMENTOS.

VOZ MASC. - Não sentia que de vez em quando o ruído do motor se altera e quase para para? Isso é que temos medo que possa acontecer e portanto devemos estar preparados.

LAILA - Dizem que as mulheres são sempre mais escandalosas do que os homens, nestas ocasiões, mas o senhor repare que os outros dois passageiros nem se mexem no lugar, tão apavorados parecem estar. Eu, pelo menos, ainda falo, ainda procuro saber o porque das coisas.

VOZ MASC. - Nosso comandante é um homem de uma calma admirável, além de longa prática que possui. O que tiver que ser feito, ele não deixará de fazer, por nervosismo, ou incapacidade profissional. Certa ocasião, num caso como este, ele conseguiu aterrizagem num campo de futebol, onde estava sendo disputada uma partida importante, com uma assistência enorme que muito dificultou seu trabalho. Pois mesmo assim, conseguiu fazer tudo que era....

TÉCNICA - O MOTOR COMEÇA A FALHAR LAMENTAVELMENTE E, DE REPENTE, O AVIÃO COMEÇA A CAIR, COM AQUELE SEU BARULHO CARACTERÍSTICO, ESPATIFANDO-SE NO CHÃO COM GRANDE ESTRONDO E EXPLOÇÃO, SEGUIDA DE FOGO FORTE E CONSTANTE.

LAILA - DÁ UM GRITO DE PAVOR, NA HORA QUE O AVIÃO COMEÇA A DESPENCAR. UM GRITO LONGO E FORTÍSSIMO, DAQUELES DE ARREPIAR.

TÉCNICA - LOGO DEPOIS DA EXPLOÇÃO MANTÉM O FOGO FORTE.

LAILA - DÁ UMES TRÊS OU QUATRO GEMIDOS, CADA UM MAIS FRACO DO QUE O OUTRO E MORRE.

TÉCNICA - LEVANTA O RUIDO DE FOGO FORTE E FUNDE COM SINAIS TELEGRÁFICO POR ALGUNS MOMENTOS. TORNA A FUNDIR COM MUSICA FORTE, PARA SEPARAÇÃO.

JORNALISTA - (FAZENDO FREGÃO) Grande desastre aviatório! Caiu um aparelho, incendiando-se! Morreram os tres passageiros e toda a tripulação. Leiam a noticia completa na segunda página do Jornal Moderno!...

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL FUNDE COM CHAMADAS TELEFONICAS, REPETIDAS.

C/REGRA - LEVANTA FONE DO GANCHO. CESSAM AS CHAMADAS. MÔ VINAS DE ESCREVER EM FURDO

VOZ - Pronto. (PAUSA) Sim senhor, está confirmada a noticia. (PAUSA) A lista dos passageiros mortos? Sim senhor temos. Eram tres, apenas. (PAUSA) Lugão Vidigal de Altirena... Centalício Vieira Sobra... e Laila Rodrigues Viler. (PAUSA) Não por isso.

C/REGRA - DESLIGA O TELEFONE REPODO O FONE DO GANCHO.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL FORTE.

JOANA - Dona Tereza, dona Tereza, outro envelope em baixo da porta e deve ser da mesma pessoa, porque o seu nome está escrito com tinta verde, como estava o primeiro. Veja. (PAUSA) - E até parece que a letra é a mesma. Não é não?

TEREZA - É a mesma, sim. É aquela deslavada que está insistindo em falar comigo, mas eu não vou, porque eu não tenho nada que falar com ela. Vou rasgar seu...

JOANA - (RÁBIDA) Não, não, dona Tereza, não faça isto. É sempre bom a gente saber o que dizem as cartas. Às vezes pode ser uma coisa importante e a gente depois se sai mal e se arrepende. Vamos ver o que ela diz. Não custa.

G/REGRA - RASGAR O ENVELOPE PARA ABRIR E TIRAR A FOLHA DE PAPEL DE DENTRO, DESDOBRANDO-A.

TEREZA - Vá lá. Eu não quero que você diga, depois, que não atendi a sua advertência (LENDO) Senhora dona Tereza - Grupo Escolar - Lagoa Parada.

MARGOT - (FILTRO) Esta é a segunda carta que escrevo para a senhora porque na primeira não obtive resultado nenhum e é muito importante que eu fale com a senhora o mais depressa possível. Vou repetir a combinação feita na carta anterior e espero que desta vez a senhora vá na praça me encontrar, ou então eu vou deixar de lado todas as precauções e vou pessoalmente no Grupo Escolar, para falar com a senhora.

TEREZA - O desaforo!... Você está vendo, Joana, ela está me fazendo ameaças. Ah, mas se ela vier aqui, eu nem sei o que serei capaz de fazer.

JOANA - Continue a leitura até ao fim. Depois a gente comenta a carta, dona Tereza.

MARGOT - (FILTRO) Sei que é uma imprudência e uma violência que vou fazer, mas se a senhora não quiser atender ao meu chamado, acabará por me obrigar a proceder dessa forma. Veja, portanto, o que será menos prejudicial para a senhora e trate de me atender, porque o prejuízo maior vai ser seu, pode estar certa. ~~Se a senhora tomar qualquer providência violenta, aí~~ ~~então~~ e que a coisa vai ferver, porque eu vou dizer a todo mundo as coisas que sei sobre a sua vida e que até hoje mantive no silêncio. Ok? Espero-a na praça hoje às quatro horas, sentada num banco onde eu chegarrei e me sentarei de costas para a senhora. Ninguém vai perceber que estamos conversando. Margot.

TEREZA - (DEPOIS DE PAUSA) O que poderá saber, essa mulher, de minha vida? Nunca a conheci, antes, nem ela a mim...

JOANA - Não sei, não, mas... essa gente é perigosa, dona Tereza. A senhora precisa ter cautela bastante. Não vai atender o pedido dela?

TEREZA - Pedido? Isso lá é pedido? Isso é uma ameaça. Não vou atender coisa alguma. Não pode saber nada da minha vida. Está tirando verdades mas não colhe

- TEREZA - (CONTINUAÇÃO) rá maduros. Se pensa isto, está muito enganada. Não vou.
- JOANA - Bem, dona Tereza, a senhora sabe o que faz e não hei de ser eu, uma pobre ignorante, que há de lhe dar conselhos. Mas se o caso fosse comigo, eu ia lá saber o que ela quer.
- TEREZA - Não vou. Se você quiser ir, por sua conta e risco, vá. Eu já disse que não irei.
- JOANA - Eu posso ir. Não me importo. A questão é que não é a mim que ela está chamando. Talvez não possa me dizer as coisas que dirá à senhora.
- TEREZA - Na minha opinião, o que essa mulher quer, é fazer chantagem comigo, mas se pensa que se sairá bem está enganada. Eu dou parte dela à polícia e aí é que vamos ver quem tem garrafas vazias para vender.
- JOANA - E si eu for, no seu lugar, posso dizer que a senhora que me mandou?
- TEREZA - Não, não... isso não... Eu não quero tomar conhecimento dessa carta, lá go você não pode dizer isto... o máximo que pode fazer é dizer que eu estou doente, de cama, e que você então resolveu abrir a carta, tomar conhecimento do seu teor e ir ao encontro marcado para depois dizer tudo à mim. Isto já é outra coisa, entende?
- JOANA - Pois então ~~eu~~ faço assim, não me custa. Pode ser que a francesa se abra e acabe com essa guerra de nervos que está fazendo. Porque isso preocupa a gente; não é mesmo?
- TEREZA - Claro! E depois a gente nunca sabe o que uma mulher dessas será capaz de inventar.
- JOANA - Por isso que eu achava que a senhora devia ir, mas eu indo e dizendo exatamente que combinamos, vem a dar no mesmo.
- TÂNIA - PASSAGEM MUSICAL**
- SARARA - Então como ~~eu~~ consegui o endereço que precisamos?
- MARGOT - Dona Terresa nem foi ao encontro. Disse a servente do grupo, que foi no lugar dela, que ela está na cama doente. Pode ser e também pode não ser, mas de qualquer maneira eu disse a ela o que precisava e dona Joana - a servente se chama assim -
- SARARA - Eu sei, Margot, continua.
- MARGOT - Ela me disse que Leila fugiu e nem deixou endereço nenhum. Ficou de mandar, depois, dizer onde estava e até hoje nem souberam mais nada dela. Tanto que dona Terresa até declarou que o lugar tinha sido abandonado e já tem uma outra professora aí, ocupando o lugar dela. A servente me pareceu sincera. Acho que ela estava dizendo a verdade.

- SARARÁ - Devia estar. A não ser que elas sejam sócias nas patifarias e estejam querendo ocultar o paradeiro da outra.
- MARGOT - Eu tenho uma impresson diferente, você sabe? Eu acho que elas ignoram, totalmente, as coisas que a outra fazia.
- SARARÁ - Também me parece. Mas também, agora, já não interessa muito a informação da diretora. Já mandemos cartas para os dois endereços que Jacinto nos deu, ela, se ~~xxxx~~ tem e não quer dar, só pode ter esse dois. Que nos adianta?
- MARGOT - Nada, para dizer a verdade. Mas eu vou insistir só para obrigar a ela baixar a grimpá dela de não ir ao encontro marcado e não dar nenhuma satisfação. Viu como a gente falando que sabe coisas da vida das pessoas, elas ficam logo com medo? É assim.
- SARARÁ - Se alguma das nossas cartas foi recebida, dentro de uma oito ou dez dias, no máximo, devemos ter por aí uma resposta.
- MARGOT - Assim que chegar qualquer coisa eu virrei correndo mostrar a você. Se não for dia de visita sabe o que faço? Escrevo um bilhete e boto dentro de um maço de cigarros para o guarda lhe entregar.
- SARARÁ - E se o guarda resolve ficar com os cigarros, como é muito comum? Como é que eu fico?
- MARGOT - Eu trago diversos maços, entende? Embrrulho o seu junto com outras coisas sem importância, e para evitar que eles fucem o seu, já trago, separado um maço para cada um deles de presente. Assim não tem perigo deles cobiçarem o seu e lhe deixarem sem cigarros.
- SARARÁ - Está bem, faça isto, então. Mas se faltarem um ou dois dias para a visita, talvez seja mais garantido esperar.
- MARGOT - Você tem que ~~ficar~~ com ele, assim que vier, para que ele bote Manon para fora de sócia da boate do sobrado e se bote a mim no seu lugar. Você fez isto?
- SARARÁ - Claro que não. Vai ser a melhor maneira de lhe pagar os serviços que está me prestando. E que ela vai cair fora você não precisa ter dúvida. Então eu vou deixar lá, ganhando o seu dinheiro, uma mulher falsa que me fez um serviço destes? Não posso. Não posso e não quero. E ela ainda vai levar uma surra bem dada, por cima, para nunca mais se esquecer de mim.
- MARGOT - Bofetadas! Bofetadas no carro dela, com toda força!...

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

LEOPOLDINA - Quer mais café, seu Rafael? Eu esqueço num instante.

RAFAEL - Não, não Leopoldina, obrigado. Já tomei duas chicanas. Continuei na mesa por causa dos jornais que chegaram ontem de cidade e que eu ainda não tinha lido. Você está vendo este retrato aqui?

LEOPOLDINA - Estou. Espere aí... essa noça não é... não é aquela professora do Grupo escolar que andou por aqui e acabou brigando com o senhor?

RAFAEL - Exatamente. Laila, chamava-se ela. Morreu, num desastre de avião.

LEOPOLDINA - Não diga, seu Rafael!... Que a sua alma repouse em paz, mas eu não faço muita fé. Dizem que era tão má...

RAFAEL - Má, somente? Eu nunca conheci, na minha vida, uma criatura com tantas qualidades negativas. Venenosa... intrigante... cáustica... sórdida... enfim, tudo que havia de ruim ela parece que tinha prazer em cultivar.

LEOPOLDINA - Onde foi o desastre, foi aqui perto?

RAFAEL - Não, não... foi lá para o norte. O avião parece que se destinava a Manaus. Ainda não foram encontrados os destroços, mas a estação que captou os últimos sinais de bordo, dava o aparelho como sobrevoando a selva amazônica. Mesmo que tenha sido sem incendiar-se, o que é muito difícil de acontecer, mais difícil, ainda, será localizá-lo e salvar os sobreviventes, se por acaso existirem.

LEOPOLDINA - Que será que ele ainda estava fazendo, lá tão longe?

RAFAEL - Isso nunca vai se ficar sabendo, mas boa coisa não havia de ser. Ela parece que estava, até, com ordem de prisão de polícia.

LEOPOLDINA - Não diga, seu Rafael!... É mesmo?!...

RAFAEL - Eu não quis comentar nada disto aqui em casa, para que você e Eudoxia não ficassem preocupadas, mas segundo declarações do guarda freios que ~~foi preso aqui em casa, tentando pular o nosso muro...~~

LEOPOLDINA - Eu sei. Aquela que envenenou os cachorros.

RAFAEL - Exatamente. Pois segundo declarações dele, ela era a mandante da tentativa contra mim. Queris vingá-lo de ter sido repeliado e então contratou-o para liquidar minha vida.

LEOPOLDINA - Pois é, e se a Leopoldina aqui não vai na polícia, sem o senhor saber para contar o que estava acontecendo com os cachorros, e esta hora talvez ela estivesse se encontrando com o senhor lá em cima. Mas acontece que a mãe aqui não dorme de touca e contou tudo à polícia. A polícia tomou as providências que o caso exigia e o malvado foi preso. Também..

LEOPOLDINA - (CONTINUAÇÃO) eu e a Eudoxia já não podíamos mais dormir de noite, tal era a nossa aflição. Agora, pelo menos, nós vamos poder dormir descansadas. Esta já não nos incomodará mais.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

DELEGADO - Como é que vai? Vim lhe fazer uma visita.

GUARDA FREIOS - Como é que eu posso ir, preso neste cubículo, sem fazer nada e sem ver ninguém?

DELEGADO - Pois eu, justamente, vim lhe visitar para lhe fazer uma proposta que talvez seja interessante para você. O que é que você pensaria se lhe fosse dada uma oportunidade de regeneração?

G. FREIOS - O que é que eu pensaria? Eu acharia ótimo! Agarraria essa oportunidade com unhas e dentes. Porque seu Delegado eu vou dizer uma coisa que o senhor não sabe: a gente às vezes faz certas coisas pela necessidade... por ver os filhos com fome... a mulher se maldizendo da vida que leva... a casa caindo aos pedaços... as roupas todas em frangalhos... pela miséria, seu delegado, miséria. O senhor sabe o que é miséria? Tomara que nunca saiba. Outras vezes, também, a gente não quer fazer coisas mal feitas e os outros obrigam... ameaçam a gente... empurram a gente... enredam a gente de tal forma que quando a gente quer sair fora, já não tem mais como sair. Ou se entrega... ou morre. E ninguém quer morrer, seu delegado, por mais infeliz que seja e por mais miserável que viva.

DELEGADO - Eu sei. Eu tenho vivido a maior parte da minha vida entre criminosos e conheço bem os que o são por natureza e os que são arrastados pelas circunstâncias. É muito maior o número desses últimos. Por isso, sempre que posso, dou oportunidade a quem queira se regenerar. Você terá essa oportunidade, se quiser, a troco, apenas, de um informação. Vamos a ver se você estará disposto a dá-la.

G. FREIOS - Disposto eu estarei, não tem bronca, resta saber se eu posso dar essa informação, que o senhor quer.

DELEGADO - Acredito que possa. Por que motivo Madame Margot visita tanto Sarará na cadeia? Sabe?

G. FREIOS - A ideia que eu tenho é de que a francesa está fazendo de pomba correio para o Sarará. E digo isto porque ela já veio aqui me visitar e pediu o endereço do nosso chefe que o Sarará mandou me pedir.

DELEGADO - E você forneceu o endereço a ela?

G. FREIOS - Furneci, mas não acredito que ele tenha conseguido comunicar-se com o chefe, porque quando o chefe soube da nossa prisão, deve ter posto o

G. FREIROS - (CONTINUAÇÃO) - pé no fundo que ele não é bobo.

DELEGADO - Mas ele terá sabido da prisão de vocês?

G. FREIROS - A minha não tenho dúvidas. O Sarará deve ter mandado logo contar a ele.

DELEGADO - Pois muito bem, você vai continuar preso aqui, só para constar e vai ficar encarregado de vigiar esse tal Madame Margot, para nos contar qualquer coisa importante que ela se preste a fazer. Estou louco para pegar essa camarada com a boca na botija e dar-lhe um castigo que ela vem merecendo há muitos anos, mas do qual sempre conseguiu se escapar, como raposa velha que é. Se você conseguir realizar o que desejo, dou-lhe, imediatamente, a liberdade total.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

RAFAEL - Você já soube da notícia, por acaso?

SIMONE - Que notícia? Não sei ao que você está se referindo...

RAFAEL - Li, num jornal de ante-onTEM, que Laila morreu num desastre de avião.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

SIMONE - Laila?!... Você tem absoluta certeza, Rafael? Que jornal trouxe a notícia? ~~xxxxxxxxxxxxxxxx~~ Será que você me traz o jornal para que eu possa verificar a exatidão da notícia?

RAFAEL - Posso trazer-lhe o jornal, sim, como não? Agora... verificar você não precisará porque a notícia está bem clara e traz, até, um retrato dela.

SIMONE - Óra!, coitada! Acho que dona Teresa não deve saber de nada, senão teria me falado.

RAFAEL - Eu não tenho pena dela, para lhe falar a verdade.

SIMONE - Rafael, que horror!...

RAFAEL - Não tenho, não. E digo-lhe mais: acho que a sorte foi a coisa melhor que lhe ~~teria~~ acontecer. O mundo está livre de uma pústula!

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.

MARGOT - Hoje trago-lhe duas notícias muito importantes que você vai ficar muito admirado de saber.

SARARÁ - Quais são elas, Margot? Diga. Eu hoje estou precisando de qualquer coisa que me distraia.

MARGOT - Vou começar pela mais simples, para depois contar a mais importante. O guarda irrisos parreos que vai ser libertado.

SARARÁ - Também?! Mas por que? Será que o seu advogado conseguiu-lhe algum habeas corpus?

MARGOT - O que os guardas me informaram foi que o próprio seu Rafael foi falar com o delegado para que o soltasse, por causa da família.

SARARA - Sujeito de sorte! É a outra notícia qual é? A mais importante?

MARGOT - Laila morreu, há três ou quatro dias, num desastre de avião.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

SARARA - É verdade, mesmo? Você tem certeza absoluta? Como é que você sabe?

MARGOT - Eu não vi, mas pessoas que virram o jornal, disseram que até o retrato dela está lá para quem quiser ver.

SARARA - E será que o Chefe estava com ela?

MARGOT - Foi o que eu também perguntei. Disseram que não. Que ela estava viajando sózinha. Quem me falou tudo isto foi o seu Gaspar lá do armazinho, onde eu vou sempre comprar linhas e botões. Ele viu o jornal. Disse que a notícia dizia até que ela era professora.

SARARA - Puxa vida! Mas então agora, se o chefe souber que eu estou neste aperto, ele vem logo me safar. Agora não tem mais mulher para atropelhar a vida dele. O chefe vai ficar triste, hein, mas eu não quero lhe enganar. Vai ser muito melhor pra ele e pra mim.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL. FUNDE COM RELÓGIO DE TORRE, BATENDO DUAS HORAS DA MANHÃ.

G/REGRA - BATIDAS NA PORTA, COM OS RÓS DOS DEBOS.

REGINALDO - Terminou cedo o movimento da boate, hoje. Recem são duas horas da madrugada e a casa já está fechada e com as luzes apagadas...

G/REGRA - REPETE A BATIDA COM A MÃO ABERTA NA PORTA.

REGINALDO - Tocar campinha, a esta hora, não adianta. Menon dorme aqui na frente e a campinha vai tocar lá nos fundos... Ela vai ter uma surpresa enorme ao deparar comigo. Com toda certeza deve estar a pensar que eu ando lá pelo norte e quando menos imagina, entro-lhe eu pela casa a dentro.

G/REGRA - REPETE AS BATIDAS MAIS FORTES E MAIS PROLONGADAS.

REGINALDO - Puxa vida!... Se agora não me ouvirem, sou capaz de ter que ir dormir no hotel, mas não seria nada conveniente. Podiam reconhecer-me amanhã...

G/REGRA - RUÍDO DE ABRIR CHAVE DE PORTA POR DENTRO E TIRAR TRANCA DE FERRO.

REGINALDO - Óra, até que enfim ele ouviu as batidas! Eu já estava começando a desanimar. (PAUSA) Boa noite.

GUARDA - Boa noite. Entre.

REGINALDO - Menon está dormindo? Eu preciso falar com ela.

G/REGRA - RUÍDO DE FECHAR A PORTA COM A CHAVE.

REGINALDO - Estou chegando de viagem e... (TOM BRUSCO) Que é isto? Por que esta arma apontada para mim? Por que?

TÉCNICA - RASAS CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE PARA FINAL DO CAPÍTULO

S O L I D A D

- Novela de Érico Cramer -

61º CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA.

C/REGRA - BATIDAS FORTES E PROLONGADAS.

REGINALDO - Baxa vida!... Se agora não me ouvirem, sou capaz de ter que ir dormir no hotel, mas não seria nada conveniente. Podiam reconhecer-me, amanhã.

C/REGRA - RUIDO DE ABRIR CHAVE DE PORTA POR DENTRO E TIRAR TRANCA DE FERRO.

REGINALDO - Óra até que enfim ela ouviu as batidas! Eu já estava começando a desanimar. (PAUSA) Boa noite.

GUARDA - Boa noite, entre.

REGINALDO - Manon está dormindo? Eu preciso falar com ela.

C/REGRA - RUIDO DE FECHAR A PORTA COM A CHAVE.

REGINALDO - Estou chegando da viagem é... (TOM BRUSCO) Que é isto? Por que essa atitude espontânea para mim?! Por que?!

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL RÁPIDA.

GUARDA - Porque estamos à sua espera para prendê-lo.

TÉCNICA - SEMPRE A VERGASTADA ANTERIOR.

REGINALDO - Mas prender-me por que? Eu fiz alguma coisa que possa justificar essa atitude insólita da sua parte?

GUARDA - Não sei o que o senhor tenha feito. Estou cumprindo ordens. O senhor discutirá, depois o ato com o delegado. E talvez ele possa lhe informar as razões. Entregue seu revolver, vamos.

REGINALDO - Mas eu...

GUARDA - (CORTE VIOLENTO) Entregue o seu revolver, estou dizendo. (PAUSA LONGA) Não pense em escapar que será um homem morto. Tenho ordem para levá-lo vivo ou morto e não o deixarei escapar. Essa é a sua mala?

REGINALDO - Sim. Contem apenas a minha roupa. Espero que a deixem ficar comigo.

GUARDA - É claro. Depois de revistado na sua presença ela lhe será entregue. (TOM) Abra a porta, companheiro. Nós vamos tornar a sair.

C/REGRA - RUIDO DE ABRIR CHAVE E PORTA.

REGINALDO - Para onde me levam?

GUARDA - Para a delegacia. O delegado está lá, desde cedo, à sua espera.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL RÁPIDA.

DELEGADO - Esta é a sua mala? Abra que precisamos examiná-la.

REGINALDO - Contem as minhas roupas, apenas.

DELEGADO - Não importa. Mesmo assim quero revistá-la e na sua presença.

C/REGRA - RUÍDO DE COLOCAR MALA EM CIMA DE MESA E ABRIR A FECHADURA.

DELEGADO - Abra você mesmo e vá tirando as roupas e botando aqui. Ninguém, de polícia, vai tocar no que é seu. Quero apenas ver coisa por coisa.

REGINALDO- (ENTRAREANDO COM PAUSAS O QUE VAI DIZENDO) É mais um terno... outro...

DELEGADO - Examine os bolsos dos ternos, enquanto ele vai tirando as outras roupas.

REGINALDO- Camisa... camisa... camisa... tudo isso aqui é camisa. Nunca viajo com poucas porque não gosto de mandar lavar. (PAUSA) / aqui tenho meias... leggos... gravatas...

DELEGADO - Tire os sapatos e dê ao cabo para examiná-los por dentro. (PAUSA) E essa caixa aí, o que contém?

REGINALDO- Esta caixa é onde eu costume guardar o dinheiro que trago, quando viajo. Ponho um pouco na carteira e o resto... (CORTA, BRUSCAMENTE)

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTÍSSIMA.

REGINALDO- Como?!... Não é possível!... A caixa tinha dinheiro, quando eu saí de casa botei quase todo aqui...

DELEGADO - Está vendo? É por estas e outras que eu faço o dono mesmo abrir. Você já tem que saber que aqui ninguém tirou nada.

REGINALDO- Ué... Este anel... é de Laila...será que... Meu Deus!... Não quero acreditar...

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

REGINALDO- Mas só pode ter sido isto... Eu não me desprezei da mala... todo tempo! É o anel... o anel é a prova... Com certeza... se puxar a mão para fora... Meu Deus, eu não quero acreditar isto... eu não quero...

DELEGADO- O roubo só poderá ter sido feito na sua casa. Talvez uma empregada... o senhor não tem empregada?

REGINALDO- (AÉREO) Não, não... quer dizer... sim, sim, só pode ter sido a empregada é claro! Quem mais faria uma coisa destas? Quem mais?

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

G. PREIOS - Como é que vai, Madama? Vim lhe fazer uma visita.

MARGOT - Visita para mim? Você veio fazer uma visita para Madama Margot? Por quê?

G. PREIOS - Ué! / Madama não foi me visitar, quando eu estava preso? Pois agora eu vim pagar a visita.

MARGOT - Como é que você conseguiu ser solto, você que fez a tentativa de morte do rapaz e o Saravarrá, que não fez nada, continua preso? Como é que se explica isto?

- G. FREIOS - Eu não fui solto, ainda. Estou solto, condicionalmente. Como é não sei. Foi um advogado lá da cidade que esteve aí e me arranjou isto. A ordem veio de lá. O delegado não fez lá muito boa cara mas teve que obedecer.
- MARGOT - Eu vou procurar saber que advogado é este e vou falar com ele parra tirar Sarrarrá. Ele não fez nada, por que motivo está preso?
- G. FREIOS - Ah, não sei. A senhora que é tão amiga dele é que devia saber.
- MARGOT - Se soubesse, não estava lhe perguntando, órra boias! Você vai me dizer o nome do advogado que arranjou isto parra você. Eu quero saber.
- G. FREIOS - E a Madama pense que eu sei? Um dia ele apareceu lá, eu conversei com ele, disse que estava preocupado por causa da minha velha e dos filhos, ele tomou nota de tudo que eu disse e falou assim que ele ia ver se arranjava para eu sair da cadeia. E arranjou, mesmo. Não sai de vez, mas pelo menos estou aqui fora, posso fazer uns servicinhos avulsos e sempre é um dinheiro que arrumo para o sustento dos filhos, mas de noite sou obrigado a ir dormir na cadeia. Todas as noites. E não posso entrar lá depois das dez horas. É condição do delegado.
- MARGOT - Coisa estranha... eu precisava arranjar isto parra o Sarrarrá por um dia só. Já chegava.
- G. FREIOS - Um dia só? Um dia só não adiantava nada para ele.
- MARGOT - É o que você pense. Um dia chegava e ainda sobrava, parra o que nós queremos.
- G. FREIOS - É o que é que a senhora e o Sarrarrá querem? quem sabe eu posso ajudar?
- MARGOT - Não, não... ninguém pode ajudar. Por isto, também, o melhor é não falar no assunto. Vamos deixar assim, por enquanto. Pode ser que, de uma hora parra a outra, o sol brilhe também parra nós!
- TÂNIA - ~~P. SIMONE MURIEL~~
- ~~SARAH~~ - A senhora soube da grande novidade, dona Angela? A célebre Laila morreu num desastre aviário.
- ANGELA - Pois eu ouvi dizer, mas ainda não vi o tal jornal que anda por aí, em prestado para um e para outro. Disse que até o retrato dela traz.
- SARAH - Foi o que me disse o seu Juca, sapateiro. Ele parece que viu o jornal. E a senhora sabe de uma coisa? O tal jornal é do seu Rafael. Ele é que recebeu da cidade, viu e andou mostrando.
- ANGELA - Então Simone deve ter visto, porque ela hoje de manhã ia falar com ele lá na Casa de Dona Clara. Eles continuam trabalhando juntos, embora tenham desfeito o namoro.

- SARAH - Então depois a senhora pergunte a ela e peça para que ela nos consiga o tal jornal emprestado. Assim, também, a gente já fica sabendo mais detalhes. Será que ela vem cedo, hoje? Ou é dia de trabalhos manuais?
- ANGELA - Não, não... acho que ela hoje vem na hora de costume.
- SARAH - E a situação do seu Rafael com a outra? A senhora não sabe de nada?
- ANGELA - Não sei, porque já não falo mais no assunto a Simone. Cansei. Simone é muito exigente nesse particular, eu não posso concordar com ela porque acho que a mulher deve sempre ceder um pouco... assim, para não discutirmos e ficarmos magoadas uma com a outra; eu decidi que excluiria o assunto da minha agenda. E foi a maneira de voltarmos a viver bem, como antes, dentro de casa.
- SARAH - É... também a gente não pode querer que as pessoas se orientem pela cabeça da gente. Cada um tem a sua exatamente para pensar e decidir. Ela não quer ouvir ninguém... acho que o rapaz não gosta dela...
- ANGELA - Agora já não é mais isto, não, dona Sarah. Agora já é porque ela vê que a outra gosta muito dele e faz tudo para conquistá-lo. Se a outra não conseguir nada, pode ser, mas eu não sei, não. Ela é muito simpática... muito riuinha... vive cercando o rapaz por todos os lados... qualquer dia ele se entrega. E aí então, adeus minhas encomendas. Aí mesmo é que Simone nunca mais consegue nada. Eu não sei a quem minha filha saiu assim tão orgulhosa. Palavra que não sei. Eu não fui assim... o pai também não foi e entre os parentes mais chegados eu procuro alguém a quem ela possa ter puxado... e não encontro.
- SARAH - A senhora sabe ou eu não acho que seja orgulho? Tenho a impressão de que é desconfiança. Ela tem medo que ele não goste dela e então, para se certificar, arrisca todos os trunfos. Mas esse jogo é perigoso. Às vezes o jogador se sai mal com ele.
- ANGELA - Cansei de dizer isto a ela... agora não digo mais. Quer bater com a cabeça na parede? Bate. Depois chora pela dor da batida, mas bate.
- SARAH - Agora tem uma coisa, dona Angela: eu acho que a outra não está procedendo direito. Ela sabe que Simone gosta dele porque eu já disse. Portanto... por que não deixaste de dar as cima dele?
- ANGELA - Porque Simone jura para ela, a pés juntos, que não gosta e não tem nada com ele. A moça não tem culpa. A culpa cabe, exclusivamente a Simone. Mas é ela que quer assim... deixa.

TÉCNICA - PRESSÃO MUSICAL.

LOCUTOR - MENSAJES COMERCIALES

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

REGINALDO - Já ouvi dizer que a senhora está fazendo a boa Samaritana, visitando a todos que são presos. Por que? Fez alguma promessa?

MARGOT - Não. É que tenho sempre muita pena das pessoas que são presas injustamente, como aconteceu com o Sarrarrá e agora com o senhor. Deve ser uma coisa horrível.

REGINALDO - Não é agradável, realmente, mas como é que a senhora pode saber se fui preso justo, ou injustamente?

MARGOT - O senhor não sei, mas o coitado do Sarrarrá não fez nada. Por isso imagino que também o senhor não tenha feito.

REGINALDO - Sarrarrá já sabe que estou preso?

MARGOT - Não sei porque hoje não posso falar com ele. Não me deixam ir numa cela e depois na outra. Agora só posso visitar Sarrarrá na próxima visita. Aí é que vou dizer parra ele. Antes não.

REGINALDO - Ele vai ficar desesperado. Toda a sua esperança está nas providências que imaginou que eu tomaria. Pode ser que Laila, dando falta de mim, se resolve a vir até cá e possa nos ajudar.

MARGOT - Laila?!... O senhor disse Laila?!... Acha que ele poderá vir até cá?!...

REGINALDO - Claro. Por que não? Pensa que ela não teria coragem para tomar uma atitude destas? Laila é uma pessoa muito corajosa!

MARGOT - Mas ela morreu!

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL. O MÁXIMO DA VIOLENCIA.

MARGOT - (DEPOIS DE PAUSA LONGA) Não sabia que Laila morreu?!...

REGINALDO - Não é possível!... A senhora está dizendo isto para me torturar. Laila morreu como? Onde? Quando?!...

MARGOT - Morreu de um desastre de avião! Existe até na jornal que botou o retrato dela! O senhor não sabia? Já faz uns três ou quatro dias que isto aconteceu. Eu vou ver até se arranjo emprestado o jornal que estou lhe falando... (CORTE) (que é isto? O senhor... o senhor está chorando?)

REGINALDO - Estou. Mas não é pela morte dela, acredite. É pela decepção que ela me deu, antes de morrer. Com certeza... ia fugindo de avião... quando se deu o desastre... Foi Deus, com certeza... foi Deus!...

MARGOT - Estou muito pensativa do que está acontecendo... eu não sabia... jurro que não sabia. Do contrário não teria tocado neste assunto.

REGINALDO - Não faz mal, não. Foi bom, até. Dizer que Deus escreve direito por linhas tortas... eu tenho a impressão de que foi isto, realmente, que aconteceu.

DELEGADO - Você foi visitar a francesa? Que foi que conseguiu arrancar dela?

G. FREIOS - Nada, por enquanto. A francesa é vivaracha. Deí dois ou tres toques no assunto, mas ela saiu fora. Ache que o negócio vai ter que ser feito na base da paciência. Devagarinho e sempre.

DELEGADO - Não importa. O principal é chegar-se a um resultado positivo. Sabe que ela já foi visitar o outro?

G. FREIOS - Ela deve ter alguma coisa com eles, ou então está pretendendo alguma coisa. Essa francesa é matreira... não prego prego sem estopa.

DELEGADO - Eu agora vou modificar a minha tática. Vou deixar de dificultar as visitas dela, para ter mais campo de ação. Vou, inclusive, deixar que ela visite os dois no mesmo dia, coisa que eu não estava permitindo.

G. FREIOS - E eu tambem vou visitar essa Madama mais seguido que assim, de repente, ela se abre e me dá as tintas.

DELEGADO - Isso. Vamos iniciar uma ação conjunta, para ver se conseguimos apanhá-la com a boca na botija. Eu estou louco para cobrar a conta dessa francesa! É cobre. Pode demorar, mas cobre.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

LUZA - Eu estive sabendo de novidades que vão lhe deixar com a boca aberta. Nada no Margot. Ache que estive mais de uma hora no dentista, ouvindo as coisas que ele contou. A senhora sabe quem fugiu da vila?

MARGOT - Não vá me dizer que foi o Sarrarrá que eu vou ficar furiosa da vida.

LUZA - Não foi o Sarará, mas a senhora vai ficar furiosa do mesmo jeito.

MARGOT - Entao foi Reginaldo?

LUZA - Não. Foi Manon.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

MARGOT - Manon?! Foi Manon que fugiu?! A Manon da boate do sobrado?!

LUZA - Ela mesma. Não existe outra Manon aqui; existe?

MARGOT - Grandissíssima ordinária! Por que fugiu? Decerto não tinha dinheiro para pagar o que devia e deu o forra, deixando todo mundo na mão.

LUZA - Não. Disse que vendeu a boate para um grupo da cidade...

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE

MARGOT - Não!...

LUZA - Verdade, sim. Disse que vendeu a boate muito bem vendida, recebeu o dinheiro e foi gozar a vida. Alguns dizem que embarcou para a Europa, outros dizem que foi para a America do Norte, mas a verdade é que ela foi embora. E disse que a boate reabre na próxima semana, terça ou quarta feira.

TÉCNICA - VERGABADA MUSICAL PORTE.

MARGOT - Aquela ordinária!... Aquela desgraçada!... Fugiu, antes que eu tivesse tempo de ver o Sarrarrá dar bastantes bofetadas na carra dela. Bofetadas com toda a força, de deixar a carra inchada!... Eu que esperrei tanto por este momento... nem vou chegar a ter este gosto!...

TÉCNICA - VERGABADA MUSICAL

JOANA - Dona Tereza, a senhora vai ficar de boca aberta de saber uma coisa que eu vou lhe contar. Eu nem queria acreditar, quando se disseram.

TEREZA - Da morte de Laila eu já sei. Que a terra lhe seja leve. Se a alma não prende fogo, a esta hora ela deve estar no inferno.

SIMONE - Coitada, dona Tereza! Vamos esquecer as coisas que ela fez e pensar nela com menos amargura.

TEREZA - Não posso. Faço todo o possível para não pensar mas parece que há uma força que me arreata o pensamento até onde ela possa estar. Mas afinal nós desviamos o assunto e Joana não disse o que ia dizer.

JOANA - Fiquei sabendo, hoje, que seu Reginaldo voltou e foi preso, de chegada.

TEREZA - É verdade, Joana? Quem foi que lhe disse?

JOANA - Um cabo da guarda que é muito meu camarada. Disse que ele chegou, foi direito à boate do sobrado, mas já tinham lá dois guardas à sua espera e logo o prenderam.

SIMONE - Será, então, que Laila vinha ao encontro dele? É possível que fôsse.

JOANA - Não. O que o guarda me contou é que ela ia fugir dele. Ia aproveitar a ocasião do seu afastamento para dar um fora definitivo no bobulhão.

TEREZA - É será que ele já sabe da morte dela?

JOANA - Sabe. O cabo me falou que a franceza foi lá visitar ele e contou. Disse que o homem ficou de um jeito que dava pena.

TEREZA - Ele tinha paixão por ela. Nunca vi um homem tão alucinado por mulher alguma. Era uma coisa de louco. Aquela mulher nunca me entrou. Eu fico va apavorada cada vez que ela vinha aqui no Grupo procurar Laila. Cheguei a pedir a ela que não o recebesse aqui. Que combinasse um outro qualquer lugar e fosse encontrá-lo. Ele até nem ficou muito satisfeito comigo por causa disto. Mas afinal porque motivo o prenderam?

JOANA - Pois me disse o cabo que ele e o tal de Sarrarrá eram sócios e que além de uma série de negócios excusos, tinham sido envolvidos numa xarixante tentativa de roubo ou assassinato, não me lembro bem.

SIMONE - Você está aí falando e não me sei a coitada da Laila da cabeça. Sabe ou não se estava pensando? Que nós podíamos mandar rezar uma missa por ela.

TEÓFILA - Se quiser fazer isso, faça, mas comigo não conte.

JOANA - Comigo também não. Rezarei a Deus para que a perdoe e tenha piedade dela, mas gastar meu dinheiro com missa, para falar a verdade acho que não vale a pena. É gastar cera com mau defunto.

SIMONS - Está bom, se ninguém quer, eu sózinha também não farei. Deus sabe que tive esta intenção e se a intenção pode valer alguma coisa que reverta em favor do meu pobre sina!

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

SARARÁ - Será que você me traz, hoje, alguma notícia animadora? Eu já estou cansado de esperar, Margot.

MARGOT - E eu também cansada de procurar uma maneira qualquer de conseguir a sua liberdade, ou então... (BAIXA O TOM) a possibilidade da sua fuga. Mas hoje... hoje eu estou desolada com as notícias que lhe trago. Verdaderamente desolada!... Sem duas e cada qual pior uma do que a outra.

SARARÁ - Será possível, Margot? Há quasi quinze dias que espero uma notícia boa e você não me traz?

MARGOT - Como não? Você não ficou contente de saber que Laila tinha morrido no desastre? Não disse que agora seria melhor para você paiz e outro?

SARARÁ - Disse e penso, realmente, porque Laila sempre atrapalhava um pouco os planos de gente. Era sempre ela quem dava a última palavra e às vezes a última palavra não era a palavra certa. Era muito absoluta e o chefe ia muito por ela.

MARGOT - Pois é, mas também não adiantou muito ela ter morrido porque agora, nem que ele queira, não poderá fazer nada por você, Sarará.

SARARÁ - Como assim? Por que?! Não vá me dizer que ele também morreu.

MARGOT - Não morreu mas está preso, Sarará.

TÉCNICA - VERGASTADO MUSICAL FORTE DE GRANDE SUSTO.

SARARÁ - Preso?!... Reginaldo foi preso?!... Onde.

MARGOT - Nesta mesma prisão onde você está!

TÉCNICA - EXPLOSIONE MUSICAL FORTISSIMA, FUNDE COM CARACTERÍSTICA MUSICAL PARA ENCERRAMENTO DO CAPÍTULO.

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

MARGOT - Você não ficou contente de saber que Laila tinha morrido no desastre? Não disse que agora seria melhor para você e para o outro?

SARARÁ - Disse e penso, realmente, porque Laila sempre atrapalhava um pouco os planos da gente. Era sempre ela quem dava a última palavra e às vezes a última palavra não era a palavra certa. Era muito absoluta e o chefe ia muito por ela.

MARGOT - Pois é, mas também não adiantou muito ele ter morrido porque agora, nem que ele queira, não poderá fazer nada por você, Sarará.

SARARÁ - Como assim?! Por que?! Não vá me dizer que ele também morreu.

MARGOT - Não morreu, mas está preso, Sarará!

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE, DE GRANDE SUSTO.

SARARÁ - Preso?!... Reginaldo foi preso?!... Onde?!...

MARGOT - Nesta mesma prisão, onde você está?!...

TÉCNICA - REPETE A VERGASTADA ANTERIOR.

SARARÁ - Nesta mesma prisão?! Mas então... então ele recebeu minha carta e ~~vinha~~ vinha em meu auxílio. Você tem certeza do que está me dizendo, Margot?

MARGOT - Certeza absoluta! Estive na cela dele, conversando com ele, no último dia de visita. Foi por isto que não estive aqui com você.

SARARÁ - Eu pensei que você tivesse ido visitar o guarda freios e por isso não tivesse vindo.

MARGOT - O guarda freio está solto. Condicionalmente, mas está solto. Eu até quero saber qual foi o advogado que conseguiu isto para ele que eu vou falar para conseguir também para você. Mas ele não sabe o nome do advogado.

SARARÁ - Margot... essa prisão de Reginaldo e a saída do guarda freios, estão me deixando muito desconfiado. Uma coisa não terá relação com a outra?

MARGOT - Não me parece, em todo o caso a gente não pode confiar muito. A prisão de Reginaldo, na minha opinião e na dele, foi produto de uma denúncia da própria Laila. Eu cheguei a esta conclusão por umas coisas que ele disse baixinho, quando soube que ela tinha morrido no avião. E fui eu que disse para ele, imagine. Ele não sabia, quando eu fui fazer a visita.

SARARÁ - Quando é que você vai voltar a falar com ele?

MARGOT - Penso que no próximo dia de visita que é no sábado que vem, ainda.

SARARÁ - Vou escrever um bilhete para você dar um jeito de entregar a ele.

- MARGOT - Nem vai ser fácil, porque a gente todo tempo é observada pelos guardas, que ficam rondando. Você vê que nós estamos conversando e Ele, a todo momento, chega na grade e olha para dentro, mas eu vou dar um jeito, pode deixar. Quando que você vai escrever?
- SARARÁ - Durante a noite, quando todos estiverem dormindo. Na próxima visita entrego a você e você, na visita seguinte entrega a Ele. Combinado?
- MARGOT - Combinado. Mas agora deixe eu lhe dizer a outra notícia que eu ainda não lhe disse.
- SARARÁ - Puxa vida! É verdade. Ainda tem outra notícia ruim. Qual é ela?
- MARGOT - A descarrada da Manon fugiu de Lagoa Parrada. Foi embora.
- TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.
- SARARÁ - Bem... foi realmente uma notícia terrível para mim, mas a verdade é que eu já estava esperando por ela.
- MARGOT - Esperrando?! Você disse que já estava esperrando?! E então por que não fez alguma coisa para impedir a fuga dela?
- SARARÁ - Como é que eu podia fazer, preso aqui nesta droga, sem poder falar com ninguém a não ser você, duas vezes por semana?
- MARGOT - Mas o pior de tudo você ainda não sabe. Ela vendeu a boate.
- SARARÁ - Isto para mim não foi o pior. O ~~pior~~ pior foi nos abandonar ao nosso próprio destino.
- MARGOT - (QUEIMADA) Não foi o pior para você, mas foi para mim. Sabe que ela vendeu para um grupo da cidade que vai reabrir a boate na próxima semana? Você vê o prejuízo que eu vou ter?
- SARARÁ - Não faz mal, não, Margot. Deixa o barco correr. Um dia é da caça, o outro do caçador. Eu juro a você que o dia que sair desta droga vou virar o mundo inteiro de ponta a ponta e vou encontrar aquela cachorra. E aí, nesse dia, ela me paga a mula roubada. Ah se me paga!
- MARGOT - E você vai dar bofetadas na carra dela? Eu quero que ela apanhe bofetadas bem fortes.
- SARARÁ - Vai apanhar. Pode ficar bem certa que ela vai apanhar.
- MARGOT - Pensa que eu não vou ver, mas se souber que ela apanhou já vou me sentir muito feliz!
- TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL
- DELEGADO - Como é que a mulhersinha o recebeu?
- G. FREIOS - Mais ou menos. Não fez muito boa cara, não. Ela parece que está um pouco desconfiada de mim. Quer saber qual foi o advogado que conseguiu a ~~minha~~ liberdade condicional para mim, mas eu disse que não sabia o nome.

- DELEGADO - Você podia ter dito qualquer nome que ela procurava e não achava.
- G.FREIOS - Pois é, mas no momento, assim, não me lembrei. Disse que era da cidade, que tinha me encontrado por acaso, que eu lhe contei que tinha mulher e filhos e que ele ficou condoído de mim e disse que ia procurar fazer alguma coisa. De repente, quando eu menos esperava, o homem fez mesmo.
- DELEGADO - É, você arranjou uma história bem razoável. Mas ela não lhe adiantou nada a respeito de nenhum dos presos que costuma visitar?
- G.FREIOS - Nada. Quando eu procuro falar neles ela vai despistando e levando a conversa para outro lado. Raposa velha a gente não pega com facilidade, não, seu delegado.
- DELEGADO - Pois é, mas nós temos que dar um jeito de pegar esta. Quem sabe você propõe a ela um plano de fuga para os dois? Eu deixaria que eles escapassem se refugassem na casa dela e depois apanharia os três. Aí eu estava contente.
- G.FREIOS - É... pode ser que assim o negócio dê resultado.
- DELEGADO - Vai dar, sim, você vai ver como vai dar. Agora deixe passar uns dois ou três dias e volte lá. Aí você, apianadamente vai sugerindo o plano para ver como ela reage. Se a reação for favorável, você entra de sola e faz logo a proposta.
- TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL
- RAFAEL - Pensei que você não viesse aqui à secretaria hoje de manhã. Estou à sua espera há mais de uma hora.
- SIMONE - Estamos com várias crianças gripadas e eu andei dando uma volta pela enfermaria e me atrasei. Um não queria, por nada, deixar botar o termômetro e eu resolvi conseguir. Levei uma hora quasi, mas botei. E foi bom, porque ele estava com febre alta, já tomamos todas as providências.
- RAFAEL - Logo hoje que eu... que eu tinha pensado em tanta coisa, para lhe dizer.
- SIMONE - Por que não diz? Será possível que em meia hora ou quarenta minutos que eu ainda tenho para ficar aqui você não possa dizer tudo que quer?
- RAFAEL - Talvez não possa. Sabe? Às vezes... são tantas as coisas que a gente pensa em dizer que até poder ordená-las... vai um tempo enorme...
- SIMONE - Por que não faz uma súmula, abandonando os preâmbulos e as considerações e não se limita a dizer apenas o essencial. Aquilo que verdadeiramente interessa? Tem qualquer dúvida a respeito da casa? De algum dos seus serviços ou de alguma das pessoas que nela servem?
- RAFAEL - Não, não... absolutamente... não se trata disto. O assunto que desejo tratar não tem nada a ver com a casa. É completamente diferente.

SIMONE - Bem, então não deve ser assunto de urgência e como agora dispomos de muito pouco tempo, seria preferível que o aproveitássemos para decidir algumas questões da casa que não devem ser proteladas. Quer me fazer o favor de ver o total das despesas da semana passada e o que ainda nos falta pagar? Isso, para mim, é mais importante que tudo!

RAFAEL - Está bem, Simone eu compreendi. Aqui tem o total das despesas e o que ainda nos falta saldar.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

MARGOT - Então, como se sente hoje? Um pouco mais animado?

REGINALDO - Como posso me sentir, depois de tudo que me tem acontecido? A impressão que tenho, em certas horas, é de que o mundo desabou sobre a minha cabeça. Você já sentiu alguma vez essa impressão?

MARGOT - Uma vez, não. Muitas vezes. Todas as vezes que amei e fui ludibriada. A última, ainda me lembro muito bem. Foi com um rapazinho de vinte dois anos. Estava triste, muito triste, porque desejava ser alguma coisa na vida e não tinha maneiras de estudar. Então eu dei tudo para ele; tudo! Esqueci todos, livros, roupas, pensou na cidade, amor, carrinho, dedicação! Um dia ele se formou. Estava já com vinte seis anos. Preparei toda a festa na minha casa e fiquei esperrando. Ele não quis que eu fosse lá por causa dos colegas. Esperei a noite toda e ele não apareceu. No dia seguinte fui procurá-lo e ele havia fugido como um ladrão que foi da minha boa fé. Não posso lhe dizer o que sofri. Não posso. Eu queria segurar as lágrimas e não adiantava. Elas caíam da mesma maneira, dia e noite dos meus olhos. Por isso tenho os olhos assim empapuçados como o senhor vê. Antes não erram. Meus olhos erram bonitos, muito bonitos. Mas quando se chorra tanto, acabam ficando assim.

REGINALDO - Eu tenho roubado muito na minha vida. Muito mesmo. Dinheiro... ações... joias... gado... muita coisa já roubei e também já muitas vezes fui roubado. Nada nos dói tanto como quando nos roubam a confiança e a alegria de viver!... Não é o dinheiro perdido que eu lamento. Não é a mulher que vivia ao meu lado e fugiu para sempre que eu ~~me~~ pranteio. O que sinto verdadeiramente, mais que tudo, é o terrível desencanto que ela deixou no meu coração, em lugar da saudade!...

TÉCNICA * PASSAGEM MUSICAL

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

REGINALDO - Nada nos dói tanto, como quando nos roubam a confiança e a alegria de viver!... Não é o dinheiro perdido que eu lamento. Não é a mulher que vivia no meu lado e fugiu para sempre que eu pranteio. O que sinto, verdadeiramente, mais que tudo, é o terrível desencanto que ela deixou no meu coração, em lugar da saudade!

MARGOT - Eu sei... eu sei... eu compreendo!... Mas o senhor é moço, ainda poderrá muito bem refazer sua vida. O tempo vai passando e apaga as dorres que a gente sente. E entom volta o desejo de se tornar a sentir o gosto da felicidade. E a espperrança, que parecia ter sido arrancada com raiz e tudo, volta a florir no coração da gente. (TOM) Segurre depressa este bilhete que lhe mandou o Sarrarrá. Veja se dá um geito de ler que na próxima semana eu vou fazer outra visita a ele e já lhe digo alguma coisa.

REGINALDO - (TOM) Pare-se bem na minha frente e fique falando alto todo o tempo, até que eu possa tomar conhecimento do que éle me diz.

MARGOT - (ALTO) Quando eu era menina, morrava em Toulon, mas depois minha mãe morreu da chifrrada de uma vaca e meu pai me mandou parra a casa de minha tia em Avignon. Lá foi que eu me erriei e fiquei mocinha. Tinha um namorradão. Ele se chamava François. Era um garçon très gentil. Tinha uns olhos prretos... brrilhantes...um corpo esguio... elegante... Um dia François foi visitar uns parrentes que tinha na Espanha, em São Lourenço do Escorial, se entusiasmou tanto com as torradas que acabou ficando por lá e se fez torreira. Morreu também de uma chifrrada. Aí eu me casei com Monsieur Vincent, prrôprrietárrrio de um pecueno hotel em Marseille e fui ajudar meu marido em seu ttrabalho. Ele morreu pouco tempo depois...

REGINALDO - De uma chifrrada também?

MARGOT - Nom, nom... ele morreu de uma infecçom num dedo. Aí eu vendi o hotel e vim emborra parra o Brrasil.

REGINALDO - Chega. O que contou de sua vida já foi suficiente para que eu tomasse conhecimento do bilhete de Sarará. Quando você tornar a vê-lo diga a éle que eu vou procurar dar um geito para que ao menos um de nós possa sair daqui. Eu tenho comigo o endereço do Pé de Ferro. É um dos meus homens de confiança. Precisarei que alguem vá procurá-lo e pedri-lhe que venha para cá. A senhora será capaz de fazer isto para nós? (PAUSA) Garanto-lhe que não há de se arrepender.

MARGOT - Vamos ver. Você me dá o endereço e depois eu vou ver como serrá possível falar com éle.

SARAH - Mano, eu sei que você não deseja se meter nos assuntos sentimentais de Simone, mas também não me parece lícito que você, na qualidade de seu confessor e guia espiritual, permita que ela esteja dando, como está, um tamanho pé na sorte. Ela ouve muito a sua opinião; você devia chamar a atenção dela que o orgulho em excesso é reprovável e Deus não gosta.

DEMETRIO - Mana, talvez você tenha razão no que está dizendo. Talvez eu não deva, realmente, excusar-me de participar de um assunto tão importante e ~~que~~ no qual está em jogo a felicidade de uma das minhas melhores paroquianas, mas acontece que as poucas vezes em que tenho tentado dizer-lhe alguma coisa, por pequena que seja, ela logo procura um outro assunto, para tentar desviar a minha atenção. Aí me parece não ser delicado continuar insistindo.

SARAH - Mano, isso já se tornou uma obsessão no espírito de Simone e para que ninguém a desconvença, ela não permite ^{que quem quer que seja} ~~a ninguém a~~ participação no assunto. Você não deve, portanto, esperar qualquer oportunidade, porque ela não lhe dará. Assim, na primeira ^{oportunidade} ~~oportunidade~~ em que esteja só com ela você deve entrar direto no assunto sem que ela tenha tempo de fugir. E diga-lhe tudo de sópetão, sem que ela tenha tempo de contradizê-lo. Mesmo que na hora as suas palavras não tenham maior significação para ela, mais tarde, quando ela pensar nas coisas que ouviu, talvez consiga despertar dessa obsessão e se deixar levar para o caminho certo.

DEMETRIO - Sabe que eu já havia pensado em fazer isto, mana? Depois fiquei a pensar, comigo mesmo, si me caberia o direito de intrometer-me onde não era desejado e perdi um pouco o entusiasmo pela façanha que estava disposto a realizar.

SARAH - Não sei porque. Não vejo razão nenhuma para você perder o entusiasmo de fazer o bem a uma pessoa que está se maltratando e sofrendo pelo seu orgulho desmedido. Deixar que um sentimento negativo continue a arrastá-la para o erro é que não está certo. Você não só deve interceder, como tem obrigação de fazê-lo. É a mesma coisa que eu ver uma criança correr para um abismo e deixar que ela caia, sem fazer um gesto para salvá-la. Está certo? Não está. A minha obrigação é impedir a sua queda. Assim, me parece que a sua obrigação, no caso é a mesma.

DEMETRIO - É sim... você tem razão. Possivelmente esta semana, ainda, eu procure falar com ela. Que Deus me inspire para que eu possa ser bem sucedido.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.

MARGOT - (ALEGRE) Órra seja bem-vindo! Nem esperrava receber sua visita no dia de hoje, jurro.

- G. FREIOS - Eu também não esperava vir aqui hoje, mas acontece que tive que ir ali no ferreiro encomendar duas dobradiças grandes para uma porta que estou fazendo e quando ia me embora olhei para cá e me lembrei. Disse comigo: deixa eu ir até lá para ver como vai a Madama.
- MARGOT - Você até parece que adivinhou que eu queria falar com você.
- G. FREIOS - Ah é? Então foi um anjo que me trouxe aqui. O que é que a senhora queria?
- MARGOT - Eu precisava descobrir um homem chamado Pé de Ferro para falar com ele um assunto muito importante. Mas precisava mandar lá uma pessoa que fosse de confiança e não contasse para ninguém que mandei chamá-lo. Você deve estar precisando de dinheiro, não é verdade?
- G. FREIOS - E como, madama, e como?! Sabe lá o que são cinco crianças para comer? E a gente sem nada fixo, fazendo biscates? É fôgo, madama, é fogo!
- MARGOT - Pois eu vou lhe dizer que lhe pagarei muito bem se você quiser ir lá onde ele mora, para levar-lhe um bilhete que eu vou escrever. (PAUSA) E entom? O que é que você me responde?
- G. FREIOS - Quando é que a senhora precisa desse serviço? Tem muita pressa?
- MARGOT - Muita pressa, sim. Eu precisava que fôsse o mais depressa possível.
- G. FREIOS - Eu pergunto porque não posso ir antes de terminar a porta que estou fazendo e acho que ainda levo uns dois dias para ~~ia~~ que ela fique pronta.
- MARGOT - Bem... si não há outro remédio, eu esperro os dois dias, mas se pudesse ir amanhã seria o ideal para mim.
- G. FREIOS - Não, amanhã não vai dar. Antes de depois de amanhã é impossível.
- MARGOT - Está bem. Entom você passa aqui na minha casa, assim que tenha terminado o seu serviço. Combinado?
- G. FREIOS - Passo, sim. E agora eu vou andando porque quem está com interesse de terminar logo o ~~meu~~ serviço sou eu.
- TÉCNICA** - PASSAGEM MUSICAL
- LUSA - Ué, uma carta para mim? Quem será que se lembrou de me escrever? Acho que nem conheço esta letra. ..
- G/REGRA** - RASGAR ENVELOPE PARA ABRIR E TIRAR UM PAPEL DE DENTRO, DESDOBRANDO-O.
- LUZA - Luza, minha amiga inesquecível.
- MANON - (FILTRO) Desde que cheguei aqui tenho pensado em escrever-te, mas até que se instalasse e sondasse os meios artísticos para ver as possibilidades que poderíamos ter, até que conhecesse um certo número de amigos que me pudessem ajudar ou pelo menos indicar certas coisas, o tempo foi passando e a carta foi ficando cada vez mais atrasada, mas podes acreditar

MANON - (CONTINUAÇÃO) - Eu não fui porque tivesse me esquecido de ti ou da promessa que te fiz de mandar buscar-te, desde que achasse que terias aqui melhores probabilidades do que aí. Na boate onde estou trabalhando poderei conseguir um lugar de taxi-girl para ti com quarto independente, ordenado fixo e uma comissão de dez por cento na produção que fizeres. Como tenho sido muito bem sucedida, acredito que o mesmo possa te acontecer. Se precisares de algum dinheiro para as despesas de viagem e para melhorar um pouco a apresentação, manda-me dizer que estarei pronta a adiantá-lo.

LUZA - (LENDO) - Aguardo em breve uma resposta tua e abraço-te com muita saudade. Manon. Post-escritum: a cidade é muito bonita e muito movimentada. Tenho certeza de que te agradará. Manon. (PAUSA) Ela não se esqueceu mesmo. Será que eu me arrisco? Vamos ver. Vou esperar mais um dia para decidir e responder.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL

G.FREIOS - Então o senhor acha que eu devo aceitar a proposta que a Madama me faz?

DELEGADO - É claro. Está aí a oportunidade que tanto desejávamos. Aceite, sim. Recolha o bilhete, traga-o aqui para que se tome conhecimento dele. Muda-se o envelope, manda-se alguém imitar a letra no subscrito e você vai cumprir diretamente a missão que lhe foi confiada. Depois é só seguir de perto o tal de Pé de Ferro e o resto do plano a gente estuda depois. O essencial é pagá-lo aqui, na casa da Madame Margot.

G.FREIOS - Se a gente soubesse que os dois fugindo se escondiam na casa dela, era uma beleza, porque aí sim ela não tinha como se desculpar.

DELEGADO - Jacinto! Você sabe que me deu uma ideia e tanto?! Isso mesmo. Com toda a certeza esse tal de Pé de Ferro já virá se hospedar com ela. Quando eles tiverem realizado o plano de fuga - o qual nós seremos os primeiros a facilitar - se forem inicialmente para a casa dela está tudo arranjado, certinho como nós queremos. Mas também pode acontecer deles fugirem e botarem logo o pé na estrada.

G.FREIOS - Nesse caso é só mandar bloquear os dois únicos caminhos que têm para se sair de vila e atascar todo carro que passar. Assim também eles não poderão fugir.

DELEGADO - Eu sei. Mas aí eles podem reagir e eu não queria arriscar os meus homens. Mas não tem solução. É isto mesmo que deve ser feito. Vá lá na franqueira hoje mesmo e diga-lhe que aceite a missão.

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE PARA FINAL DO PROGRAMA DO CAPÍTULO.

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA.

- DELEGADO - Com toda certeza esse tal de Pé de Ferro já virá se hospedar com ela. Quando eles tiverem realizado o plano de fuga - o qual nós seremos os primeiros a facilitar - se forem inicialmente para a casa dela, está tudo arranjado, certinho como nós queremos. Mas também pode acontecer deles fugirem e botarem logo o pé na estrada.
- G. FREIOS - Nesse caso é só mandar bloquear os dois únicos caminhos que têm para se sair da vila e atacar todo carro que passar. Assim, também eles não podem fugir.
- DELEGADO - Eu sei. Mas se eles podem reagir e eu não queria arriscar os meus homens. Mas não tem solução. É isto mesmo que deve ser feito. Vá lá na francesa hoje mesmo e diga-lhe que aceita a missão.
- G. FREIOS - Mas eu disse a ela que antes de amanhã o meu trabalho não estaria pronto e eu não poderia ir.
- DELEGADO - Não importa. Diga-lhe que trabalhou a noite toda para que o serviço fizesse ficasse pronto e você pudesse servi-la. Ela não disse a quem é que você vai procurar, onde é?
- G. FREIOS - Não. Ela só disse que precisava que eu fosse procurar um tal Pé de Ferro lá onde ele mora, mas não me disse onde era. Disse que eu precisava de uma pessoa de confiança para levar-lhe um bilhete que ela ia escrever.
- DELEGADO - Pois então vá lá, pegue esse bilhete e traga aqui, antes de entregar. Entendido?
- G. FREIOS - OK. E o dinheiro que ela vai me dar? Posso pegar também?
- DELEGADO - Claro. Tanto mais que, se você não pegar, ela pode desconfiar de você.
- G. FREIOS - Eu acho que vou ter que viajar. Pelo jeito que ela falou...
- DELEGADO - Não importa. Vá onde ela lhe disser, entregue o bilhete que ela mandou e assim que puder voltar, venha falar comigo antes de se apresentar a ela. Se por acaso ela chamar o tal de pé de ferro para vir aqui, procure saber quando é que ele vem e como. Finja que é para procurar protegê-lo, entende? Pode até combinar um encontro com ele em casa da francesa, num dia e numa hora certa. Ainda fica melhor.
- G. FREIOS - OK. Vou passar lá em casa pra deixar algum dinheiro pra mulher e, em seguida, vou procurar a gringa pra receber as ordens dela e dizer ao senhor.

C/REGRA - CAMPAINHA DE PORTA DE RUA TOCA DUAS VEZES.

MARGOT - Quem serrá a esta horra da tarde? É uma horra que nunca aparece ninguém aqui em casa...

LUSA - (AFASTADA) Quer que eu veja quem é, Madame Margot?

MARGOT - Faz favor, Lusa. Se for alguma visite parra mim diga que eu sai, porque non posso aparecer assim com a cabeça cheia de papelotes.

C/REGRA - PASSOS DE UMA CERTA DISTANCIA QUE AINDA MAIS SE DISTANCIAM. PORTA QUE ABRE, COM CHAVE, AFASTADA.

MARGOT - (MONOLOGO) Esta horra é uma horra de mau gosto parra alguém fazer visitas. Primeiro porque é quasi horra de jantar e depois porque a gente, nesta horra, está se prreparrando parra a noite. Tem que tomar banho... mudar o vestide, que non pode sér o mesmo que se andou todo o dia... tem que se arrumar o cabelo...

C/REGRA - PASSOS DE LUSA QUE SE APROXIMA.

LUZA - (2º PLANO) Madame, está aí um homem que disse que a senhora mandou que ele viesse, para fazer um serviço urgente que a senhora precisa.

MARGOT - Um homem parra fazer um serviço urgente? Non disse quem era?

LUZA - Ele falou que eu dissesse para a senhora que é o Guarda Frios Jacinto.

MARGOT - Ah, sim, sim, eu sei quem é... Diga a ele que pode entrar.

LUZA - (AFASTADA) Sim senhora.

C/REGRA - PASSOS DE 2º PLANO PARA MAIS LONGE AINDA.

MARGOT - Que bom que ele veio. Eu já estava aflita que chegasse o dia de amanhã, parra saber a resposta, assim, quando chegar amanhã lá na cadeia, já posso dizer a Reginaldo que arranjei uma pessoa de confiança, si é que ele vem me dizer que aceitou o serviço, non sei...

G. FREIOS - Dá licença, Madama?

MARGOT - Entre, Jacinto e feche a porta, por favor, parra podermos conversar melhor.

C/REGRA - FECHA PORTA EM 2º PLANO. PASSOS DE JACINTO SE APROXIMAM.

MARGOT - Non esperrava você hoje, mas foi bom. Que resolveu, afinal?

G. FREIOS - Pois eu vim dizer para a Madama que trabalhei a noite toda, só para terminar mais depressa o meu serviço e poder fazer o seu.

MARGOT - Entom está ótimo! Amanhã eu vou visitar uma pessoa e buscar o bilhete que ela quer mandar ao Pé de Ferro, que é um homem que eu non conheço, mas que você precisa descobrir parra ganhar um bom dinheiro, entendeu?

G. FREIOS - Entendi, sim, Madama. Já entendi há muito tempo. Por isso mesmo é que eu vim mais depressa. Então quando é que eu tenho que vir aqui apanhar o bi

G. FREIOS - (CONTINUAÇÃO) lhete e receber as instruções?

MARGOT - Deixe ver... Amanhã de tarde eu vou na casa da pessoa interessada em mandar o tal bilhete... de noite você pode vir aqui recebê-lo e no dia seguinte, pelo primeiro trem pode embarcar para o seu destino. Combinado? Posso esperrar com certeza? Sinôn non vou buscar bilhete na hum.

G. FREIOS - Pode esperar com certeza. Amanhã, às oito horas da noite estou aqui.

MARGOT - Entom agora você pode ir, que eu ainda tenho que tirar meus papелotes mudar de vestido e me prreparrar para receber os irrequentadorres da casa, de noite.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

MANON - Ah, que bom! Carta de Luza! Eu estava aflita por notícias dela. Tomára que ela me avise que vem. Sinto tanta falta de uma pessoa da minha raça...

G/BEGRA - RUÍDO DE RASGAR ENVELOPE E RETIRAR CARTA, ABRINDO O PAPEL.

MANON - (LENDO) Agua parada, 29.3.1965 - Minha estimada Manon...

LUZA - (FILTRO) Recebi sua carta e tive com ela uma grande alegria. Quando você foi embora, prometeu que me escreveria assim que se instalasse, mas eu confesso a você que não acreditei muito.

MANON - Imagine! Ela não acreditou que eu fosse escrever...

LUZA - (FILTRO) Foi, por isso, uma alegria ainda maior para mim a sua carta prometida mas não esperada. Fiquei contente em saber que você está bem e ganhando dinheiro. Será que eu também vou ser feliz aí? Palavra que tenho muita vontade de ir, principalmente já indo colocada como taxi-girl e tendo você para me orientar, mas eu preferia esperar ainda mais um mês ou dois, para amadurecer bem a ideia. Já sei o que você estará pensando a meu respeito.

MANON - É mesmo. Que grande bobalhona. Podendo deixar aquele buraco e vir para uma grande capital, como é Buenos Aires, ainda fica na dúvida.

LUZA - Veja se vai segurando a proposta do meu emprego, dizendo ao seu amigo que eu vou precisar trabalhar mais um mês para saldar os meus compromissos e depois me mando. As coisas aqui sempre na mesma. Afora o escândalo da sua fuga, naturalmente. A francesa deu saltos e pinotes de raiva, principalmente quando soube que você havia vendido a casa para um grupo da cidade. Queria morrer de ódio. Mordia-se toda, de tão furiosa.

MANON - (DANDO UMA GARGALHADA, ANTES) Eu só imagino! Eu só imagino! Será que ela não sabe nada como ficou o Sarará? Decerto não sabe, não falaria.

LUZA - Você não avalia com que praser eu lhe dei a notícia. Agora que já tenho o

LUZA - (FILTRO) (CONTINUAÇÃO) seu endereço, não conven que você o ponha mais no verso dos envelopes, nem assinhe suas cartas com o seu nome, para evitar que por um extravio qualquer - você possa ser encontrada por quem não deseja.

MANON - É isso mesmo. Ela tem razão. Vou até mandar pedir que ela anote o endereço num lugar qualquer e rasgue a minha primeira carta para evitar confusões.

LUZA - (FILTRO) Podemos combinar um nome qualquer, com o qual você me escreverá. Nara de Castro, por exemplo, ou Moema Figueiredo, se lhe agradar mais. Use qualquer das minhas sugestões e eu saberei que a carta é sua. Receba o meu abraço saudoso...

MANON - (LENDO) e a certeza de que estou verdadeiramente tentada a aceitar sua proposta. Manon. (PAUSA) Vou tornar a escrever a ela, dizendo-lhe que venha de uma vez. Com certeza deve alguma coisa a Margot e não quer vir sem cumprir, antes, o seu compromisso, mas eu vou mandar dizer que ela dê o bolo na franceza e venha. O que ela deve não deve ser nem a décima parte do que a franceza já a explorou.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

MARGOT - Eu já estava muito aflita à sua espera. Aqui tem uma carta fechada que você terá que entregar ao Pé de Ferro, em Vitória do Espírito Santo. Aqui tem o dinheiro para todas as despesas que forem precisas, mas você terá que trazer nota delas, é claro. E aqui uma roupa dirreita e uns sapatos em condições para você botar. Serrá que lhe servem?

G.F. EIOS - Eu posso experimentar num momento. A calça... vai dar. Botando assim eu já vejo. O casaco enfio num instante e os sapatos também.

MARGOT - Aqui neste pacote tem duas camisas, uma gravate, dois pares de meias... É claro que você precisa ir bem arrumado para não despertar suspeitas.

G.F. EIOS - O casaco está, não?

MARGOT - Pouca coisa grande, mas não tem importância. Qual é o número das suas camisas? Trinta e oito ou trinta e nove?

G.F. EIOS - Nem sei, eu só uso camiseta. Mas uma vez ganhei uma camisa trinta e oito e ficou direitinha em mim.

MARGOT - Eu comprei trinta e nove pelas dúvidas. Pode ser que fiquem um pouquinho grandes, mas como a roupa sempre encolhe depois da primeira lavagem...

G.F. EIOS - Os sapatos ficaram quasi bem. Podiam ser um número menos mas eu encho a ponta de algodão ou papel, não tem problema.

MARGOT - Então agora deixe eu dizer a você como você precisa fazer para poder encontrar o pé de ferro. Você chega em Vitória e vai ao restaurante

MARGOT - (CONTINUAÇÃO) Barron. Lá você procure um sobrinho dele que é garçom e se chama Donato. Com o Donato você obterá o endereço do homem que precisamos encontrar. Cumpra direito a sua missão e você não se arrepende de nada.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.

GUARDA - O Jacinto foi para Vitoria, afinal?

DELEGADO - Foi. Deve ter embarcado esta madrugada para a cidade e de lá se tocaria pela primeira condução que encontrasse.

GUARDA - E levou a carta para o tal Pé de Ferro, ou fizeram outra?

DELEGADO - Não, não... levou a original. Apenas tiramos uma cópia e guardamos aqui no nosso arquivo. (SORRINDO) Você precisava ver a pinta do homem de roupa nova. Ele mesmo ficou tão empolgado que me perguntou se uma piteira igual à minha custava muito caro.

GUARDA - (DÁ UMA GARGALHADA GOSTOSA) Veja só! O Jacinto de piteira de âmbar para fumar cigarros mata-rato. (RI) Eu até me lembro de um cara que uma vez esteve preso aqui por ter roubado um pijama da loja do seu Zacarias. Eu perguntei a ele: para que você queria o pijama? Para vender? Ele me respondeu: vender, nada. Para botar no dia do meu aniversário, quando os amigos vierem almoçar comigo! (RIEM OS DOIS) (TOM) Mas afinal, em que ficou a história do pé de ferro?

DELEGADO - Vamos aguardar as primeiras notícias do Jacinto. Ele vai procurar o homem, entregar a carta e, conforme o que ele decidir lá, o Jacinto nos avisará, se for preciso por telegrama.

GUARDA - Pelo visto essa gang é fogo, hein? Tem gente em todos os cantos.

DELEGADO - É mais um que vamos pegar e atrás desse um, talvez apareçam outros.

GUARDA - A franceza foi burra; não acha, não? Confiar num cara que já deu as tintas para a polícia uma vez.

DELEGADO - Mas ele não sabe. Parece que o Sarará desconfia, mas não tem certeza absoluta. Nós fizemos o negócio bem feito. Metemos, na história, um advogado que não existe e com o qual eu fingi estar indignado. Isso confundiu o Sarará, com toda a sua esperteza e a sua prática na vida do crime.

GUARDA - Bem, agora, vamos aguardar a volta do guarda freios para podermos saber alguma coisa. Inclusive ele pode não encontrar o homem que procura.

DELEGADO - É claro, mas aí já teremos provas para enjaular a franceza, o que farei com enorme prazer. Tenho ganas dessa velha, ganas!

GUARDA - Eu também. É mulher bem sórdida e bem gananciosa.

DELEGADO - E como tem explorado as pobres miseráveis que lhe caem nas garras. E ela tem um domínio tal sobre as infelizes que elas não se animam a denunciá-la. Quando podem fazer qualquer coisa, fogem. Denunciá-la, até hoje não houve uma infeliz que tivesse peito.

GUARDA - É mesmo. Essa velha tem uma conta enorme com o demônio. O dia que entregar a carcassa, ela vai voando para o inferno. Não precisa nem um satanzinho lhe mostrar o caminho.

DELEGADO - E ela ainda vai cair nas nossas malhas pelo ódio e pelo desejo de vingança que alimenta contra Manon, porque foi a única que teve peito de enfrentá-la, embora não a denunciasse. Tudo isso que ela está fazendo é porque o Sarará tem contas a ajustar com a Manon e ela quer que essas contas sejam ajustadas. Por isso que ela está procurando ajudá-lo. Nem sonha que o seu dia já está próximo.

GUARDA - Ela vai fazer um escândalo que não vai ter tamanho, mas vai marchar direto. Até hoje ela conseguiu se safar bem das encrencas em que se meteu, mas nesta eu não vejo nenhum jeito dela escapar.

DELEGADO - E não vai escapar, não. Desta vez ela vai é pagar todas as suas dívidas.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

SARARÁ - Você não teve ainda, nenhuma notícia do guarda freios?

MARGOT - Por enquanto, não, mas parra falar a verdade ainda não há tempo.

SARARÁ - Se você tivesse me falado antes que ia mandar aquele camarada, eu não teria deixado. Não me roncou bem aquele negócio dele ser solto, assim sem mais nem menos.

MARGOT - Seu Rafael pediu que soltassem ele por causa dos filhos que estavam passando fome foi por isto. Você vai ver como ele vai razer o trabalho muito bem feito e o pé de ferro vai aparecer logo por estas bandas.

SARARÁ - A minha esperança é que esse tal Pé de Ferro - que eu ainda não conheço seja um sujeito legal, que bote o homem num interrogatório firme, que ele caia em contradições e o pé de ferro já segure ele por lá.

MARGOT - Você está desconfiado sem razão, Sarará. Então você pensa que eu também não tenho prática de lidar com vagabundos e de me escapar das garras da polícia, quando é preciso? Até hoje não houve uma só vez que eles me pegassem em flagrante. Sabe como me chamavam? A raposa. Já vê que você não precisa ter nenhuma preocupação neste sentido.

SARARÁ - É... tomara que eu me engane, mesmo. Com Manon, por exemplo, eu nunca me

SARARÁ - (CONTINUAÇÃO) enganei. Ela chegou a me levar porque eu não esperava ser preso assim, de repente, como fui. Às vezes chego a pensar que foi ela que me denunciou, para poder fazer o que fez.

MARGOT - Foi ela, claro! Mas você nem precisa ter dúvidas. Esteve preso só para fingir e um dia foi solta, conforme havia combinado com a polícia. Mas não faz mal. Ela não perde por esperrar. Você não vai ficar preso toda a vida e um dia se encontrará com ela. Aí é que vai ser o bom. Eu tenho uma pena que você nem pode imaginar, Sarrarrá.

SARARÁ - Pena? Mas pena de que? De quem?

MARGOT - Pena de mim mesma. De não me ser dado o prazer de ver você dar bofetadas na cara dela com toda a sua força. Este gosto eu queria ter, mas infelizmente, agora que ela fugiu, não vai ser possível.

SARARÁ - E por que não? Bastará que você fuja com a gente, o que aliás eu acho conveniente, não eles vão dizer que você nos ajudou e lhe botam no xilindrô

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL VIOLENTÍSSIMA.

MARGOT - (AUGE DO SUSTO) Sarrarrá!... Você tem razão, Sarrarrá! Como será que eu fui esquecer isto?!... Eu não quero ser presa, Sarrarrá, eu não quero.

SARARÁ - Mas não precisa ser. Você foge conosco, deixa a Luza aí tomando conta dos negócios e nós vamos botar outro negócio em qualquer outra parte. O mundo é tão grande. Você faz uma plásticazinha - que aliás você está precisando - muda de nome... em vez de se chamar Margot passe a ser Margueritte e fim.

MARGOT - Mudar de nome nem preciso. Eu tenho os meus papéis com o nome verdadeiro que é Genevieve Gifar. Só mudo o retrato por outro já com a plástica já feita e quero ver alguém me pegar.

SARARÁ - Isto, Margot. Isto. Isto é que se pode chamar de saber viver as situações difíceis que a vida nos apresenta. Vamos, agora, aguardar as notícias do Pé de Ferro para saber, depois, como deveremos agir.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

DEMETRIO - Simone, eu gostaria de conversar um pouco com você. Sente-se aí.

SIMONE - (depois de pausa) Pronta. O que é que o senhor deseja de mim, Padre Demétrio? Diga. Alguma observação sobre a Casa de Dona Clara?

DEMETRIO - Não, não, uma observação sobre a sua vida privada. Sei que você não gosta muito que a gente se meta nos seus assuntos sentimentais, mas hoje resolvi falar-lhe quer você goste ou lhe desagrade. Você está procedendo erradamente, procurando, cada vez mais, afastar Rafael de sua vida. Você gosta dele. Por que, então, procede assim?

SIMONE - Porque tenho certeza de que ele não gosta de mim.

DEMETRIO - Óra vamos, por favor, minha filha! Não diga tamanho absurdo! Quer mais provas do que as que ele lhe dá diariamente? Você ainda está com a ideia de que ele tenha realmente brigado com alguém e exposto a sua vida por causa de outra mulher. Mas isso é só você que pensa, minha filha! Mais ninguém. Todo mundo sabe - e ficou provado - que Rafael saiu à procura de seu velho empregado, doente da cabeça, que saiu de casa fugido, como criança, e atraído pela música ia chegar na boate. Antes, aconteceu o que você sabe e só porque um rapaz leviano, que depois confessou que estava dormindo, disse que ele havia brigado na boate, você preferiu dar guarida à mentira e tomar uma resolução drástica? Não está certa, minha filha. Não está certa. Depois disto, o que tem ele feito para provar a você que a ama? E por que você continua duvidando?

SIMONE - Agora mesmo ele está de namoro com Adélia e parecem, ambos, bem entusiasmados.

DEMETRIO - Não, não, você se desculpe, Simone, mas ele não está de namoro. Ela é que está. Todo mundo vê que é ela que o procura e ele - é claro - como um homem educado que se preza de ser, aceita a corte dela, mas sem dar-lhe nenhuma demonstração de alegria. Apenas polido. E a culpa disso, ainda, de quem é? Sua mãe várias vezes já tem afirmado à noça que o rapaz não lhe interessa em absoluto. E isso não é verdade. Você o ama e seu coração pulsa por ele. Por isso advirto-a, mais uma vez, de que está caminhando conscientemente para um abismo. Se depois se arrepender, não poderá dizer que não teve quem a avisasse.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

GUARDA - Uma carta registrada para o senhor, seu Delegado. Eu assinei o recibo lá.

DELEGADO - Upa! Você sabe de quem é esta carta, cabo? Do guarda freios.

GUARDA - Como é que o senhor sabe? Não tem nada no verso do envelope...

DELEGADO - Por isso mesmo. Foi uma das recomendações que fiz a ele. Que mandasse o endereço, mas dentro da carta, não no envelope. É dele, sim. Aposto o que você quiser. É basta olhar para a letra. Veja se não é letra de guarda freios?

GUARDA - Essa não, seu Delegado. Essa só do senhor mesmo. Mas abra logo, vamos ver o que ele nos diz.

DELEGADO - Vou abrir, sim. Vamos ver as novidades que ele nos manda.

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE PARA FINAL DO CAPÍTULO.

TÁCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

DELEGADO - Você sabe de quem é esta carta, cabo? Do guarda freios.

GUARDA - Como é que o senhor sabe? Não tem nada no verso do envelope.

DELEGADO - Por isso mesmo. Foi uma das recomendações que fiz a ele. Que mandasse o endereço, mas dentro da carta, não no envelope. É dele, sim. Aposto o que você quiser. E basta olhar para a letra. Veja se não é letra de guarda freios?

GUARDA - Essa não, seu delegado! Essa só do senhor, mesmo. Mas abra logo, vamos ver o que ele nos diz.

DELEGADO - Vou abrir, sim. Vamos ver as novidades que ele nos manda.

G/REGRA - RASCAR ENVELOPE, TIRAR CARTA E DESDOBRAR.

DELEGADO - (LENDO) Prezado seu Delegado.

G. FREIOS - (FILTRO) Escrevo estas mal traçadas linhas para te dizer que já cheguei em Vitória e que também já comecei a agir. No mesmo dia da chegada fui jantar no restaurante Barão para falar com o sobrinho do Pé de Ferro, mas era dia de folga dele e eu não pude falar com ele e então ficou para hoje que não é dia de folga dele e que eu posso falar com ele. Assim sendo, eu hoje vou voltar no restaurante Barão pra encontrar o sobrinho do Pé de Ferro que é pra ele me dar o endereço da direção do tio dele que eu vou logo procurar ele porquanto que agora eu ainda não sei o endereço dele. De todo jeito eu quis escrever pra o senhor que é pra te dizer destas consequências pra o senhor ficar a par. E amanhã, depois que eu tenha falado com o sobrinho dele e tenha sabido o endereço dele aí eu torno a escrever pra o senhor pra dizer ao senhor o que foi que ele disse. Se o senhor precisar me mandar me dizer qualquer coisa pode mandar pra o Hotel Vitória que o endereço está no envelopes pois o envelopes é do Hotel.

DELEGADO - Recebi saudações afetuosas deste que te estima Jacinto. ^(com) Ele bem podia ter deixado esta carta para mais um dia e dizer alguma coisa concreta. Era preferível do que escrever tanto para não dizer nada.

GUARDA - Amanhã ou depois está chegando a outra carta, mas tomara que não seja tão enrolada que é pra gente poder saber direito o que o que tem que fazer.

DELEGADO - A gente vai saber. Ele enrola, justamente porque explica demais. É antes de mais do que de menos.

GUARDA - Bom, isso é. Complica um pouco logo que a gente lê, mas depois a gente estuda e descobre.

DELEGADO - Vemo então a próxima carta, para saber o que é que o seu Pé de Ferro resolveu fazer e si Ele vem mesmo e quando.

GUARDA - O pé de ferro nem imagine que vai calçar um sapato de ferro também.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

REGINALDO - Ah, que bom que a senhora veio, Madame Margot. Eu estava aqui morrendo de tédio e de cansaço de não fazer nada e nem ter com quem conversar. Tu ve alguma notícia do nosso emissário ao pé de ferro?

MARGOT - Por órra ainda não, mas eu creio que não deve demorar uma carta por aí. Afinal já faz quasi uma semana que Ele foi e não é possible que tenha se esquecido de mandar dizer se encontrou pé de ferro, ou não encontrou.

REGINALDO - Pois é. Essa demora está me atordoando um pouco. De vez em quando fico pensando nas possibilidades de uma traição qualquer... talvez sem razão, mas é que a senhora sabe... gato esgalado, até de agua fria tem medo. Eu já fui enganado uma vez e enganado miseravelmente pela pessoa em quem mais confiava. Ela recebeu o castigo imediato, mas eu até hoje estou aqui nesta agonia e nesta terrível solidão. É a solidão o que, mais que tudo me apavora, sabe? Não me importo de comer mal, de dormir mal, de que me tratem mal... tudo isto eu tenho capacidade para suportar. O que não posso aguentar e quasi me mata de desespero é a solidão. É passar horas e horas entre estas quatro paredes, sem ter com quem conversar... sem ter o que fazer... sem poder andar mais que dois ou tres passos para cada lado... Isto, isto sim é o pior de tudo, para mim. Isto me desespera. Isto me faz quasi enlouquecer.

MARGOT - (MEIO TOM) Tenha mais um pouco de paciência que eu tenho a impresson de que isto, agora, está por muito pouco tempo. Os correios são lentos... o telegrafo quasi que não funciona para certos lugares assim tom distantes, como este nosso, por isso está demorando tanto a noticia que esperamos. Mas ela chega. Mas um dia ou dois ela está aí, o senhor vai ver.

REGINALDO - É... tomara que o seu palpite seja certo. E também vou lhe dizer uma coisa, Madame: se eu tiver que ficar mais tres ou quatro meses neste inferno, a senhora vai ter que me ajudar a dar um fim na minha vida.

MARGOT - Crede!... Cruzes!... Não diga essas coisas, por favor! Ferra que morrer? Deixe por minha conta que se a tentativa não der resultado, eu lhe tringo um remédio que lhe farrá dormir os dias inteiros e ainda com a vantagem que o senhor vai sonhar sonhos maravilhosos!... Tenha calma e espere

REGINALDO - Dizer tenha calma é fácil. Reunir energias para manter essa calma é que é o mais difícil de tudo. Enfim... e sua visita de hoje já me permitiu um desabafo, pode ser que eu agora melhore um pouco.

MARGOT - Vai melhorrar, sim. Vai melhorrar. Tanto mais que agora já está sabendo de que mais dia, menos dia, Pé de ferro está aí e então dará um jeito para libertá-lo.

TECNICA - PASSAGEM MUSICAL

LEOPOLDINA - Você não tem achado seu Rafael mais tristonho, nesses últimos dias, Eudoxia? Já não conversa quasi com a gente e jáo não se mostra tão disposto; não é mesmo?

EUDOXIA - Sei, não, Leopoldina. Volta e meia ele tá deferente, a gente nunca pode saber direito as cousa. Inda ontone ele tava tristo, onte já tava se riando, hoje tá tristo outra vez... como é que a gente vai saber de que?

LEOPOLDINA - Eu acho que essa nova memoria dele é que deixa ele assim. Na minha opinião ele ainda não pode se esquecer da outra e com certeza a nova percebe isso, reclama e o homem fica aborrecido.

EUDOXIA - Sei, não. O seu Rafael, tambem, tem um assistencia munto ruim. Ele nunca diz pro gente as cousa que afrega o coração dele. Si ele disesse, a gente das vez pudia dá uns consêio pro ele, que a gente é inguinorante, mas a gente tambem já viveu, já passou muntas cousa na vida, já cunhece nio esse mundo, num é memo?

LEOPOLDINA - Os moços não gostam dos conselhos dos velhos. Sempre preferem errar por conta própria. Principalmente em matéria de amor, não há conselho que sirva, a não ser quando ele vai ao encontro da vontade do coração do moço. Se puxar para outro lado, adeus minha encomendas.

EUDOXIA - Suncê fala como se fôsse uma vêia que nem eu. Suncê é moça tambem, ari essa! É que suncê ficou munto deixada de namoro, mas suncê inda é bem moça, Leopoldina. Num fica pensando que é veia, não e trata de se arranjar que o tempo passa e suncê fica vêia memo e aí entonce é que num arruma mais nada memo.

LEOPOLDINA - Enquanto eu tiver o meu pai para cuidar e o seu Rafael não se dispuzer a arrumar alguem que tome conta da casa dele, eu não posso pensar em mais nada sinão nos meus afazeres.

EUDOXIA - Pois é, mas intê que as suas obrigaçõo trimine será que a sua mocidade tambem num triminou? É preciso que suncê se lembre disso.

LEOPOLDINA - Não se diz que primeiro a obrigaçõo e depois a devoçõo? Pois é exata

LEOPOLDINA - (CONTINUAÇÃO) mente isto que eu estou fazendo. E si Deus achar que deve recompensar-me por ter cumprido, sempre, religiosamente, com os meus deveres de filha e de empregada, ~~xxxxxxx~~ Ele não deixará de me dar o prêmio de encontrar o meu príncipe encantado antes que os meus cabelos embranqueçam. Depois que seu Rafael tenha resolvido a vida dele, passo que também resolverei a minha, Eudóxia. Antes não quero nem faço muita questão. Meu dever é servi-lo. Foi o que prometi à dona Clara.

EUDOXIA - Pobre da sinhá! Ela deve de tá satisfeita ca gente. Nós nunca mais larguemo o fio dela. Pretetemo pre ela que num largava e cumprimo.

LEOPOLDINA - Ela deve estar satisfeita conosco, sim, Eudóxia. E si é certo que os mortos que foram bons e justos tem seu lugar assegurado no céu e podem fazer alguma coisa pelos seus eleitos, então dona Clara, com certeza, não deixará de proteger-nos.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.

DELEGADO - Cabo, venha ouvir a carta que recebi do guarda freios Jacinto, agora me no. Desta vez o homem manda, realmente, alguma noticia concreta.

GUARDA - A carta é mais enrolada que a outra ou anda pelo mesmo tom?

DELEGADO - É a mesma coisa, mas a verdade é que dá para se entender tudo quanto ele deseja transmitir. Ouça. (LENDO) Prezado seu delegado.

G. FREIOS - (FILTRO) Outra vez pego da pena para traçar estas linhas que vão levar ao senhor as notícias que o senhor está esperando qual as do Pé de Ferro que já conheci pela apresentação do sobrinho dele que é o garçom do restaurante e que me levou na casa do cujo que é uma chácara que fica afastada da cidade e a gente tem que ir de autotomovel porque é muito afastada e não dá para a gente ir a pé. O homem é fogo. Quer saber tudo direitinho e pergunta tanta coisa que deixa a gente tonto da cabeça. Penso que respondi direito todas as coisas que ele perguntou e ele me disse que ia pensar nos termos da carta missiva que recebeu e depois me falava o que fosse para ser resolvido, qual seja a ida dele para afim de resolver a situação das pessoas que estão presa. Acho que o homem vai, mas ainda não quiz me dizer nada, sem primeiro saber qual as minhas tenção que ele parece desconfiar das tenção da pessoa. De qualquer maneira eu já posso dizer que obtive uma solução da entrega da carta e agora espero obter outra solução da ida do Pé de Ferro para chegar até aí. Darei o aviso deste fato, tão logo obtenha a solução.

DELEGADO - (LENDO) Muitas recomendação do criado obrigado guarda freio Jacinto, seu criado.

GUARDA - Se o camarada começar a perguntar muito, o Jacinto é capaz de se afundar.

DELEGADO - Acho que não. Ele agora já está um pouco mais esperto, já sabe fazer as coisas.

GUARDA - Vamos ver a próxima carta. Deus queira que ela não bote por terra as nossas esperanças.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

MARGOT - Eu já falei para você, Luza, que eu talvez tenha que fazer uma viagem inesperradamente, não disse? Portanto quero conversar agora um pouco mais a este respeito, porque não sei se amanhã ou depois não serrei obrigada a desaparecer bruscamente da cidade. Digo desaparecer por ter que viajar, entende?

LUZA - Claro que entendo. E a senhora quer que, nesse caso, eu mantenha a casa aberta e em funcionamento?

MARGOT - Exatamente, mas que não diga para ninguém que fui viajar, porque o negócio que pretendo fazer porra daqui é absolutamente sigiloso.

LUZA - E o que devo dizer, então, quando alguém me perguntar pela senhora?

MARGOT - Você pode dizer que fui para o hospital da cidade, afim de fazer uma pequena operação, mas que penso voltar dentro de uns três ou quatro dias, no máximo. Se depois não vier, você diga que precisei ficar mais.

LUZA - Está bem. Mas a senhora tem certeza absoluta que vai e volta? E se depois não vier? Que faço eu?

MARGOT - Se por acaso não vier, escreverei a você dando instruções de como deve proceder. Você me mandará o dinheiro líquido todos os meses, retirando uma gratificação de dois por cento para você. Sobre o líquido, hein?

LUZA - Perfeitamente. Mas vamos supor que nesse meio tempo eu tenha necessidade de me ausentar daqui. Como é que faço?

MARGOT - Não pode. Se você está responsável pelos negócios de minha casa, como vai deixá-los ao Deus dará, para sair de viagem. Não pode.

LUZA - Está bem. Isso é uma hipótese que, com certeza, não vai acontecer, mas em todo caso eu gostaria de deixar bem clara essa parte.

MARGOT - Outra coisa: se eu não estiver em casa, por acaso, e vierem bater na minha porta o senhor Reginaldo, o Barrarrá ou o guarda-freio Jacinto, você pode deixar entrar, porque eles talvez tenham necessidade de fazer uma reunião aqui, entende?

LUZA - Mas como?! O seu Reginaldo e o Sarará não estão presos? Pelo menos, que eu saiba, até ontem estavam.

MARGOT - Sim, sim, eles estão presos, mas parece que vão sair, não sei. Parece que o mesmo advogado que tirou o guarda-freios vai tirar eles também.

LUZA - Ah, bem, então sim. Eu cheguei a pensar que houvesse uma combinação entre eles para fugirem da cadeia.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICA FORTE.

MARGOT - Que bobagem, Luza! Entom se fosse iste eu ia receber eles na minha casa? Não sou louca. Depois quem vai pagar a mula roubada? A Madame Margot. Non, non, comigúe non.

LUZA - Ainda bem. Eu confesso que cheguei a me assustar porque no fim a prejudicada ia ser a senhora.

MARGOT - Bem, entom estom dadas as minhas instruções e eu vou sair e vou deixar a casa entregue a você.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.

GUARDA - Eu tive ordem superior para vir lhe avisar que prepare a sua mala porque você vai ser transferido de prisão.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTISSIMA.

SARARÁ - Como?!... O que foi que você disse?! Eu vou ser transferido de prisão?

GUARDA - Exatamente. É bem como você ouviu.

SARARÁ - Mas transferido por que? Qual é a razão dessa transferência?

GUARDA - Não sei. Só sei que recebi um officio do diretor do presídio da cidade e uma ordem do juiz, anexa, para mandá-lo esta noite para lá. Lamento se a noticia lhe desagrada, mas não posso deixar de cumpri-la.

SARARÁ - É muito enjoado isso, muito aborrecido. Afinal, ríam por ríam, eu já estou acostumado aqui e preferia ficar a andar pulando de galho em galho.

GUARDA - Eu sei e acho que você está com toda a razão, mas infelizmente não posso fazer nada. Portanto, trate de arrumar sua mala de roupa hoje mesmo porque parece que vamos ter condução para lá esta noite e já vamos aproveitá-la.

SARARÁ - Será que eu não vou poder nem sequer avisar Madame Margot desta transferência? Não é por nada, é só porque ela costuma vir aqui me visitar, chaga e não me encontra mais. Pode ficar aborrecida comigo, achar que fui pouco cortês com ela e embora seja uma velha, não deixa de ser uma mulher não é mesmo?

GUARDA - O máximo que posso fazer é prometer a você que mandarei um guarda lá avisá-la da sua remoção.

SARARÁ - Hoje, ainda? Eu precisaria que fosse hoje.

GUARDA - Talvez. Não lhe posso prometer com absoluta segurança, mas farei empenho.

SARARÁ - E a que horas virão me buscar? Não sabe?

GUARDA - Calcula que entre oito e meia e nove horas da noite. Foi a hora que os colegas de lá informaram que passariam aqui.

SARARÁ - Não está me agradando nada esta notícia, mas que posso fazer? Tenho que me submeter. Não existe outro remédio.

TÁCNICA - PASSAGEM MUSICAL

MARGOT - O senhor quer ter a bondade de me atender um momentinho só, senhor delegado? Eu preciso de uma informação sua, já que os guardas não souberam me dar uma informação positiva.

DELEGADO - Já sei. A senhora quer notícias do seu amigo Sarará, não é verdade?

MARGOT - Exatamente. Trouxe um cigarros para ele e chego aqui não o encontro mais na cela? Para onde o levarram?

DELEGADO - Para o presídio da cidade. Foi uma ordem que recebi, inesperadamente, e nem sei a que atribuir, para lhe falar a verdade.

MARGOT - Mas eles não disseram a causa da remoção, ao menos? Eu penso que estas coisas não podem ser feitas assim ao bel prazer de qualquer um.

DELEGADO - É claro que não podem. Por isso mesmo recebi um ofício e uma ordem do juiz. Quer dizer... a coisa foi feita por quem tinha autoridade para fazê-la. A mim não cabia outra coisa senão obedecer e mandar para lá o prisioneiro.

MARGOT - Serrá que ele tinha alguma questão com a polícia de lá?

DELEGADO - É possível. Gente da espécie de Sarará, em geral, deve uma vela a cada santo. Com certeza ele tem contas a ajustar lá também e por isso mandaram buscá-lo.

MARGOT - E serrá que ele foi para ficar, ou depois mandam-no de volta para cá?

DELEGADO - Não sei. O ofício não esclarece nada. Pede apenas que ele seja mandado para lá. Vamos esperar um pouco, pode ser. Qual é o seu interesse em que ele esteja preso aqui ou lá? Não é a mesma coisa?

MARGOT - Bom, quer dizer... interesse, propriamente, eu não tenho nenhum. Venho visitá-lo apenas por caridade, entende? Como sei que ele não tem ninguém aqui, para que não sinta tanto a solidão, venho visitá-lo sempre que posso.

DELEGADO - Já é um motivo para a senhor ir à cidade uma vez por semana. E de toda a maneira a senhora não perdeu a sua caminhada nem os seus cigarros por que o outro ainda está aí. Não quer ir vê-lo?

MARGOT - Sim, sim, querido. Dou a ele os cigarros que trazia para o Sarará.

DELEGADO - Muito bem. Pode ir, então. Tem meia hora para a visita. Dou-lhe mais quinze minutos, para compensar.

MARGOT - Obrigada. O senhor é tão gentil.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

REGINALDO - Você sabe que essa notícia que você me trouxe, deixou-me bastante preocupado? Deve estar acontecendo alguma coisa que nós ainda não sabemos o que é. Seria bom procurar a verdade.

MARGOT - Você está me deixando nervosa com essas impressões. Será que foi algo coberto alguma coisa?

REGINALDO - Não sei... mas eu estou querendo acreditar que sim.

MARGOT - Que faço, então, Reginaldo? Diga-me, por favor. Você acha que eu devo fazer alguma coisa?

REGINALDO - Não sei. Acho que você, infelizmente, não vai poder fazer nada. Vamos esperar um pouco mais. Talvez não seja propriamente o que estou pensando. Vá embora para casa, mas esteja alerta. Não durma no ponto.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

C/REGRA - BATA DE CAMPAINHA DE UMA MANEIRA ORIGINAL, QUALQUER.

LUZA - Óra graças a Deus que Margot chegou! Eu estava tão aflita com a situação.

C/REGRA - PASSOS DE LUZA SEMPRE EM PRIMEIRO PLANO. RUÍDO DE ABRIR PORTA COM CHAVE.

LUZA - Que bom que ~~xxxxxxxxxxxx~~ a senhora chegou, Madame Margot!

MARGOT - Sim, cheguei, mas cheguei tão nervosa, tão nervosa, que você não quer saber. Tive uma notícia muito desagradável lá na prisão.

LUZA - Uma notícia desagradável? Que aconteceu?

MARGOT - Pois imagine que tiraram Serrarrá daqui e mandaram, sem avisar nada a ninguém, para a prisão de cidade.

LUZA - Mas não é a mesma coisa ele estar preso aqui ou lá, Madame Margot? Que diferença faz?

MARGOT - Você não entende, Luza. Você não pode entender. Acho que vou começar a arrumar as minhas malas e talvez amanhã mesmo já tenha que fazer aquela viagem que lhe falei.

LUZA - Mas espere, eu tenho uma notícia para a senhora que talvez modifique todos os seus planos.

MARGOT - Uma notícia? Qual é?

LUZA - O guarda francês chegou. Está lá dentro esperando a senhora.

TÉCNICA - EXPLORATO MUSICAL FORTE. FUNDE COM CARACTERÍSTICA MUSICAL PARA ENCERRAMENTO DO CAPÍTULO.

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA.

MARGOT - Tirrarron Sarrarrá daqui e mandarron, sen avisar nada a ninguém, parra a prrisom da cidade.

LUZA - Mas não é a mesma coisa ele estar preso aqui ou lá, Madame Margot? Que diferença faz?

MARGOT - Você não entende, Luza. Você não pode entender. Acho que vou começar a arrumar as minhas malas e talvez amanhã mesmo já tenha que fazer aquela viagem que lhe falei.

LUZA - Mas espere. Eu tenho uma notícia para a senhora, que talvez modifique todos os seus planos.

MARGOT - Uma notícia? Qual é?

LUZA - O guarda freios chegou. Está lá dentro esperando a senhora.

TÉCNICA - VERGADA MUSICAL FORTE

MARGOT - Mas por que você já não me disse isto antes, erriaturra? Por que?

LUZA - Porque a senhora não me deixou. Já chegou contando outras coisas, muito nervosa, muito preocupada, eu deixei que a senhora falasse primeiro, para depois lhe dizer.

MARGOT - A que horas ele chegou? Faz muito tempo?

LUZA - Uma hora, no máximo. Está tão bem arrumado que eu nem sabia quem era. Já ia mandá-lo de volta, quando ele me disse que era o guarda freios. Aí fiz com que ele entrasse e dei-lhe um café com frios porque ele se queixou que estava com fome. Está lá na copa, sentado, esperando que a senhora chegue. Disse que precisa muito falar-lhe.

MARGOT - E eu também com ele. Principalmente agora, depois do que fizermos com o Sarrarrá. Escute, Luza. Eu vou parra o meu quarto tirar estes sapatos de salto que me deixam muito cansada e esperro o guarda freios lá. Você vai lá na copa e mostra parra ele onde é meu quarto. Combinado?

LUZA - Sim senhora. Pode ir que eu já mando ele lá.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL RÁPIDA.

MARGOT - Orra até que enfim você se aparece. Pensei que tinha fugido com as roupas novas e não querria mais nada com o compromisso assumido.

G. FREIOS - Nada disso, Madame. O bom mesmo é o dinheiro e este eu inda não recebi. Seria burro de fugisse sem ele. Eu falei com o homem, Madame. Custei muj

- G. FREIOS - (CONTINUAÇÃO) to a localizar o danado, mas por fim avistei êle.
- MARGOT - Custou a localizar por que? Você não levou o enderrego do sobrinho da
le, ou ele não trabalha mais no restaurant?
- G. FREIOS - Trabalha, sim, mas no dia que eu cheguei lá ele estava de folga. Depois
o tio estava fazendo um trabalho pra fora, não adiantava ir lá na chá-
cara onde êle vive. Depois o tio chegou e nós fomos. É longe como o dig-
bo, madama. Não queira saber. Duss horas de jipe num caminho brabo que
nem lhe conto. Cheguei lá chacoalhado que só vendo.
- MARGOT - Mas afinal conseguiu falar com êle? O que foi que êle disse? Ande logo.
- G. FREIOS - O homem é fogo, Madama. Desconfiado que só êle. Ficou perguntando...
perguntando... perguntando... e nada de me dizer se vinha ou não vinha.
De repente disse que estava bem, que ia pensar e que depois me dava uma
resposta. Não deu. Aí eu fui na casa dele outra vez, disse pra ele que
tinha que vir embora e precisava trazer uma resposta da carta.
- MARGOT - E onde está essa resposta? Ele escreveu, ou mandou dizer de boca?
- G. FREIOS - Escreveu nada, Madama. Tô dizendo pra senhora que esse homem é fogo.
Por muito favor mandou/ dizer de boca, depois de perguntar uma porção
de outras coisas. Eu quasi fiquei tonto de tanta pergunta que ele me
fez. Era uma atraz da outra, uma atraz da outra e fazia a pergunta e
metia os olhos na gente pra esperá a resposta e vê se a gente tava fa-
lando a verdade ou mentindo.
- MARGOT - Mas afinal você ainda não me disse si ele vem, ou não vem, homem de Deus.
Eu quero saber.
- G. FREIOS - Disse que vem, mas não adiantou quando, nem de que jeito é que vem. De
repente eu apareço lá, foi o que êle me disse. Aí eu vi que não arran-
cava mais nada, ~~daí~~ mesmo e tratei de dá o fora que o dinheiro das deg-
pezas já estava quasi terminando e eu não tinha mais pra voltar. (TOM)
Ah e por falar nas despesas, eu tenho aqui a nota de tudo com os preço
e o trêço pra entregá pra senhora, Madama. Pode conferi.
- MARGOT - Depois. Tem tempo. Quando acertarmos as contas finais de tudo, aí eu
vejo as despesas que você fez.
- G. FREIOS - A senhora vai me dar o dinheiro que prometeu hoje ou amanhã?
- MARGOT - Nem hoje, nem amanhã. Só vou lhe dar o dinheiro que lhe prometi, quan-
do o trabalho estiver terminado. Por enquanto ele está apenas começa-
do, é preciso que fique bem claro.
- G. FREIOS - Para aí, Madama, tem dó. A senhora não está agindo legal comigo, não.

MARGOT - Como não estou agindo legal? Por que não estou agindo legal? Eu trrate um serviço qualquer parra ser feito, só pago depois que ele está prronto. Você sabe que sempre foi assim. Como quer o dinheiro antecipadamente? Não posso. Você tem que completar o serviço. Só depois de homem chegar, é que eu posso ver se de verdade você falou com ele. Antes, não.

G. FREIOS - Mas a senhora não me disse isto, quando tratou o trabalho. Minha família está sem nada. Eu deixei de trabalhar mais de oito dias para ir fazer essa viagem, preciso dar comida praos meus filhos. Mas Não posso ficar assim, madama. A senhora tem que dá um jeito. Sinão nós vamos se extranhar.

MARGOT - Parra mostrar a minha boa vontade vou lhe dar algum dinheiro parra você levar comida parra os seus filhos mas o dinheiro grosso mesmo, esse eu só dou quando estiver tudo feito.

G. FREIOS - Bom, Madama, a senhora me dá um pouco agora e depois nós vamo conversá direitinho. É melhor a gente resolver esse negócio sem briga, a senhora não acha?

MARGOT - Sem brriga, sim. Eu não gosto de brrigar com ninguém, mas também não gosto de fazer papel de boba. Esperre aí que eu vou ver o dinheiro.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.

ANGELA - Você anda muito pensativa nestes últimos dias, minha filha. O que é que está acontecendo com você?

SIMONE - Nada, mããe. A casa de dona Clara sempre me preocupa muito. As despesas cada vez parece que aumentam mais e eu estou vendo que vão chegar a um ponto que nós não vamos poder manter.

ANGELA - Não, não... mas a sua preocupação não é por isto, não. Eu sei distinguir, nitidamente, quando a sua preocupação é pelos negócios e quando ela tem características sentimentais.

SIMONE - O que é que a senhora quer dizer com isto, mããe? Francamente não compreendi.

ANGELA - Vou lhe dizer bem claramente, então. A sua preocupação de hoje não é por causa da Casa de dona Clara, nem das crianças que lá estão recolhidas. A sua preocupação de hoje tem origem completamente diversa. Você não está propriamente preocupada, você está tristonha. Por que? Diga.

SIMONE - É que o Padre Demétrio andou me dizendo umas coisas a respeito do meu orgulho e eu fiquei preocupada com elas. A senhora sabe que eu sou orgulhosa mããe?

ANGELA - Em assuntos de amor muitíssimo. Orgulhosa demais. Não compreendo como pos

ANGELA - (CONTINUAÇÃO) - Ia ser tanto, minha filha. Não sei que coisas o Padre Demétrio terá dito a você mas não hesite em assinar o que ele disse. Tenho certeza absoluta de que a razão está com ele.

SIMONE - Mãe, eu não sou orgulhosa, mãe-se. Não é por orgulho que eu procedo assim, é por desconfiança. Eu não me sinto capaz de apaixonar a ninguém e, talvez por isso, nunca possa acreditar nas juras de amor que me fazem.

ANGELA - Isso é uma tolice, minha filha. A trôco de que, um rapaz decente com é seu Rafael, viria fazer juras de amor a você, se não as sentisse? Você precisa tirar essa tolice da sua cabeça. Não há quem não veja e não sinta a paixão que ele tem por você e só você não acredita? Por que? Não tem nenhuma explicação lógica esse fato. Nenhuma. Você precisa atentar para isso e modificar-se enquanto é tempo. Sim, minha querida, porque um homem, por mais que goste de uma mulher, acaba cansando de ser repellido e, numa hora dessas, acaba agarrando-se à primeira taboa de salvação que lhe aparece. Você tantas vai fazer ao Rafael que ele vai acabar por desistir de você e procurar uma outra moça para organizar sua vida.

SIMONE - Ele já procurou. Não sabe disso quem não quer.

ANGELA - Não. Ele não procurou. É ela que procura, mas ainda não logrou convencê-lo. Continue você a se fazer de inatingível que de repente ela se resolve mesmo e depois não venha chorar seu arrependimento nos meus braços. Portanto, pense no que lhe disse o Padre Demétrio e procure modificar-se enquanto ainda é tempo. E lembre-se mais: que um rapaz ^{com as} ~~com as~~ qualidades de seu Rafael e nas ótimas condições em que ele se encontra, não é nada comum aqui na vila. A não ser que você tenha verificado que o seu coração se inclina é por Tarcísio e esteja esperando que Rafael se desconvença, para depois dar ~~uma~~ nova oportunidade ao outro.

SIMONE - Não, mãe, juro-lhe que não. Meus sentimentos por Tarcísio são puramente fraternais. Quero-o imensamente como um bom amigo, um irmão quasi e desejo de coração que ele seja ~~xxxxxxxxxxxx~~ muito feliz, mas quanto a outros sentimentos por ele, pode estar certa de que não existem.

ANGELA - Pois bem, então procure ter presentes as palavras do Padre Demétrio para você e que eu faço minhas, mesmo desconhecendo-as, e trate de modificar a sua maneira de ser neste particular. Si é orgulho, vença-o. Se é desconfiança, elimine-a.

TÉCNICA - PASSADIM MUSICAL

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.

MARGOT - Traga-lhe uma notícia que me parece boa. Acho que você vai gostar.

REGINALDO - É, eu estou mesmo precisando de qualquer coisa que me levante o ânimo. Estou muito arrasado... muito vencido...

MARGOT - (BAIXA O TOM) O guarda-freios chegou. Disse que Pé de Ferro parece que vem.

REGINALDO - Parece, ainda? Será que ele falou mesmo com pé de ferro? Eu estou meio na dívida. Acho que si ele tivesse realmente falado, o homem não deixaria de me mandar nem que fosse um bilhete.

MARGOT - Mas parece que o homem ficou meio desconfiado com o guarda-freios. Por isso. Mas eu acho que ele foi mesmo porque até me disse que ele morra muito longe da cidade e que tiveram que andar mais de duas horas por um caminho horrível, para chegar na casa. E foram de jipe.

REGINALDO - Bem, si ele disse isto, deve ter ido mesmo, porque é exatamente assim como ele descreveu. Duas horas por um caminho cheio de buracos e de ~~XXXXXXXX~~ saliências.

MARGOT - E o homem disse para ele que virria, mas que non escrevia carta nenhum nem dizia o dia que vinha nem a maneira como chegaria aqui.

REGINALDO - Isso é muito dele. Agora estou mais confiante. E si ele disse que vem é porque vem mesmo. Pé de ferro não promete que não cumpra. O guarda-freios deu a ele o endereço de sua casa?

MARGOT - Eu dei o meu endereço na carta que você mandou para ele. Do lado de fora do envelope, o endereço que está é o meu. O nome também.

REGINALDO - Então ele deve aparecer aí dentro de dois ou tres dias, a não ser que tivesse algum compromisso muito grande por lá e não pudesse viajar logo.

MARGOT - Eu penso que non, sinos ele teria dito ao guarda-freios que non virria ou que irria demorar um pouco... non disse nada disto...

REGINALDO - É... isso também é verdade. Vamos esperá-lo por toda esta semana e o principio da outra. Ele já deve vir com algum plano na cabeça, porque Pé de Ferro não perde tempo. Garanto-lhe que ele chega num dia e dois dias depois está me libertando. Nunca vi sujeito mais ligeiro e mais hábil. Prepare-se também, hein? É possível que você tenha que ir conosco.

MARGOT - Já estou preparada. Até minhas malas estão prontas. Si ele chegar amanhã e quiser embarcar na mesma hora eu non tenho problema.

REGINALDO - Então vamos esperar que os bons ventos nos ajudem e tragam logo o pé de ferro.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.

GUARDA - Eu estava aflito que o senhor chegasse para lhe dar a notícia. O homem parece que chega hoje.

DELEGADO - Como é que você soube?

GUARDA - Jacinto esteve em casa da franceza e ela recebeu um aviso não sei por quem. Parece que foi um chofêr que passou com destino a São Paulo. Devo reforçar a guarda?

DELEGADO - Ainda não. Qualquer providência defensiva pode levantar suspeitas. O melhor é deixar tudo como está, até o momento em que o homem chegue. Deixe lá um espião na esquina da casa da franceza, observando a porta e as pessoas que chegam. Qualquer desconhecido que entrar, já se sabe. Cercar-se a casa, depois que ele tenha conseguido libertar Reginaldo.

GUARDA - Mas por que arriscar tanto assim? Não é melhor cercar a casa e dar a batida logo que ele entre? ~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~

DELEGADO - Não, não, cabo. Meus planos são outros. Faça como eu estou dizendo.

GUARDA - Está bem, o senhor é o chefe e o chefe é quem manda.

DELEGADO - Então já sabe: a partir de hoje temos que estar bem alertas.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.

MARGOT - A partir de hoje, Luza, não devemos receber mais pessoas de fora, a não ser as que estão sendo esperradas. Se alguém que não seja Pé de Ferro, ou Reginaldo ou o Guarda Freios quiser entrar sob a alegação de beber alguma coisa, você dirá que o bar está fechado até segunda ordem por falta de bebidas que não vierem. Porram encomendadas, mas não chegaram.

LUZA - Entendi, Madame Margot. Pode ficar descansada que as suas ordens serão fielmente cumpridas. Pé de Ferro, Reginaldo ou o Guarda Freios. E si o Sarrará, por um desses acasos que acontece, aparecer também?

MARGOT - É claro que o Sarrará também vai entrar. Nem se discute. A questão é que ela está longe já não será tão fácil escapar.

LUZA - Seu Reginaldo vai fugir?

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FURTE.

MARGOT - (DEBIS DE PAUSA) Sim. Reginaldo vai fugir. Mas você não sabe de nada... não viu nada... não vai dar nem um pio sobre nada.

LUZA - Não dou, não Madame. Pode ficar descansada. Não tenho nenhum interesse em prejudicar a ele e nem à senhora.

MARGOT - Bem, quer dizer... eu não tenho nada que ver com isto... ele vai fazer por conta própria. Eu apenas vou esconder o escondo aqui algumas horas, se for preciso. Si ele bater aqui, entende? Talvez vá dirreto.

LUZA - Sim, sim... eu sei...Eu entendo como é. A senhora não deve mesmo se meter em encrencas com a policia. Tanto mais que o delegado não vai muito com a sua cara e espera uma oportunidade para tirar a diferença.

MARGOT- É que ele muitas vezes, já, quis me pegar e o meu advogado ganhou a partida. Isto ele nem pode nunca me perdoar. Mas agora até que ele está camarade comigo. Me deixou visitar os dois presos no mesmo dia. E no dia que o Sarrarré foi transferido de prison, ele me deu a meia hora inteira para visitar o outro.

LUZA - E a senhora não acha que essa boa vontade repentina pode ter uma intenção oculta?

MARGOT- Que intenção? Eu acho, simplesmente, que ele acabou se acostumando comigo e largou de fazer pirraça.

LUZA - Não sei, não. Eu se fôsse a senhora, não confiava muito. Inda mais gente da policia que tem uma porção de maneiras para enredar a gente. (LUZA) A senhora vai sair agora?

MARGOT- Talvez tenha que sair, não sei. Por minha vontade ficaria em casa que estou muito cansada, mas acontece que não adianta nada a gente fazer planos porque as coisas sempre acontecem diferentes e modificam os planos que a gente faz. Em todo caso, mesmo que eu saia você já sabe. A porta, hoje, não se abre para pessoas que queiram entrar no bar. Só tem entrada as pessoas que eu já falei para você. Entendido?

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

SARAH - A senhora acha que a conversa do mano com Simone deu algum resultado prático?

ANGELA- Não sei se já deu, mas acredito que vá dar porque há vários dias que ela vem pensando nas coisas que ouvia e não se cansa de repetir que não faz o que faz por orgulho. Isto é sinal de que ficou impressionada, não é mesmo?

SARAH - Lógico. Se o que ele disse não tivesse calado no espirito dela, no dia seguinte ele não se lembraria mais. Se ainda fala, é porque as palavras continuam vivas e gritando as suas verdades. Só assim elas permanecem, do contrário se apagam logo.

ANGELA - Na minha opinião, o que está atrapalhando mais, agora, é a Adélia que não se ter paciência por Rafael e ela fica sem coragem de ragoar a moça.

SARAH - Por isso, não. A outra não foi procurar o namorado dela?

ANGELA- Mas incoativada por ela que afirmou, sempre, não se interessar por ele.

SARAH - Si ela não tiver coragem de dizer para Adelia a verdade, a senhora me fale que eu digo. Que adianta ela querer sózinha, se o rapaz não quiser? Logo... não se conta chegar e dizer a ela que deve deixar o caminho livre para a

SARAH - (CONTINUAÇÃO) outra a quem Ele ama e que não quer aderir para não magoá-la. Tire a pedra do caminho em dois tempos.

ANGELA - A senhora será capaz de fazer isso, dona Sarah?

SARAH - Pois eu já não disse à senhora? E sem o menor constrangimento. Portanto, já sabe. Se precisar de mim é só dar sinal.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.

P. DE FERRO - É aqui a casa de Madame Margot, uma franceza que é dona da boate?

LUZA - Sim senhor. É aqui mesmo. O senhor desejava alguma coisa?

P. DE FERRO - Quería falar com ela.

LUZA - Mas eu não sei si ela vai poder atendê-lo agora. Não faz muito que saiu do banho e ainda não deve estar arruada.

P. DE FERRO - Não importa. Não vim aqui para ver a cara dela. Vim para tratar de um assunto urgente, portanto deixe-me entrar e vá logo avisar a Madame.

LUZA - (QUERENDO IMPEDIR) Mas o senhor não pode entrar, sem primeiro dizer quem é e ao que vem. Eu tenho ordens severas de não receber ninguém...

C/REGRA - PASSOS DE MARGOT QUE SE APROXIMAM.

MARGOT - Que é isto, Luza? Que está acontecendo aqui? Quem é esse cavalheiro que eu não conheço e que está dentro de minha casa?

P. DE FERRO - Quem sou eu? A senhora ainda não desconfiou? Pois não foi a senhora mesma que mandou me chamar lá na minha casa, tão longe, onde eu estava tão tranqüilo e socegado?

MARGOT - Mas entom... entom o senhor é...

P. DE FERRO - Pá de Ferro.

TÉCNICA - ACOMPAANHAMENTO MUSICAL DE GRANDE ALEGRIA.

MARGOT - Puxa vida!... Há quantos dias estamos esperrando pelo senhor!... Há quantos dias!... Reginaldo, coitado, já estava começando a ficar desanimado! Feche a porta, Luza e deixe-nos a sós que iremos parra o meu quarto conversar. Quer comer alguma coisa, ou prefere tomar uma bebida qualquer?

P. DE FERRO - Uma cervejinha gelada com uns sanduiches de presunto era capaz de vir bem, agora.

MARGOT - Entom vamos parra o meu quarto que eu vou mandar lhe servir e lá poderemos conversar socegradamente. O senhor não trouxe mala?

P. DE FERRO - Não senhora. Apenas este pasta, dentro dela tenho tudo quanto precisa se precisar.

MARGOT - Entom, venha comigo. Temos muito que conversar.

TÉCNICA - EXPLORAÇÃO MUSICAL, FUNDE COM CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE, PARA FINAL DO CAPÍTULO.

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABRUPURA

MARGOT - O senhor é?...

P. FERRO - Pé de Ferro.

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA ACORDE MUSICAL DE GRANDE ALEGRIA.

MARGOT - Puxe vida!... Há quantos dias estamos esperrando pelo Senhor!... Há quantos dias!... Reginaldo, coitado, já estava começando a ficar desanimado! (TOM) Feche a porta, Luza e deixe-nos a sós que irremos parrá o meu quarto conversar. (TOM) Quer tomar alguma coisa, ou prefere tomar uma bebida qualquer?

P. FERRO - Uma cervejinha gelada, com uns sanduiches de presunto, era capaz de vir bem, agora.

MARGOT - Então vamos parrá o meu quarto que eu vou mandar lhe servir e lá poderemos nos conversar soccegradamente. O senhor não trouxe mala?

P. FERRO - Não senhora. Apenas esta pasta, mas dentro dela tenho tudo quanto posso precisar.

MARGOT - Então venha comigo. Temos muito que conversar.

Q/REGRA - PASSOS DE MARGOT E PÉ DE FERRO CAMINHANDO SEMPRE EM PRIMEIRO PLANO.

MARGOT - Luza, diga ao garçon que prrepare uns sanduiches de presunto, bastantes e bom caprichados, escolha a cerveja mais geladinha que tiver na geladeira e traga aqui no meu quarto.

LUZA - (2º PLANO) Sim, Madame. Vou dizer agora mesmo.

MARGOT - Nós vamos um presunto muito bom aí, o senhor vai gostar. Recebi ontem, da cidade.

Q/REGRA - CHEGAM OS PASSOS. ABRE PORTA SÓ COM O TRINCO.

MARGOT - É aqui meu quarto. Pode entrar. Aqui poderremos conversar soccegradamente sem que ninguém nos incomode.

Q/REGRA - FECHA A PORTA DO QUARTO.

MARGOT - Pode montar ali naquela poltrona que o senhor fica mais à vontade. E se quiser tirar o casaco, não precisa fazer cerimônia. O senhor está na sua casa, não sabe que está quente aqui, como nos devemos abrir a janela para que nos ouçam a nossa conversa, podemos ligar o ventilador.

P. DE FERRO - Não, não... está bom assim. Quanto perguntou a Madame tem...

MARGOT - ...todas francesas.

P. DE FERRO - H o que é que tem isso?

MARGOT - O que é que tem isso? Os perfumes francezes são os melhores e os mais caros do mundo.

P. FERRO - Puxa vida! Então a Madama tem uma nota, aí, hein?

MARGOT - Por isso que só uso para grandes ocasiões. (TOM) Bem, mas vamos conversar sobre o que verdadeiramente interessa. Reginaldo está preso na prisão aqui da vila, mas Sarrarrá já foi transferido para a cidade. Já não vai ser tão fácil arranjar a sua fuga. Aqui não me parece difícil, porque além de que a casa é muito velha e com pouca segurança, o pessoal da guarda é muito pouco. Parece que são só quatro homens e o delegado que às vezes é obrigado a fazer plantão, para poderem dar conta do serviço.

P. DE FERRO - Desses quatro homens deve haver algum que se possa comprar, não?

MARGOT - Não sei lhe dizer. Conheço todos de vista, porque vou lá duas vezes por semana visitar Reginaldo, mas eles não são simpáticos e quasi não falam com a gente. E eu procuro falar... eu força a situação. Eles ficam no "sim", "não", "pode ser", "não pode"...lh é uma gente tão antipática!

P. FERRO - Quando é que é dia de visita lá, Madama?

MARGOT - Amanhã e também na próxima quinta-feira.

P. FERRO - É quintas e domingos, então?

MARGOT - Exatamente. Quintas e domingos. Eu sempre vou lá... levo cigarros... pastéis de casarrom... sanduiches... e como não posso levar cerveja, por que eles não deixam, compro refrigerantes. Converso meia hora com ele para distrair e depois venho emborra. Ele está muito nervoso.

P. FERRO - Amanhã eu vou lá com a senhora e a senhora vai me apresentar como irmão dele e advogado em Vitoria de conquista. Não é Vitoria do Espírito Santo, não vá fazer confusão. É Vitoria da Conquista.

MARGOT - Mas não foi em Vitoria do Espirrito Santo que o Guarda Prreios foi encastrar o senhor?

P. FERRO - Foi, mas nós não vamos dar a pista, vamos? Temos, justamente que despistar. Mesmo porque se dissermos que sou advogado em Vitoria e mandarem perguntar para lá, não sei que informações poderão chegar aqui. É, Madama, nós precisamos trabalhar com a cabeça.

C/REGRA - BATIDAS COM OS DEBOS, DISCRETAS, NA PORTA.

MARGOT - Deve ser a cerveja e os sanduiches. Um momento.

C/REGRA - RUIBO EM POUCOS PASSOS, ABRE PORTA, RECEBER BANDEIJA, FECHAR, PASSOS.

MARGOT - Pronto. Aqui está. E parece que a cerveja está ultra gelada como costumam dizer os irreguezes, quando pedem.

C/GERA - RUIDO DA CERVEJA NO COPO E GARRAF NA BANDEIJA.

MARGOT - A gorra serve-se à vontade e se quiser mais é só pedir. Mas vamos continuar a nos a conversa. O senhor disse que irá comigo, amanhã lá na prisão visitar Reginaldo. E que eu tenho que apresentar o senhor como irmão dele que é advogado na cidade de Vitória da Conquista. Não é isto?

P.FERRO - Isto mesmo. Eu preciso conversar com Ele e sentir o ambiente. Aproveito para ver como se poderá forçar a fuga, no caso de não se poder comprar nenhuma guarda. Mas eu não acredito que aconteça isto. Tenho quase a certeza de que vou comprar um.

MARGOT - Que bom que seja. Assim já facilitará muito a tarefa, não é verdade?

P.FERRO - MUITÍSSIMO, NÃO SERÁ PRECISO USAR VIOLÊNCIA QUE É SEMPRE ARRISCADO.

MARGOT - O senhor vai sair de noite, ou prefere ficar em casa, descansando?

P.FERRO - NÃO, NÃO VOU SAIR. Fiz uma viagem um pouco puxada e vou precisar muito das minhas energias. Prefiro descansar.

MARGOT - Vou mandar arrumar um quarto bom para o senhor. Prefere colchon de molas?

P.FERRO - Claro. Depois de sacudir uma noite e um dia, num jipe de molas duras, penso que mereço uma cama macia, não?

MARGOT - Ah, o senhor veio de jipe de Vitória até aqui?

P.FERRO - Até aqui, não. Deixei-o numa garagem da cidade. Pra cá vim no trem comum. Há automóveis para alugar, se a gente tiver necessidade de sair meio corrido, sem tempo para esperar o trem; não há?

MARGOT - Claro. Um dois e todos dois são pessoas que me devem favores.

P.FERRO - Então está tudo OK. Mande arrumar o meu quarto que depois desta cervejinha eu acho que vou fazer um ronco em condições.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

GLAUCO - Olá, Otávio, há quanto tempo não tinha o gosto de avistar-te. O que tens feito que desapareceste do mapa, de um dia para o outro, Rapaz?

OTÁVIO - O que tenho feito? A mesma coisa de sempre. Você é que não apareceu mais lá no escritório. E como eu deixei de ir na boate da Margot, que era o outro ponto onde nós nos encontrávamos...

GLAUCO - Eu também deixei de ir lá. Acho que faz mais de um mês que não apareço.

OTÁVIO - Então ela deve estar desesperada com a tua ausência. Eras o seu amigo riel

GLAUCO - Pois é, mas Margot anda se envolvendo com gente muito ordinária e eu não estou para me comprometer, de repente.

- OTÁVIO - Por que você não chama a atenção dela, mostrando-lhe o perigo que ela está correndo? É quase um dever seu, como amigo.
- GLAUCO - Já tentei, mas não consegui nada. Margot é desatinada por dinheiro. Nunca vi ninguém igual na minha vida. Onde houver uma oportunidade de arrancar algum, pode contar de certo que ela está ali. Margot, por dinheiro, vende a alma ao diabo.
- OTÁVIO - Que grupo é essa que ela se meteu, que eu não sei?
- GLAUCO - Uma gang do roubo e do crime, parece que comandada por um tal de Reginaldo, que já andou aí há algum tempo e um tal de Sarará que presentemente está preso. Além os dois foram presos pelo delegado Lourenço. E ela vai visitá-los duas vezes por semana.
- OTÁVIO - Isso é mau. Acorde que um deles foge da prisão, de repente, porque a prisão daqui não oferece mesmo garantias e ela fica enrascada, porque todo mundo vai pensar que ele o ajudou na fuga.
- GLAUCO - E se ele der dinheiro a ela, ela ajuda mesmo. Ah, ajuda. Não tenha dúvida.
- OTÁVIO - Bom então azar dela. Quer sarna para se coçar, que se coce. Você já chama a atenção dela, não já?
- GLAUCO - Duas ou três vezes. Da última, ela até se mostrou um pouco irritada comigo. Chegou a dizer que sabia muito bem o que estava fazendo e por pouco não me dadas uns palavrões, como é seu costume, quando se irrita.
- OTÁVIO - Pois então deixa pra lá. O dia que ela se apertar, mesmo, aí vai mandar chamar você correndo e você diz a ela as coisas que ela lhe respondeu quando você a advertiu. Você tem visto o Tarcísio?
- GLAUCO - De vez em quando passo lá na oficina e dou uma conversinha com ele. Ele aproveitou bem a lição. Nunca mais ninguém conseguiu arrastar o Tarcísio para uma farrinha que fosse. Abandonou a bebida totalmente.
- OTÁVIO - A garota que ele gosta, parece que brigou com o outro namorado, não é?
- GLAUCO - Não sei, porque não toquei no assunto, mas a verdade é que o achei muito animado. Talvez então fosse a volta da esperança pelo acontecido.
- OTÁVIO - Tem uma outra professorinha aí, bem bacana. Você viu? Ela estava na agência do Correio, eu botei-lhe os olhos em cima e ela ficou um tanto desconcertada, mas agora, quando passa por mim, finge que não me vê e me cuida com o rabo do olho.
- GLAUCO - Eu sei como é. É daquelas que quer e não quer, não é isso?
- OTÁVIO - Não, não... É daquelas que quer e "finge" que não quer. Mas o papai aqui já conhece esse jogo e não se deixa enrolar. Bem,rixama Glauco, eu vou

OTAVIO - (CORRUPÇÃO) andando que devo ter um cliente lá no escritório e minha espera. Apareça por lá, de vez em quando.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL

LOCUTOR - MENSAJES COMERCIAL

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL

P. FERRO - O senhor trabalha aqui na delegacia há muitos anos?

GUARDA - Há doze anos, meu amigo. E recém fui ~~xxxxxx~~ promovido a cabo. É uma vida dura. A gente com mulher e filhos, o senhor vê. Sessenta mil cruzeiros não dá pra nada. A mulher faz todo o serviço e ainda, quando sobra tempo, faz umas costurinhas pra casa, pra arrumar uns trecados.

P. FERRO - É uma miséria, realmente. Depois, se um homem resolve fazer qualquer coisa que não esteja bem certinha, para dar uma situação um pouco melhor à família, muita gente ainda acha ruim e quer atirar pedras no infeliz. Não pode. Eu se estivesse na sua situação e chegasse na outro cara pra mim com uma proposta deshonesta mas que melhorasse um pouco o nível de vida da minha família - não sei o que o senhor vai pensar de mim - mas eu aceitava. Porque é duro a gente ver os filhos da gente com fome. É, ou não é?

GUARDA - Duríssimo. E pior, ainda, é quando estão doentes e a gente não tem dinheiro para comprar os remédios que precisa.

P. FERRO - E alguns que não lhe ajude tem o direito de exigir que você não saia da trilha reta? Tem, não. Diga uma coisa que eu vou lhe perguntar: quanto o senhor precisaria, para pagar todas as suas contas e comprar algumas coisas muito necessárias na sua casa? Duzentos mil? Trezentos mil cruzeiros? Desculpe a indiscrição da pergunta, mas a intenção é de lhe ajudar, apenas. Eu não gosto de ver ninguém precisando das coisas e não poder comprar. Faça um cálculo, por alto, das suas necessidades e diga.

GUARDA - Bem, eu... calculando assim por alto... mais ou menos... penso que trezentos ^{mil} cruzeiros não me chegavam. Gostaria de comprar geladeira... um rádio novo que o meu já está na miséria... uma cama para cada filho que dormem de dois em dois... coberturas para todos... roupa de cama... fazer um rancho farto pra um mês ou dois... mandar botar luz elétrica, que a gente usa lampião... Ih, faltava muita coisa. Acho que menos de meio milhão não ia chegar.

P. FERRO - E se eu lhe dissesse que lhe arranjava esse meio milhão? Que é que você responderia?

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL DE SUSTO.

GUARDA - Como?!... O que foi que o senhor disse?!...

P. FERRO - Si eu lhe dissesse que lhe arranjava esse meio milhão, o senhor aceitaria? (PUSA) Vamos, responda à minha pergunta.

GUARDA - Mas... mas para pagar de que jeito? Eu não sei se poderia...

P. FERRO - Para não pagar.

TÉCNICA - REPETE A VERGASTADA ANTERIOR.

GUARDA - (DEPOIS DE PAUSA LONGA) Para... para não pagar?

P. FERRO - É. Para não pagar. Si eu lhe arranjasse esse meio milhão para você, como... como presente, digamos?

GUARDA - Mas eu... eu não teria que fazer nada? O senhor me daria o dinheiro assim... sem mais nem menos... e sem exigir qualquer retribuição?...

P. FERRO - Bom... não é bem assim. Eu ia pedir uma retribuição, sim. Mas uma coisa muito fácil e muito simples para você. Uma coisa que seria feita de modo a não o comprometer. (PAUSA) Você comprar a sua geladeira... o seu tádio novo... uma cama para cada filho... cobertas para o inverno... botaria luz elétrica na sua casa... faria um rancho para dois meses... já pegou sua família comendo bem dois meses, sem lhe custar um cravo do seu ordenado? E tudo isto por um simples faversinho. Bastaria fechar os olhos em determinado momento. Nada mais. (PAUSA) Então? Que me diz? (PAUSA) Lembre-se, em primeiro lugar de sua família que passa necessidades, que não tem o menor conforto, que anda esfarrapada, quasi, porque o seu miserável ordenado mal dá para que não morram de fome. Lembre-se deles, vamos. Uma oportunidade como esta não é sempre que nos aparece, na vida. (PAUSA) Vamos, fale. Diga alguma coisa...

GUARDA - (VERDADEIRAMENTE TENTADO) Não sei... não sei... Eu sou justamente o homem de confiança do seu delegado.

P. FERRO - Mas não deixará de ser por causa disto. Ele não vai desconfiar de nada, tão bem nós vamos preparar tudo. (PAUSA) Vamos, responda. Eu não posso ficar esperando indefinidamente.

GUARDA - (DEPOIS DE PAUSA) Está bem. Eu aceito.

P. FERRO - Óra até que enfim. Linda muito bem que teve juízo. Quer uma parte agora? Imediatamente?

GUARDA - (SUSTO) Não, não... vamos conversar, primeiro. Vamos saber o que é preciso fazer, antes. Depois então... conforme forem as coisas... o senhor me dá uma parte adiantada. Por enquanto ainda não.

P. FERRO - Muito bem. A que horas poderei conversar com você, longe daqui?

GUARDA - Eu devo sair às sete horas. Poderemos nos encontrar na praça porque é uma hora em que todos estão em casa jantando e a praça está vazia.

P. FERRO - Muito bom. Às sete horas estarei lá, sentado num banco e vou esperar, para acertarmos o trabalho a fazer.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

SIMONE - Você está muito ocupada, Adélia?

ADELIA - Não, não... estou revisando umas provas, mas já faltam poucas. Entre.

C/REGRA - PORTA QUE SE FECHA E PASSOS DE SIMONE.

SIMONE - Eu estava, desde cedo, com vontade de conversar um pouco com você, mas calculei que você estivesse trabalhando. Hoje foi dia de sabatina na sua sala.

ADELIA - É, sim, mas até é bom que eu pare um pouco porque já fiz tentas que a cabeça está pedindo um repouso. Deixe ver... faltam uma... duas... três... quatro... faltam cinco provas, apenas. Isso eu faço em menos de meia hora. Sente-se. O que é que você queria me dizer?

SIMONE - Eu não queria lhe dizer necessariamente alguma coisa, entende? Queria conversar com você... saber do seu romance... Em que pé ele está?

ADELIA - Continua na mesma. O diabo do rapaz não se decide. Se ele tivesse família eu era capaz de pensar que havia oposição na casa dele.

SIMONE - Naturalmente ele ainda não pode ver se gosta realmente de você e não quer casar sem gostar. Tem razão. Casamento sem amor deve ser a pior coisa da vida. Eu não me casaria, nunca, sem adorar meu marido e ter a certeza absoluta de que ele me queria da mesma forma.

ADELIA - Bom, isso deve ser a regra geral, mas você sabe, muito bem, que não há regra sem exceção. Muitas vezes um homem case com uma mulher apenas por sentir que ela o ama e verificar que será uma boa companheira para as suas exigências e necessidades. Acontece que ele se dedica de uma tal forma a ela que acaba se tornando um hábito para o marido e ele depois não pode mais viver sem ela.

SIMONE - Acontece isso, realmente, mas numa proporção mínima em relação aos que se tornam desajustados por carência de reciprocidade. É muito perigoso, Adélia. Eu jamais me casaria, fosse com quem fosse, correndo esse risco.

ADELIA - Se você amasse muito a um homem, como eu amo Rafael, você se arriscaria. E é o que eu pretendo fazer, se ele se decidir a casar comigo e se pedir em casamento.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

GUARDA - A que horas passa o trem xxxxxx noturno para a cidade hoje? Já indagou? Será que ele não vem com atraso?

P. FERRO - Disse-me o chefe de estação que antes da uma da madrugada é muito difícil. Deverá passar entre uma e duas horas.

GUARDA - Então teremos que fazer o serviço antes da meia noite, que é quando eu termino o meu plantão. Que horas são, agora?

P. FERRO - No meu dez e trinta. Não sei se estará certo, mas anda por aí.

GUARDA - Talvez fosse conveniente, então, fazermos tudo daqui a uma hora. Não lhe parece?

P. FERRO - É... talvez ser... Você vai precisar de alguma coisa?

GUARDA - Vou precisar, talvez, de um cobertor para agitar na cama como se fosse o homem. Assim, quando o outro guarda me substituir, não se apercebe que a cama está vazia.

P. FERRO - Bem, eu vou na casa da Margot buscar esse cobertor. Dentro de uma hora estarei de volta.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

MARGOT - É só isto que o senhor precisa?

GUARDA - Só isto. Daqui a uma hora deverei estar de volta com o homem.

MARGOT - Verdade?!... Então deveremos embarcar esta noite, ainda?

P. FERRO - Deveremos embarcar por que? A senhora também vai?

MARGOT - Reginaldo disse que sim. Que me levaria junto. Mandou, até que eu podesse parrásse toda a minha bagagem. Está pronto há vários dias.

P. FERRO - Bem, se Reginaldo disse, ele sabe porque. O trem noturno, para a cidade, deve passar entre uma e duas horas de madrugada. Iremos nele. De manhã estaremos lá e pegaremos o jeep. Quer abrir a porta para eu sair?

MARGOT - Sim senhor, posso abrir. O senhor vai voltar ou eu deverei ir encontrá-los em algum lugar?

P. FERRO - Não, não... nos estaremos de volta dentro de uma hora, no máximo. E agora abra a porta.

G/REGRA - PORTA QUE SE ABRE COM CHAVE E TRINCO. PASSOS QUE SAEM. XXX

P. FERRO - Até logo.

MARGOT - Até logo, senhor. Ficarei à espera.

G/REGRA - PASSOS QUE SE APASTAM EM CALÇADA. PORTA QUE SE FECHA.

MARGOT - Bem... agora vou fazer os últimos preparativos porque é hoje o dia.

G/REGRA - BATIDAS COM OS DÓS DOS DEDOS NA PORTA.

MARGOT - Ué!... Por que será que ele voltou? Terá esquecido alguma coisa?

G/REGRA - PORTA QUE ABRE COM CHAVE E TRINCO.

G. FREIOS - Bom noite.

TÉCNICA - EXPLOSO MUSICAL. FUNDE COM CARACTERÍSTICO PARA ENCERRAMENTO.

S O L I D ã O

- Novela de Érico Cramer -

67º CAPÍTULO

- TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA.
- P. FERRO - Nós estaremos de volta dentro de uma hora, no máximo. Agora abra a porta.
- G/REGRA - PORTA QUE SE ABRE COM CHAVE E TRINCO. PASSOS QUE SAEM. PARAM.
- P. FERRO - Até logo.
- MARGOT - Até logo, senhor. Ficarrei à espera.
- G/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM EM CALÇADA. PORTA QUE SE FECHA.
- MARGOT - Bem... agora eu vou fazer os últimos preparativos porque é hoje o dia.
- G/REGRA - BATIDA COM OS NÓS DOS DEDOS NA PORTA.
- MARGOT - Ué!... Por que será que ele voltou? Terá esquecido alguma coisa?
- G/REGRA - PORTA QUE ABRE COM CHAVE E TRINCO.
- G. FREIOS - Boa noite.
- TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL PORTE.
- MARGOT - O que é que você quer a esta hora? Não posso lhe atender.
- G. FREIOS - Espere lá. Como é que não pode me atender? Tem que me atender, sim.
- MARGOT - Tire o pé que eu quero fechar a porta, vamos.
- G. FREIOS - Não tiro o pé coisa nenhuma. Quero falar com a senhora e a senhora vai me ouvir, ou então vai se arrepender amargamente.
- MARGOT - O que é que você quer? Dinheirro, não? Mas dinheirro a esta hora eu não tenho em casa; está no banco.
- G. FREIOS - Mas eu não saio daqui, sem levar, pelo menos, algum. A senhora me prometeu mundos e fundos para eu ir lá buscar o tal de pé de ferro. Eu fui, honestamente e a senhora não quer me pagar o que me deve?
- MARGOT - Eu não disse que não quero lhe pagar. Eu disse que isto não são horas de vir soberrar dinheirro na casa de ninguém. Volte amanhã, depois do meio dia que eu lhe pago o que lhe prometi, antes não.
- G. FREIOS - Mas eu estou sem dinheiro nenhum e preciso comprar comida amanhã. Se não pode me dar todo, me dê, pelo menos alguma coisa que depois eu volto para buscar o resto.
- MARGOT - Está bem. Deixe ver onde está a minha carteira para ver o que tenho e o que posso lhe dar... (PAUSA) Ah, está aqui no bolso do avental. (PAUSA) Veja. Não tenho quase dinheiro. Posso lhe dar quinze mil cruzeiros, serve?
- G. FREIOS - Veja se pode dar um pouco mais, Madama. Eu preciso fazer umas compras amanhã cedo que não tem nada em casa para se fazer pro almoço.

MARGOT - Mas eu também não posso ficar sem nenhum dinheiro até amanhã, quando o banco abrir. Posso ter uma necessidade... (PAUSA) Está bom, eu lhe dou vinte mil cruzéis. (PAUSA) Aqui estão. (PAUSA) Quer me deixar fechar a porta, agora?

G. FERIOS - Espere, Madama. Por que tanta pressa? Eu ainda preciso saber, direitinho quando é que eu venho buscar o resto.

MARGOT - Amanhã de tarde, depois das quatro.

G. FERIOS - OK. Então boa noite, Madama.

MARGOT - Boa noite.

G/REGRA - PORTA QUE FECHA COM CHAVE.

MARGOT - Este vai esperrar sentado pelo resto. (GARGALHADA) Amanhã, às quatro horas, quando ele vier, eu já estarei muito longe daqui! Muito longe daqui! (GARGALHADA) O mundo é dos espertos. E os tolos nascem para serem enganados.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

P. FERRO - Está tudo em ordem? Não há nenhum perigo de sermos surpreendidos?

GUARDA - Nenhum perigo. Mandei o soldado em minha casa buscar uma garrafa de café e estou sózinho. Aqui está a chave da cela, se quiser você mesmo ir libertá-lo. Mas não demore muito, por favor. Se eu gritar daqui, chamando o guarda, você já sabe que chegou alguém e é o sinal para ficar por lá até que torne a chamá-lo.

P. FERRO - Tá bom. Não tem bronca. Vou lá buscar o homem, então.

G/REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE AFASTAM. PORTA QUE ABRE E FECHA EM 2º PLANO.

GUARDA - (PROTESTANDO) Não feche essa porta, não. Deixe aberta que assim você pode ouvir, se chegar alguém.

G/REGRA - PORTA QUE SE ABRE, AFASTADA.

GUARDA - Eu não sei se ele vai me pagar agora, mas seria bom. Nunca me meti em negócio com essa gente, não sei se a gente tem que cobrar ou deve esperar. Puxa vida que se eles me pagarem mesmo, nunca na minha vida ganhei dinheiro tão fácil!... Meio milhão em dois dias, não é biscoito! Também quanta coisa eu vou ter que venho esperando a vida inteira!... Mas de tudo, mesmo, o que eu vou ficar mais contente é as cobertas e as roupas para as crianças. Em dia de frio, às vezes, eu nem podia trabalhar direito só de me lembrar deles... E depois, ainda por cima, mal alimentados... Agora pelo menos por algum tempo, eles não vão ter necessidades.

TÉCNICA - RELÓDIO DE TORRE DATE ONZE NADALADAS ESPACADAS E AFASTADAS.

GUARDA - Onze horas, já. Um pouco antes da meia noite o outro está aí. Eles não podem decorrar muito, não... Será que o homem não acertou em dar a volta na chave? Está decorrendo tanto... Ah, é verdade... eu não posso me esquecer de perguntar a ele se tornou a fechar a porta. Ela não pode ficar aberta, não o outro vai perceber logo e vai dar alarme. E aí mesmo é que eles não fogem.

REGRA - PASSOS DE DOIS HOMENS QUE SE APROXIMAM.

GUARDA - Ora está aqui enfim eles estão chegando. Eu tenho medo que chegue alguma, de uma hora para outra.

P.FERRO - Pronto. Aqui estamos. Podemos ir, ou prefere que espere?

GUARDA - Não, não... acho que devem ir, sim, mas antes quero saber algumas coisas. Fecharam a porta da cela de novo?

P.FERRO - Fechamos, sim senhor. Está aqui a chave.

GUARDA - E fixaram o boneco com o bobertor, coberto com o lençol para fingir que o preso está doraindo?

REGINALDO - Eu mesmo fiz. Assim com pouca luz, ninguém dirá que não tem uma pessoa deitada na cama e coberta com o lençol. Mas não foi muito fácil, não. Custou-se um pouco a acertar.

P.FERRO - Querias mais alguma coisa, amigo?

GUARDA - Bem... quer dizer... o senhor me prometeu...

P.FERRO - (CORRE) Já sei... já sei... o senhor, quando sair daqui, passe lá na casa de Madame para receber o dinheiro que lhe devemos. Combinado?

GUARDA - Sim senhor, eu passo, mas... se eu demorar um pouquinho não se assustem. E não saiam sem eu chegar, porque não me convém que sejam presos.

REGINALDO - Não tem porigo. Esperaremos por você. Pode ficar descansado. Será que nós conseguimos um automóvel, agora, para ir pra casa?

GUARDA - Não convém. O melhor é que saiam a pé, para não chamar atenção. Afinal de contas não é assim tão longe.

P.FERRO - Longe, não. É muito perto, até. Em menos de quinze minutos estamos chegando lá; não lhe parece?

GUARDA - Talvez nem precise tanto tempo. Mas trate de ir andando que pode chegar alguma de repente, e atrapalhar tudo.

REGINALDO - Ah, sim, vamos. Até mais tarde, então.

P.FERRO - Vamos esperar-lo.

GUARDA - Pode esperar. Eu irei lá, sim.

TÁCHICA - PASSOS MUSICAL.

MARGOT - Eu vou dizer uma coisa para você que ainda não disse, mas você não vai falar para ninguém. Reginaldo vai fugir da prisão, daqui a pouco. Já deve estar fugindo e vem se esconder aqui em casa. Depois vamos todos para a cidade e de lá tomamos avião para outro lugar que eu ainda não sei qual é. Vou botar um boate lá nesse lugar, que é para o norte e em todo mundo ordem e procuração para você vender tudo e ir para lá com a gente, sabe? Você foi sempre uma pessoa de confiança, por isso vai ficar encarregada de tudo que é meu aqui, mas tem que botar um cadeado na boca. Ela sabe de nada... não viu nada... só sabe que eu fui fazer uma viagem na Europa e deixei você encarregada dos meus negócios, pronto.

LUZA - Está certo, Madame, eu compreendi tudo. Já sei como tenho que agir e a senhora não tenha medo porque eu faço tudo direitinho, conforme fui mandada.

MARGOT - Eu sei, Luza, eu conheço bem você. Por isso mesmo escolhi deixar o que é meu nas suas mãos. Você é honesta porque tem medo, mas de todo modo é honesta. Sobre o que se passou aqui e sobre o meu verdadeiro destino, não deve ser dada uma palavra que seja a ninguém. Não sei é a resposta sempre.

LUZA - Não tem perigo, Madame. Eu sei como me portar, fique tranquila.

MARGOT - É outra coisa: você não vai se arrepender de proceder com lealdade, porque vai ter o prêmio depois. Eu vou mandar buscar você. Não escrevo nada para aqui, nem mando notícias nenhuma para aqui. Você de dez em dez dias vai no correio da cidade, procurar na poste restante. Guarda o endereço e a carta, depois de ler, rasga e deixa por lá para evitar qualquer complicação de se perder e cair nas mãos de alguém, entende?

LUZA - Entendo, Madame. De dez em dez dias eu vou à cidade, procuro carta para mim na poste restante do correio, leio a carta, guardo só o endereço, para poder responder e depois de rasgar a carta boto os restos fora lá mesmo; não é isto que a senhora quer?

MARGOT - Exatamente. É outra coisa, ainda: certo que você mandar para mim, não vai botar no correio daqui. Leva e bota na cidade, também.

LUZA - Não tem perigo. Está tudo entendido e eu vou fazer como a senhora mandou.

MARGOT - Ah, é verdade... tem outra coisa, ainda. O guarda francês Jacinto talvez agarraça aqui para buscar um dinheiro, você diga para ele que eu fugi para a Europa e não peguei também um dinheiro que devia para você. Ele não se fica anclando aí na porta, batendo e toda hora. Já recebeu que chegou. Não precisa mais. As contas estão todas pagas, e temos que...

C/REGRA - BATIDAS NA PORTA, EM 2º PLANO, COM OS NÓS DOS DEBOS.

MARGOT - (DEPOIS DE PAUSA) Quem serrá?! A maneira de bater me pareceu do Jacinto outra vez. (PAUSA) Vá abrir a porta e se for ele diga que fui parra a cidade de automobile. E só deixa entrar se for gente de casa.

TÁCNICA - PASSAGEM MUSICAL.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÁCNICA - PASSAGEM MUSICAL.

MARGOT - Vá abrir a porta e se for ele diga que fui parra a cidade de automobile. E só deixa entrar se for gente de casa.

LUZA - Sim senhora, mas não fique aí na frente da porta que ele poderá vê-la.

C/REGRA - PASSOS DE LUZA PARA A PORTA, SEMPRE EM 1º PLANO. PARAM. ABREM PORTA COM CHAVE E FRANCA DE FERRO.

LUZA - Ah, é o senhor. Entra.

C/REGRA - ENTRA PÉ DE FERRO E LOGO A SEGUIR REGINALDO. FECHA-SE A PORTA E OS PASSOS (DE DOIS HOMENS E UMA MULHER) VEM PELO CORREDOR EM 1º PLANO.

REGINALDO - (AO ENTRAR) Boa noite.

LUZA - (JUNTO COM OS PASSOS, PROJEANDO) É gente de casa, Madame Margot. Pode apreciar.

P.FERRO - Ela estava com medo? Não tem perigo. Está tudo correndo muito bem. O papai aqui sabe como faz as coisas.

MARGOT - Oh, Reginaldo! Que prazer de ver você aqui na minha casa!... Vamos tomar um drink, se ainda temos tempo. Que horas vamos parra a estação?

P.FERRO - Não vamos sair sem que o Guarda venha aqui para nos levar à estação. Foi recomendação expressa dele. Está de plantão até à meia noite. Depois vem receber o dinheiro e nos garantir a partida.

MARGOT - Ótimo! Luza, vá servir uns drinks e faça também uns sanduiches, por favor, que a turma deve estar com fome. Quem sabe preferem comido?

REGINALDO - Não, não... eu aceitaria uma cerveja gelada, se tivesse e os sanduiches.

MARGOT - Tem, sim. E você, pé de ferro, preferre cerveja também?

P.FERRO - Pode ser. Uma cerveja geladinha vem bem. Vamos beber pela liberdade desse homem e para que sejamos bem sucedidos na nossa fuga esta noite.

MARGOT - Vamos ser, por que não? O mais difícil o senhor já fez. O resto é canja.

LUZA - Então trago duas cervejas e os sanduiches, Margot?

MARGOT - Duas, não. Trres, porque eu vou beber também. Faça questos.

TÁCNICA - PASSAGEM MUSICAL

GUARDA - Pode ir apenar o pessoal hoje. A fuga será amanhã, ou depois, durante a noite.

DELEGADO - Por que? Não tem o plano?

GUARDA - Parece que sim. O tal Pé de Ferro vai lá sozinho, buscar a condução dele para levar a turma. Já deve ter ido, até.

DELEGADO - Mas se fizessemos uma batida, agora, na casa da Margot, pegaríamos lá o fugitivo e daríamos ordem de prisão a ela. Amanhã, quando Pé de Ferro vier se, seria aprisionado. Não precisamos pegar os três juntos.

GUARDA - Mas acontece que o fugitivo não está na casa da Margot. O Pé de Ferro é, realmente, muito vivo. Disse que o levaria para lá, mas não o levou. Portanto a nossa chance vai ser, talvez, amanhã de noite, quando ele vier buscar a Margot.

DELEGADO - Mas eles pensam, sempre, em levá-la?

GUARDA - Diz ele que sim. Que vão botar uma boate não sei onde e ela vai ser a gerente. O negócio dela, aqui, já estava praticamente fechado...

DELEGADO - Onde eles teriam escondido o tal de Reginaldo? Você não tem nem ideia?

GUARDA - Não Chefe. Eu cometi um erro imperdoável. Como estava combinado que ambos se refugiariam na casa da Margot, não imaginei que pudessem ir para qualquer outro lugar e não mandei segui-los. Quando fui depois lá, para verificar, eles não estavam.

DELEGADO - E não teriam se escondido lá dentro da casa mesmo?

GUARDA - Não, porque eu revistei tudo. E depois tem lá uma pequena, a Lusa, que vai por mim. E ela me garantiu que não estavam lá nem tinham estado. Foi ela que me contou o negócio da boate que eles pretendem botar em qualquer lugar e que a Margot vai ser gerente.

DELEGADO - Então que lhe parece que devemos fazer?

GUARDA - Hoje nada. Vamos dispensar a turma de vigília e amanhã se recomeça o trabalho; não lhe parece?

DELEGADO - É... se você tem certeza absoluta que esta noite não acontecerá nada... não adianta cansarmos os rapazes numa espera inútil. A que horas termina o seu plantão?

GUARDA - Quando o seu substituto chegar, daqui a uns dez ou quinze minutos.

DELEGADO - Pois bem, então quando você sair, passe lá e dispense os rapazes. Eu vou para casa dormir. Qualquer coisa, diga ao seu substituto que vá me chamar.

GUARDA - Sim senhor. Pode ir descansado. Amanhã, às oito horas eu estarei aqui, outra vez.

DELEGADO - Boa noite, então.

GUARDA - Boa noite, Chefe. Descanse bem.

TECNICA - PASSAGEM MUSICAL.

P. FERRO - Você parece cansadíssimo, Reginaldo. Por que não vai deitar um pouco? Leixar-se que, depois, vai viajar a noite toda, talvez.

REGINALDO - Não, não, eu não quero me deitar. Quando estou com os nervos muito tensos, como agora, não consigo dormir. Fico rolando na cama de um lado para o outro e acabo me levantando com receio de que os nervos rebentem. Prefiro ficar sentado.

MARGOT - um saquinho mais de cerveja lhe faria bem?

REGINALDO - Também não quero. Já tomei três garrafas inteiras e preciso estar leve para o caso de ter necessidade de correr; compreende?

P. FERRO - Homem, você está é nervoso. Não vai ter necessidade nenhuma de correr, descanse. O plano está bem traçado, o preço que vamos pagar por ele é bastante alto, mas em compensação não correremos risco.

MARGOT - Posso perguntar o que estamos esperrando? Penso que o trem, mesmo que esteja muito atrasado, como de costume, não deve demorar muito a pagar na estação. Por que não vamos parra lá?

P. FERRO - Porque só queremos sair daqui garantidos e enquanto o guarda não vier, temos ordem de permanecer escondidos. Ele vai preparar, lá fora, a nossa saída. Se não puder ser às duas horas, será às tres, se não puder ser às tres, será às quatro, ou à hora em que puder ser.

MARGOT - Mas o trem não esperra por nós. Se passarmos das duas, estamos arriscando a perdê-lo.

P. FERRO - Também não quer dizer nada. Se o trem já tiver passado, quando o caminho for desimpedido, ele já virá com um automóvel que nos levará para a cidade. Pode ficar descansado que o homenzinho é eficaz. Trabalha bem.

REGINALDO - Tudo isso foi plano seu, ou dele?

P. FERRO - Foi dele. Você compreende que eu, em terra estranha, não posso ter a mesma eficácia que um sujeito que além de trabalhar no assunto, conhece o terreno e os hábitos da terra. O que é que você está pensando?

REGINALDO - Que não volto para a prisão por preço nenhum. Nem de própria vida.

P. FERRO - Que é isso, homem?! Que ideia é essa?!... Quem é que vai voltar para a prisão, nesta altura? Descanse que amanhã a esta hora já estaremos bem longe daqui e livres, finalmente. Você vai passar uns dias na minha granja, para se recuperar e depois vamos continuar trabalhando.

MARGOT - E eu? Que vou fazer?

P. FERRO - Você fica também lá na granja e depois a gente decide o que vai fazer.

MARGOT - Vamos, sempre, botar a boate de que me falaram? Ou disseram, apenas, parra me enganabalar?

- P. FERRO - Você pensa que nós somos como você que prometemos as coisas sem intenção de cumprir? Nada disto. Nós somos fora da lei mas temos palavra. O que prometemos cumprimos.
- MARGOT - (BAIXO) Cuidado, por favor! Nem fale alto que Luza pode escutar e eu agora prometi uma porção de coisas parra ela.
- P. FERRO - Coisas que não vai cumprir, é evidente. Pelo que já me foi dado ver...
- MARGOT - Non, non... Luza berreco. Algumas coisas vou cumprir, sim. Si me aceitar bem, lá onde vou, mando procurraçom parra ela vender os meu terreços aqui e levo ela parra trabalhar comigo lá. Luza é muito trabalhig deirra e de bastante confiança.
- REGINALDO - Puz a vida que estas horas estão custando a passar que não é brincadeira parece que os minutos demoram meia hora para pingar, um depois do outro. Si eu pudesse beber bastante... mas nesta situação não convem. É preferível que eu sofra, mas esteja lúcido.
- TÔNICA - RELOGIO DE TORRE DE IGREJA BATE DUAS BABALADAS ESPAÇADAS E APASTADAS.
- MARGOT - Duas horas. Está batendo na igreja. Ache que já perdemos o trem.
- P. FERRO - Não tem importância. Vamos de automóvel. Talvez até seja melhor para nós. Não estaremos com gente estranha e chegaremos ao destino muito primeiro do que o trem. O caminho até à cidade não deve ser bom, é?
- MARGOT - Favoritico. Vamos pular duas horas e meia ou tres horas, sem descanso.
- P. FERRO - Pois é, mas não há outro remédio agora que o trem já deve ter saído.
- MARGOT - Podemos passar na estação, pelas duvidas. Se o trem inda non foi... da morra mais, mas non saecede tanto.
- P. FERRO - Não vamos forçar as coisas. Se o guarda trouxer automovel, vamos de automovel.
- C/REGRA - BATIDAS DE NÓS DOS DEBOS NA PORTA, APASTADA.
- MARGOT - (DEPOIS DE PAUSA LONGA) quem serrá?
- P. FERRO - (BAIXO O TOM) Deve ser o guarda. Foi ele que ficou de vir nos avisar quando poderiamos sair.
- MARGOT - (BAIXO) Mas a batida non é dele. Ele bate sempre na campainha. Quem bate assim é outra pessoa. (Pausa) Que lhes parece? Abro?
- REGINALDO - Talvez seja conveniente olhar na janela, antes.
- P. FERRO - Não, não. Eu acho melhor nós nos escondermos e Margot ir atender a porta.
- C/REGRA - RESDUZ AS BATIDAS MAIS FORTES E POR MAIS TEMPO.
- MARGOT - Escondam-se entos, que eu vou atender a porta.
- TÔNICA - EXPOSITO MUSICAL PUNDA COM CARACTERISTICA MUSICAL FORTE PARA ENCERRAMENTO DO CAPITULO.

S O L I D A D O

- Novela de Erico Cramer -

68º CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DA ABERTURA.

P. FERRO - Não vamos forçar as coisas. Se o guarda trouxer automóvel, vamos de automóvel.

C/REGRA - BATIDAS COM OS NÓS DOS DEBOS NA PORETA / PASTADA.

MARGOT - (DEPOIS DE PAUSA LONGA) Quem será?!

P. FERRO - Deve ser o guarda. Foi ele que ficou de vir nos avisar quando poderia nos sair.

MARGOT - (BAIXO) Mas a batida não é dele. Ele bate, sempre, na campainha. Quem bate assim é outra pessoa. (PAUSA) Que lhes parece? Abro?

REGINALDO - Talvez seja conveniente olhar na janela, primeiro.

P. FERRO - Não, não... Eu acho melhor nós nos escondermos e Margot ir atender a porta.

C/REGRA - REPETE AS BATIDAS MAIS FORTES E POR MAIS TEMPO.

MARGOT - Escondam-se então que eu vou atender a porta.

C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM E SOMEM. (DOIS HOMENS).

MARGOT - (VOZ DE SEGREDO, MAS PROJETANDO) É melhor irromper a porta e deixar a porta para o quintal aberta.

C/REGRA - PASSOS DE MARGOT SEMPRE EM PRIMEIRO PLANO. CHEGA NA PORTA PARA ABRE A TRANCA DE FERRO E DEPOIS A CHAVE. ABRE A PORTA.

GUARDA - Você demorou tanto a atender... por que?

MARGOT - Porque não sabia que era você. Por que não bateu na campainha, como é seu costume?

GUARDA - Não me lembrei. Vinha muito preocupado. Gustou-se de estar a turma. Não foi fácil, não.

C/REGRA - FAZ TODOS OS RUIDOS PARA REGRAR A PORTA COM CHAVE E TRANCA. PASSOS DE MARGOT E DO GUARDA, SEMPRE EM PRIMEIRO PLANO.

MARGOT - Estamos à sua espera desde a meia noite. Sou mais de duas horas...

GUARDA - É preferível que eu tenha decorado e tenha arranjado tudo; você não acha? Pois foi o que aconteceu comigo.

MARGOT - (CHAMA PARA DENTRO) Podem vir. É o guarda que está aqui. (TOM) Mandei que eles se escondessem, pelas dúvidas.

GUARDA - Preconvida, hein?

MARGOT - A prática ensina a gente. Toda a vida lixei com estes assuntos...

C/REGRA - PASSOS DE DOIS HOMENS QUE SE APROXIMAM.

P. FERRO - Estevamos à sua espera há mais de uma hora.

GUARDA - Tive que despistar inicialmente o delegado, depois mais dois guardas em carregados da vigilância de casa, depois, ainda, procurar um chofer da minha confiança para levar vocês na cidade, tudo isso levou tempo; não foi assim tão fácil.

REGINALDO - Foi o que calculamos. Quer acertar suas contas agora? Já temos o dinheiro para lhe entregar.

GUARDA - Pode ser, se quizerem. Ou então eu vou com vocês até à cidade e lá já abria uma conta no banco no meu nome. Aqui não posso abrir. Logo todos ficariam sabendo.

MARGOT - Mas também, se quizer, nós farremos o depósito no seu nome, no banco da cidade e você não precisa ir até lá.

GUARDA - Não, não... o melhor de tudo será receber agora... guardar o dinheiro... e na minha primeira folga ir à cidade e abrir conta lá.

MARGOT - Tem medo que a gente dê o pirra, sem pagar? Não farremos isto, pode ficar descansado.

GUARDA - Não, não, não é por isso. É que vocês podem precisar seguir viagem logo e o negócio do banco atrapalhar. Sabe como é... banco sempre tem hora para abrir... Além disto tenho que deixar lá a minha assinatura registrada... É uma série de pequenas coisas que se pode evitar. Quanto menor tempo vocês ficarem na cidade, melhor será. Quando se foge, um minuto que se perde é um passo a menos para nos alcançarem.

REGINALDO - Está aqui o dinheiro. Cada monte destas tem cem mil cruzeiros. Quer conferir?

GUARDA - Não é preciso. Eles estão amarrados como foram recebidos no banco...

P. FERRO - Então como é? Já podemos embarcar? O automóvel está aí na frente?

GUARDA - Não, não. Não deixei estacionar aqui pelas dúvidas. Ele está atrás da esquina. Agora vocês me deem a bagagem, ou parte dela, que eu vou na frente e já levo. Depois é conveniente que vá um de cada vez. Porque todos juntos poderiam levantar suspeitas a alguém que passasse. Primeiro vão os homens - um de cada vez, como já disse - e depois Madame Margot.

MARGOT - Então você leva uma das minhas malas que Reginaldo leva a outra. A frascueirra eu mesma levo.

GUARDA - Ok. Então eu vou e daqui a cinco ou dez minutos já pode ir o primeiro.

MARGOT - E eu vou acordar a Luza, parra fechar a porta da rua, depois que eu tiver saído. A mãe parra levar é esta.

GUARDA - Alguém tem que abrir a porta par mim.

P. FERRO - Eu vou.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL RÁPIDA.

LUZA - A senhora quer que eu fique na porta até que a senhora faça a volta na esquina?

MARGOT - Não preciso. E eles estão no auto, logo virrão a esquina...

LUZA - É que a porta aberta sempre ilumina um pouco mais a rua, com a luz do corredor.

MARGOT - Não tenho medo, Luza. Pode fechar. Eu trêes pulinhos já estou na esquina.

G. FREIOS - (2º PLANO) Onde é que a Madama vai?

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL DE GRANDE SUSPEITO.

MARGOT - Quem é?

G. FREIOS - Sou eu, Madama. O guarda freios.

MARGOT - Outra vez?! O que é que você quer? Agora não possa lhe atender.

G. FREIOS - Pode, sim. A senhora vai me pagar o que me falta, antes de fugir, ou então o negócio vai engrossar agora mesmo. Inda bem que eu fiquei lá no bolicho da esquina bebericando até agora e deu pra ver os movimentos, si não eu ia ser enfiado pelo fundo de uma pulha. Onde é que a senhora vai?

MARGOT - Não tenho que lhe dar satisfações. Quem sabe agora vai virrar a meu tutor? Erra só o que me faltava, depois de velha.

G. FREIOS - Madama, vamos deixá desse negócio que isso vai acabar mal... É melhor vir vindo com o meu e deixá de querê me tapá porque ainda está pra negar a mulher que me embrulhe. E eu tô meio alto, hein? Tô lhe avisando. Eu tô meio alto e quando eu tô nesta altura, fico valente pra cachorro. É chega de palevrório, se não me dá eu mesmo tomo.

MARGOT - (GRITANDO, AFOBADA) NÃO, NÃO, solte a minha frascueira. Eu clamo a polícia, solte... Seu guarda, depressa... socorro!... socorro!...

TÉCNICA - ARRELIJO RÁPIDO

P. FERRO - É a voz da frenezca, pedindo socorro! Que estará acontecendo?!

GUARDA - (RÁPIDO) NÃO, NÃO... NÃO desça. Depressa, chefer, vamos embora. Rápido!

TÉCNICA - AUTOMÓVEL ARRANCA PARA SAÍDA. SAI E O MOTOR PERMANECE EM 2º PLANO.

REGINALDO - Que teria sucedido? Margot teria sido assaltada?

GUARDA - Sei lá, mas antes abandoná-la à sua sorte, do que nos perdermos os três. Já pensou a situação se que nos encontraríamos, se algum guarda a prendeu?

P.FERRO - Coitada da velha! Prestou tantos serviços à gente...

GUARDA - Prestou, sim, não tenha dúvidas, mas antes ela do que nós. Total... mais tarde, ou mais cedo, ela ia ser presa igual, porque o delegado tem uma gana dela, que vou lhe dizer.

REGINALDO - E o senhor já pensou que, sendo presa, ela pode nos denunciar a todos? Inclusive a você?

GUARDA - Já, já pensei. Mas entre a palavra dela e a minha o delegado nem vacila. Ela vai perder seu tempo e seu latim.

GUARDA - Chofer, não vá esquecer que você tem que me deixar na esquina de casa, antes de pegar a estrada.

P.FERRO - (BAIXANDO O TOM) Ele é de sua absoluta confiança? Não tem perigo de saberem qualquer coisa por seu intermédio?

GUARDA - Mas ele nem é louco. Já safei a pele dele umas duas ou tres vezes e continuarei a safar enquanto ele for pessoa da minha confiança. O dia que eu fizer a besteira de deixar de ser, no dia seguinte está encanado. E ele sabe disto.

P.FERRO - Inda bem. Eu estive um pouco preocupado com ele. Você tratou o serviço por quanto?

GUARDA - Trinta mil cruzeiros. Não precisa dar mais porque está muito bem pago.

REGINALDO - Ele vai nos levar até à cidade?

GUARDA - Sim. Pode deixá-los, lá, onde quizerem.

P.FERRO - Vamos direito à garage onde deixei meu jeep e ficaremos parados apenas o tempo de tomar alguma coisa e trocar de veículo.

REGINALDO - E a mala da franceza? Que faremos com ela?

P.FERRO - É verdade... Não tinha me lembrado disto. Que faremos com ela?

GUARDA - Eu levo para a minha casa e depois mando alguém entregar lá. Penso que é o melhor de tudo.

P.FERRO - Talvez fosse melhor deixá-la no carro e quando o chofer voltasse deixari na porta, tocaria a campainha e se mandava. Quando viessem atender, enco trava só a mala. Que lhes parece?

GUARDA - Uma boa ideia. Talvez seja melhor mesmo. Deixe, então a mala no carro que eu já dou as intruções a ele, antes de descer, para na 2a. esquina.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.

- DELEGADO - O guarda que os prendeu e os recolheu a esta delegacia me disse o seguinte: que estava bebericando num bolicho próximo à casa de dona Margot, onde tambem estava o guarda freios, quando verificou que eram mais de duas horas da madrugada e resolveu ir para casa. Quando chegou na primeira esquina, ouviu vozes alteradas e logo a seguir trompaços, gritos de socorro e palavrões. Correu ao local e encontrou atracados em luta a senhora e este homem. E a propósito deste fato é que pretendo interrogá-los. Que fazia a senhora, àquela hora da noite, ~~num~~ muito depois do trem noturno haver passado, com mala pronta para viajar e a fraqueira cheia de joias e com todo o seu dinheiro?
- MARGOT - Estava esperrando uma pessoa amiga que deverria passar lá de automóvel e me levarria parra a cidade, onde eu ia fazer exames de olhos no dia seguinte. Ela havia ficado de passar entre duas ou tres horas da madrugada e eu estava cuidando.
- DELEGADO - Mas para ir à cidade, fazer exame de olhos, a senhora precisava levar uma mala cheia de roupa, todas as suas joias e todo o seu dinheiro? Não compreendo porque. Quanto tempo pretendia ficar lá,
- MARGOT - Parra o exame eu nom acredito que precisasse ficar mais de um ou dois dias, mas se estivesse, bom eu estava resolvida a passear alguns dias, já que a minha boate, prráticamente, esta fechada e sem nenhum movimento. Eu nom tenho cofrre forte parra guardar meus valorres, por iste, onde vou, levo-os comigue.
- DELEGADO - Qual foi o motivo porque a senhora e este homem se atracaram de modo tão violento que o guarda me disse que teve dificuldade em separá-los?
- MARGOT - Porque ele querria me rouber a minha frrasqueirra com as minhas joias e o meu dinheiro. Eu nom ia deixar. Quando ele se avançou na frrasqueirra eu me avancei nele. Segurrei ele com fôrça, parra não poder fugir e grri-tava parra que alguém me acudisse. Foi quando o guarda chegou.
- DELEGADO - Muito bem. Vamos a ver, agora, qual é a sua versão dos fatos, seu Jacinto. Por que motivo o senhor se avançou na dona Margot? Quería, realmente roubá-la?
- G. FREIOS - Não, seu delegado. Quería tirar um dinheiro que ela me devia e que ia fugir sem me pagar.
- MARGOT - Mentirra, seu Delegado, mentirra! Eu nom devia dinheiro nenhum prra ele nem ia fugir, coisa nenhuma. Este homem é louco ou mentirroso!
- G. FREIOS - Devia, seu Delegado, é verdade. Quer que eu diga do que?

- DELEGADO - Diga, sim. Eu preciso ouvir os dois, para esclarecer.
- G. FREIOS - Ela me prometeu uma certa importância para ir lá em Vitória procurar um tal de Pé de Ferro, para vir aqui falar com o homem que fugiu da prisão; sabe qual é?
- MARGOT - Mentirra dele! Este homem é um mentirroso, um infame! Prove isto que acabou de dizer, quero ver. Prove. O senhor acredita numa mentira tom besta, seu delegado? Diga, acredita?
- DELEGADO - Acredito, sim dona Margot.
- TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.
- MARGOT - Não é possível!... Senhor Delegado eu sempre pensei que o senhor fosse um homem ponderado... um homem de juízo e não um paspalhom que se deixa envolver pela primeira mentira que lhe pregam.
- DELEGADO - Dona Margot, este homem é nosso, entendeu? Quando ele foi a Vitória, a seu pedido, já foi com a nossa permissão, que era para podermos ver até aonde a senhora seria capaz de chegar. Diga, si é capaz, o nome da pessoa que passaria de automovel pela sua casa, para levá-la, àquela hora da noite, até à cidade?
- MARGOT - E o senhor pensa que eu sei o nome? É um dos muitos freguezes da minha boate com quem eu sempre conversava, quando ia na minha casa, mas nunca me preocupei em saber como se chamava. Não me interessava o nome dele, interessava-me o dinheiro que gastava lá.
- DELEGADO - A senhora não sabe, não é? Pois então eu vou lhe dizer: o nome que do homem com quem a senhora ia para a cidade era Reginaldo Augustin.
- TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL forte.
- DELEGADO - Ele ia ser libertado pelo Pé de Ferro, o homem que a senhor mandou chamar em Vitória e que teve a habilidade de enganar os meus guardas.
- TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.
- MARGOT - O senhor está sonhando acordado. Até parece que está de ressaca. Por que diz tantas bobagens a um só tempo?
- DELEGADO - Não estou de ressaca, não. Nem estou sonhando acordado. Por que imagina que lhe dava permissão para visitar tão seguido Reginaldo Augustin? Porque estava preparando uma cilada na qual eu tinha a certeza que a senhora haveria de cair. E a senhora também sabia que se comprometeria, mas concordou em fazer tudo que fez pela sua grande ambição e embalada pela promessa que os dois fizeram em levá-la daqui para onde eles foram. Aí tem o resultado. Eles foram e a deixaram plantada.

MARGOT - Mas o senhor não pode me prender por nada disto que está dizendo, porque tudo são suposições e o senhor não tem nenhuma prova concreta dos factos.

DELEGADO - O que posso lhe dizer é que não preciso de mais provas do que as que tenho e sendo assim a senhora vai ficar presa, até poder provar - o que não acredito que possa - a sua completa e absoluta inocência na fuga do preso cuja única visita era a senhora.

MARGOT - Eu não vou ficar presa, não vou.

DELEGADO - Vai ficar presa, sim senhora.

MARGOT - (CRITANDO) O senhor não pode me fazer isto. Não pode. Eu quero um advogado. Eu tenho direito.

DELEGADO - Acalme-se, ou mandarei aplicar-lhe, agora mesmo, uma ducha fria. Eu não quero, nem admito, gritos aqui dentro, ouviu bem?

MARGOT - (CHORANDO) Gente miserável! Gente infame! Que vai ser da minha vida na mão destes desgraçados!...

DELEGADO - (irônico) Pode ser que aqueles a quem a senhora ajudou tanto, quando estavam presos, corram, agora, em seu auxílio. Acho que a gratidão há de obrigá-los a fazer qualquer coisa pela senhora.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

REGINALDO - Você acha que aqui estaremos seguros, ou devemos continuar viagem?

P.FERRO - Acho que se o emissário que veio me chamar não der com a língua nos dentes para defender a francesa, ninguém nos encontrará aqui tão longe, mas como a gente não pode confiar em quem não conhece... o melhor é descansarmos uns dois dias de tão longa viagem e procurarmos um outro pouso mais distante e ignorado.

REGINALDO - Bem... acho que você está com a razão, mas de qualquer maneira ficaremos dois dias por aqui, não é?

P.FERRO - Sim. Mas você não vai fazer o que está pretendendo.

REGINALDO - O que é que você acha que eu estou pretendendo fazer?

P.FERRO - Ir à casa onde morou com ela, para sofrer saudades que ela não merece.

REGINALDO - Você lê fundo na alma da gente, Pé de Ferro.

P.FERRO - Pois então não lhe conheço? Vai nada. Fique aí descansando. E depois, você não vai encontrar nada na casa. Ela vendeu tudo, antes de sair. Vai ver a casa vazia, nada mais. Se uma casa vazia, sem estar ligada a qualquer legião branca, dá-nos a impressão de desolação, imagine quando se morou nela com a pessoa a quem se amou e se perdeu?!... Você vai voltar de lá arrasado!

REGINALDO - É, Pé de Ferro, você talvez tenha mesmo razão. É melhor não ir.

P. FERRO - Talvez, não, meu amigo. É certo que eu tenho razão.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

MARGOT - Orra até que enfim eu me avisto com você. Já era tempo de me procurar. Faz quatro dias que estou presa aqui e até agora você não tinha dado as caras? Que não viesse logo, imediatamente, para não levantar das confianças, eu compreendo, mas esperrar tantos dias, sem vir ao menos saber se eu precisava alguma coisa? Parece que já é demais.

GUARDA - O que é que a senhora queria que eu fizesse? Que me compromettesse por causa das suas vigarrices?

MARGOT - Das minhas vigarrices?! ue vigarrices, se me faz favor?!

GUARDA - Ah e a senhora ainda me pergunta? Se tivesse pago ao homem o dinheiro que lhe prometeu para que ele fosse chamar o amigo do prisioneiro, ele não tinha feito o escândalo que fez na sua porta, o meu colega não teria ouvido o barulho tremendo da briga e a senhora teria... (corta brusca mente, com medo) e a senhora não estaria agora aqui.

MARGOT - Bom... não adianta, agora, falar das coisas que aconteceram e que não tem mais remédio. Vamos deixar de brigas que não adiantam e vamos conversar sériamente. O que é que você vai fazer para me tirar daqui?

GUARDA - Como?! O que é que eu vou fazer para lhe tirar daqui?

MARGOT - Exatamente. Foi isto mesmo que perguntei. Que vai fazer para me tirar

GUARDA - Nada!

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

MARGOT - Nada?! Você disse que não vai fazer nada? Mas então você vai me deixar ficar aqui?! Presa, como se fosse uma malfetora? Uma vigarrice? Sem mexer uma palha para me libertar?

GUARDA - Sem mexer uma palha para se libertar. Você está presa por sua culpa, não é por minha. Eu tenho culpa do que lhe aconteceu? Não tenho, não é? Por que, então, hei de necessariamente fazer alguma coisa? Não faço.

MARGOT - Não faz? Está mesmo decidido a não fazer?

GUARDA - Estou. Não vou fazer absolutamente nada pela senhora.

MARGOT - Está bem, não faça. Mas você vai ver o que vou fazer eu.

TÉCNICA - EXPLOSÃO MUSICAL FORTE, FUNDE COM CARACTERÍSTICA MUSICAL PARA ENCERRAMENTO DO CAPÍTULO.

69º CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA.

MARGOT - Que vai fazer parra me tirar daqui?

GUARDA - Nada!

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE

MARGOT - Nada?!... Você disse que nom vai fazer nada?!... Mas entom você vai me deixar ficar aqui?!... Presa como se fosse uma malfetorra?!... Uma vigay riste?! Sem mexer uma palha parra me libertar?!...

GUARDA - Sem mexer uma palha para a libertar. Você esta presa por sua culpa, não é por minha. Eu tenho culpa do que lhe aconteceu? Não tenho, não é? Por que, então, hei de, necessariamente, fazer alguma coisa? Não faço.

MARGOT - Nom faz?! Está mesmo decidido a nom fazer?

GUARDA - Estou. Não vou fazer absolutamente nada pela senhora.

MARGOT - Está bem. Nom faça. Mas você vai ver o que vou fazer eu.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

GUARDA - O que é que você pensa que pode fazer contra mim? Diga.

MARGOT - Nom vou dizer nada. Na ocasião, você verá o que eu faço. Vou lhe mostrar que também nom sou de brincadeira. Vai lhe sair muito parra esta ingratitude fine sabendo. Você vai se arrepender de nom ter querrido me ajudar.

GUARDA - Se pensa que poderá intrigar-me com o delegado, fique sabendo que não será muito fácil. O meu cartaz com ele é muito maior do que você pensa.

MARGOT - Intrrigá-lo?! Você disse que si eu penso intrrigá-lo? Eu não vou intrrigá-lo. Vou contar a verdade e chamar testemunhas.

GUARDA - E que testemunhas? Você está ~~xxxxxx~~ variando. Não sei que testemunhas pode pretender apresentar.

MARGOT - Nom sabe? Nom precisa saber. Basta que eu saiba e pronto. Si é ~~xxx~~ mais dinheiro ~~xxxxx~~ que quer, além do que já recebeu, eu também posso lhe dar dinheiro. Eu tenho dinheiro parra lhe dar. Tenho aqui, tenho no banco e tenho na mon de muita gente, em hipoteques.

GUARDA - Não me interessa dinheiro.

MARGOT - Nom interessa agora, que já ganhou bastante.

GUARDA - Vou contar ao delegado que você tentou me subornar. Isso vai ser mais uma culpa para pesar no rosário das muitas que você já tem.

MARGOT - Nom sei, se pesarmos as suas com as minhas, quem ganharrá. Afinal de contas

MARGOT - (Continuação) o senhor tem muito mais obrigação de andar dirreito do que eu, porque é autoridade. Eu sou uma pobre pecadora, não admira que faça sujeiras, mas um soldado da lei, como o senhor, fazer o mesmo que o senhor faz, é abominável. Mas agora eu vou destravar a língua e todo mundo vai ficar sabendo quem o senhor é.

GUARDA - Faça o que bem entender porque eu nem estou ligando. Não me atinge. E sabe que mais? Eu tenho muito serviço lá, à minha espera, não posso estar aqui perdendo tempo com você. Tchau.

MARGOT - (PROJETANDO, FURIOSA) Ordinário! Vagabundo! O teu dia há de chegar também e eu vou tecuspir na carra, cafageste.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

REGINALDO - Sabe que eu às vezes me lembro da velha Margot e fico com pena dela? A coitada nos ajudou tanto e, na última hora, foi abandonada à sua própria sorte?

P.FERRO - É verdade, mas você viu que eu já ia sair do automóvel para correr em seu socorro e o guarda não deixou. Disse que poderíamos ser todos presos.

REGINALDO - Sim, eu sei. Compreendo que, depois disto, nós não poderíamos arriscar, mas de qualquer forma não deixo de me lembrar dela com pesar. Margot foi um esteio para mim, nos dias horríveis que passei naquela prisão.

P.FERRO - Margot já estava muito adiantada no tempo. Já gosou bastante a vida. Se morreu, ou se a prenderam, antes ela do que que qualquer um de nós que é mais moço.

REGINALDO - Neste momento eu não estou dando grande valor à minha vida, não, Pé de Ferro. Acho estúpida e cretina toda a força que fazemos para viver. Não acho que a vida valha tantos sacrifícios.

P.FERRO - É porque você ainda está machucado pela desilusão sofrida, mas deixe o tempo passar que isso passa também. (TOM) Como é? Está disposto a continuar a nossa viagem amanhã? Já descansamos dois dias e eu acho que não devemos confiar demais na inépcia dos que nos procuram. Tanto mais que o tal guarda freios já esteve aqui e pode bater lá com a língua nos dentes. Por que não vamos ver aquelas terras que compramos no Amazonas? Deve ser uma viagem bem interessante. Quer ir lá?

REGINALDO - Pode ser. O que você fizer está bem feito.

P.FERRO - Pois então está decidido. Amanhã seguiremos viagem rumo ao Amazonas.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

DELEGADO - Disseram-me que a senhora tinha graves revelações para fazer-me, resolvi

DELEGADO - (CONTINUAÇÃO) dedicar-lhe quinze minutos do meu tempo. Quais são as novidades que me oferece?

MARGOT - Tenho uma grrave denúncia parra fazer ao senhor, a respeito da fuga de Reginaldo e de Pé de Ferro.

DELEGADO - As informações que tenho como certas é que foi a senhora quem serviu de ponto de ligação entre eles e os abrigou em sua casa, até a hora em que foram buscá-los.

MARGOT - Está bem, vamos admitir que assim fosse, mas o senhor sabe quem é que foi lá na minha casa avisar a eles que podiam sair porque o ~~meu~~ campo estava livre? Esse guarda sem vergonha, de cabelos de fogo que o senhor tem aqui.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE

DELEGADO - A senhora sabe que o que está dizendo é muito sério e a senhora terá que provar?

MARGOT - Prrovo. Tenho testemunhas do que estou dizendo. Ele recebeu um dinheirron parra ajudar Reginaldo a fugir. Foi Pé de Ferro quem pagou parra ele.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE

DELEGADO - Muito bem, mas de que maneira a senhora prova as acusações que está fazendo?

MARGOT - Chamando aqui uma pensionista da minha casa, que abrriu a porta parra eles e ouviu todas as conversas.

DELEGADO - Perfeitamente. A senhora vai me dar o nome dessa pensionista que eu vou mandar uma intimização para ela vir aqui prestar depoimento.

MARGOT - ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ Chama-se Luza Meireles.

DELEGADO - Muito bem. Vou expedir a ordem hoje mesmo e penso que amanhã já poderemos esclarecer essa dúvida. No momento que ela chegar, farei a acariação dos tres.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

GUARDA - Mas então ela disse ao senhor que fui eu que dei escapula ao Reginaldo? (gargalha) Esta é fantástica! Só mesmo da cabeça da Margot! (GARGALHA) Palavra de honra que eu até achei graça de ouvir uma coisa assim. Ainda é bom quando inventam coisas absurdas porque então logo se vê que é tudo mentira.

DELEGADO - Mas ela disse que tem testemunha do que me ~~dixxx~~ falou e eu sou obrigado a ouvir essa testemunha.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

DELEGADO - Como, seu delegado!... Será possível que o senhor duvide de mim?!... Então entre o que essa mulher afirma e o que eu lhe digo o senhor tem dúvidas?

DELEGADO - Não é uma questão de dúvida, é uma questão de cumprir a lei, entende? Eu não quero que amanhã ela possa dizer que eu protegi um dos meus homens, deixando de investigar uma denúncia contra ele. Duvido e muito que ela possa apresentar qualquer testemunho válido, mas mesmo assim sou obrigado a cumprir todas as formalidades exigidas por lei.

GUARDA - Está bem, se o senhor acha que devo me sujeitar a tamanho vexame...

DELEGADO - Todos nós estamos sujeitos a isto, meu caro e não há como fugir.

GUARDA - Ela é que tentou me subornar. Inda ontem, na porta de sua cela, me perguntou quanto eu queria para ajudá-la a fugir. Como rejeitei dignamente a proposta que me fez, resolveu envolver-me na sua trama maldosa.

DELEGADO - Mas você não deve se amofinar por isto. Deixe o barco correr livremente e lembre-se de que quem não deve não teme.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

GLAUCO - Você já soube da grande novidade Otávio?

OTÁVIO - Que vai reabrir a boate do sobrado? Quando é? Sábado agora?

GLAUCO - Não sei. Não era a respeito disto que eu ia falar a você. Era a respeito de Margot.

OTÁVIO - Já disseram-me que ela foi presa; é verdade?

GLAUCO - É verdade, sim, coitada. E por causa daquele negócio que nós falamos a ela. Aconteceu, direitinho, como nós previramos. O cara fugiu da prisão e ela foi apontada como cúmplice.

OTÁVIO - E ~~o que~~ pra nós, que ninguém nos ouça; ela deve ter ajudado o cara mesmo.

GLAUCO - Não sei, não. Só sei ~~que~~ que recebi um recado dela, pedindo-me para ir vê-la com toda a urgência.

OTÁVIO - E você vai se meter nessa brincadeira, Glauco? Veja lá. Todo mundo diz que esse chefe de polícia é fogo; que não leva ninguém de compadre.

GLAUCO - Pois eu não sei o que vou fazer, Otávio; tenho muita pena de Margot e vontade de ajudá-la, mas por outro lado fico pensando que posso ser mal interpretado pela polícia. Não lhe parece?

OTÁVIO - Claro! Que é uma arriscada grande, é. A gente tem pena da velha, tem vontade de ajudá-la, mas que não vale a pena correr o risco, também não vale, porque a gente sabe, perfeitamente, que Margot não é trigo limpo. Quando correu dinheiro pode contar de certo que ela está.

GLAUCO - É, eu acho que não vou, lá, não. Acho que o melhor negócio é fingir que não recebi o recado.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL FUNDE COM RUIDOS DE OFICINA MECÂNICA QUE PASSA A BG.

LUZA - Tarcísio, você pode me dispensar uns minutinhos de atenção?

TARCÍSIO - Oh, Luza, como vai você? Há quanto tempo não nos viamos...

LUZA - Eu vou aqui, muito preocupada e como estou só e precisava de alguém que me aconselhasse, lembrei-me de você. Você foi, sempre tão amigo de Margot.

TARCÍSIO - O que é que há com ela, Luza? É verdade que foi presa?

LUZA - É verdade, sim. E agora eu fui chamada para prestar depoimento e estou sem saber o que faça. Fiquei tão aflita, que logo comecei a procurar uma pessoa com quem me aconselhar. Você me conhece... sabe que sou uma mulher tímida...deve imaginar o pânico que me assaltou. Não sei o que fazer.

TARCÍSIO - Não sabe o que fazer por que? Tem medo de se comprometer? De ser envolvida? Você tem alguma culpa no que aconteceu?

LUZA - Absolutamente nenhuma. Apenas, como gerente da boate de Margot, cumpri algumas ordens estranhas que ela me deu. Nada mais.

TARCÍSIO - Pois então você não precisa ficar nesse pânico que está. Basta dizer a verdade. Vão lhe perguntar coisas. Você responderá sim, não, não sei...

LUZA - Pois é, mas eu tenho medo de que as minhas respostas possam comprometer Margot, entende? Você a conhece e sabe como ela é. Não me perdoaria, nunca, se uma só das suas respostas não estivesse bem como ela queria.

TARCÍSIO - Mas você não tem que se preocupar com isto, Luza. Margot, se fez alguma coisa, que responda sózinha pelos seus atos. Ela não tem o direito de envolver ninguém e menos, ainda, você, que tem sido fiel a ela há tantos anos, prejudicando-se e deixando de aceitar propostas melhores.

LUZA - Bem, mas você compreende, Tarcísio. Eu também devo muito a ela.

TARCÍSIO - Não deve tanto quanto você imagina, não Luza. Talvez que, pela preferência que ela sempre manifestou por mim, eu devesse procurar ajudá-la, nesta hora, incondicionalmente, mas acontece que você também foi sempre muito minha camarada e sempre me dispensou gentilezas e atenções. Então o que é que acontece? Se eu aconselhar você a que defenda Margot, poderei prejudicá-la seriamente, num assunto em que você não tem a menor culpa. Portanto só vejo uma solução: dizer a verdade, simplesmente a verdade, nada mais que a verdade. Dê a ela em quem dóer.

LUZA - Há outra coisa, também, que eu gostaria de ouvir sua opinião: Manon, lembre-se dela? - me escreveu do estrangeiro, convidando-me a ir para onde ela está. Disse-me que até já tinha um lugar assegurado para mim, num centro de diversões de lá e eu prometi que lhe mandaria a resposta

LUZA - (CONTINUAÇÃO) dentro de um mês, no máximo. Eu estava disposta a aceitar a proposta e ia escrever para ela, justamente quando aconteceu esse fato. Margot me deixou encarregada de zelar pela sua casa. Você acha que eu posso abandoná-la, agora, quando ela não tem ninguém para deixar no meu lugar?

TARCISIO - Bem... isso eu já acho que você não deve fazer. Escreva para Manon, explique-lhe a situação e diga-lhe que assim que tudo se normalize que você irá. Se ela pider segurar o lugar para você, muito bem, se não puder, você terá que aguardar outra oportunidade.

LUZA - Muito bem, Tarcisio, obrigada pelos seus conselhos. As suas palavras me deixaram mais calma e mais senhora de mim. Do jeito que eu estava, nem poderia ir à polícia depois. Talvez nem minha voz soubesse, quando quizesse falar. E isso poderia me comprometer; você não acha?

TARCISIO - Claro. A polícia haveria de pensar que você estava com culpas no cartório.

LUZA - Bem, então eu vou, que já lhe roubei muito tempo. Mais uma vez obrigada.

TARCISIO - De ~~graças~~ Se precisar de alguma coisa, volte. Eu terei prazer em poder ajudá-la. (PROJETANDO) Venha depois do inquérito, me disser como se saiu.

TÉCNICA - SOBRE OS RUIDOS DE OFICINA E FUNDE COM CORTINA MUSICAL.

ANGELA - A senhora já ouviu comentários sobre a prisão de Madame Margot?

SARAH - (FELIZ) Ouvi. Ia falar para a senhora e esqueci. Deus que me perdoe, mas eu estou bem feliz de ter sido fechada aquela praga daquela casa. Aquilo era umantro de vício e de perdição. E a tal de Madame Margot era muito metida e muito saliente. Porque quando a pessoa conhece a sua condição e se encolhe, a gente até fica com pena e não tem coragem de tomar nenhuma atitude que possa humilhá-la, não é mesmo? Mas quando ela procura se infiltrar entre a gente decente e tomar parte na vida dessa gente... pa rece-me uma afronta e eu fico fervendo de indignação. Várias vezes a nossa congregação quis tomar uma atitude contra aquele antro e exigir da polícia o seu fechamento, mas o mano nunca nos deixou. Achou que não seria cristão um procedimento assim. Que em vez de escorrafá-la, nós devíamos procurar atraí-la, para que ela se modificasse pelo exemplo. Aquelas idéias exageradas do mano.

ANGELA - Ideias difíceis de serem executadas, pelos nossos preconceitos, mas que não deixam de ser lógicas e justas. Não só se perdem as criaturas pelos maus exemplos, mas também se salvam pelos bons.

SARAH -

ELVIRA - (CONTINUAÇÃO) sua vida passada, não faltaria alguém de má vontade que visse, na sua visita uma intenção diferente daquela que realmente o mexe a alma. Você sabe como os homens são maus e já sentiu isso na própria pele.

TARCISIO - É, mãe, a senhora tem razão. A senhora sempre tem razão. Eu não vou e nem devo visitar Margot.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

DELEGADO - Pode chegar. Aproxime-se. Não vos lhe fazer nada, não precisa ter medo.

C/REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMAM, TINIDAMENTE.

LUZA - (NERVOSA, DEPOIS DE PAUSA) Bom tarde.

DELEGADO - Boa tarde. Sente-se.

LUZA - Com licença. (PAUSA) Eu... eu recebi... isto...

DELEGADO - Sim, é uma intimação que eu lhe mandei para vir prestar algumas declarações a respeito de Madame Margot. Trabalha com ela, não é verdade?

LUZA - Há muitos anos, sim senhor.

DELEGADO - Conhece-a perfeitamente, pois não? Deve estar muito acostumada com os seus hábitos?

LUZA - Estou, sim senhor. ~~Muito~~ Faz quasi oito anos que moramos juntas.

DELEGADO - Eu tenho várias denúncias contra a sua patrão e gostaria de interrogá-la sobre umas tantas coisas. Antes, porém, vou mandar chamar à minha presença, dona Margot e o homem ~~aquele~~ que ela está acusando de conivência.

LUZA - Sim senhor.

DELEGADO - Cabe, faça vir à minha presença a prisioneira e venha o senhor também assistir ao interrogatório desta moça.

~~Muito~~ ^{com} ~~Muito~~ - Sim senhor. Com licença.

C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM

DELEGADO - E enquanto isto, nós vamos conversar um pouco. A senhora observou alguma coisa na casa onde mora, na véspera ou no dia da prisão de sua patrão?

LUZA - Não senhor. Não observei absolutamente nada. Tudo correu como sempre. Pelo menos ~~em~~ durante o tempo em que eu estive acordada e à testa do serviço. A boate, ultimamente, estava com o movimento muito reduzido, de maneiras ~~que~~ que não seria difícil observar qualquer movimento estranho.

DELEGADO - Muito bem. E sobre a viúva da sua patrão, naquela noite, o que é que a senhora sabia? (PAUSA) Vmas, responda. Diga toda a verdade, se não ~~quer~~ quer se comprometer.

TARCISIO - (FILTRO) Diga a verdade, somente a verdade, nada mais ^{que} a verdade.

LUZA - Está bem. Eu vou dizer tudo ^{que} sei.

TÉCNICA - EXPLOSÃO MUSICAL FUNDE COM CARACTERÍSTICA DE ENCERRAMENTO.

- DELEGADO - Está vendo como eu conheço a maneira de trabalhar dessa gente? Também... há quasi quinze anos nessa vida... Mas vamos, conte-me o que sabe antes que ela venha, para não ser interrompida, nem confundida.
- LUZA - Sim, sim... isso é que poderia/ acontecer, sabe? Ela me confunde, às vezes, com o seu olhar penetrante e a sua voz autoritária.
- DELEGADO - Então fale logo, vamos. Diga o que viu, o que observou e as deduções que tirou.
- LUZA - A minha estranheza começou pelas visitas dela ao senhor Sarará e depois ao senhor Reginaldo a quem ela não conhecia e dos quais sempre ouvira más referências por parte dela.
- DELEGADO - É claro. Você queria ouvir boas referências a quem estava fazendo concorrência ao seu rendoso negócio? Não podia.
- LUZA - Pois a minha estranheza partiu daí. Ela dizia horrores dos dois e, de repente, começa a visitá-los, constantemente, sob o pretexto de que tinha pena/ deles porque não tinham ninguém aqui.
- DELEGADO - Pena! É até engraçado a gente ouvir isso na boca de uma pessoa como Nada ou Margot. Quando é que ela teve pena de alguém? Quando? Para essa mulher a vida inteira só existiu uma coisa: o cifrão.
- LUZA - Um dia ela me avisou que seu Reinaldo viria se hospedar em nossa casa e que eu não deveria deixar entrar mais ninguém, sob a alegação de que estavam com falta de bebidas. Fechou-se o bar. Na véspera da fuga dele da prisão ela me disse que talvez tivesse que viajar no dia seguinte ou dois dias depois e que eu deveria tomar conta da casa na sua ausência. No dia da sua prisão eu já estava deitada, dormindo, quando ela foi me chamar para fechar a porta, dizendo que uma pessoa iria lhe dar uma chave de auto para a cidade. Quando ela ia sair, surgiu, na porta, o guarda freios Jacinto, pretendendo cobrar-lhe um dinheiro de uma missão que ela encarregara a êle de cumprir. Ai deu-se aquele alarido todo: ela não queria pagar, ele se avançou na frásqueira dela. Agarraram-se os dois de luta enquanto ela gritava desesperadamente, pedindo socorro. Veio o guarda, que parece que andava ali por perto e prendeu os dois. Eu tenho a impressão, seu delegado, que foi assim que os fatos se passaram. Não posso jurar que não tenha omitido qualquer detalhe ou mesmo modificado, porque fiquei tão surpreendida do que aconteceu... tão estonteada...
- DELEGADO - Mas diga-me uma coisa que está faltando e que é importante para mim: Pé de Ferro e Reginaldo não estavam escondidos lá.

- LUZA - Ah, sim, sim... tem razão. Está vendo? Eu já ia omitindo esse detalhe importante, sem querer. Pé de Ferro se hospedou lá, alguns dias antes da fuga de seu Reginaldo. E foi aí que ela mandou fechar o bar, para não entrar mais ninguém.
- DELEGADO - E no dia da fuga de Reginaldo, não foi lá que os dois se esconderam?
- LUZA - Foi, sim senhor, foi lá. Ela até me deu uma ordem expressa de que só poderiam entrar os dois, ninguém mais. Eles chegaram um pouco antes da meia noite e ficaram lá esperando... parece que uma pessoa que viria de automóvel da cidade, para buscá-los. De repente a pessoa chegou, saiu cada um de uma vez e foi tomar o automóvel não sei onde... Ah, espere. Parece que foi atrás da esquina que a Madame Margot me falou que o carro estava. Os dois saíram e não houve nada. Quando chegou a vez dela é que surgiu o guarda freios. O senhor deveria também interrogá-lo, senhor delegado. Ele deve saber muita coisa.
- DELEGADO - Já foi interrogado e bem interrogado. E agora, para a senhora, eu posso dizer a verdade. Ele está colaborando conosco. Foi o acaso que lhe proporcionou aquela oportunidade, segundo ele mesmo me disse. Tinha ido bebericar numa taverninha próxima e quando resolveu ir para casa, notou que havia movimento na casa de Madame Margot. Parou para observar e viu que ela ia viajar. Como havia ficado de passar no dia seguinte para receber o tal dinheiro que ela devia a ele, ficou indignado e correu para ela, disposto a pagar-se de qualquer forma. E foi por querer fazer mais uma das suas muitas trapaceas, que ela se perdeu.
- S/REGRA - PASSOS DE GUARDA E MARGOT QUE SE APROXIMAM.
- MARGOT - (VENDO) Ainda não chegou de judiarrem comigo? Que mais querem? Preenhem-me sem razão e quando estou dormindo minha sesta, me fazem acordar e vestir toda para... (TRANSIÇÃO) Luza, como vai você? Como está tudo lá em casa? Bem?
- LUZA - Tudo no mesmo, Madame Margot.
- MARGOT - Você veio me salvar, não é verdade? Você veio dizer que eu não tenho culpa de nada, não é isto? E você vai dizer o que sabe. (TOM IMPERIOSO, PRETENDENDO SUBMETÊ-LA PELO MEDO) Vai dizer tudo, Luza, tudo. Tudo que sabe e que prova que eu não tenho culpa de nada. Você sabe que...
- DELEGADO - Silêncio! Sente-se e fique quieta, esperando falar quando for sua vez. Eu não mandei chamar aqui dona Luza para que a senhora lhe desse ordens. Não está aqui a sua empregada, compreendeu bem? Não está aqui a moça

DELEGADO - (CONTINUAÇÃO) que a senhora dominou sempre, com seus olhos penetrantes e o seu tom autoritário. Está aqui, apenas, uma testemunha que vai esclarecer uma dúvida.

MARGOT - O senhor não quer me dar nem o direito de me defender das injustiças todas que estão me fazendo? É por isso me manda fazer silêncio? Não está certo... não está direito... não está justo. O certo e o direito serrá eu poder falar e dizer o que verdadeiramente aconteceu. Eu quero fazer umas perguntas a Luza e o senhor vai ouvir as respostas que ela dará.

DELEGADO - Não senhora, a senhora não vai fazer nenhuma pergunta à moça. Quem vai fazer as perguntas sou eu.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL DE SUSTO.

MARGOT - O senhor vai fazer as perguntas? Não basta. Luza é distraída... esquecida... tem que ser lembrada das coisas e dos factos. Se não lembrar, ela não fala e eu quero que ela diga coisas que o senhor não sabe e que precisa saber, para sentir que está me fazendo uma clamorosa injustiça.

DELEGADO - Mas para a polícia não está interessando pequenos detalhes sem importância. Está interessando, apenas, aclarar certas dúvidas.

MARGOT - Não, não bem assim. Para a polícia, está interessando, apenas, contar-me. Eu tenho que ser castigada. Eu tenho que pagar a multa roubada. Os outros que ajudaram mais que eu, esses não interessa.

DELEGADO - Tanto interessa que é para aclarar uma dúvida que esta moça foi chamada. A senhora fez uma acusação a uma pessoa da casa, invocou o nome dessa moça como testemunha às suas afirmativas, então eu mandei chamá-la, justamente para que ela confirme ou desminta as suas palavras. Dona Luza, a senhora conhece este guarda?

LUZA - Sim, conheço-o. Já o vi muitas vezes.

MARGOT - Não é verdade que foi ele...

DELEGADO - Cale-se, dona Margot. Eu já disse à senhora que quem faz as perguntas sou eu. E se insistir em não obedecer, serei obrigado a fazer o interrogatório sem a sua presença. Dona Luza, a senhora viu esse guarda na casa de dona Margot na véspera ou no dia em que se deu a fuga de Reginaldo e Pé de Ferro?

MARGOT - (DEPOIS DE PAUSA, FIRME) Não senhor, não vi.

TÉCNICA - EXPLOÇÃO MUSICAL FORTE, PUDE COM PASSAGEM MUSICAL.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

- DELEGADO - Dona Luza, a senhora viu esse guarda na casa de Dona Margot, na véspera ou no dia em que se deu a fuga de Reginaldo a Pé de Ferro?
- LUZA - (DEPOIS DE PAUSA, FIRME) Não senhor. Não vi.
- MARGOT - (GRITANDO, COMO QUEM VAI AGREDI-LA) Cachorro, miserrável, eu arranco...
- C/REGINA - ~~KLEENE~~ RUIDO FORTE DE DOIS HOMENS PEJANDO UMA MULHER QUE INVESTIU CONTRA A OUTRA. ARRASTAN DE CADEIRA. CADEIRA CAI AO CHÃO.
- DELEGADO - Que é isso, dona Margot? Como é que tenta agredir sua empregada dentro da delegacia? Quer obrigá-la a violentar sua consciência? A senhora não pode fazer isto. Vai se comprometer ainda mais do que está.
- MARGOT - Ela já tinha sido comprada e mandada vir só para fazer uma comédia. Mas ela me paga, essa miserrável. Eu não vou ficar presa toda a vida. Um dia eu saio da prisão e nesse dia acerto as minhas contas com ela. Nunca pensei que você fosse tão ordinária. Então você não viu a cara deste sujeito dentro da minha casa, no dia em que Reginaldo fugiu da prisão?
- LUZA - Não vi, não senhora. A senhora mandou que eu fosse me deitar cedo e eu fui. Queria que eu visse alguém, se estava dormindo?
- MARGOT - Dormindo, não, grandíssima mentirrosa! Dormindo!...
- LUZA - Dormindo, sim senhora. As duas horas da manhã é que a senhora foi me acordar, dizendo que ia viajar e que eu me levantasse para fechar a porta. Eu fui. Não havia absolutamente ninguém mais, dentro de casa, além da senhora e eu. Quando abri a porta e a senhora se preparava para sair chegou o guarda freios. Aí não preciso mais dizer-lhe o que aconteceu porque a senhora sabe tão bem ou melhor do que eu.
- MARGOT - A vontade que tenho é me avançar nos teus cabelos e encher a tua cara de bofetadas, crretina. Mas eu faço isto um dia. Eu faço, pode ficar certa. Não vou ficar presa toda a vida.
- LUZA - Mas eu pretendo ficar na sua casa toda a vida. Vou ficar agora porque, isso sim, seria sujeira da minha parte, não posso deixar a casa abandonada, mas antes que a senhora tenha saído daqui eu penso que já terei saído de lá, também.
- GUARDA - Eu estive calado até agora, mas agora peço licença para falar. O senhor delegado está convencido, agora, que esta mulher estava querendo me envolver? Que eu não tive nenhuma participação na fuga que ela projetou e fez realizar? Ela, só ela. E sabe por que? Com a promessa de que Reginaldo botaria uma bela besteira para ela tomar conta, lá onde eles fossem se esconder. Essa mulher não pode ouvir falar em dinheiro. Fica alucinada. Vai pagar, agora, o preço da sua ambição.

- MARGOT - E você também, desgraçado, há de pagar, um dia, o preço da sua infâmia.
- DELEGADO - Bem, acabou o interrogatório. Cabo, leve dona Margot de volta para a cela.
- MARGOT - Eu vou parra a cela, eu vou. Mas antes, vou rogar duas pragas que não de saír sobre as cabeças destes miserráveis.
- DELEGADO - A senhora não vai rogar praga nenhuma. Leve-a, cabo, vamos.
- O/REGRA - ARRASTAR DE CADEIRA. PASSOS DE HOMEM PUXANDO UMA MULHER.
- MARGOT - (APASTA-DO-SE) Ainda hei de ver esses dois infâmes sentados no banco dos réus, chorrendo lágrimas de sangue e ninguém dar ouvidos às palavras dele. E nessa ocasião as palavras vom ser verdadeiras, que é parra eles sofrerem ainda mais. Ordônários. Infâmes. Miserráveis!...
- DELEGADO - Ela está furiosa. É natural. Nunca foi surpreendida nas suas patifarias. Sempre se saía bem de todas as suas empreitadas. Não se conforme por se ver apanhada com a boca na botija.
- LUZA - Eu cheguei a ficar com medo que ela se puzesse as mãos. Suas unhas são afiadas. Eu já as experimentei uma vez, por questão de ciúses. Depois ela se convenceu que tinha sido precipitada e voltou, mansinha como um cordeiro. Madame Margot é muito arrebatada, mas também esquece com facilidade. Não é raçorosa.
- DELEGADO - Ela não esquece. É que ela se guia exclusivamente pelo cérebro e quando percebe que vai ser prejudicada pela atitude que tomou, volta humilde, fingindo-se arrependida ou esquecida, mas na verdade ela não se arrependeu, nem esqueceu. Apenas considerou mais prudente retroceder. (TOM) A senhora vai continuar a serviço dela?
- LUZA - É claro. A não ser que ela se libere, mas isso eu não acredito que faça, porque não lhe conviria. Neste momento, parece-me, não posso abandonar meu posto. Quem cuidaria da casa, do seu lálá, do seu café, do seu galto angorá... dos peixinhos do seu aquário...
- DELEGADO - Tem razão. Assim, de imediato, a senhora não pode sair. A não ser que encontre alguém que a substitua.
- LUZA - Não sei ninguém. Prefiro ficar. (TOM) O senhor não precisa mais nada de mim, agora?
- DELEGADO - Não. Se quiser ir, está livre.
- LUZA - E eu vou, sim. Ainda tenho que passar no armazem para levar alpiste que terminei. Passe bem, então, senhor delegado.
- DELEGADO - Passe bem. Se precisar de alguma coisa estamos aqui.
- LUZA - Obrigada.
- TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.

TÉCNICA - CAPTOS DE PASSAROS PRÓPRIOS DA SELVA. - CASCATA

P. FERRO - Não é verdade que este lugar nos dá uma sensação muito maior de segurança? Para que nos achassem aqui, no meio da selva, seria preciso uma expedição numerosa e ainda assim não seria muito fácil. (PAUSA) É uma beleza a cascata, não acha?

REGINALDO - Uma beleza, sim. Tudo é belo, aqui. O sol... o céu... as árvores... o rio... o canto dos passaros... as borboletas... enfim, tudo, mas a verdade é que ao cair da tarde é tão grande a nostalgia que envolve tudo, que o silêncio pesa e oprime o nosso coração com tanta violência que se chega a ter a sensação de que se vai sucumbir.

P. FERRO - É que você ainda está com o seu coração doído, por isso deixa-se influenciar tanto por essa fantasia. Palavra de honra, Reginaldo que eu estou desconhecendo você. Um homem frio e calculista como você sempre foi, deixar-se modificar a esse ponto por uma mulher... É inacreditável!

REGINALDO - Eu sempre disse a você que acreditava no amor. Sempre! Nunca desabei dele. Nunca o desafei. Consegui atravessar a metade da minha existência sem amar, mas um dia... um dia defrontei-me com a mulher que haveria de escravizar-me... e de perder-me.

P. FERRO - Essa mulher morreu, não existe mais, deu-lhe a mais profunda de todas as decepções, porque não procura esquecê-la? Sua vida se tornaria muito mais suportável. Faça-lhe uma proposta: vamos nós mesmos construir aqui uma casa decente, em vez desta palhoça. Faremos os tijolos... levantaremos as paredes, prepararemos as esquadrias... o trabalho muito distraí, faz a gente esquecer certos problemas. De todo modo, tão cedo não poderemos sair daqui, dedicando o nosso tempo ao trabalho, ele passa muito mais depressa. Poderemos comprar uma canoa... pescar... Você será opan, no fim de tudo, de nem querer sair mais daqui.

REGINALDO - É... dizem que a gente se habitua a tudo, na vida, quem sabe, mesmo, se eu não vou terminar um extenuado devoto da solidão! Eu que sempre a detestei como o pior e o mais implacável dos castigos!

P. FERRO - Então se você mesmo concorda em que a gente construa aqui uma boa casa, hoje mesmo vou contratar um cabeleiro para nos auxiliar e dirigir na fabricação dos tijolos. E amanhã cedo estaremos fora da rede, para principiares a nossa tarefa. Há muitos cabeleiros desocupados por aqui, vou dar uma volta e já arranjaréi um.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

JOANA - Que engraçado! Uma carta para dona Tereza com uma letra que eu conheço, mas não sei de onde... Quando a dona Tereza chegar eu vou perguntar a ela de quem é esta carta, só para tirar a minha ciama. Eu tenho certeza que já vi esta letra. E sei por causa de um detalhe que eu achei muito interessante: os pingos dos is são bolinhas. (PAUSA) Ah, que bom! Lá vem dona Tereza. Já vou poder tirar a minha dúvida. Eu fico mais curiosa de que criança quando ganha um presente e não pode abrir logo o pacote.

C/REGRA - PORTA QUE ABRE E PECHA EM SEGUNDO PLANO. PASSOS DE TEREZA QUE SE APROXIMAM.

TEREZA - Alguma novidade, Joana?

JOANA - Uma carta. Veja se adivinha de quem é esta letra.

TEREZA - Por que? Você a conhece?

JOANA - Bom, quer dizer... eu tenho certeza de que já vi esta letra, mas não me lembro de quem é.

TEREZA - Da maneira que você fez a pergunta eu pensei que você soubesse e quisesse ver se eu me lembrava.

JOANA - Não senhora, eu é que não me lembro, mas conhecer eu conheço.

TEREZA - Agora eu já vejo a satisfação e sua curiosidade. Deixe-me colocar aqui, no gancho, os recibos das contas do colégio que eu acabei de pagar. Não veio ninguém aqui me procurar?

JOANA - Não senhora. Por que? A senhora estava esperando alguém?

TEREZA - Não, não... é que Simone me disse que viria aqui uma comissão da Casa de Dona Clara, convidar-me para integrar a sua diretoria, eu pensei que pudessem ter vindo hoje. Si bem que eu tenho a impressão de que elas não deixarão de me anunciar a visita; você não acha?

JOANA - É claro, principalmente sendo para uma coisa assim. E a senhora vai aceitar o convite, dona Tereza?

TEREZA - É claro. Não posso deixar de aceitar, principalmente sabendo que ele constitui uma deferência.

JOANA - Mas não de uma vez, dona Tereza. Venha abrir a sua carta que eu já não aguento mais de curiosidade.

TEREZA - Está bem... está bem... vamos lá ver de quem é a carta. No mínimo é de algum funcionário da Secretaria de Educação, ou então do pai de um aluno.

C/REGRA - RUÍDO DE RASGAR ENVELOPE E TIRAR CARTA DE DENTRO, DESDOBRANDO PAPEL.

TEREZA - (DEPOIS DE PAUSA) Joana, vê se consegue imaginar de quem é esta carta.

JOANA - Sei lá. Si soubesse não estava aqui ardendo de curiosidade. Diga logo.

TEREZA - É de Reginaldo!...

TÉCNICA - EXPLOÇÃO MUSICAL, funde COM CARACTERÍSTICA PARA ENGERRAMENTO.

- REGINALDO - (CONTINUAÇÃO) carta para não comprometer-me nem comprometer-se. Se quiser mandar por via aérea, ficarei a dever-lhe dois favores.
- TEREZA - ... dois favores. Com a mais profunda gratidão e respeito, subscreve-se Reginaldo Augustin.
- JOANA - Puxa vida! Esse homem gostava mesmo da dona Laila. (PAUSA) A senhora vai mandar o retrato para ele, dona Tereza?
- TEREZA - Não sei, Joana. O retrato está aí guardado e não me interessa, mas eu não gostaria de manter correspondência com um fugitivo da polícia e uma nhã ou depois uma carta ser desviada e eu me ver envolvida com gente de baixa condição.
- JOANA - Mas coitado, dona Tereza, ele quer tanto o retrato dela, ninguém da família, até hoje, veio reclamar as coisas que ela deixou aí...
- TEREZA - Na minha opinião ela nem tinha família, Joana. Você vê que ela esteve aqui mais de dois anos e nunca recebeu uma carta de ninguém.
- JOANA - Ela dizia que tinha uma irmã casada, mas que não se ligava bem com ela, por causa do cunhado.
- TEREZA - Se isso é verdade, com certeza o cunhado já sabia o procedimento dela. Por isso não queria relações.
- JOANA - Dona Tereza, eu tive uma ideia: se a senhora não quer se comprometer, eu despacho o retrato no meu nome e mando junto um bilhete, dizendo que a senhora não está mais aqui, por isso devolvo o retrato e a carta.
- TEREZA - Mas você vai confessar que abriu uma carta que não era sua e leu.
- JOANA - Posso dizer que abro toda a correspondência do colégio e só depois que abri a carta, foi que percebi que era particular e então, para não comprometê-lo, resolvi mandar logo o retrato e devolver-lhe a carta para que ele possa ficar tranquilo quanto à sua segurança.
- TEREZA - É... assim fica bem, realmente. Se você quiser fazer...
- JOANA - Vou fazer, sim, coitado. Fiquei com pena dele, depois que li a carta.
- TEREZA - Olhe, aqui está o papelsinho em separado com o endereço dele. (PAUSA) Meu Deus! Onde é que ele foi se meter? Lá na selva amazônica!...
- TEREZA - Esse homem, fugindo para tão longe, dá-me a impressão de que tem inúmeras contas a ajustar com a polícia.
- JOANA - Pode ser, dona Tereza, mas o que é mais provável, na minha opinião, é que ele fuja de si mesmo.
- TEREZA - É... também pode ser, mas essa é a fuga mais inútil que pode existir.
- TEÓRICA - PASSAGEM MUSICAL

UMA VOZ - (ESPAHOL) Una carta para la señora.

MANON - Obrigada.

C/REGRA - PASSOS DE ACORDO COMA VOZ (HOMEM OU MUHER) SE APASTAM E SONEM.

MANON - É de Luza. Já conheci a letra. Será que ela vem? Tomara. Eu estou muito bem aqui, mas sinto muita falta de uma patricia. Se Luza viesse seria ótimo. Vamos pintar os caramujos as duas juntas. Deixa-me ver o que é que ela diz.

C/REGRA - RUIDO DE ABRIR ENVELOPE, REPISAR PAPEL E DESDOBRÁ-LO.

MANON - (LENDO) Querida amiga Manon. Recebi sua carta com grande alegria.

LUZA - (PIEIRO) ... com grande alegria. Bem desejava poder ir para perto de você, trabalhar no emprego que você arranjou para mim, mas justamente agora Madame Margot foi presa, por uma fofoca que depois lhe contarei quando estivermos juntas e eu, sendo encarregada da casa, não posso abandoná-la, si bem que ela não merece nada disto, mas em todo caso prefiro estar bem com a minha consciencia. Não sei até quando permanecerá esta situação, mas espero, apenas, que as coisas se normalizem para dar o fora. Si nesta ocasião você puder me arranjar alguma coisa, vou ficar muito satisfeita. A que você me oferece agora não é possível aceitar, porque não acredito que dentro de um mês, que é o prazo que você me dá na sua carta, a situação esteja resolvida. Aqui tudo na mesma, fora a prisão de Margot que foi um prato e tanto para Lagoa Parada. Nunca vi uma Lagoa tão agitada. Imagine você que chegava a me bater, na porta, gente que nunca havia me visto, para saber direitinho o que tinha acontecido com ela. Você vai gostar de saber. Receba um saudoso abraço...

MANON - ... saudoso abraço da sua amiga de sempre Luza. P.S. Escreva sempre que puder. A mesma. (PAUSA E TOM) Que será que aconteceu com Margot? Deve ter sido coisa muito séria para Luza não querer escrever. Amanhã vou responder esta carta e dizer a ela que largue tudo e venha embora. Que faça como eu fiz.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

GUARDA - Que é que você veio fazer? Visitar aquela leão, demente? Ela anda tão furiosa que será capaz até de morder você. Vá embora.

LUZA - Não, não... eu prefiro que o senhor diga a ela que eu estou aqui para saber si ela deseja alguma coisa e dizer que lá em casa tudo está bem.

GUARDA - Quer apostar comigo como ela vai botar a boca no mundo? Eu vou deixar aquela porta aberta, para você ouvir.

C/REGRA - PASSOS DE HOMEM SEMPRE EM PRIMEIRO PLANO. PORTA QUE ABRE. CONTINUAM PASSOS.

GUARDA - A sua secretária está aí, veio lhe fazer uma visita e saber se a senhora quer alguma coisa.

MARGOT - Diga para aquela descarrada que vá visitar o diabo que carregue. Que eu quero uma coisa, sim: que um caminhão de carga passe em cima da cabeça dela para ela nunca mais incomodar ninguém.

GUARDA - Ah, e mandou dizer, também, que lá na sua casa tudo vai bem. Mandou entrar?

MARGOT - Mandou entrar o diabo que eu quero ver ele e não quero ver a cara dessa mulher. Já chega que eu tenho que aturar a sua cara que me dá náuseas.

GUARDA - E eu também não tenho que aturar a sua? Si é castigo para você, para mim também é. Detesto a sua cara e a sua voz e sou obrigado a aturá-las desde que amanhece até que anoitece.

MARGOT - O dia que sair desta prisão, vou comprar uma casa defronte à sua, para você ser obrigado a me ver a toda hora e lembrar-se da vilania que me fez. Vai ser o castigo que eu vou lhe dar.

GUARDA - Que vale que você não vai sair tão cedo.

C/REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE APROXIMAM. PORTA QUE RECHA. TUDO EM PRIMEIRO PLANO.

GUARDA - (VINDO) Ouviu as coisas todas que ela disse? Foi bem como eu lhe avisei.

LUZA - É que ela ainda não se acalmou. Não faz mal, eu continuarei vindo, até que ela me receba.

GUARDA - É mesmo?! Puxa vida que você é mesmo persistente. Eu, se pudesse, nunca mais olhava para a cara dessa mulher.

LUZA - Pois é, mas eu não quero mais uma acusação pesando sobre mim. Chega uma. Assim, procurarei, sempre, dar-lhe conta daquilo que é seu, até que ela arranje alguém que me substitua.

GUARDA - Quem? Quem, a não ser você, se sujeitará a trabalhar para essa megera? Ela poderá arrumar alguém a peso de dinheiro, mas ela não quer pagar...

LUZA - Isto é verdade. Nunca vi ninguém ter tanta pena de largar dinheiro como Madame Margot. Quando ela é obrigada a pagar uma conta qualquer, quasi chora de desespero. A única coisa que ela não tem pena de gastar é quando compra roupa para ela. Também nunca vi uma mulher, na idade dela, tão vaidosa. Quer andar, sempre, no rigor da moda. Bem, eu vou embora e volto no próximo dia de visita. Quando ela estiver um pouco melhor de gênio, pergunte-lhe se quer mais alguma roupa.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.

LOCUTOR - PUBLICIDADE COMERCIAL

TEORICA - PASSAGEM MUSICAL FUNDE COM RUÍDO DE GIPE SE APROXIMANDO. PARA. BUSINA.

P. FERRO - (PROJETANDO) Reginaldo, venha depressa. Trago uma encomenda para você, da cidade. Estava na posta restante do correio, mas veio por via aérea.

REGINALDO - (CHEGANDO) Deve ser o retrato que eu falei a você que ia mandar buscar

P. FERRO & Contra a minha vontade, porque não vejo nenhuma razão de você pretender alimentar um sentimento que já deveria estar extinto há muito tempo. Eu não vou mandar buscar um retrato, o que você deveria mandar buscar era uma esponja bem grande, para apagar qualquer vestígio do passado, na sua vida.

REGINALDO - O que é que você quer que eu faça, Pé de Ferro? Não é só a carne que é fraca. O coração também.

P. FERRO - Você vai abrir isso agora? Não, por favor, não faça. Deixe para logo de noite, no seu quarto, porque eu não desejo ser testemunha das fraquezas de um homem.

REGINALDO - Não é o pacote que vou abrir agora. Apenas a carta.

C/REGRA - RASGAR ENVELOPE, ABRIR PAPEL, DEPOIS DE RETIRA-LO DO ENVELOPE.

REGINALDO - (LENDO) Caro senhor Reginaldo. Aí vai a encomenda que...

JOANA - (FILTRO) ... a encomenda que o senhor fez para dona Tereza que já não se encontra mais aqui no nosso colégio. Aconteceu que como tenho o hábito de abrir toda a correspondência do colégio, não reparei que se tratava de uma carta particular e abri também e só no momento de ler é que percebi meu engano, mas foi bom porque senão o senhor talvez não recebesse o retrato que pediu e que havia ficado nas minhas mãos. As novidades aqui são poucas, mas mando-lhe uma que deve interessar o senhor. Dona Margot está presa. E dizem que foi por ter ajudado o senhor a fugir. Não sei si é verdade, mas é o comentário que corre por aqui. Também não sei se foi justa a prisão dela, só sei que a maioria está contente. Se puder acusar o recebimento do retrato, ficarei contente.

REGINALDO - ... saudações cordiais de Joana Vilabel Araujo.

P. FERRO - Nessa cupincha Madame Margot não é estimada lá naquela terra. Viu como ela diz só? Que a maioria está contente com a prisão dela.

REGINALDO - Pois é, mas eu não estou. Acho que tenho obrigações com ela e deveria dar um jeito de ajudá-la.

P. FERRO - Que jeito? Indo lá para ser preso outra vez e dar liberdade a ela, declarando que ela não o ajudou? Deixe-se de pieguices, Reginaldo. Você agora deu para isso. Então não compreende que a sua vida é muito mais importante do que a dela? Madame Margot tem idade para ser sua mãe. Já viveu bag

R. FERRO - (CONTINUAÇÃO) tante e bem. Já explorou meio mundo, impunemente. Não faz mal que pague, agora, uma parte dos seus pecados. Assim fica menos tempo de molho nas fogueiras do inferno.

REGINALDO - Não se esqueça que nós também vamos ter muitas contas a ajustar. Não de^o vem^o pouca, não. E se cometermos a ingratidão de deixar Madame Margot abandonada à sua própria sorte, aí então as nossas dívidas aumentarão, por^o que a ingratidão também soma.

R. FERRO - Seria ingratidão, se Madame Margot tivesse feito tudo que fez por nós, sem nenhum interesse particular e apenas por uma questão de solidariedade. Mas você sabe, como eu sei, que tudo quanto ela fez foi por interesse. Foi vi^o sendo uma grande recompensa de nossa parte, portanto seu gasto, praticamente perde toda beleza e a significação que deveria ter. Por isso eu lhe digo, Reginaldo. Tire essas duas mulheres da sua lembrança, senão você ainda acabará tornando a perder-se por causa delas. .

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

LEOPOLDINA - O senhor já vai sair, seu Rafael? Eu nem fiz o café, ainda. Não imagine que fosse levantar-se tão cedo. Por que não me avisou, ontem? Eu também teria me levantado antes, para que o senhor não esperasse agora.

RAFAEL - Não lhe avisei porque não tinha a intenção de fazer isto, mas aconteceu que passei a noite quasi toda em claro e quando chegou de madrugada não podia mais suportar a cama.

LEOPOLDINA - O senhor teve alguma coisa? Uma indisposição... uma dor?...

RAFAEL - Não, não, nada, Leopoldina. Insônia, apenas. Só isto.

LEOPOLDINA - Mas a insônia, geralmente, tem uma causa.

RAFAEL - Eu ando, há muito tempo, com a cabeça cheia de preocupações. Naturalmente foi isto. Mas hoje eu já deliberei que vou dar um jeito na minha vida. Acabo com as preocupações, seja lá de que modo fôr. Não posso continuar vivendo assim.

LEOPOLDINA - Desculpe, seu Rafael, mas... é por causa de dona Simone?

RAFAEL - Sim. É por causa dela, sim, Leopoldina. Não quero continuar nessa indecisão, nesse faz que vai, mas não vai. Um dia avanço um passo, no dia seguinte recuo dois... Isto me tortura e acaba roubando a minha tranqui^o lidade. Hoje vou falar decididamente com ela e pela última vez. Mais vale a certeza do amor desengano^o do que a dúvida do amor correspondido.

LEOPOLDINA - Eu também acho. E se fosse o senhor já teria tomado essa decisão há muito tempo. Em todo caso, como o senhor nunca me perguntou nada, eu não queria lhe dizer.

RAFAEL - Pois é, mas hoje eu decido, finalmente a minha situação. Estou cansado de esperar... esperar... e nunca alcançar o objetivo desejado. Ou Sino me fica hoje comprometida comigo, ou nunca mais a procurarei e voltarei à minha antiga e tristonha solidão.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

TEREZA - Outra carta de Reginaldo?

JOANA - É, sim senhora. Mas desta vez manda uma para que eu entregue a dona Margot na prisão.

TEREZA - Você viu como eu tive razão em não querer estabelecer correspondência com ele? Agora está você com uma incumbência que eu só quero ver como é que você vai se sair dela. Eu se fosse você não entregava essa carta.

JOANA - A senhora acha, dona Tereza? Mas e se a carta traz uma notícia importante para dona Margot?

TEREZA - Mas se a carta é descoberta nas mãos de Madame Margot e ela confessa que foi você que a entregou? Já imaginou o que pode lhe acontecer? Ser presa e, além disto, desmoralizar-se pela amizade com uma mulher daquelas.

JOANA - Mas que destino eu vou dar à carta, então?

TEREZA - Se você não quer rasgá-la, devolva-a, dizendo que não tem maneira de entregá-la, pronto.

JOANA - É... eu podia fazer isto, mas... sabe que no fundo eu fico com pena?

TEREZA - Pena de que? De quem? De uma mulher ordinária que toda vida só cuidou de ganhar dinheiro à custa de todas as indignidades possíveis? Você é uma bo-balhona, Joana. Eu não tenho pena dessa espécie de gente. Gente que podia ser boa e é ordinária, não tem passagem comigo, não.

JOANA - Cada um nasce com o seu destino, dona Tereza. A gente nunca pode julgar os outros, sem se arriscar a praticar injustiças. Lembre-se do tempo que dona Laila morava aqui, a quantas injustiças ela arrastou a senhora.

TEREZA - (DESCONCERTADA) Bem, mas... era diferente... eu... eu fiz muita coisa pelo receio de que ela ficasse mandando contra mim. Você sabe que Laila não era de brincadeira. Quando queria as coisas, queria-as a qualquer preço.

JOANA - Pois é e a senhora, pelo modo, ia concordando com ela, sabendo que não estava procedendo bem. Por isso que eu digo que a gente nunca pode julgar os outros. Quem julgasse a senhora pelas aparências, ou até mesmo pelo que a senhora fazia, naquela época, não poderia julgá-la bem.

TEREZA - Bom, Joana, a carta veio para você, não foi para mim, eu já dei a minha opinião sobre o assunto, você, agora, faça o que quiser.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

RAFAEL - Esperei tanto tempo por você, aqui no escritório, que cheguei a pensar que você não tivesse vindo hoje.

SIMONE - Como não? Desde cedo estou aqui. É que fui diretamente à enfermaria, para saber notícias dos doentinhos e você sabe como é. Eles ficam prendendo a gente, não querendo que a gente saia, pedindo para que se fique e a gente acaba ficando mesmo e atrasando todo o serviço. Que horas são?

RAFAEL - Dez e quinze. Estou aqui desde as oito e meia.

SIMONE - Dez e quinze! Imagina! A manhã, hoje, não vai me dar para quasi nada.

RAFAEL - Eu disse que estou aqui desde as oito e meia. Você ouviu?

SIMONE - Ouvi, sim, mas... por que tão cedo? Alguma coisa urgente para fazer?

RAFAEL - Sim... quer dizer... não é urgente, propriamente, mas é muito importante e precisa ficar resolvido hoje sem falta.

SIMONE - Que foi? Alguma coisa a respeito das obras? Você disse que estavam ameaçando a ter que parar tudo...

RAFAEL - Sim, mas não é sobre isto que eu quero falar-lhe. O assunto não tem nenhuma relação com esta casa.

SIMONE - (SINCERAMENTE ADMIRADA) Ah, não? Eu pensei. Mas então de que se trata?

RAFAEL - É que eu preciso que você me responda hoje, sem falta, a uma pergunta que eu preciso lhe fazer.

SIMONE - Pois não. Faça.

RAFAEL - Simone, eu não posso mais continuar a viver esta situação existente entre nós e penso que já é tempo de ambos nos definirmos. Por isso venho lhe fazer uma proposta. Quer aceitar meu pedido de casamento?

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

RAFAEL - (DEPOIS DE PAUSA) Você não ouviu a proposta que lhe fiz? Eu preciso que você me dê uma resposta, seja ela qual for.

SIMONE - Rafael, você... você tem certeza absoluta de que não está se precipitando? Não se fez uma proposta destas...

RAFAEL - (EMERDA) ... simão quando se ama verdadeiramente a uma pessoa; não é isto? Mas eu amo você logicamente, Simone. Desesperadamente. Há quasi um ano que sonho em ~~te~~ construir com você o meu lar e você não se decide. Agora lance-lhe um ultimatum: ou você me aceita - se tambem gostar de mim é claro - ou então eu me afastarei definitivamente de você, para não continuar numa morte lenta que é o eterno convívio sem esperanças. Que me diz? Qual é a sua resposta?

TÉCNICA - EXPLOSAO MUSICAL, FUNDE COM CARACTERISTICA MUSICAL PARA ENCERRAMENTO DO CAPÍTULO.

S O L I D A O

- Novela de Erico Cramer -

72º CAPÍTULO

TRONICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA.

RAPHAEL - Venho lhe fazer uma proposta. Quer aceitar meu pedido de casamento?

TRONICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

RAPHAEL - (DEPOIS DE PAUSA) Você não ouviu a proposta que lhe fiz? Eu preciso que você me dê uma resposta, seja ela qual for.

SIMONE - Raphael, você... você tem certeza absoluta de que não está se precipitando? Não se faz uma proposta destas...

RAPHAEL - (DEBILDA) ... simão quando se ama verdadeiramente a uma pessoa, não é isto? Mas eu amo você loucamente, Simone. Desesperadamente. Há quasi um ano que sonho em construir com você o meu lar e você não se decide. Agora, lanço-lhe um ultimatum: ou você me aceita - se também gostar de mim, é claro - ou então eu me afastarei definitivamente de você, para não continuar nessa morte lenta que é o eterno convívio sem esperanças. (PAUSA) Que me diz? (PAUSA) Qual é a sua resposta?

SIMONE - Que resposta quer você que lhe dê, depois de tudo que aconteceu entre nós?

RAPHAEL - Depois de tudo que aconteceu entre nós? Mas não aconteceu nada, Simone. Verdadeiramente, não aconteceu coisa alguma, entre nós. Apenas alguns mal entendidos e interpretações injustas.

SIMONE - Não, Raphael, eu acho melhor nem tocarmos nesse assunto.

RAPHAEL - Qual assunto? Dos mal entendidos, ou do pedido que acabo de lhe fazer?

SIMONE - Os dois. Acho que o melhor de tudo, seria deixar o tempo correr.

RAPHAEL - Não posso, Simone. Meus nervos não resistem mais a esta expectativa sem esperança. Prefiro que você me desengane totalmente, e continuar como estamos. Então eu já ficarei sabendo que não devo mais pensar em você, afastar-me de você, totalmente e cada um vai fazer da sua vida aquilo que quiser... ou que puder.

SIMONE - Mas se você não quer esperar, eu só tenho uma resposta para dar-lhe.

RAPHAEL - Está bem. Já compreendi. Não precisa dizer mais nada. Eu vou embora e nunca mais a incomodarei. Adeus.

SIMONE - Por que adeus?

C/REGRA - PASSOS DE RAPHAEL QUE SE AFASTAM E PORTA QUE ABRE E FECHA EM 2º PLANO.

SIMONE - (ALTERANDO A VOZ PARA ELE QUE SE DISTANCIA) É necessário tomar uma atitude assim tão decisiva? (A PORTA FECHOU). (PAUSA LONGA) Como poderia ser

SIMONE - (CONTINUAÇÃO) ponder-lhe afirmativamente, sabendo que Adelia o ama e alimenta inteira esperança de conquistá-lo? Seria um procedimento injustificável, o meu. Eu não podia dizer que sim. Não podia.

C/REGRA - PORTA QUE ABRE E VÊCHA EM 2º PLANO. PASSOS DE HOMEM SE APROXIMAM.

DEMETRIO - Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo, minha filha. Que aconteceu com você e Rafael?

SIMONE - Por que?

DEMETRIO - Ele saiu daqui tão esbaforido que passou rente a mim sem me ver. Inda pra rei e lhe dei bom dia, mas ele nem percebeu. Houve algum outro mal entendido entre vocês?

SIMONE - Quero crer que sim e o pior é que parece que, desta vez, ele foi para não voltar.

DEMETRIO - Não diga, filha! Que vocês tenham lá as suas rugas, eu aceito e até compreendo mas que se afastam definitivamente um do outro, amando-se, isso eu não posso compreender. Que houve? Conte-me.

SIMONE - Rafael, inda ha pouco, propoz-me casamento.

TECNICA - ACORDE DE ALEGRIA, RÁPIDO.

DEMETRIO - É verdade? E você? Que lhe respondeu?

SIMONE - Eu poderia aceitar o seu pedido, sabendo que Adelia o ama loucamente e espera conquistá-lo a qualquer preço, conforme já disse a sua mesma?

DEMETRIO - Minha filha, como você brinca com a felicidade! Brinca... ou desdenha dela não sei... Mas então, amando Rafael, como eu sei que você o ama e ele desejando, ardentemente, tomá-la para sua esposa, você tem a coragem de recusar um pedido que causaria felicidade a tantas pessoas? Não posso compreender. Adelia nem sua amiga é. Apenas colega. Quando chegou aqui, já vocês eram namorados. Só porque um dia disse a ela que Rafael não lhe interessava, quer manter sua palavra, a qualquer custo? Não me parece lógico. E ademais, Adelia sabe que vocês foram namorados e ainda se gostam porque eu, sua mãe, mana Sarah e várias outras pessoas já lhe disseram. Não é muito mais lógico e razoável que ele desista de procurá-lo? Segundo sei, ele nunca disse a ela uma só palavra de esperança. Ela não tem, portanto, o direito de alimentá-la. Não quer voltar atrás da sua resolução? (PAUSA) Diga. (PAUSA) Eu o procurarei e direi a ele que você o aceita.

SIMONE - Não, Padre Demétrio, pelo amor de Deus! Eu nunca seria capaz de fazer uma coisa destas.

DEMETRIO - E o que é isto? Orgulho, ou teimosia? Todos os dois são feios pecados. Vem, minha filha, não seja assim. Você que possui qualidades tão raras.. deixar-se cegar por um sentimento mesquinho? Não posso admitir.

SIMPÃO - Padre Demétrio, por favor! Deixe ficarem as coisas como estão por algum tempo. Pode ser que eu me anime a uma conversa séria com Adelia e, do que ela me disser dependerá eu mudar ou não a minha atitude.

DEMETRIO - A conversa que você deve ter com ela é contar-lhe, francamente, que foi pedida em casamento por Rafael e que vai pensar no assunto. Acho que, aí, diante disto, ela não tomar a atitude de se afastar do rapaz, então você já não precisa mais ter nenhuma consideração com ela.

TECNICA - PASSAGENS MUSICAL

G. FREIOS - Eu vim lhe fazer uma visita e uma proposta. Sei que você está encarregado de todos os negócios da francesa, não é?

LUZA - Sim. Por que?

G. FREIOS - Eu me lembrei que poderíamos, enquanto ela está presa, abrir novamente a bote e o bar, tirarmos uma parte pra ela e duas partes pra nós. Eu lhe ajudaria e assim seria uma maneira de cobrar o que ela está me devendo. O que é que você acha? Não lhe parece uma boa ideia?

LUZA - Jacinto eu lamento muito ter que lhe dar uma resposta negativa, mas se Madame Margot confiou em mim para deixar-me encarregado dos seus negócios, eu não posso, justamente nesta hora em que tudo lhe falta, faltá-lo também. Sabe como eu classificaria isto em mim? De covardia. E eu sou tímida, Jacinto, mas covarde não quero ser.

G. FREIOS - Você é uma bobalhona. Isto é que você é. Pensa que se o caso fosse ao contrário que ela já não estava roubando de você o que pudesse? Digo-lho mais: o dia que você conseguisse liberdade haveria de se ver de tanga, porque ela teria vendido tudo que era seu.

LUZA - Não importa. Ainda que assim fosse, eu não serei capaz de prejudicá-la.

G. FREIOS - Mas eu quero receber a parte que ela me prometeu e que ainda não me pagou. Si é você a encarregada dos seus negócios, terá que me pagar então. Deixar de receber é que eu não vou.

LUZA - Você terá que esperar até que eu tenha conseguido avistar-me com ela e falar-lhe no assunto. Não sei nem quanto vocês combinaram.

G. FREIOS - Ela disse que me pagaria cem mil cruzeiros e até agora só me deu dez. Eu não posso ser prejudicado. Afinal, preciso de dinheiro. Tenho minha família para manter e perdi meu emprego fixo. Será que não pode me dar qualquer coisa por conta?

LUZA - Sem a autorização dela, nada. Mas amanhã mesmo eu já providenciarei para que ela me diga o que lhe posso dar e aí eu tomarei as providências necessárias.

G. FREIOS - Mas ela não vai concordar. Se foi por minha culpa que acabou sendo presa, vai querer pagar-me alguma coisa, mesmo que me deva? Só se eu não conhecesse a madama. Aquilo é uma gata danada. Nem sei como é que você se acerta com ela. Seja omeirada, Luza, tire uns cobres da gaveta dela e me pague ao menos alguma coisa que eu estou precisando.

LUZA - Eu não tenho dinheiro em casa, Jacinto. O dinheiro que ela tinha, você deve se lembrar que estava todo naquela frasqueira que você não conseguiu arrancar da mão dela e que foi para a prisão junto com ela. Eu aqui tenho apenas o que é meu e é muito pouco. Se lhe der, fico eu em falta.

G. FREIOS - Mas você consegue logo com ela.

LUZA - Isso é o que você pensa. Ela tem, mas não solta. No banco ela deve ter um bom depósito, mas para tirar seria necessário procuração dela e você acha que ela daria essa procuração a alguém? Pois sim! Nunca vi ninguém mais agarrada a dinheiro e mais desconfiada dos outros.

G. FREIOS - É lógico. Ela julga os outros por ela mesma. Como é capaz dos piores papéis por causa de dinheiro, acha que os outros também são. Aquilo é uma víbora, uma terrascal! Não é stôa que ela está pagando lá na prisão.

LUZA - Eu também não gosto dela, mas mesmo assim não quero faltar com o meu dever. Sou paga para zelar pelos seus interesses, não posso deixar de cumprir com as minhas obrigações. Eu prometo a você que amanhã vou lá na prisão e falo com o delegado a respeito dessa dívida. Peço a ele que converse com ela e me diga alguma coisa. Pode ser que por intermédio do delegado ela se resolva a pagar para não ficar com a ficha tão suja.

G. FREIOS - Uma boa ideia, Luza! Você será capaz de fazer isto por mim? Não irá se esquecer?

LUZA - De modo algum. E mesmo que ela se recuse a concordar com o pagamento, o delegado me autorizando, eu sou capaz de dar um jeito. Tenho um dinheiro aí que era para entregar ao fornecedor das bebidas, mas o bar está fechado, as bebidas não vieram, e poderei entregar essa importância a você. Não cobre o total da dívida dela com você mas já representa um bom auxílio. São sessenta mil craseiros.

G. FREIOS - Ótimo. Se você conseguir isto por mim, vou ficar muito agradecido a você. Quando é que eu posso vir saber a resposta do assunto?

LUZA - Amanhã de noite, ou depois de amanhã, na parte da manhã, porque de tarde eu vou sair para o dentista.

G. FREIOS - Então está combinado. Amanhã de noite voltarei aqui.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.

- OTÁVIO - Óra bons olhos o vejam, Glauco! Que alma estará para se salvar, você vir visitar-me, assim sem mais nem menos?
- GLAUCO - Há dias que estava com vontade de conversar com você e projetando esta visita, mas cada vez que marcava, acontecia um ~~xxx~~ treco para atrapalhar. Hoje eu me queimei e disse comigo mesmo: não espero mais nada. É hoje que eu vou. E vim. Pois quando eu ia saindo apareceu um amigo, mas despistei.
- OTÁVIO - Pois eu agora não tenho andado quasi na rua, porque estou estudando inglês e o meu caminho é do trabalho para a Cultura Inglesa, e de Cultura Inglesa para casa. Aproveito as horas que me sobram para estudar.
- GLAUCO - Muito bem. Pelo que eu vejo, em breve teremos uma viagem aos states?
- OTÁVIO - Mais ou menos. Prometeram-me uma bolsa mas eu preciso aprender inglês em seis meses. Você acha que é possível?
- GLAUCO - Bem... quer dizer... o tempo é um tanto apartado, mas possível é. Quanto tempo você pretende passar lá?
- OTÁVIO - A duração da bolsa é de seis meses, mas se eu gostar muito, ficarei mais um pouco por minha própria conta. Mas você disse que há dias estava com vontade de conversar comigo? Que é que há? Alguma novidade?
- GLAUCO - Não, não há novidade nenhuma, o caso é que Mademoiselle Margot continua presa e eu continue pensando que deveria ir visitá-la.
- OTÁVIO - Bem... eu já lhe dei a minha opinião a respeito, na outra vez que você me falou nisto, agora não lhe digo mais nada. Faça o que achar que deve.
- GLAUCO - Sabe o que é, Otávio, a coitada está lá completamente abandonada de todos, talvez até passando fome - a gente não sabe - e nós que fomos sempre tão camaradas dela, vamos continuar de braços cruzados, sem mover uma palha em seu favor? Não me parece justo, francamente. Você achou que eu poderia me comprometer perante a polícia, mas eu me lembrei que poderei procurar antes o delegado, explicar a ele as minhas razões e solicitar uma licença para visitá-la. Ele talvez compreenda a minha situação e me atenda. Si ela não fizer boa cara, si eu não insisto. O que é que você acha?
- OTÁVIO/- O que eu acho é que Margot não é mulher que ~~aceite~~ qualquer sacrificio de ~~algum~~ um de nós. Ela nos tratava muito bem, sempre, é verdade, mas ~~talvez~~ fomos muito bons freguezes da sua casa. Nunca bebemos de graça e nem no menos tivemos redução nos preços. Eramos bons freguezes, ela nos tratava bem. O dia que deixássemos de ser, ela nos fecharia a cara. Não tenho a menor dúvida a esse respeito. Portanto... se quer ir visitá-la, vá, mas tenha todo o cuidado para não se comprometer porque, no meu modo de ver, Margot não merece isto.

GLAUCO - Tarásio me diz a mesma coisa que você; Margot não merece isto. Mas eu não ficarei bem com a minha consciência se não for lá vê-la. Talvez porque ela tenha confiado em mim e tenha vontade de chamar.

STAVIO - Bem, se a consciência reclama de você, pelo seu procedimento, não espere mais nada. Vá. Eu, para mim, não existe coisa pior do que a consciência se acusando de alguma falta. Nunca estarei feliz, nem tranquilo, se não estiver bem com ela.

GLAUCO - Está resolvido então, Otávio. Eu irei visitar Margot. Será uma obra de caridade. Acho que o delegado vai compreender a minha intenção.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

GLAUCO - De maneiras que eu desejava que ficasse bem claro que eu não tenho nenhum interesse particular por ela. É apenas uma obra de caridade que desejo fazer, entende? Como eu era freguez da boate dela e fui sempre muito bem tratado lá, entendi que deveria vir procurá-la e saber si ela está precisando de alguma coisa.

DELEGADO - Eu compreendo a sua intenção e não tenho nenhuma restrição à sua visita, se não fôsse o fato de dona Margot ter adoecido, estar sob cuidado médico e ter sido recomendado repouso ~~axsxxx~~ absoluto.

GLAUCO - Mas então quem sabe nós tomaríamos providências para que ela fosse recolhida a algum hospital da cidade, ou mesmo daqui? Parece-lhe viável esta minha ideia, seu delegado?

DELEGADO - Sim, talvez fosse, quem sabe? Era o caso de se conversar com o juiz e expor a ele a situação. Si ele concordasse, fazia-se um requerimento e pronto. Era só transportá-la.

GLAUCO - Mas então eu poderei procurar o juiz amanhã e conversar com ele. Posso dizer-lhe que falei com o senhor e que o senhor mesmo me aconselhou a providência?

DELEGADO - Pode. Por que não? Si ele achar que a remoção pode ser feita, já o senhor me faz um officio, solicitando-a, eu mando o officio à apreciação dele e em dois dias o caso pode estar resolvido.

GLAUCO - Qual é o médico que veio atendê-la?

DELEGADO - O Doutor Lindolfo, que é o médico do presídio. Ele acha que o coração de la está falhando e tem feito várias injeções, mas ele ainda não apresentou nenhuma melhora. Aliás ele avisou que antes de tres dias a situação muito pouco se modificaria, de modo que eu não extranhei nem me alarmei.

GLAUCO - Então, seu delegado, vou agora mesmo procurar o senhor juiz e conforme o que ele me disser, talvez hoje mesmo ainda venha lhe trazer o officio, solicitando a remoção de Madame Margot para um Hospital.

DELEGIADO - Perfeito. Eu já estava querendo fazer isto mesmo, para salvar a minha responsabilidade, mas vindo uma solicitação de fora, fica melhor, ainda. Pode fazer o que disse. Eu ficarei aguardando.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

TARCISIO - Como vai você, Luza? Que novas há que me aparece assim, inesperadamente?

LUZA - É por causa de Margot que venho novamente falar com você Tarcísio.

TARCISIO - Por causa de Margot? Que mais há com ela?

LUZA - Está doente e foi removida para um hospital. Eu gostaria de visitá-la, mas como ela estava muito contrariada comigo, tenho medo de piorar a situação dela com a minha visita. Então me lembrei de pedir a você para ir lá ver a coisa de perto e verificar se não está lhe faltando nada. É isto que mais me preocupa, porque afinal você sabe... ela tem dinheiro... não é justo que se poupe, tratando-se da saúde dela.

TARCISIO - Mas o que é que ela tem, afinal? Os médicos chegaram a alguma conclusão, ou essa remoção dela para o hospital foi um expediente de advogado para que ela não fique na prisão?

LUZA - Nada disto, ela está doente de verdade, sim. É do coração. O médico até declarou que o seu estado é muito delicado e inspira muitos cuidados. Eu estou bem a par porque tenho mandado, sempre, uma pessoa lá para saber notícias.

TARCISIO - Até que horas são permitidas as visitas e em que hospital ela está?

LUZA - Bem, ela está no único hospital que temos na vila e o horário de visitas parece que é das duas às cinco da tarde. Não tenho bem certeza, mas posso ver e depois voltarei aqui para dizer-lhe.

TARCISIO - Não, não é preciso. Às quatro horas eu sempre paro o serviço para ir fazer um lanche; em vez disso irei até ao hospital Santa Margarida Maria e pedirei para vê-la. Será que permitem as visitas?

LUZA - Acredito que sim. Ela não recebe visitas eu creio que não é porque não pode, mas apenas porque não tem quem a visite.

TARCISIO - Coitado! Essa não soube fazer amigos.

LUZA - Colocava, sempre, o próprio interesse em primeiro plano, por isso. Assim mesmo ainda encontrou um que se interessou em removê-la para o hospital.

TARCISIO - Ah, sim? É quem foi esse benemérito?

LUZA - Foi Glanceo. Ele é que foi visitá-la na prisão e sabendo que ela estava doente, deu todos os passos para que o juiz permitisse a sua ida para o hospital. E conseguiu.

TARCÍSIO - Branco é bom sujeito. E além disto, dava-se muito bem com ela.

LUZA - Então quando é que posso passar aqui, outra vez, para saber notícias?

TARCÍSIO - Quando você quiser. Hoje até às dezenove, ou então amanhã de manhã.

LUZA - Pode dizer a ela que eu pedi a você que fosse lá. Veja qual a reação de
la, ao ouvir falar no meu nome. Eu tenho muita vontade de vê-la, sabe Tar-
cisio. Já não fui por medo de que se a minha presença a irritasse e ela pos-
sa chorar de seu estado. Mas se ela não mostrar contrariedade ao ouvir o
meu nome, amanhã irei vê-la.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

JOANA - Sabe o que eu fiquei sabendo hoje, dona Tereza? Que a Malvina Hargot foi
transferida da prisão para o hospital de Santa Margarida Maria, muito mal,
com um ataque de coração.

TEREZA - Aquela bem que podia ir que não fazia falta a ninguém. Como foi que você
soube?

JOANA - Quando fui na farmácia buscar a acetona que a senhora me pediu, ouvi o
farmacêutico falar. Disse que ela não está nada bem. Disse que até tendo
de exigê-lo tiveram que botar pra ela.

TEREZA - É aquela carta que o Reginaldo escreveu para ela; o que é que você fez de
la, afinal?

JOANA - Pois não foi a senhora mesma que me aconselhou a rasgá-la?

TEREZA - E você a rasgou?

JOANA - Não rasguei, mas escondi bem no fundo da minha mala, debaixo das minhas
roupas. Hoje quando ouvi o farmacêutico falar que ela estava passando mal
sabe que eu me lembrei de vir aqui, pegar a carta e levar lá? (PAUSA) O que
é que a senhora acha?

TEREZA - (DEPOIS DE PAUSA) Não sei, não, Joana. Faga como entender. Essas coisas
são difíceis da gente dar palpite. Sei eu lá o que possa dizer essa carta
e o que possa acontecer, em consequência?

JOANA - Pois é... eu estou tão indecisa... acho que se a mulher chegar a morrer,
seu que eu tenha entregue a tal carta, que vou sentir um remorso, depois,
que não sei.

TEREZA - Ah bem, se você acha que isso possa acontecer... já não está mais aqui quem
quem falou. Se você quiser entregar a carta, entregue-a.

JOANA - (DEPOIS DE PAUSA) É, dona Tereza, eu vou entregar a carta, sim. E vou en-
tregar ~~hoje mesmo~~ *amanhã de manhã*

TÉCNICA - EXPLOÇÃO MUSICAL, MUNEDE COM CARACTERÍSTICA MUSICAL PARA ENCERRAMENTO DO
CAPÍTULO.

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA.

- JOANA - Hoje, quando o farmacêutico falou que dona Margot estava passando mal, sabe que eu me lembrei de vir aqui, pegar a carta e levar lá? (PAUSA) O que é que a senhora acha?
- TEREZA - (DEPOIS DE PAUSA) Não sei, não, Joana. Faça como entender. Essas coisas são difíceis da gente dar palpite. Sabe lá o que possa dizer essa carta e que possa acontecer, em consequência?
- JOANA - Pois é... eu estou tão indecisa... acho que se a mulher chegar a morrer, sem que eu tenha entregue a tal carta, que vou sentir um remorso, depois, que nem sei.
- TEREZA - Ah bom... se você acha que isso possa acontecer... já não está mais aqui quea falou. Se você quiser entregar a carta, entregue-a.
- JOANA - (DEPOIS DE PAUSA) É dona Tereza, eu vou entregar a carta, sim. E vou entregá-la ainda hoje.
- TEREZA - Você que sabe. Há coisas muito delicadas da gente dar palpite. Esta é uma delas. Pode acontecer alguma coisa desagradável e a pessoa, depois, sempre fica pensando que foi por causa do palpite da outra.
- JOANA - Sabe o que eu penso, dona Tereza? É o seguinte: si ela está mal e os médicos acham que não se escapa, é uma obra de caridade a gente dar uma alegria à pobre infeliz.
- TEREZA - Mas você leu a carta para saber que é alegria que ela vai dar? Inclusive ela pode trazer uma tristeza ou uma preocupação que agrave, ainda mais, o estado da velha.
- JOANA - Bom, isso eu também não tinha me lembrado. É um problema, de fato. A gente fica sem saber o que fazer.
- TEREZA - Você não se dá bem com o padre Demétrio? Por que você não vai se aconselhar com ele? Talvez, até, ele mesmo se prontifique a entregar a carta à mulher.
- JOANA - É... de fato... não deixa de ser uma ideia... Acho que vou conversar com ele agora mesmo. A senhora não se importa si eu demorar uns dez ou quinze minutos mais? Porque padre e senhora sabe como é... tem sempre gente em roda... e eu tenho que esperar ~~de~~ ficar sozinho com ele para poder falar. Não posso abordar o assunto na presença de outras pessoas.

- TEREZA - Vá de uma vez se desembaraçar desse pessoal e deixe por lá, se puder, essa maldadada carta. Você agora está vendo que eu tinha razão, quando dizia a você que não respondesse a outra. Você achou que não... Quando uma coisa me palpita mal... não tem quem se obrigue a fazê-la.
- JOANA - Diga-me uma coisa, dona Tereza: aquelas coisas que dona Laila fazia, não lhe palpítavam mal? Eu às vezes ficava admirada de senhora concordar.
- TEREZA - Ali era diferente, Joana. Laila era uma mulher muito perigosa. Eu sabia e então procurava contornar a situação, fingindo que estava de acordo com as coisas que ela fazia, mas sempre esperando, de uma hora para outra, perder até o meu lugar. E eu preciso dele, você sabe. Por aí você pode ver até que ponto eu considerava Laila perigosa. E era de um caráter como nunca vi. Não sei como Reginaldo, conhecendo-a, pôde amá-la da maneira que amou.
- JOANA - Os homens são assim, geralmente. Gostam de quem não presta. Mulher boa e decente, para eles, não tem vez.
- TEREZA - (NOSTÁLGICA) É mesmo, Joana, talvez você tenha razão.
- JOANA - Talvez, não, que tenho mesmo. Então não conheço a vida? Não estou vendo os exemplos, todo o dia? A mulher, quanto mais idinária, mais eles procuram.
- TEREZA - Bom, mas procurar não quer dizer apreciar. Eles procuram, porque com essas eles tiram mais vantagens, mas não acredito que na hora de levarem uma companheira para o lar, eles deixem as que prestam para lavar as que não prestam.
- JOANA - Deixem, dona Tereza, deixem. Homem é bicho que também não presta. Eu sempre digo isto. O que estava para ser bom... nasceu morto.
- TEREZA - Não, não, Joana, assim tão descrente quanto você eu não chego a ser. Acredito que haja muito homem bom. (TOM) Mas vamos deixar isso de lado e trate de ir de uma vez procurar o padre Demétrio, porque quanto mais tarde você for, mais tarde voltará.
- JOANA - É, tem razão, sim. Vou buscar a carta na minha mala. A senhora acha que eu posso ir assim com este aventalão?
- TEREZA - Por quê? Você não quer botar um vestido?
- JOANA - Não é que não queira, é que pareceria eu vou perder muito tempo e eu...
- TEREZA - (GORTA) Mas por que você não tira apenas o aventalão e não vai com o vestido que está por baixo?
- JOANA - Ah, não dá. Ele está muito velho, muito desbotado. Tem até um remendo nas costas. Ou vou servir, ou troco de vestido.

TELEZA - Então troque, de uma vez e não perca tempo. A esta hora o Padre Demétrio deve estar voltando das suas visitas. Você vai encontrá-lo.

JOANA - Eu vou em seguida. Obrigada, dona Tereza.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

ADELIA - Simone, o Padre Demétrio me disse que você precisava falar comigo?

SIMONE - O Padre Demétrio disse isso a você? Ah, sim, sim... eu sei o que é... é que ele está insistindo esquisito em conte a você que... bem, eu achava que não deveria lhe falar nesse assunto...

ADELIA - O que é que há Simone, que você está tão enrolada? Diga logo o que tem a dizer e pronto. Você fica amarrando... titubecendo... parece que não tem coragem de entrar diretamente no assunto...

SIMONE - Exatamente, é isto mesmo, o que me falta é coragem. Eu tenho horror de dizer coisas que desagradem, entende? Toda vida fui assim. Uma notícia alegre e que desse prazer, eu me aprava em ser a portadora. Uma notícia triste, ou desagradável, como é o caso agora, só eu sei o que me custava dar.

ADELIA - É alguma notícia de morte que você tem para me dar?

SIMONE - Bem... quer dizer... não deixa de ser, porque... a morte de uma ilusão não deixa de nos fazer sofrer, da mesma maneira que a morte de uma pessoa a quem se quer bem, porque quando morre uma ilusão, é um pedaço da gente que se vai.

ADELIA - Simone, deixe-se de mistérios. Se o que você queria era preparar-me, pode dizer porque já estou preparada.

SIMONE - É sobre Rafael que eu desejava falar a você.

ADELIA - Eu já estava imaginando. O que é que há com ele? Pode dizer, sem susto.

SIMONE - O que há com ele é que ele me pediu em casamento.

TÁCNICA - VELOCIDADE DE SUSPO FORTÍSSIMO.

ADELIA - (DEPOIS DE PAUSA) E você? (PAUSA) Aceitou?

SIMONE - Não, Adélia, recusei, mas... por sua causa, exclusivamente.

ADELIA - Obrigada, Simone. Você é, realmente, uma grande amiga. Eu não esperava de você outra coisa que não fosse isto. Você sempre foi muito leal, não havia de ser neste momento, quando eu estou mais apaixonada, que haveria de falhar-me. Deixe que lhe dê um beijo de agradecimento, Simone. (BEIJO) Você foi, mais uma vez, maravilhosa!

SIMONE - Você não pensa que se ele me fez uma proposta destas, é porque não gosta de você? Parece que você não está percebendo bem a importância do fato. Não se trata de eu ter aceito ou recusado, trata-se dele gostar ou não de você, veja bem. Isto, de tudo, é que é o mais importante.

ADELIA - Minha mãe sempre disse, com sobradas razões, que eu sempre consigo tudo quanto quero, pela persistência com que sei querer as coisas. As coisas ou as pessoas, está visto. Rafael já esteve muito mais distante de mim do que recentemente. Foi uma conquista da minha persistência, e você vai ver como eu vou chegar ao ponto que quero, pela minha teimosia. Meu lema sabe qual é? Devagar e sempre. É assim que conquisto tudo que quero.

SIMONE - É... pode ser... mas eu jamais insistiria com alguém em qualquer coisa ^{que} não sentisse uma retribuição espontânea.

ADELIA - Tolice, Simone. Não há nada que mais gruda e escraviza uma pessoa do que o hábito. A pessoa pode não gostar de uma determinada coisa... Vamos exemplificar. Uma pessoa não gosta de café com leite. Mas trazen-lhe café com leite durante vários meses e ele não tem recusa em tomar. Toma uma vez... toma duas... toma trinta vezes... toma sessenta... um dia não vem café com leite, por qualquer motivo. O que acontece? A pessoa sente falta. Já se habituou. O hábito é uma segunda natureza.

SIMONE - Não sei, não. Nas questões sentimentais o meu ponto de vista é completamente oposto ao seu. Por mais que eu gostasse de um homem, jamais lutaria pelo meu amor, se não sentisse, da parte dele, a mesma retribuição ao meu querer. A mesma, hein? Veja bem. Um pouco menos, a ponto de caber uma aventura que ele quer no seu coração, já não me servia.

ADELIA - Isso é muito bonito em teoria e nos romances ou novelas de rádio, na vida real é uma tolice que só nos prejudica.

SIMONE - É... pode ser... eu sou como sou e não há de ser nesta altura da vida que haverai de modificar-me.

ADELIA - Para mim foi muito bom que você pensasse como pensa, do contrário talvez, a esta hora, a minha batalha estivesse perdida.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.

JOANA - Eu tinha vontade de entregar a carta a ela, principalmente sabendo que está tão mal, mas dona Teresa tem muito medo que eu me comprometa, ou que talvez a carta contenha qualquer notícia que possa aborrecê-la.

DEMETRIO - Não tem problema. Eu levo a carta. Se ela está realmente muito mal, como dizem, é até um pretexto para que a procure e leve-lhe uma palavra de fé.

JOANA - Mas e se a carta contiver, realmente, uma notícia que possa aborrecê-la?

DEMETRIO - Ela não há de poder ler a carta. Eu mesmo, com certeza, é que vou ler. Não se custa suprimir qualquer coisa que eu sinto que irá contrariá-la.

JOANA - Então está ótimo. O senhor irá hoje mesmo levá-la?

PADRE DEMÉTRIO - Sim, si ela está tão mal, não convem perder tempo.

JOANA - Obrigada então, Padre Demétrio. Que Deus o abençoe uma vez mais pela sua bondade e compreensão.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - PASSAGEM COMERCIAL

TARCISIO - Via procurá-lo, senhor Delegado, porque fui avisado que Margot está muito mal no Hospital de Vila e desejava visitá-la. Ou melhor, Inês foi me pedir que lhe fizesse uma visita, já que Margot se nega a recebê-la. Entende?

DELEGADO - Entende. Inês está com um arame de consciência sem razão de ser. Foi ela quem desapertou a condenação de Margot, mas ela respondeu simplesmente a verdade. Mas não lhe cabia outra alternativa. Si ela sentisse ficaria vivemente comprometida. Foi advertindo-a dessa verdade que lhe arranquei a verdade. Do contrário, ela seria bem capaz de ter mentido para salvar a outra.

TARCISIO - Eu gosto de Inês e de Margot também, apesar de todos os seus defeitos. numa hora como esta, gostaria de levar-lhe algumas palavras de conforto. O senhor acha que poderei fazer isto, sem me comprometer? O senhor sabe... já houve aquele caso comigo... tenho medo de ser envolvido numa trama qualquer e pagar, injustamente, um tributo alto demais para um gesto de solidariedade. Foi por isso que não quis atender o pedido de Inês, mas antes falar com o senhor e ouvir a sua opinião.

DELEGADO - Não tem problema, não. Você pode ir lá visitá-la. Só que terá que levar uma autorização minha porque do contrário não o deixarão vê-la. Ela está no quarto nove e a hora da visita é das duas às cinco. Antes, ou depois, não o deixarão entrar.

TARCISIO - Não tem dúvida. Eu irei hoje mesmo, dentro das horas permitidas. Quer me dar agora a autorização, ou devo procurá-la em outra hora?

DELEGADO - Não, não... para que voltar aqui? Não há necessidade. Vá agora mesmo e autorização o você já leva.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

G. PHELOS - Via ver se a senhora ainda não resolveu com a Madama a questão do meu pagamento, porque estou muito precisado.

LIZA - Ainda não pude vê-la. Hoje espero ter qualquer notícia sobre o assunto, através do Tarcisio que conseguiu autorização do delegado e vai visitá-lo esta tarde. Ainda agora estive aqui me dizendo.

G. FREIOS - Eu estou afobado porque me disseram que a Madama está quasi entupindo e se isto acontece eu não posso ficar sem o meu dinheiro. Tenho uma porção de crianças, lá em casa. Viver de biscotes, num lugar como este, é fôgo. É a mesma coisa que se entregar à miséria.

LUZA - Eu tenho a impressão que ela vai autorizar a lhe pagar, vamos ver.

G. FREIOS - Mas si elle não autorizar, eu não posso perder esse dinheiro, pense bem. Ela me prometeu esse dinheiro. Ela me deve. A senhora viu quantas vezes eu fui lá cobrar e ela sempre me tapeava, mas nunca disse que não me devia, não é verdade?

LUZA - É verdade, sim. Eu sei que elle lhe devia. Mas se elle morrer eu darei um jeito de você não ser prejudicado. Si é por isso a sua pressa pode quietar-se porque eu darei um jeito.

G. FREIOS - Ah, bem, sendo assim eu já fico mais tranquilo. A madama não precisava ter me feito isto. Ela tem dinheiro de pamparra. Agora, se morre, fica tudo aí pro governo, porque nem parentes parece que ella tem. Ou tem?

LUZA - Não sei. Acho que não. Se tem, nunca falou neles. Talvez ~~existam~~ tivessem, mas não se desuo com elles. Isto acontece muito com as pessoas como nós. Talvez, até, se souberem que elle deixou dinheiro... nem queiram.

G. FREIOS - Essa não. Si souberem que elle morreu e deixou dinheiro, vai ver como na mesma hora correm como uns desesperados. É sempre assim que acontece. Mas então é mesmo certo que a Madama está fazendo biscotes para a viagem?

LUZA - Você quer dizer si é certo que ella está quasi morrendo? É o que dizem, pelo menos. Eu não entrei no quarto, ainda, porque elle não admitiu, mas as notícias que me dão na portaria, são sempre pouco animadoras. Parece que o coração está enfraquecendo cada dia mais.

G. FREIOS - Deve ter sido de fôria, por ter sido pressa. Nunca vi pessoa mais danada que a Madama. É que fôrça que tem a danada. Aquelle dia que eu queria tirar a malinha d'ella, por mais que puxasse com toda a minha gana, não consegui arrastar a das mãos d'ella. Ella se gruda que não soltou nunca. É botou a boca no mundo.

LUZA - E foi aí que elle se perdeu, porque o automóvel estava atrás da esquina para elle fugir. E se elle fugido, a esta hora estaria muito bem numa cidade grande e eu teria ido trabalhar com elle. Pelo menos foi com o que elle me aconselhou. Se tinha mesmo tentões de fazer, eu não sei. A gente nunca podia saber bem quando Madame Margot prometia para cumprir ou apenas por prometer.

G. FREIOS - Pois é, mas por isso que elle foi bater com os costados nas grades e agora está lá de moicho, em cima de uma cama.

LUIZ - Ah, pois é... Deus não gosta das coisas mal feitas.

C. FERREIROS - Bem, eu vou e amanhã torno a passar aqui para saber quais são as notícias.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

SARAH - Simone chegou a contar alguma coisa à senhora do resultado da conferência que o sr. mandou aconselhou-a a ter com Adélia?

ANGELA - Contou, sim, senhora. Mas se eu chegar a lhe dizer, a senhora vai ficar indignada como eu fiquei.

SARAH - Adélia não ceitou? Nem mesmo sabendo que Rafael pediu Simone em casamento?

ANGELA - Nem assim. Disse que toda vida ^{venceu} ~~venceu~~ pela persistência e que portanto não se entregaria. Que todo, na vida, é uma questão de hábito e que Rafael acabaria se habituando a presença dela, sem poder dispensá-la.

SARAH - Nossa mãe, eu tenho visto muita gente cereadura, mas assim nunca tinha visto. Será que Simone disse a ela que estava resolvida a aceitá-lo?

ANGELA - Não sei, mas duvido muito que tenha dito. Pelo contrário. Não duvido nada que tenha reafirmado não se interessar por ele.

SARAH - Mas eu já disse a ela, ela sabe. O que ela não quer é peitar. Aqui só ha um remédio, agora: convencer Simone que Adélia não é sua amiga e que ela não tem nenhuma razão de renunciar à sua felicidade por cause dela.

ANGELA - Isto não vai ser fácil se conseguir. Simone, depois que mete uma coisa na cabeça, não há quem consiga arrancá-la.

SARAH - Ah, não! Si elas são teimosas eu tambem sou. Simone pode se entregar a Adélia, mas eu não vou me entregar. E não desconsarei enquanto não fizer com que ela desista do rapaz ou então que Simone se decida a retomar as rédeas do seu destino. Eu nunca vi isto, dona Angela, nunca! Uma moça chutar a própria felicidade para ser agradável a outra que nem sua amiga é. Hoje, quando Adélia voltar do colégio, vou ter uma conversa muito séria com ela. Vou botar as cartas na mesa. Vou dizer que elle chegou para atrapalhar a vida da outra e que si é esta a sua intenção que se mande mudar da minha casa, porque eu não estou mais disposta a hospedi-la.

ANGELA - Tambem isto não, dona Sarah. Não acho justo que a senhora vá se prejudicar, por causa da minha filha. Deixe-a ficar aí. Vou lhe dizer que ~~talvez~~ talvez até seja melhor, porque ao menos elle estando perto a gente pode controlar o que elle faz. Longe, a gente nem fica sabendo.

SARAH - Fica, sim. Isto aqui é uma terrinha desgraçada que a senhora dá um suspiro hoje, amanhã todo mundo está sabendo. Si ella não der um jeito na sua vida e inclinar se a conquistar seu Rafael, não fica nos mais um dia dentro da minha casa. Que vá se hospedar lá no Grupo que tem no quarto vago.

APARELA - Heu... a senhora é dona de sua casa e sabe o que faz. Eu só não quero que se prejudique por causa de minha filha.

SARAH - Para mim não haverá maior prejuízo do que ela não se acertar com Rafael.

TEBICA - PASSAGEM MUSICAL.

LUZA - Graças a Deus que você chegou, Tarcísio. Eu estava aflita pela sua vinda, para saber de Margot. Como está ela? Precisa de alguma coisa? Voce chegou e dizer que fui eu que pedi que você fosse vê-la?

TARCÍSIO- Não, Lusa. Todo o tempo que estive lá, ela esteve, praticamente dormindo. Houve apenas uns poucos minutos em que abriu os olhos, mas mesmo assim pouco adiantou, porque ela não se reconheceu.

LUZA - Coitada! Está tão mal assim?

TARCÍSIO- Dis a enfermeira que há momentos em que ela está lúcida e então conversa e pergunta as coisas, mas que são momentos, apenas, que a maior parte do tempo está inconsciente.

LUZA - Que lástima! E a enfermeira não disse se lhe falta alguma roupa? Se ela tem pedido alguma coisa que se possa fazer?

TARCÍSIO- Disse que ela tem uma ideia fixa que é ser libertada. Fala nisto quando está acordada e quando está sonhando. Dis que uma vez ou outra pronuncia o seu nome, chamando-a de traidora e fala constantemente em Reginaldo e Pé de Ferro. Diz que eles esperam por ela que ela já vai encontrá-los.

LUZA - Ficou com a ideia de tudo aquilo que aconteceu no momento da fuga. Eu não desejava que ela sorresse, sem compreender que eu não podia fazer outra coisa. Talvez não levasse tanto ódio de mim.

C/REGINA - BATIDAS COM OS NÓS DOS DEDOS NA PORTA DA RUA.

LUZA - Uá! Tem gente aí. Quem será?

TARCÍSIO- Você quer que eu vá atender a porta?

LUZA - Não, não... talvez seja melhor você ficar aqui. Deixe que eu vou. Se quiser tomar uma cerveja pode tirá-la daí no refrigerador.

TARCÍSIO- Não, não, obrigado. Eu não quero nada. Deixei de beber até cerveja. Só bebo, agora, refrigerantes.

LUZA - Refrigerantes não tenho, mas se quiser uma mineral deve ter.

C/REGINA - REPETE AS BATIDAS ANTERIORES. PASSOS DE LUZA PARA A PORTA.

LUZA - Eu já volto. Vou só ir para quem é e despedir.

O/REGINA - DEPOIS DE PASSOS SEMPRE EM PRIMEIRO PLANO. RUIDO DE PORTA QUE SE ABRE, COM TRANÇA E CHAVE.

LUZA - Heu Deus!... Você?!... Não é possível!...

TEBICA - EXPLORAÇÃO MUSICAL PURA COM CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ENCRUAMENTO.

742 CAPITULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA.

LUZA - Se quiser tomar uma cerveja, pode tirá-la ali, no refrigerador.

TANCISYO - Não, não... obrigado. Eu não quero nada. Deixei de beber até a cerveja.
Só bebo, agora, refrigerantes.

LUZA - Refrigerantes não tenho, mas se quiser uma mineral, deve ter.

C/REGRA - EFEITO AS BATIDAS ANTERIORES, PASSOS DE LUZA PARA A PORTA.

LUZA - Eu já volto. Vou só ver quem é e despachar.

C/REGRA - DEVOIS DE PASSOS SEMPRE EM 1º PLANO, RUÍDO DE PORTA QUE SE ABRE COM TRAMPA E CHAVE.

LUZA - Meu Deus!... Você?!... Não é possível!...

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FONTE.

SARARÁ - Boa tarde. Ou melhor, boa noite, porque a tarde já se foi embora. Posso entrar?

LUZA - Sim... pode... quer dizer... eu... eu tenho órdes de Madame Margot de não deixar entrar ninguém, mas...

SARARÁ - Mas se ela estivesse aqui, me mandaria entrar, por isso não se preocupe.
Com licença.

C/REGRA - PORTA QUE SE FECHA, PASSOS DE MULHER E HOMEM EM PRIMEIRO PLANO SEMPRE.

LUZA - O senhor... o senhor veio para ficar?

SARARÁ - Depende. Se conseguir logo o que desejo, poderei voltar até hoje mesmo.
Se não conseguir irei ficando até que tenha conseguido. Você está sózinha?

LUZA - Eu... eu... quer dizer... (VIU QUE O CUPIM ESCAPOU) Sim, estou só. Por que?

SARARÁ - Porque é com você mesma que eu preciso falar. Preciso que você me dê as tintas.

LUZA - As tintas? Que tintas? Não sei de que está falando...

SARARÁ - Preciso saber onde se meteu Manon.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FONTE.

LUZA - Manon? Mas eu não sei dela. Desapareceu... nunca mais se soube para onde foi... Sempre pensei que você soubesse o paradeiro dela. Que tudo que fez inclusive seu desaparecimento, tivesse sido por determinação sua...

SARARÁ - Olhe bem pra minha cara, Luza. Você acha que eu tenho cara de quem está me fazendo de palhaço?

LUZA - Óra senão! Por que? Acaso terei dito algum absurdo? Você não trabalhavam juntos? Não eram sócios? Que havia de mais em que você houvesse planejado

LUZA - (CONTINUAÇÃO) o desaparecimento dela, depois de tudo que lhe aconteceu?

SARARÁ - É inútil você estar rerepresentando essa força para mim porque eu sei que você recebeu carta dela, convidando você pra ir pra lá, onde ela está.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

SARARÁ - Negue, si é capaz. Vamos, negue.

LUZA - Que recebi carta dela, não poderei negar, mas que me convide para ir para lá e que me tenha mandado seu endereço poderei provar-lhe, num instante que é mentira. Espere um momento que vou ao meu quarto buscar essa carta e dar a você para que se convença.

C/REGRA - PASSOS SEMPRE EM PRIMEIRO PLANO, DE LUZA - PORTA QUE ABRE E FECHA AFASTADA.

SARARÁ - (FALANDO DE LONGE, ALTO PARA SER OUVIDO) Se está pensando que em armar uma cilada pra mim, tire isso da cabeça porque não conseguirá. Eu tenho gente lá fora, controlando qualquer movimento.

TARCISIO - (MEIA VOZ) Quem é que está aí?

LUZA - É Sarará, o que era sócio de Manon, na boate do sobrado. Vou lhe dar a carta dela, para que não caia nas mãos dele. Desapareça com ela, imediatamente. Depois eu irei lá na oficina, buscá-la. Tome-a. Está aqui.

TARCISIO - Por onde saio que ele não se veja?

LUZA - Pule essa janela e estará no jardim. Dou-lhe a chave do portão de serviço. Você sai e fecha-o por fora. Guarde a chave junto com a carta, por favor. Depois iri lá na oficina, buscar as duas coisas. Amanhã. E agora volte, antes que ele se resolva a vir aqui e o encontre. Ande, saia logo.

C/REGRA - PORTA QUE ABRE E FECHA EM PRIMEIRO PLANO, PASSOS DE LUZA TAMBEM EM 1º PLANO

LUZA - Tenho a impressão de que joguei fora a carta. Não a encontrei nas gavetinhas do meu penteador.

SARARÁ - Ah, é? Pois então trate de procurar em qualquer outro lugar porque eu não sairei daqui sem que tenha visto esta carta ou arrendado de você a confissão do endereço de Manon. E trate de ver logo, senão a coisa vai engrossar.

LUZA - Sarará, você não é homem e quem se engana facilmente e muito menos eu que não tenho capacidade nem inteligência para inventar subterfúgios. Se você quer dar uma busca na casa toda, ela está às suas ordens.

SARARÁ - Eu, não. Quem vai dar essa busca e encontrar a dita carta é você. E advirto-lhe que estou disposto a praticar qualquer violência, para que ela venha ter às minhas mãos. Ande, vá. Dou-lhe deixo ver... dou-lhe duas horas para uma busca geral. Penso que é tempo mais que suficiente.

TÉCNICA - PASSAGENS MUSICAL.

TARCISIO - Seu delegado eu estou aqui para uma coisa muito contra o meu feitio, mas acontece que estou temeroso pela sorte de Luza. Eu estou aqui para uma denúncia.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE

DELEGADO - Denúncia? Você veio aqui para me fazer uma denúncia, Tarcisio?

TARCISIO - Exatamente, seu delegado. Eu estava lá na Luza, onde tinha ido para ler-lhe notícias da Madame Margot, quando apareceu lá um dos que lhe fugiram.

TÉCNICA - REPETE A VERGASTADA MUSICAL ANTERIOR.

DELEGADO - Não diga. Foi Reginaldo, ou Pé de Perro?

TARCISIO - Nem Reginaldo, nem Pé de Perro. Quem apareceu lá, inesperadamente, foi Sarará, *á*

TÉCNICA - REPETE A VERGASTADA ANTERIOR.

DELEGADO - Sarará?! O que foi sócio de Nanon, na boate do Sobrado?

TARCISIO - Exatamente. E como cheguei a ouvir dele ameaças a Luza, caso ela não desse a ele o endereço de Nanon, fiquei receoso de que lhe pudesse acontecer alguma coisa e eu viesse a ser outra vez envolvido com a polícia.

DELEGADO - Isso faz muito tempo?

TARCISIO - Nem tanto. Meia hora, talvez. Consegui safar-me sem que ele percebesse a minha presença e vim correndo para cá, avisá-lo.

DELEGADO - Ótimo! (PROJETANDO) Cabo, reúna os dois homens que estão de serviço e vá com eles à Casa da Madame Margot, procurando prender o homem que está lá. Entrem sem alarido, para que ele não se aperceba e venha a escapar novamente.

C/REGRA - PASSOS DE ROMEM QUE SE AFASTA, ABRINDO E FECHANDO PORTA, AFASTADA.

DELEGADO - O senhor vai esperar aqui o resultado da caçada?

TARCISIO - Não senhor. Não quero que ele perceba que pertinho de mim a denúncia. Ele poderia voltar a fugir de prisão e procurar vingar-se de mim. Não que eu tenha medo de brigar ou de morrer, mas tenho minha mãe e não gostaria de deixá-la sozinha.

DELEGADO - E quanto a Luza? Ela sabe que você veio aqui para me dar este aviso?

TARCISIO - Não sabe, mas vai calcular logo. Passo passar aqui, logo mais, para saber se foram bem sucedidos na caçada?

DELEGADO - Pode. Por que não? Se ele ainda estiver lá dentro da casa dela, pode contar como certa a sua prisão, porque o cabo tem um tato para essas coisas que apavora. Parece cão de fila. Preso só foge quando ele não está de serviço, do contrário ele descobre sempre a fuga na hora h.

TARCISIO - Ele tem o que se chama hoje em dia de "bossa" para a profissão. Isso é muito importante. Meu avô sempre dizia que ninguém deve tentar uma carreira para a qual não tenha inclinação. É a verdade. (PAUSA) O senhor ouviu o que eu disse?

DELEGADO - Ouvi, Tarcísio. Estava pensando numa outra coisa mas ouvi, sim. Sabe o que estava pensando? Que assim como este voltou, os outros serão capazes de voltar, também. Acho que vou deixar um guarda permanente lá na casa da Branca.

TARCISIO - Seria bom. O senhor não deixa de ter razão nas suas considerações. Assim como este voltou, os outros podem voltar. Si bem que quem tinha interesse aqui era só o Sarará, parece.

DELEGADO - Pois então? E Reginaldo e Rê de Ferro o que cres? Elementos da mesma ganga. Sócios de Sarará, de Manon e não sei se também não seriam de Madama Margot.

TARCISIO - Acho que não. Pelo que ouvi de Lina eles estavam embalsamando Margot com a intenção de uma grande casa de diversões não sei em que cidade do nordeste para que ela os ajudasse a fugir.

DELEGADO - E Margot que não podia sentir cheiro de dinheiro, deixou-se logo tentar pela proposta, expondo-se, como aconteceu, a ser presa e condenada.

TARCISIO - Esse é um caso para provar que o crime não compensa. Graças a Deus que, naquela hora, eu recuei. Graças a Deus e ao desespero de minha mãe que me poupou uma pena infinita. E foi então que jurei que se conseguisse me escapar daquela, nunca mais me meteria noutra. E até hoje tenho cumprido religiosamente a minha promessa. Também minha mãe, coitada, não se cansa de agradecer a Deus.

DELEGADO - Sua mãe é uma heroína. Não apenas pelo que sofreu agora, mas por toda a sua luta para criá-lo e educá-lo, tendo ficado viúva muito cedo e sem nenhum recurso. E o melhor de tudo é que nunca pediu nada a ninguém. Lutou sozinha com a única arma de que dispunha e que era a sua máquina de costura. Você, de joelhos, pelo resto da sua vida, talvez não agradeça à sua mãe a metade do que ela fez.

TARCISIO - Eu sei e justamente por isto é que procuro, agora, compensá-la. E por falar nela eu vou dizendo que a coitada já deve estar estendendo a minha desora para jantar. Logo mais, à noite, passarei por aqui.

TÉCNICA - PASSAGEM MEDICAL

LOCUTOR - PUBLICIDADE COMERCIAL

TÉCNICA - PASSAGEM MEDICAL

DEMETRIO - (SUAVE) Margot, abra os olhos, para que eu possa ter a certeza de que está se ouvindo. (PAUSA) Vamos... abra os olhos, minha filha. (TON) Abriu. Agora veja se ouve bem o que eu vou lhe dizer. Sabe quem está aqui, minha filha?

MARGOT - (DÉBIL, FALARIA AÍMÉA+ESTE) minha filha... minha filha... então é meu pai que está aqui? Não, poder... Meu pai brigou comigo... nunca me perdoou... se viesse aqui... não me falaria maismente. Esbravejaria... como sempre fez... esbravejaria... O senhor... o senhor é um impostor...

DEMETRIO - Não, Margot, não sou um impostor. Eu a chamei de minha filha mas não foi para passar por seu pai. Eu sou o Padre Demétrio. Você me conhece. Uma vez foi na casa canônica falar comigo, lembra-se?

MARGOT - O senhor... não quis... impedir que se abrisse... a fonte do sobrado. Lembro-me bem... O senhor não quis. Eu briguei com o senhor. Nunca mais fiz donativos... para as suas obras... nunca mais...

DEMETRIO - Isso agora não tem importância, minha filha. O que importa, verdadeiramente; nesta hora, é que você esteja preparada para entrar numa nova vida. Você está preste a ser chamada pelo Pai, minha filha.

MARGOT - Não quero... não quero falar mais com meu pai... nunca mais... A última vez que falou comigo... ele deu bofetadas... na minha cara.

DEMETRIO - Mas o pai que lhe chama não é o seu pai, Margot. É o Pai do Céu. O Pai de todos nós, entende?

MARGOT - O pai de todos nós? Ele está me chamando? O que é que Ele quer comigo?

DEMETRIO - Todos somos chamados por Ele, um dia. Todos. E você está sendo chamada, agora. Vai ter que dar a Ele contas da vida que Ele emprestou a você por algum tempo. Não quer renar comigo a oração dos agonizantes?

MARGOT - Oração dos agonizantes? Para que isto? Não... não quero... Prefiro deixar isto para o dia que eu morrer, entende? Mas eu não quero falar em morte, agora. Não gosto de falar em coisas tristes. Prefiro que o senhor me fale em coisas que me tragam alegria.

DEMETRIO - Está bem, eu vou falar a você, então, de uma coisa que talvez lhe dê alegria, mas se isto acontecer, você depois terá que dar, comigo, graças ao Senhor. Concorda? Veja bem que eu quero ajudá-la.

MARGOT - O senhor me quer ajudar? Está bem... está bem... eu preciso de ajuda... eu preciso. O senhor disse que ia me falar de uma coisa que me daria alegria... que coisa é?

DEMETRIO - Eu tenho uma carta para você, Margot.

MARGOT - (ANIMANDO-SE) Uma carta parra mim? O senhor tem uma carta parra mim? Quem me escreveu essa carta? Quem?

DEMETRIO - Não sei. Ela está fechada. É preciso que você se autorize a abri-la.

MARGOT - Sim... sim... abra-a. Eu preciso saber de quem é essa carta, eu preciso

DEMETRIO - Já vamos ver.

C/NEGRA - RUIDO DE BASTÃO REVOLTOPE. TIRAR PAPEL DE CARTA E/ DESDOBRAR.

DEMETRIO - (PAUSA) Sabe de quem é a carta? É do seu amigo Roginaldo.

NEGRA - ACORDE DE GRANDE ALEGRIA.

MARGOT - (ANIMADA E FELIZ) É mesmo?! É de Roginaldo a carta que o senhor abriu? Que é que ele diz? Leia, leia...

DEMETRIO - Ele está dizendo aqui que você deve estar e considerá-lo um ingrato, mas que não se passa um só dia que ele não pense na injustiça da sua sorte.

MARGOT - Ele diz isto? Ele diz? Que bom que ainda se lembra de mim! Que bom!...

DEMETRIO - Espere que tem mais. Diz que não descansará enquanto não puder reparar a injustiça que lhe fez, forçado pelas circunstâncias. Que vai deixar passar mais algum tempo, para que o caso fique mais esquecido e então virá, sem ninguém esperar, para libertá-la.

MARGOT - Ele diz aí que vem me libertar? Ele diz aí? Mas nem diz quando serrá esse dia? Ele nem diz?

DEMETRIO - O dia certo não fala. Diz que vai esperar que o caso fique mais esquecido e então virá, sem ninguém esperar.

MARGOT - Mas entom ele vai me tirar da prisão, não é verdade?

DEMETRIO - Claro. Si ele diz que virá salvá-la é porque pensa tirá-lo da prisão.

MARGOT - Oh que coisa tão bom!... Que alegria tem grande!... Ela nem pede que eu responda a carta? Nem manda dizer o endereço parra onde eu deverrei escrever? Veja aí que deve ter.

DEMETRIO - Não, não tem. Esta carta é só para você tomar conhecimento dela, não é para ser respondida. Mas deixe-me continuar a leitura. (PAUSA) Olhe, ele diz, aqui, que gostaria muito de receber notícias suas, mas prefere que seu endereço continue ignorado. E termina mandando-lhe um abraço com os seus agradecimentos por tudo que você fez para ajudá-lo.

MARGOT - (SECRETO) Nem diga nada a ninguém, mas eu ajudei ele a fugir da prisão. Eu... o pé de ferro... e o guarda, aquele ordinário que depois negou.

DEMETRIO - Bem, você me prometeu que depois de receber uma notícia bom, viria, comigo, graças ao Senhor, não foi? Pois então vamos cumprir nossa promessa, e vamos ver se conseguimos entabular um diálogo com Jesus Cristo. Vamos começar rezando juntos. Repita o que eu lhe disser.

TECNICA - PASSAGEM MUSICAL.

ADELIA - Outro dia foi você que desejou falar comigo por causa de Rafael, lembra-se? Agora sou eu que desejo fazê-lo e também por ele.

SIMONE - Que é que você quer, Adélia? Que eu lhe recite, mais uma vez, que não me interessa por ele? Quantas vezes já lhe disse isto? Pelo menos umas dez ou doze. Você não cessa de me perguntar.

ADELIA - Não, não... hoje eu não vou lhe perguntar nada. Pelo contrário, hoje eu vou lhe contar alguma coisa a respeito dele que vai deixá-lo admirada.

SIMONE - Admirada? Não creio, Adélia. Nada mais me admira, neste mundo. Em todo o caso, diga. Pode ser...

ADELIA - Você se lembra que uma vez eu lhe disse que sempre conseguia as coisas à força de perseverar? Pois mais uma vez isto aconteceu comigo.

SIMONE - Ah sim? Então conte-me que eu estou curiosa.

ADELIA - Você não imagina, nem de leve, o que possa ser, Simone? Diga uma coisa, vamos ver.

SIMONE - Não sei. Juro-lhe que não me ocorre coisa alguma, assim de momento. Diga você o que é.

ADELIA - Está bem. Já que você não quer se dar ao trabalho de imaginar, eu vou lhe dizer o que é. Eu e Rafael vamos tratar casamento.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL PUFFISSIMA.

ADELIA - (DEPOIS DE PAUSA LONGA) Você não me felicita, Simone?

SIMONE - (ESFORÇO) Sim... sim... é claro... desejo muitas felicidades a você e a ele... quando... quando é que o pedido se dará?

ADELIA - Pensamos botar alianças no Natal. É uma data tão bonita: não é mesmo?

SIMONE - Linda! Penso que não existe outra para um ato tão romântico. Foi ele que decidiu, ou você?

ADELIA - Que decidiu, como? Você quer saber se fui eu que escolhi o dia?

SIMONE - (MURMURANDO) Sim... sim... naturalmente... O noivado não poderia deixar de ser decidido por ele.

ADELIA - Sim, fui eu que escolhi o dia de Natal. Desde meninota que eu dizia que no dia em que estivesse em idade de casar, o presente que eu escolheria de Papai Noel seria um noivo. Logo... não poderia escolher outro dia para realizar este sonho; não lhe parece?

SIMONE - É claro. (PAUSA) Você... você pensa realizar alguns festinhos de comemoração?

ADELIA - É claro e você pode, desde já, se considerar convidada. E desde já, também, fica informada de que será minha madrinha de casamento.

TÉCNICA - PAUSA MUSICAL.

SARARÁ - Quer dizer que você está mesmo disposta e não me dar o endereço de Manon?

LUZA - Mas homem de Deus, como posso lhe dar uma coisa que não tenho?

SARARÁ - Dequi a cinco minutos terminam as duas horas de prazo que lhe dei. Advirto-lhe que não terei complicações. Eu preciso, a qualquer custo, descobrir onde está Manon, para vingar-me da sujeira que fez comigo.

LUZA - Você está no seu direito e na sua razão, mas eu não tenho o endereço de Manon. Aliás, já lhe disse que na carta ela me pedia para dizer a Reginaldo que lhe mandaria notícias em breve. Por que não procura falar com ele para saber?

SARARÁ - Porque não sei onde Reginaldo se escondeu. Só por isso. Mas eu não preciso procurar tão longe uma coisa que eu sei que você tem aqui.

LUZA - Oh meu Deus, Sarará! Como você é teimoso. Livra!

SARARÁ - Lembra-se que já passaram dois minutos. Dos cinco que você ainda tinha, restam-lhe apenas três. Você não me conhece, Luza, mas eu estou avisando a você, desde o princípio, que sou mau e vingativo. Pense nisso e resolva-se.

LUZA - Se você fizer qualquer coisa contra mim, fará uma grande injustiça.

SARARÁ - Não me interessa, neste momento, a...

C/REGINA - BATIDAS NA PORTA APASTADA, COM OS RÓS DOS DEGOS.

SARARÁ - Quem pode ser?

LUZA - Quem costuma bater desta maneira é o guarda freios. Lembra-se dele?

SARARÁ - Lembra-me, perfeitamente. Por sinal que ele também tem umas contas a ajustar comigo. Tem certeza absoluta de que é ele?

LUZA - Quasi. Não só porque é ele que bate assim, como porque ficou de passar aqui para saber uma resposta de Margot, mas eu também não consegui falar com ele.

SARARÁ - Pois então vá abrir a porta e se for ele faça-o entrar, sem dizer nada que eu estou aqui, ouviu? E não pense em escapar porque eu tenho muito boa pegada mesmo de longe. Vamos, faça o que eu lhe disse.

C/REGINA - PASSOS DE LUZA SEMPRE EM PRIMEIRO PLANO. FONDA QUE ABRE COM CHAVE.

LUZA - (SUDEO) Hai?

TÉCNICA - VERGALZADA MUSICAL FORTE.

GUARDA - Psiu!... (BAIXO) Ele ainda está aí? (AUSA) Deixe-nos entrar.

C/REGINA - FONDA QUE SE FECHA COM CHAVE. PASSOS POUCOS QUE PARAR LOGO.

SARARÁ - Parem. (FORTE E ENERGICO) Voltem daí, ou atiro.

GUARDA - (BAIXO) Atire-se no chão, rápido.

TÉCNICA - QUATRO OU CINCO TIPOS DE BEMTO PARA LERRE E VICH VERSA. (UNS ATIRAVAM NOS OUTROS) E ENDA COM EXPLOSAO MUSICAL FORTE E A SERVIR A CARACTERISTICA MUSICAL DE ENCORRAMENTO.

S O L I D A O

- Novela de Erico Grener -

752 CAPITULO

TECNICA - CARACTERISTICA MUSICAL DE ABERTURA

SARARA - Vá abrir a porta e, se for ele, faça-o entrar, sem dizer nada que eu es-
ton aqui, ouviu? E não pense em escapar porque eu tenho a ito boa pontu-
ria, mesmo de longe. Vamos, faça o que eu lhe disse.

C/REGRA - PASSOS DE LUZA, SEMPRE EM PRIMEIRO PLANO. PORTA QUE ABRE COM CHAVE.

LUZA - (SUJTO VIOLENTO) Han?!....

GUARDA - Paia!... (BAIXO) Ele ainda está ai? (PAUSA) Deixe-nos entrar.

O/REGRA - PORTA QUE SE FECHA COM CHAVE. POUCOS PASSOS QUE PARAM LOGO.

SARARA - (AFASTADO, FORTE) Pareni! (ENERGICO) Voltem daí ou eu atiro.

GUARDA - (BAIXO) Atiram-se no chão, rápido.

C/REGRA - QUATRO OU CINCO TIROS DE PERTO PARA LONGE E VICE-VERSA. - PARAM OS TIROS
PAUSA. RUÍDO EM 2º PLANO DE UM CORPO PESADO QUE CAI, ABASTANDO E QUEBRAN-
DO COISAS.

GUARDA - Algum ferido, aqui?

VOZ MASC. - Eu não.

LUZA - (TREMIDA E ASSUSTADA) Eu também não, felizmente. Mas atirei-me com tanta
fôrça ao chão que machuquei meu braço.

GUARDA - Isso é o de menos. O principal é que está viva. Fique ai enquanto eu e
meu companheiro vamos verificar si ele está realmente morto, ou apenas
fingindo. Companheiro, bea pelo cantinho da parede, vamos.

TÉCNICA - ACORDE RÁPIDO DE SEPARAÇÃO.

GUARDA - (PROJEFANDO) Pode vir. O homem está realmente ferido e parece que grave-
mente.

C/REGRA - PASSOS DE LUZA QUE SE APROXIMAM.

LUZA - Posso fazer alguma coisa?

GUARDA - Pode, sim. Enquanto nós passamos uma revista nele e batemos um pouco no
ferimento, para evitar uma hemorragia, dê um pulo ao hospital e peça que
venham agora mesmo renová-lo.

LUZA - Sim, eu vou depressa. Corte a grama e atravesso o terreno baldio ao la-
do do cinema, mas momento chego lá.

GUARDA - Diga lá que é a polícia que está pedindo que ele venha com urgência.

LUZA* - Sim senhor.

C/REGRA - PASSOS DE LUZA, AFASTANDO-SE A CORNER. PORTA QUE ABRE E FECHA? AFASTADO
XXXXXXXXXX

GUARDA - Companheiro, veja si ele não fechou a porta com a chave. Se não fechou,
feche você.

C/REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE APASTAM PELO CORREDOR.

GUARDA - Sarará, atenda, Sarará... você não está reconhecendo a minha voz?

SARARA - GEME FUGACAMENTE

GUARDA - Você se precipitou, homem! Você devia ter visto que era eu, antes de
stirar.

C/REGRA - RUÍDO DE CHAVE NA PORTA, APASTADO.

GUARDA & (MEIA VOZ) Vou fazer tudo para salvá-lo, ouviu bem? Estaja tranquilo e
não se preocupe.

SARARA - (DÉBIL, COM GRANDE ESFORÇO) Obrigado... amigo... Foi pena...

C/REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE APROXIMAM.

GUARDA - (MEIA VOZ) Cuidado! Não fale, agora, que o outro vem aí.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

SIMONE - Sabo, mãe, ha pouco, quando vinha vindo do colégio com Adélia, ela
me deu uma notícia muito interessante.

ANGELA - As coisas de Adélia não me interessam. Não ganto de gente que não possui
grandeza de alma. Comigo ela tem passe livre. Você, sim, que é uma boba
lhona. Está sendo apunhalada por ela e ainda afaga-lha a mão. Até parece
que você seguiu aquele ditado: só como o mandalo que perfuma o machado que
o fere.

SIMONE - Deixe isso pra lá, mãe. Acho que já nem vou lhe dizer mais o que há
dizer, para que a senhora não fique inda mais irritada contra ela.

ANGELA - Mais não é possível. E ela sabe disto, porque não lhe dirijo a palavra.
Apenas respondo as coisas que me pergunte e olhe lá. Respondo com uma se
cura e uma cara de fazer medo a criança. Mas ela não se dá por achada.

SIMONE - Mas mãe, há criaturas que são corajosas diante das adversidades do amor.
Ela é covarde. Prefere tudo, a ter que renunciar.

ANGELA - Covarde! O que lhe falta é uma coisa que não se compra em farmácia. É que
difícil se adquirir, quando não se tem. (PAUSA E TOU) Mas afinal o que é
que você se me dizer que ainda não disse?

SIMONE - Que ela vai tratar casamento com Rafael.

TÉCNICA - MÚSICA PARA MUSICAL VIOLENTÍSSIMA.

ANGELA - Não!... Não é verdade! Não pode ser verdade! Aposto a minha vida como ele
contou isto, apenas para lhe torturar e me aborrecer. Como se já não che
gasse os aborrecimentos que nos têm dado, até agora.

SIMONE - Não é mentira dela, não, mãe, porque antes de dizer a mim ela já tinha
dito à Joana. E Joana viu, de fato, os dois, ao sair da tardinha, senta
dos no banco da praça em atitude muito amorosa.

ANGELA - (ZANGADA) Bem feito! Bem feito! Não tenho pena de você, não, tenho raiva! Você fez presente de rapax a ela. Então agora, esse é seu. Pode ser que esta lição venha servir-lhe, para um outra oportunidade, si bem que eu acho que uma oportunidade como a que você teve e desprezou, nunca mais na sua vida você terá. Você deve estar feliz, não está, não?

SIMONE - Si elas estiverem felizes, eu ficarei contente, mas duvido muito que qualquer um dos dois, intimamente, estejam possuídos daquela felicidade que só um verdadeiro amor é capaz de nos proporcionar.

ANGELA - Você diz isso por que? Porque sabe, perfeitamente, que não ela o ama e nem ele a ela.

SIMONE - Não, não, mãe, não é bem assim. Ela o ama, sim, mas não creio que possa estar completamente feliz, ao conseguir convencê-lo ao casamento, porque está sabendo que ele não a ama. Apenas aceita-a como esposa.

ANGELA - Eu não creio que ela o ame, nem a metade do que você o ama. Ela vê nele, antes de tudo, a sua estabilidade financeira. Está contenta de dizer que detenta trabalhar e que somente o faz por absoluta necessidade. Quem pensa assim, nunca se casará com um rapax pobre, ainda que venha a amá-lo.

SIMONE - Não é tanto assim, mãe. A senhora está exagerando. Eu acredito, sim, que a situação financeira de Rafael tenha influenciado o espírito de Adélia. Não vou dizer que não. Mas si ela não visse nele outras coisas mais que a riqueza, não acredito que sacrificasse o seu amor e a sua juventude só para conseguir sua independência financeira.

ANGELA - É, isto é o que você pensa, mas a sua opinião não altere, eu absoluto aquilo que eu penso e continuarei a pensar. Adélia é má amiga... é interesseira... e será má esposa, porque essa casa com um homem, pensando apenas nas coisas boas que o casamento irá proporcionar-lhe, não tem, depois, resistência para enfrentar as coisas ruins que em todos os casamentos acontecem.

SIMONE - Bem, mãe, não vamos nos aborrecer por causa do casamento dos outros.

ANGELA - Não é por causa do casamento dos outros que eu estou me aborrecendo. É exatamente por causa do seu casamento. Porque este era o seu e você deixou que lhe roubassem, sem fazer um gesto, por menor que fosse, para impedir. Pelo contrário. Abriu a porta aos ladrões e os recebeu com um sorriso nos lábios. Você quer que eu lhe diga francamente uma coisa, minha filha? Isto não é ser boa. Isto é ser bobal.

SIMONE - Paciência, mãe, deixe. Cada um como Deus fez.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

LUZA - Será, você está melhor? (PAUSA) Sabe quem é que está aqui visitando você?

SARARÁ - (RESMUNGA, COMO SE ESTIVESSE COM SONO).

LUZA - Sarará, abra os olhos. Veja se me reconhece. Eu quero ter certeza de que você sabe quem é que está lhe visitando.

SARARÁ - (SOMOLENTO) Eu sei.

LUZA - Sabe, nada. Você ainda nem abriu os olhos para olhar para o meu rosto.

SARARÁ - Não é preciso. Por acaso não estou ouvindo a sua voz? É o quanto basta.

LUZA - E você está contente em receber minha visita? Diga.

SARARÁ - Como posso estar contente com a pessoa que me traiu? Como posso?

LUZA - Mas eu não traiu você, Sarará, juro. Não sei como tudo aquilo aconteceu. Você bem viu que eu não fui na rua...

SARARÁ - Você vendeu tudo que era meu e fugiu com o meu dinheiro. Quer negar?

TÉCNICA - VERSÃO MUSICAL FORTE.

LUZA - Ah, sei... agora estou compreendendo... você está pensando que eu sou Ma non, não é isto?

SARARÁ - Você é Ma non. Espere que no espaço preciso para roubar-me. Você é uma ordinária, uma ladra vulgar...

LUZA - Mas Sarará, olhe para mim. Eu sou Luza, não sou Ma non.

SARARÁ - Lusa... lusa... você é Ma non, sim. Veio me ver porque sabia que eu acabaria por encontrar você, não é? Ainda que você se escondesse no fim do mundo, eu acabaria por se vingar.

LUZA - Sarará, lembre-se dos fatos, antes de você ser ferido. Você estava na casa de Largot onde tinha ido procurar o endereço de Ma non. Foi eu que o alertei. Você queria, por força, que eu lhe desse o endereço dela. Mas eu não podia lhe dar, porque não tinha. Você se enganou comigo. Nesse mesmo tempo bateram na porta. Bateram tal qual como o guarda Frederic costumava bater. Eu disse que devia ser ela. Você mandou que eu abrisse a porta. Era a polícia. Você ameaçou de atirar, eles atiraram antes. Foi tudo que aconteceu. Lembra-se de tudo, agora, ou ainda continua achando que eu sou Ma non?

SARARÁ - Você é Ma non, sim. A amaldiçoada. A ladra. A traidora. Não abra os olhos porque não quero ver sua cara. Tenho nojo dela. Voltarei a vê-la, um dia, quando esteja bem e possa vingá-lo de que você me fez. E agora rua! Rua daqui, vamos! Rua, rua vagabunda!

G/BRERA - PANORAMA DE LUZA QUE SE APASTA, PORTA QUE ABRE E PEGIA EM SECUNDO PLANO

SARARÁ - Eu ainda fico bom e indo sobre tudo que você me fez... Tudo!... Tudo!...

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

LOCUTOR - BIBLIOTECA COMERCIAL

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

- DEMETRIO - Estou satisfeito, filha. O médico me informou que você está melhorando.
- MARGOT - (CANSADA) Sim... sim... estou melhorando... sim... mas sinto muita fraqueza no corpo... muita zozada na cabeça...
- DEMETRIO - Isso tudo vai passar. É preciso dar tempo ao tempo. Trouxe-lhe uns biscoitinhos muito leves que minha irmã faz em casa...
- MARGOT - Muito obrigada... o senhor é muito caridoso...
- DEMETRIO - Vou deixar o pacote aqui em cima da mesinha de cabeceira. Quando a senhora quiser, peça ao enfermeiro que lhe alcance. E então? Tem rezado aquela oração que eu lhe ensinei, todas as noites?
- MARGOT - Tenho rezado, sim, mas no fim sempre eu boto um pedacinho por minha conta. Peço pra Deus Nosso Senhor deixar o Reginaldo vir se libertar porque eu não quero voltar pra aquela prisão.
- DEMETRIO - Não vai voltar, não. Pode ficar bem calma porque não vai voltar.
- MARGOT - Mas se Reginaldo vier, ele me liberta. Por isso eu peço pra Deus Nosso Senhor que deixe ele vir. Eu quero que ele venha. Ele me prometeu que viria. Não foi o senhor que leu a carta dele pra mim? Ou foi o enfermeiro?
- DEMETRIO - Não foi o enfermeiro, não. Foi eu mesmo. Ele prometeu vir, sim. E naturalmente virá, mas se não vier, não pense na prisão porque a senhora não voltará. Eu prometo que não voltará.
- MARGOT - O senhor me promete? Então eu não preciso mais ter medo de voltar?...
- DEMETRIO - Não precisa. Eu até já conversei com o delegado a este respeito e ele está disposto a libertá-la, desde que o médico ateste que, pela sua enfermidade, a senhora não poderá continuar lá.
- MARGOT - E falou com o médico, também? Ele estará disposto a atestar? É preciso que esteja.
- DEMETRIO - Falou com o médico, também e ele está disposto. Já vê que não há razão de ficar preocupada, pensando que terá que voltar pra a prisão se ficar boa. Está decidido. A senhora não voltará.
- MARGOT - Obrigada!... Muito obrigada!... Mas se Reginaldo vier eu ainda ficarei mais desconfiada. Peço a Deus Nosso Senhor, que lhe ajude, pra ele vir.
- DEMETRIO - Vou pedir, sim. Mas agora feche os olhos e durma na paz, pra descansar.

FÍSICA - PASSAGEM MEDICAL.

- ALVIRA - Meu filho, você soube, por acaso, notícias de sua mãe Margot e do tal de Gerardo, que foi preso na casa de sua outra mãe?
- MARGOT - Os dois estão passando mal. Margot, segundo o médico, é uma perdição. Qualquer coisa mais forte poderá levá-la, de um momento para o outro.

ELVIRA - Coitada, é Sarará? É verdade que recebeu um tiro na espinha?

TARCÍSIO - É verdade, sim. Já fez duas operações, mas parece que se escapar com vida não poderá andar nunca mais.

ELVIRA - Virgem Santa! Era até preferível que morresse.

TARCÍSIO - Eu também acho, mas não tem que purgar seus pecados aqui na terra. Por isso se escapou. O que conta dele é horrível. Eu não imaginava que pudesse existir um homem tão frio e tão insensível.

ELVIRA - A gente não imagina, mas existe. Não sei como, mas existe. Às vezes eu fico pensando que o mundo poderia ser tão melhor e tudo tão mais fácil, se os homens quizessem... Mas em vez de se amarem uns aos outros eles buscam se deparar. Cada um procura destruir o outro e roubar-lhe o que lhe pertence. Parece que o egoísmo marcha com o tempo, cada vez mais acelerado.

TARCÍSIO - É isto mesmo, mãe. O egoísmo é a causa principal de maior parte das disputas da humanidade. Se a gente pudesse convencer a todos que a posse de tudo é provisória e que por mais que as coisas nos pertençam, quando a morte chega nos despoja delas... talvez procurássemos viver de outro modo.

ELVIRA - Às vezes penso que o direito é de educação, mas depois já mudou meu parecer vendo dois irmãos, como vi uns amigos de seu pai que você não conhece, educados e educados de mesmo modo, com os mesmos princípios, as mesmas regras, os mesmos hábitos e um sair maravilhosamente bom e humano e o outro egoísta, exclusivista e mau. Então já penso que as qualidades e os defeitos nascem com cada um e que ninguém pode ser levado por ser bom, nem reprimido pelos seus defeitos. Deus os fez assim, para alguma coisa que não alcançamos, mas que tem a sua razão de ser.

TARCÍSIO - Bom, mãe, eu gostaria de continuar ouvindo as suas dissertações sobre o bem e o mal porque elas me parecem sempre muito interessantes, mas estou com o arão marcado para as oito horas e se não estou lá para abrir a porta da oficina, os empregados podem pensar que desisti e iram embora. E temos muito trabalho ainda para hoje. Não vá se enfiar se eu tardar um pouco a chegar.

ELVIRA - Não, meu filho, agora já não me assusta mais com você. Sei que tem o juízo e logo me traz uma tranquilidade muito grande.

TARCÍSIO - Boa noite, mãe. (E) Até mais tarde, mãe, eu devo estar em casa.

ELVIRA - Vá com Deus, meu filho e que o seu trabalho possa render bastante.

FRONICA - (PARA ELVIRA)

SARÁ - (QUEIXADA) Já me contou o novilhão e respeito de seu pai e sua grande amiga Adália. Está satisfeito, agora?

SIMONE - Bem, dona Sarah, não posso dizer que esteja satisfeita, porque desejava que Rafael fosse feliz e sei que ao lado de Adélia ele não poderá ser.

SARAH - Mas então por que lhe negou a felicidade que você sabe muito bem que só vo
cê poderia lhe proporcionar?

SIMONE - Porque queria ter certeza de que o seu amor por mim era verdadeiro. Queria
verificar si êle resistia ao tempo. E êle não resistiu.

SARAH - Óra vamos, Simone, por favor! Você queria o que? Que o pobre do rapaz con-
tinuasse recebendo um fora atrás do outro, sempre se humilhando e você fa-
zendo a importante para o lado dele? Só si êle tivesse sangue de barata,
porque, ~~si não fosse assim~~, todos os rapazes do mundo procederiam
como ele procedeu. Viu-se chutado pelo seu verdadeiro amor, foi procurar
um outro para lhe proporcionar consolo. O que é que você queria que êle ~~se~~
fizesse? Que ficasse metido dentro de casa, chorando a sua desdita e nunca
mais procurasse se distrair? Não, minha filha, não é possível! Isso também
é exigir muito de um rapaz. Acho que nem nós, mulheres, teríamos capacidade
para isto. Você me desculpe, minha filha, mas eu vou lhe dizer que pensei
que você fosse mais inteligente do que é.

SIMONE - É, eu talvez tenha sido tola, ou orgulhosa, mas se foi assim estou, agora,
recebendo o castigo que me cabe.

SARAH - Você foi tola, porque orgulhosa você não é. Foi tola porque se deixou embu-
lar pelas cantigas de uma espertalhona que desejava, simplesmente, alcançar
o seu objetivo e fingindo-se perdidamente apaixonada, tratou de afastar a
única concorrente que ela via ~~xxx~~ capaz de impedir o seu plano. E você se
deixou, ingenuamente, envolver nas malhas dela. O pior de tudo é que você,
agora, compreendeu o seu erro, mas compreendeu-o quando já não dispõe mais
de tempo para corrigi-lo. Rafael vai ficar noivo de Adélia, logo virá o ca-
samento e depois... a infelicidade. Sim, porque eu não preciso que um ca-
samento seu amor possa resultar feliz. Nunca vi ninguém dar uma mancada tão
grande como essa que você deu com Rafael. Nunca vi o olho que não faltou
quem o alertasse. Eu insisti a fazer promessa para não lhe falar mais no as-
sunto, porque estava vendo que você acabaria, fatalmente, se rangendo comigo
e quem sabe, até, rompendo relações.

SIMONE - Óra, que é isso, dona Sarah? Eu jamais faria uma coisa dessas. Antes de
mais nada, eu tinha que compreender o seu interesse por mim.

SARAH - Pois é. Agora já tenho eu que começar uma outra novela, para esse casamento
não sair. Valha-me Santo Antoninho!...

DEMETRIO - O senhor deve me conhecer, pelo menos de nome. Sou o Padre Demétrio.

SARAHÁ - (SUSCITANDO) Sei. O senhor queria alguma coisa comigo?

DEMETRIO - Vim fazer-lhe uma visita. Quando a gente está sofrendo dores, num leito, como o senhor está, ^é que se recebe melhor uma aproximação com Deus.

SARAHÁ - Deus não quer nada comigo.

DEMETRIO - Isso é o que o senhor pensa. Deus quer sempre alguma coisa com todos os seus filhos.

SARAHÁ - Mas eu não sou filho de Deus. Sou enteado. Os enteados, geralmente, ficam sempre esquecidos.

DEMETRIO - Só fica esquecido de Deus aquele que tenta em se manter longe dele. Os que se aproximam são sempre bem recebidos. Por que não tenta?

SARAHÁ - Não posso. Ouvi, sempre, dizer que só se deve ir a Deus com alma pura e o coração transbordando das mais nobres sentimentos.

DEMETRIO - Isso é verdade. Mas para tanto, basta que o peccador tenha boa vontade. Quer dizer... basta que ele tenha a intenção sincera de corrigir-se e então, com a aproximação, a graça se completa.

SARAHÁ - Eu não posso. O senhor sabe o que tenho no coração? Ódio! Um ódio vibrante e profundo! Uma verdadeira fogueira de ódio que não esporece. Tenho sede de vingança, Padre. Sabe o que é isto? É o que eu sinto inundar todo o meu ser.

DEMETRIO - É uma pena, filho! Uma grande pena! Isto só poderá prejudicá-lo.

SARAHÁ - Só se considerarei um homem verdadeiramente realizado, o dia que puder encontrar Manon e partar-lhe o pescoço entre as minhas garras, até que sua língua brote da boca e seus olhos saltem das órbitas. E isto eu sei que vai acontecer um dia, porque para isto eu invoco santos todos as noites. Ele é quem vai me ajudar.

DEMETRIO - Se você abandonar a pena que me dá para a sua pobre alma, meu filho...

SARAHÁ - Não me interessa a sua pena. E agora que já conheço as várias disposições quer ter a bondade de se retirar e deixar-me só?

DEMETRIO - Está boa, eu vou. Mas hei de rezar sempre a Deus para que se compadeça de sua pobre alma e que, no momento da hora extrema, ela possa reconhecer a sua Mãe e Pai Supremo do Universo.

SARAHÁ - Eu tenho mais em que pensar para ter tempo, ainda, de pensar em Deus. Deixe-me sozinho. Quero descansar.

DEMETRIO - Que Deus tenha misericórdia de você, meu filho.

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MEDICAL PERTINENTE PARA ESTABELECIMENTO DO CASAMENTO.

TEONICA - CARACTERISTICA DRAMATICA DE ABERTURA

DEMETRIO - Se você soubesse a pena que me inspira a sua pobre alma, filho!...

SARARÁ - Não se interessa a sua pena. E agora que já conhece as minhas disposições, quer ter a bondade de me retirar e deixar-me?

DEMETRIO - Está bem, eu vou. Mas hei de rogar sempre a Deus para que se compadeça da sua pobre alma e que, ao menos na hora extrema, ele possa se reconciliar com o Pai Supremo do Universo.

SARARÁ - Eu tenho mais em que pensar para ter tempo, ainda, de pensar em Deus! Deixe-me sozinho. Quero descansar.

DEMETRIO - Que Deus tenha misericórdia de você, meu filho.

SARARÁ - (RINCH E EXPLODE) Óra chega, por favor! Não se mole! Eu não preciso de misericórdia do seu Deus. Me arrumo muito bem sem ele. Sai fora. Sai fora. Chega de incomodar.

DEMETRIO - Está bem, meu filho, eu vou. Mas se amanhã eu devesse precisar de mim, basta uma palavra sua e eu estarei aqui ao seu lado, disposto a ajudá-lo a carregar sua cruz.

SARARÁ - Padre, o senhor não vai arranjar nada comigo. Até o meu dinheiro me roubaram, eu não tenho nada para lhe dar.

DEMETRIO - Mas eu não estou aqui em busca de dinheiro. Meu interesse é um só. Salvar sua pobre alma das fogueiras do inferno.

SARARÁ - Mas eu não quero ser salvo. Não quero ir para o céu. Prefiro mil vezes o inferno. Lá encontrarei todos que privaram aqui comigo e a eles é que terei prazer em rever, não nos anjinhos de longas comissas e trombetas docedadas, anunciando que é chegada a hora de voar para os núvens. Não me interessa o céu, nem a corte celeste, sempre igualzinha, sempre cortada, sempre arrumada... Eu não nasci para a insipidez. Quero a desordem e bagunça, a efervescência... Isso sim, para mim é anúncio de vida. O resto não. E agora, mais uma vez eu lhe peço que se vá e me deixe sozinho.

DEMETRIO - Está bem, tácu.

O/ABERTURA - PASSA O MEU BOM DIA QUE SE ABRETA, PORTA QUE ABRE E FECHA NO SEU PLANO.

SARARÁ - Óra já se viu! Não chegam as cores que me atormentam e ainda tenho que apontar essa chateação. Vou dar ordem que não deixem mais esse chato entrar no meu quarto.

TEONICA - PASSAGEM A SEGUIR

C/REGRA - RUIDO DE ABRIR UMA PORTA COM CHAVE.

G. FREIOS - Bom dia, Luza.

LUZA - Bom dia, seu Jacinto.

G. FREIOS - Vim saber se tem alguma notícia para mim. Mas dois dias que não arranjo nenhum serviço...

LUZA - Madame Margot não tem autorizado, de maneira que eu não tenho podido entrar no quarto dela. Continua tudo na estaca zero.

G. FREIOS - Mas dona Luza, a senhora podia ser um pouco mais amável comigo. A senhora tem dinheiro dela, sabe que ela me deve, porque não me dá ao menos alguma coisa por conta, para eu poder comprar comida para as crianças?

LUZA - Está bem. Vamos fazer uma coisa: eu vou lhe dar dez mil cruzeiros por enquanto e depois, se ela ficar boa, eu invento outra maneira qualquer, porque Madame Margot me matará se souber que lhe dei dinheiro. Você sabe que ela não quer lhe dar.

G. FREIOS - Não quer me dar, mas tem que me dar, ora bolas. Pois se ela me deve...

LUZA - Tome. Dez mil cruzeiros, por conta de que ela lhe deve.

G. FREIOS - Muito obrigado. A senhora quer recibo?

LUZA - Não adianta, eu não posso mostrar a ela... Você pegar aí qualquer outra conta já paga e apresento. Não acredito que depois de tudo que lhe aconteceu, ela vá se lembrar que a conta já tinha sido paga.

G. FREIOS - Está bom. Obrigado, Luza. Até outro dia. Você hoje foi legal às pampas.

C/REGRA - PASSO DE HOMEM QUE SE APASTA NA JALMADA E SOMEM.

LUZA - Eu vou ficar aqui na porta só para ver uma coisa: aposto como ela vai no boteco lá, beber. Eu não duvido que as crianças saibam com fome em casa, não duvido, mas antes de matar a fome delas elas matam a própria sede. É uma espécie de uma raça de bêbados. Lá vai ela entrando no boteco. Se eu me der ao trabalho de ir lá, garantindo que ele estará com o melhor copo de cachaca na frente dele. Bem... deixe-me entrar que eu tenho que fazer lá dentro.

REGINALDO - (2º PLANO) Espere, Luza, não feche!

LUZA - Meu Deus!... Quem veio!...

TÉCNICA - ENTRE AS DUAS SALAS ANTERIORES DA UMA VINGALADA DE MURTO EM MAIORES.

REGINALDO - Por que um santo é tão grande? Até parece que está vendo na fantasia na sua frente... Deixe-me entrar. Não posso ficar muito tempo aqui do lado de fora. Não convém que eu seja visto.

LUZA - (ABAIXADA) Entre... entre...

C/REGRA - PASSO DE HOMEM E PORTA QUE SE ABRE COM CHAVE.

REGINALDO - Parece nervosa. Por que? Não vim fazer mal algum a você, esteja descansada. Minha missão aqui é outra.

LUZA - Pode entrar... Talvez esteja com fome... ou já justamente, agora, preparar o meu jantar. ~~XXXXXX~~ Bifes com ovos e batatas. Apetece-lhe?

C/REGRA - PASSOS DE HOMEM E MULHER, SEMPRE EM PRIMEIRO PLANO, JUNTO COM AS PALAS.

REGINALDO - Claro que sim. O restaurant do trem não tem nada que se aproveite. Não, queijo e frios tão velhos que já não têm mais gosto. Um bifesinho feito em casa, virá muito bom.

C/REGRA - CESSAR OS PASSOS.

LUZA - Você, naturalmente, deve estar precisando de um banho. Vou lhe dar uma toalha e um sabonete e enquanto você tira o pé de viagem eu preparo o seu jantar.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL, PUEDE COM RUÍDOS DE MÁQUINA MECÂNICA.

LUZA - Passei a noite inteira sem poder dormir, num estado de nervos deplorável e mais uma vez resolvi vir aconselhar-me com você.

FARCISIO - Que foi que houve, Luza? Você está realmente bastante desfigurada. Aconteceu-lhe alguma coisa?

LUZA - Você nem sabe. Eu já estou começando a ficar cansada de tantas e tão segundas adiversões. Você sabe quem me apareceu ontem de noite, quasi, sem que eu esperasse ou estivesse prevenida? Reginaldo.

TÉCNICA - VELOCIDADE MUSICAL FORTE.

FARCISIO - Reginaldo? O sócio de Manon e de Sarará? Mas ele não estava preso?

LUZA - Ele esteve preso aqui, mas depois fugiu da prisão. Ontem me apareceu lá em casa para se hospedar. Eu não sei o que fazer, Farcisio. Não sei se o obrigo, ou se o denuncio.

FARCISIO - O que é que ele veio fazer aqui?

LUZA - Pense que eu sei? Disse que veio cumprir uma missão, mas não me explicou que espécie de missão era. Só pediu que eu não falasse a ninguém que ele está aqui. O que é que você acha que eu devo fazer?

FARCISIO - Não sei, não. É uma situação muito delicada para se dar conselho. Eu, por exemplo, não me comprometeria com a polícia por causa de nenhum dos seus vagabundos. Já logo denunciá-lo.

LUZA - E é isto que você acha que eu devo fazer?

FARCISIO - Bom, eu estou fazendo que eu faria. Vamos que você fique quieta e a polícia, amanhã, por um saiz qualquer descubra que ele está hospedado com você? Já pensou de que pode lhe acontecer?

LUZA - É... realmente... você tem razão, Farcisio. Além de já havia pensado nisso.

MARCÍLIO - Pois então pense mais uma vez e decida-se. O que você não pode, nem deve é arriscar-se a ficar envolvida com a polícia por causa de gente que não representa nada para você. Vá ao delegado, conte-lhe tudo que está acontecendo e ele que tome as providências que achar necessárias.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

DELEGADO - Tem alguma denúncia, dona Luza?

LUZA - É, seu delegado, por incrível que pareça, eu estou aqui para fazer-lhe uma denúncia.

DELEGADO - Quem é, desta vez?

LUZA - Reginaldo. Apareceu lá em casa, ontem à noite, inesperadamente.

DELEGADO - Vai ficar quanto tempo? Não lhe disse?

LUZA - Não. Disse-me, apenas, que voltou para cumprir uma missão, mas não me disse que missão era.

DELEGADO - A senhora não se importa de se comprometer perante ele, ou prefere que façamos a coisa, deixando-a de parte?

LUZA - Seria melhor para mim. Muito melhor. A gente nunca sabe o que esses homens são capazes de fazer, quando querem se vingar.

DELEGADO - Então vamos estudar uma maneira de bater lá, amanhã, sem que ele desconfie que foi denunciado. Deixe-me ver... Talvez se fingissemos que ainda vamos à procura de uma outra pessoa... O guarda freios, por exemplo...

LUZA - É uma ideia. Iria o senhor mesmo? Eu gostaria mais.

DELEGADO - Posso ir, sim. Pego um dos meus auxiliares e vou.

LUZA - Então estamos combinados. E a que horas, mais ou menos, o senhor pensa aparecer por lá?

DELEGADO - Eu tenho a impressão de que quanto mais cedo, melhor será. Vou ~~arrastar~~ ^{obrigado} ~~arrastar~~ lá a uma madrugada, mas também não posso me sujeitar a que ele fuja e me deixe na mão, entende? Quanto mais cedo formos, menos tempo lhe daremos para agir.

LUZA - É claro. E esse cedo a que horas será? Seis horas da manhã... sete...

DELEGADO - Sete está bom. Não há necessidade de ser antes.

LUZA - Obrigada, então e boa noite, senhor delegado. Amanhã de esse estarei aqui.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

LOCUTOR - PASSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

DELEGADO - Vamos, logo, agêrle! Agêrle que nós temos umas coisas a reportar. (MAIS AÍ) Vamos, hein! Que não se peira que a gente tem o saco e não

- REGINALDO - (SOLLENTE) Quem é... Estou cansado, deixe-me dormir.
- DELEGADO - Você vai ter muito tempo para descansar, depois. Acorda, acorda! Temos que conversar muito seriamente.
- REGINALDO - Mas eu quero dormir. Não chateie.
- LUZA - Seu Reginaldo, acorda. Está aqui, para falar com o senhor, o delegado de polícia.
- TÉCNICA - VERGASTADA MISIVAL FORTE.
- REGINALDO - (BOM SAÍDO, RÁPIDO) Hei?! Políciá?! Você falou em polícia, Luza?!
- DELEGADO - Salve, sim. Com que então você voltou para terminar de cumprir a sua pena, ou porque teve saudades da terra, ou de alguém da terra? (PAUSA) Vamos, fale. Eu estou ~~explicando~~ esperando uma explicação sua.
- REGINALDO - Não tenho nada a explicar. Certamente, assim como lhe disseram que eu tinha vindo, já lhe disseram também para que.
- LUZA - Não... não... eu não disse nada... Não é verdade que eu não disse, seu delegado. Diga para ele, diga... eu não quero que ele fique pensando que fui eu...
- DELEGADO - Ela não se disse coisa alguma. Eu atirei no que vi e matei o que não vi. Foi avisado que o guarda freios vinha todas as noites a esta casa e, como ela tinha também contas a ajustar conosco, resolvi vir surpreendê-lo e, afinal de contas, quem se surpreendeu fui eu. Você não mudou nada, hein? Eu olhei para a sua cara e na mesma hora o reconheci.
- REGINALDO - Que vai fazer de mim?
- DELEGADO - O que qualquer autoridade faria, no seu lugar. Recolhê-lo, novamente, à prisão, da qual o senhor fugiu há pouco mais de um mês.
- REGINALDO - Muito bem. Eu não pretendo reagir à prisão, mas quero que o senhor me conceda uma certa regalia, para que eu não dê como falta a minha vinda a esta vila. Não é muita coisa o que lhe vou pedir.
- DELEGADO - Diga, vamos ver. Se o pedido for viável, não vejo razões para negá-lo. Que é que está pretendendo?
- REGINALDO - Eu vim a esta vila exclusivamente por causa de ~~uma~~ ~~uma~~ Margot. Fiquei sabendo que ela havia adoecido gravemente, na urina, e tive desejo de trazer-lhe uma palavra de conforto. Sei que poucas pessoas admitem-na, mas ela foi muito boa para mim e eu seria ingrato se procedesse de outra forma. O que desejo do senhor é que me permita ir visitá-la, onde estiver, inde que seja por cinco minutos e controlado. O senhor vai consentir nesta visita, não vai?
- DELEGADO - Não posso dizer nada, por ora. É um assunto para ser tratado depois,

DELEGADO - (CONTINUAÇÃO) pormenorizadamente e sem nenhuma precipitação. Vamos ter muito tempo de pensar no assunto.

RECIBALDO - Não vou ter, porque as informações que tenho é de que ela está desenganada e passando muito mal. Eu não desejava que ela morresse sem saber que voltei com a intenção de libertá-la. Sei que isso lhe dará uma grande alegria e iluminará os últimos momentos da sua vida obscura. Queris vê-la ainda esta manhã, se o senhor consentir.

DELEGADO - Ainda, no momento, não posso concordar. Vamos, vista-se e depois, com vagar examinaremos a questão. Madame Margot está desenganada, é verdade, mas tem fôlego de gato. Vivará talvez ainda sete dias.

LUZA - Eu vou sair, para que ela se vista à vontade. O senhor quer levar-se, também, para a delegacia?

DELEGADO - Depois será chamada para prestar declarações e dizer as razões porque honro a pessoa em foragido na sua casa.

TÉCNICA - PASSAGEM MEDICAL

DEMETRIO - Seu guarda, faça-se o favor de fazer ao senhor delegado que estou aqui e que preciso falar com ele sobre um assunto muito urgente.

GUARDA - Sim senhor. Com licença que vou avisá-lo. O senhor pode sentar e esperar um pouco. Ele talvez não possa atendê-lo ao momento.

DEMETRIO - Não tem importância, eu espero. Desde que não me dá aqui sem falar com ele...

C/REGRA - PASSOS DO GUARDA QUE SE AFASTAM, PORTA QUE ABRE XXXXXXXX DO 2º PLANO.

DELEGADO - (ABASTADO) que é que há?

GUARDA - O Padre Demétrio está aí e manda dizer ao senhor que tem um assunto urgente para tratar.

DELEGADO - (MAIS ABASTADO) faça-o entrar agora mesmo.

GUARDA - (PROJETANDO) Pode passar, Padre. Ele vai recebê-lo.

C/REGRA - PASSOS DE PADRE DEMETRIO SE APROXIMANDO.

DELEGADO - (ABRILHANDO A VOZ) E então? A que devo a honra de sua visita a esta delegacia, Padre Demétrio? Alguma novidade?

DEMETRIO - Um pedido, senhor delegado. Um pedido que venho lhe fazer, em nome dos princípios de justiça cristã.

DELEGADO - Se começa assim modo um pedido, como é que hei de recusá-lo?

DEMETRIO - Madame Margot está muito mal. Está, por assim dizer, na porta da morte. Na minha opinião o que ainda a mantém à vida é o desejo de tornar a ver um tal de Rogério, com quem se parece que ela trabalhava, ultimamente e que havia prometido a ela que viria salvá-la. É uma situação que a mantém com vida.

DELEGADO - E o senhor queria...

DEMETRIO - Que o senhor permitisse a esse moço ir fazer-lhe uma visita para ver se no menos assim, costumava os seus padecimentos.

DELEGADO - Ele me fez esse pedido, ante-ontem, na hora em que o prendi, mas como já fogiu uma vez, tive receio de que isso fosse um golpe, para ter oportunidade de uma segunda fuga. E então neguei-lhe a licença.

DEMETRIO - Mas eu estou em dizer ao senhor que será uma grande obra de caridade que o senhor fará, porque estou certo de que Madame Margot, ao avistá-lo, se despegará da corrente onde se segurou para não ser levada antes que tenha visto seu Reginaldo.

DELEGADO - Há um detalhe, aí, que precisa ficar bem esclarecido. O senhor assume a responsabilidade pelo homem, durante o tempo em que ele estiver na referida visita?

DEMETRIO - Desde que o senhor me empreste dois guardas para vigiá-lo, não terei nenhuma dúvida em assumir essa responsabilidade.

DELEGADO - É claro que ele será custodiado por dois dos nossos homens. E mais: essas mesmas têm ordem de atirar no prisioneiro, se ele tentar fugir. Portanto, Padre, não se preocupe com a sua responsabilidade.

DEMETRIO - Para aliviar o sofrimento de uma alma em agonia, eu tenho obrigação de arriscar-me a correr qualquer risco. Conceda-me, então, a licença, para que o prisioneiro, amanhã, na hora da visita do hospital, possa ir lá para ver Madame Margot?

DELEGADO - Conceda-lhe, mas nas condições que já lhe expuz. Serve assim?

DEMETRIO - Serve de qualquer modo. É para dar uma alegria a uma moribunda.

DELEGADO - Foi boa, então amanhã, às quinze horas, o prisioneiro estará aqui à sua disposição.

DEMETRIO - Obrigada, senhor delegado. Deus o recompensará, por sua bondade. Posso trazer algumas palavras com ele, para prepará-lo?

DELEGADO - Pode, sim, Padre. Guarde, acompanhe o Padre Demétrio até à cela do prisioneiro Reginaldo.

GUARDA - Sim, senhor, Chefe. Quer vir comigo, Padre? É por aqui.

Q/REGRAS - PASSOU DE NOVE HOMENS QUE SE APASTAM.

DELEGADO - Se o prisioneiro chega a fugir novamente vai deixar esse padre numa situação tão séria que eu não quero me lembrar. E eu não devo nada que isto seja golpe dele para fugir.

LEONICA - ABSOLVEMO-NOS

DEMETRIO - E então, minha filha, como tem passando hoje?

MARGOT - (JÁ SE FIM) Mal... muito mal... Não tenho mais forças... nem para respirar...

DEMETRIO - Mas vai melhorar agora, com a notícia boa que lhe trouxe.

MARGOT - Qual... 6?...

DEMETRIO - Veja se imagina. É uma coisa que a minha filha tem desejado muito, há vários dias.

MARGOT - Reginaldo?

DEMETRIO - Sim, ele mesmo.

MARGOT - ACORDE VIZINANTE, DE ALEGRIA.

MARGOT - Reginaldo chegou?... Ele... ele vem... de ver?...

DEMETRIO - Ele já está aqui para vê-la. Chegou hoje e hoje mesmo conseguiu licença para vir visitá-la.

MARGOT - Porra me visitar... apenas?... Mas então... não vai... me levar?

DEMETRIO - Vai levar, sim, mas primeiro você precisa ficar boa.

MARGOT - Onde está ele?... Quero... vê-lo...

REGINALDO - (COMOVIDO) Estou aqui, Margot.

MARGOT - Onde?... Onde?... Dê-me as suas mãos... quero senti-las...

REGINALDO - Aqui estou. Você está se vendo, Margot? (PAUSA) Diga. Você está se vendo?

MARGOT - Vagamente... mais o vulto... que os traços... não tanto que é você... pela voz... Urrisada, Reginaldo... obrigada por ter vindo me buscar...

REGINALDO - Para é, agora trate de ficar boa logo, para podermos ir. Vamos botar uma bela hoste lá em Fortaleza, sabe?

MARGOT - Que bom!... Uma bela... hoste... lá... em Fortaleza... foi o que eu... sempre desejei... sempre... Uma bela hoste... num cidade... e num num vila pobre... como esta...

DEMETRIO - (SUA VOZ) Não são cinco minutos de visita. Eles estão se beijando. Despede-se dela, antes que a guarda veja e mande buscá-lo e ele pague.

REGINALDO - Margot, eu tenho que ir embora.

MARGOT - Ah... Tom cuidado!... Porra que recém chegou...

REGINALDO - Mas é que eu tenho que atender um pretenente que quer comprar a hoste da quebrada e ele ficou de me esperar às três horas lá. Eu volto outro dia; está bem?

MARGOT - (MUITO BRAGA) Não... não... eu vou... eu também vou... agora... eu posso... ir... (MARGOT PRECIPITA A RESPIRAÇÃO E MORRE EM SEIO DE ALGUNS INSTANTES QUE FICAM AO SAPO DA INTERPRETE)

DEMETRIO - Eu sabia, Deus só nos dá o que nos dá!
MARGOT - E AÍSA SÓCIAL, DE QUE COM AQUELA LINGUA DE BOMBARDEIRO.

TÔNICA - CANAOTISTICA MUSICAL DE AMERUPA.

REGINALDO - Margot, eu tenho que ir embora.

MARGOT - Já?!... Sem adeus?... Parece que você chegou...

REGINALDO - Mas é que eu tenho que atender um pretendente que quer comprar a bote do sobrado e ele ficou de me esperar às três horas, lá. Eu volto outro dia; está bem?

MARGOT - (MUITO FRAGA) Não... não... eu vou... eu também vou... Agora... eu não sei... ir... (MARGOT PRECIPITA A RESPIRAÇÃO E TORNE UM BÓIO DE ALGUNS EXERTORES QUE FIGAM AO SARCH DA INTERPRETE)

DEMETRIO - Eu sabia. Deus dá paz à sua pobre alma!... Era bem o que eu imaginava. Ela se prendia, apenas, à esperança de revê-lo e ser libertada pelo senhor. No momento em que o viu, entregou suas almas ao Criador. Espere-me um pouquinho vou rezar uma oração, antes de me retirar.

REGINALDO - Padre Margot! Como pode conhecer-se em tão pouco tempo de convivência! Tinha certeza que eu viria procurar libertá-la e bastava que eu chegasse para se entregar à morte. (MUA VOZ) Se eu pudesse rezar... também rezaria por ela. Mas admitiria alguma coisa uma prece de um homem como eu? Ou melhor, a própria prece valerá alguma coisa? Não vale nada, nesta vida! E nem a própria vida vale alguma coisa.

DEMETRIO - Estou pronto, amigo. Se quiser... podemos ir embora.

REGINALDO - Padre... na vida há muitas e muitas coisas também sobre as mesmas torturas de angústia... as mesmas angústias... os mesmos problemas?

DEMETRIO - Sim, filho, mas há um remédio que aparece logo ao passar das mãos que é o bálsamo consolador de fé verdadeira. Quer experimentá-la?

REGINALDO - O que teria que fazer? Rezar? Eu não sei. Nunca aprendi.

DEMETRIO - Eu posso ensinar-lhe. Mas com o coração, entende? Não apenas dizer uma oração. Porque a prece só chega ao Altíssimo quando impulsionada pela sinceridade. Quando nasce do coração de alma. De outro modo, antes de atingir a altura necessária. Quando quiser tentar... eu lhe ajudarei.

REGINALDO - Obrigado, Padre, vá visitar-me, sempre que puder.

DEMETRIO - E agora vá. Eu prometi ao Delegado que dentro de uma hora estaria de volta.

TÔNICA - PASADAGEM MUSICAL

AMELIA - Há mais de uma hora que estava aqui à sua espera. Vi você entrar na faz

- ADELIA - (CONTINUAÇÃO) mãos, depois no correio, depois no bar. Como agora é tão difícil encontrá-lo, resolvi ficar na mira cuidando. Precisava muito falar com você e não pode passar de hoje.
- RAFAEL - Pelo que vejo, o assunto deve ser muito importante. O que é que há?
- ADELIA - Embora o assunto que vou tratar interesse aos dois igualmente, talvez lhe pareça exequisto partir de mim a iniciativa do mesmo, mas aconteceu que há mais de seis meses que estamos nesta chove não molha e eu não posso continuar indecisa, numa encruzilhada, sem saber que caminho seguir. Entende?
- RAFAEL - Quer dizer... entender, mesmo, eu ainda não entendi, mas tenho a impressão de que estou começando a divisar o verdadeiro sentido das suas palavras.
- ADELIA - Vai divisar todo o resto em seguida, porque eu hoje me dispus a não deixar que essa incôgnita permanença por mais tempo, colocando-me em situação de constrangimento perante os amigos e até mesmo a sociedade da vila. Mas agora como vou lhe falar com toda a clareza e sinceridade que me caracterizam, quero que você me prometa responder do mesmo modo, sem evasivas... sem subterfúgios... sem palavras vazias que nada definem e que para nada servem. Eu pergunto francamente e você responde francamente. Promete?
- RAFAEL - Está prometido. Vale.
- ADELIA - Rafael, desde que cheguei a Lagoa Parada que me impressionei por você e não mais tive olhos para outros rapazes. Você, a princípio, se mantinha indiferente e distante, mas finalmente, não sei se por delicadeza - visto que eu não aliviava a carga - ou porque também tivesse, afinal, começado a se interessar por mim, ~~xxxxxx~~ ^{PERSONA} a ter comigo atitudes que me colocaram, diante da população da vila, como sua namorada oficial e, como tal, também eu passei a considerar-me. Várias pessoas das minhas relações e outras que são apenas conhecidas, têm sido a entender que no próximo Natal você definirá, pelo visto, a nossa situação. Ora, você compreende... essa convicção de tantos, se deixará numa situação difícil e de absoluto constrangimento, se continuarmos nessa ociosidade de faz que vai, mas não vai. Por isso, eu queria saber de você a sua verdadeira intenção, para tomar, desde já, uma posição que não me deixasse em ridículo, caso fosse um pensamento dominante deixar tudo como está.
- RAFAEL - Adélia, se simpatizo muito com você, gosto de conversar com você porque sua palestra sempre se distrai, sempre bastante a sua coragem, e sua tonacidade e o seu espírito de luta, mas, infelizmente, para que se possa dar o passo que você insinua é necessário, antes de tudo, que se me - e mi - te - a mulher que passará a partilhar de todas as horas da nossa existência

RAPHAEL - (CONTINUAÇÃO) cia, sem o que, o casamento deixa de ter o seu verdadeiro sentido e o amor, que eu considero como base para que se construa uma vida a dois, esse amor ~~existirá~~ eu não sinto por você.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL NORTE.

RAPHAEL - Você perde-se a magoa com a minha frequência rude, mas foi isto que você se pediu que fizesse e eu lhe prometi que faria.

ADELIA - Não, não... está certo... realmente era preciso que falassem por nós os nossos corações. Eles falaram, já se acertaram, não se tem gosto, mas se seu é isto é o essencial. Faz-se mister, agora, que comecemos o trabalho de desconvençer aqueles que contavam, já, como carta, com a nossa união. Há uma desculpa muito boa que nos coloca em perfeita igualdade: a incompatibilidade de gênios. Usaremos essa desculpa. Concorda?

RAPHAEL - Plenamente. E se quiser usar qualquer outra que lhe ofereça vantagens, eu não farei qualquer objeção.

ADELIA - Não há necessidade, mas de qualquer forma, agradeço-lhe o gesto de cavalheirismo. E já que se mostra disposto a oferecer-me qualquer vantagem, faça outra coisa, então.

RAPHAEL - Diga.

ADELIA - Não quero ninguém abertamente, mas que venham as férias e eu possa sair daqui. Estarei pedindo muito?

RAPHAEL - Não. Você ficou bem certa de que o seu pedido será atendido por mim.

ADELIA - Obrigada. E se a minha coragem de hoje o desanimou, desculpe-me.

RAPHAEL - Não tenho porque desculpá-la. Sempre gostei das coisas claras.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

G. FREIOS - Está com uma cara de cansada... que aconteceu?

LIZA - Foi ao enterro de Margot. O cemitério é longo. Tive que ir meia dúzia de vezes para levar o caixão. De vez em quando era necessário que eu substituisse um dos homens, para lhes dar um descanso... Estou ainda com os dedos de madeira.

G. FREIOS - Você, afinal, nunca chegou a falar com ela: não é verdade?

LIZA - Não foi possível. Mas que gostaria de ter falado. Estiveria sabendo que o meu ódio por ela chegava a ser preciso. Vou buscar o meu dinheiro?

G. FREIOS - Se você quiser me dar hoje eu estimo, mas se está muito cansada e prefere deixar para amanhã, não tem galho. É só marcar a hora que eu viro buscar.

LIZA - Vou então se para você é ~~indiferente~~ indiferente, para mim é melhor. Depois das dez horas, pode vir o instante que quiser.

- G. FREIOS - Se gostaria de saber uma coisa: quanto é que a senhora vai me dar?
- LUZA - A importância que ela tinha deixado para as bebidas que afinal não chegaram a vir porque a beste nunca mais se abriu.
- G. FREIOS - E a quanto monta essa importância?
- LUZA - O que ainda tenho e vou entregar a você são sessenta e quatro mil cruzeiros. Além de ia ficar com essa importância, para pagar-me dos serviços que lhe prestei, mas você precisa mais do que eu.
- G. FREIOS - Muito mais. Basta lhe dizer que tenho cinco filhos que chegam a passar fome, às vezes.
- LUZA - Acredito, sim, mas em compensação você nunca passa fome, não é verdade?
- G. FREIOS - O que é que você quer dizer com isto?
- LUZA - Nada. Apenas aquilo que veja e que você sabe.
- G. FREIOS - O que é que você vê?
- LUZA - O que é que eu vejo? Naquela última dia que você esteve aqui e me pediu algum dinheiro por conta, sob a alegação de que seus filhos não tinham nada para comer, lembra-se? Pois bem para onde foi você, quando saiu daqui? Foi para a casa?
- G. FREIOS - Foi, sim. Foi para a casa.
- LUZA - Mentira. Foi para o armazém e ao tempo que fazia o seu ranchinho lá empinando suas cervejinhas. Tomou três ou quatro, não foi verdade?
- G. FREIOS - Três.
- LUZA - Quantos litros de arroz e de feijão você compraria com o que gastou em cerveja? Daria para seus filhos comerem pelo menos mais três dias. Você não pensa nisto? Não é verdade? Mas eu penso. É por isso que eu não tenho muita vontade de entregar o dinheiro na sua mão. Preferia entregar na mão de sua mulher.
- TÉCNICA - VERGASTADA LOGICAL.**
- G. FREIOS - Não, não, Luza, por favor!... Não faça isto!... Se você entregar esse dinheiro na mão dela, nem uma triste garrafinha de cerveja ela vai me deixar tomar.
- LUZA - Eu sei. Por isso mesmo é que tenho vontade de entregar. Mas não precisa se preocupar, não, que eu não vou fazer. É só a você que preciso pagar de via, e você é quem vai pagar, mas um pedido eu vou lhe fazer.
- G. FREIOS - Pode fazer, Luza.
- LUZA - Em dia que você não tenha nada que fazer, leve umas flores a ela no cemitério.

G. FERREIROS - Combinado. Eu levarei.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL FUNDE COM RUÍDOS DE OFICINA MECÂNICA.

ADELIA - Sabê o que vim fazer? Passar-lhe uma tabuleta para a nossa festa de Natal no Grupo Escolar. Você vai ficar, não vai?

FARCISIO - Quanto custa o bilhete?

ADELIA - Duzentos cruzeiros. Uma bagatela. E veja quantos prêmios você pode tirar um rádio de pilha, um liquidificador, uma lâmpada de cabeceira, um travaseiro de espuma, um guarda chuva, um despertador, um corte de cabelo, um par de botas, um par de sapatos, um jogo de copos e seis xícaras de cafézinho.

FARCISIO - É, de fato, tem muito prêmio bom, mas o prêmio que eu preferia mesmo...

ADELIA - (DEPOIS DE PAUSA) Diga.

FARCISIO - O prêmio que eu preferia, mesmo, era você.

TÉCNICA - ACORDE DE ALEGRIA.

ADELIA - (Dá uma risada sonora e agradável.) É mesmo? Com tanta coisa boa na mão bela você preferia a mim?

FARCISIO - Sem dúvida nenhuma.

ADELIA - (INTENÇÃO) Compre-me cinco bilhetes, então. Pode ser...

FARCISIO - Compre até dez.

ADELIA - Dez é um talão inteiro. Aqui está.

FARCISIO - Doze mil cruzeiros, não é?

ADELIA - Exato. (PAUSA) Obrigada. E agora... se quiser cobrar o que lhe devo, vá corra-me na saída do Grupo, às quatro e meia...

FARCISIO - (RÁPIDO) No grupo, não. Quer dizer... às quatro e meia é uma hora em que geralmente eu tenho muito trabalho, entende? Só poderia procurá-la... deixe ver... às oito horas, oito e meia...

ADELIA - À oito horas, só se você passar na minha casa e conversarmos lá ao telefone. Não vejo outra solução.

FARCISIO - Você não viria comigo, digamos... para ir a um cinema, ou a confeitaria... ou ainda para nos sentarmos no banco da praça e bater um papinho...

ADELIA - Faria qualquer dessas coisas, desde que tivesse companhia. Sóinha com você, não. Não pense que eu veja algum mal nisso, mas num lugar público como é esta, a boca que se presta não deve escandalizar, não é? Não logo falada, entende?

FARCISIO - É claro. E isso eu não aceitaría para nada nenhuma, muito menos para você.

ADELIA - Companhia eu também não tenho, porque as senhoras com quem quero não se prestarão, jamais, a acompanhar-me. De forma que a única solução é esperá-lo na porta e batermos um papinho até às nove horas, nove e meia. Talvez até mais tarde não será possível, porque tenho certeza absoluta de que dona Sarah se aborrecerá.

FARCISIO - Dona Sarah tem jeito de fofocadeira; não é não?

ADELIA - É um pouco, sim. Não é que ela vá inventar uma coisa a respeito de alguém. Isso não. Mas gosta muito de tomar conta da vida da gente e dar palpites a sabor do seu temperamento. (ARREMEDA) "Eu se fosse você fazia isto. Eu se fosse você fazia aquilo. Você vai fazer assim? Ah, não faça, não. Faça ao contrário, assim, que fica muito melhor." Deus se livre! Eu que não sou de dar muita satisfação daquilo que faço...

FARCISIO - Mas então como vai ser o dia em que se casar? O marido não vai participar das coisas que você fizer?

ADELIA - Não, não... aí é diferente. É inteiramente outra coisa. Marido é marido, a mulher tem que dar satisfações, mesmo. Agora a pessoa que é apenas dona da casa manda o gente se hospede e paga, querer viver certo a vida da gente, é bruto, não é não? Ela tem o direito de exigir que a gente mantenha a decência moral. Isso tem. Mas tirar daí, o resto ela não tem nada que ver. Tenho razão, ou não tenho?

FARCISIO - Tem, sim. É enojado, mesmo. Depois, a sua maneira de ser, nunca poderá estar de acordo com a maneira dela. São dois completamente opostos.

ADELIA - Pois não é mesmo? Eu tenho vinte anos. Ela tem sessenta e dois ou sessenta e quatro, sei lá...

TÉCNICA - SELOVIO DE TORRE, ADASTADO, BATE DOZE BATALADAS ESPACADAS.

ADELIA - Meu Deus, meio dia, já?!... Eu tenho que ir embora porque antes das duas preciso estar no grupo. Alô aí então, Farcisio. Quando você quer?

FARCISIO - Se pudesse ser hoje, eu gostaria.

ADELIA - Pode, por que não? Às oito horas estarei na porta da casa de dona Sarah.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.

LUZA - Eu vim conversar com o senhor sobre uma série de coisas que Madame Margot trouxe e que se disserem que o senhor terá que recolher para amanhã ao conde de Valdeira e depois de lá, na cidade. É verdade isto?

DELEGADO - É verdade, sim. Eu até estava para ir lá procurá-la, de forma que foi muito bom que a senhora veio.

LUZA - O que eu queria dizer ao senhor, também, é que uma parte de coisas que ele trouxe eu já tinha dito ao senhor, e agora se quiser entrar, eu vou, se ele quiser. Não

- DELEGADO - Bem... poder, mesmo, não pode, mas se forem coisas que vão beneficiar a pessoas que realmente precisem, e gente fecha os olhos, entendeu?
- LUSA - Sim, sim, entendo. Ela sempre dizia, por exemplo, que as suas joias e o dinheiro existente no cofre - aquele grande que está no escritório de dentro - se um dia ela morresse de repente, que ela entregasse para as obras da Casa de Dona Clara, para o que ela, muitas vezes, faz doativos.
- DELEGADO - Está vendo? Uma ótima ideia. Eu posso fazer outra coisa que não seja fechar os olhos? Não posso. Procure o tesoureiro e faça logo a entrega.
- LUSA - Eu preferia entregar ao senhor e o senhor, por sua vez, fazer a doação...
- DELEGADO - (CORTE) Não, não, não... não posso. Se cair nas minhas mãos eu sou obrigado a mandar para o consulado. Entregue você mesma e faça de conta que eu não estou sabendo de nada. Só assim pode ser.
- LUSA - Mas tem muito mais coisas. Tem a coleção de lâmpadas, os discos, a geladeira do bar, com oito portas, todos os cristais da sua pertenceira, sua coleção de perfumes franceses, suas roupas, suas sombrinhas, suas bolsas. Uma coleção de sapatos e de lavas que é uma coisa louca... Madame Margot tinha muita coisa. Que destino se poderá dar a todo isto?
- DELEGADO - Faça o seguinte: converse com o Padre Demétrio, ele vai lá, olhe tudo, vê todo que poderá servir para a casa de caridade que ele orienta e o que não servir a gente faz lixo, e rende o dinheiro, depois.
- LUSA - O senhor não quer mandar lá uma pessoa da sua confiança para fazer uma relação do que tem?
- DELEGADO - Não é preciso. Não era você a pessoa de confiança de Madame Margot? Pois então? Quando ela confiava em você, é porque se pode realmente confiar. Madame Margot era a pessoa mais desconfiada do mundo. Parava que julgava os outros por si mesma.
- LUSA - Ela havia se prometido ao orfanato para que eu ficasse como herdeira de... não sei, mas não chegou, nunca, e não pagar o referido orfanato.
- DELEGADO - E quanto era esse orfanato? Quantos os meses?
- LUSA - Ele tinha dito que me daria esse o custo de graça, que nunca deu e mais cinquenta mil cruzeiros mensais. Isso faz seguramente um cinco ou seis no mês.
- DELEGADO - E você nunca reclamou?
- LUSA - Reclamei, mas olhe... dizia que estava esperando um dinheiro e que até era bom eu não receber, porque assim não gastaria. O dia que recebesse havia uma punhaia. E depois conversei ela foi de lavando.
- DELEGADO - A gente já se geito de compensar o seu prejuízo.
- TCHICA - PARABÉNS MISTICAL.

ADÉLIA - RUIDOS DE OFICINA MECÂNICA EM FUNDO, DURANTE TODA A CENA.

ADÉLIA - Vim me despedir de você, Farcísio, agradecer-lhe a boa vontade com que você sempre me recebeu quando precisei dos seus conselhos e dizer-lhe que mais tarde você receberá notícias minhas, lá de onde eu estiver.

FARCÍSIO - Como! Mas então você vai sair por aí, assim, sem destino certo? Veja lá, Liza, você não é pessoa para enfrentar o mundo sózinha. Você é tímida e tem muito medo.

LIZA - Mas eu não posso ficar aqui, Farcísio. Não posso. Tenho um medo horrível. Não posso mais dormir de noite e tenho pesadelos horríveis.

FARCÍSIO - Você ficou nervosa com tudo que aconteceu. É natural. Mas isso passa. Basta que você procure um médico e tome uns calmantes.

LIZA - Não, Farcísio, não. Só a distância poderá curar o medo horrível que eu tenho de que Sarará fique curado e torne a ir lá exigir que eu lhe dê o endereço de Nanon. Eu não posso fazer isto, não posso. E então o que acontecerá? Pagarei, certamente, com a vida a minha recusa.

FARCÍSIO - Óra, Liza, mas então é de Sarará que você tem medo? Não precisa ter. Ele nunca mais ficará bem. Os médicos dizem que não correrá, mas ficará paralisado das pernas e dos braços.

LIZA - Não importa. Sobretudo-lhe o cérebro, ele dará um jeito de encontrar alguém que faça o trabalho por ele. Não, não, Farcísio, eu vou embora. Para você eu vou dizer. Nanon está à minha espera em Buenos Aires, com um emprego bastante lucrativo para mim. Embarco amanhã mesmo para a cidade e de lá rumarei para Buenos Aires. De lá, mandarei a você o meu endereço. Mas só para você. Não o transmita a ninguém, para que nunca nos encontrem.

FARCÍSIO - Pode ficar descansada. É prometo a você que de vez em quando mandarei as notícias mais importantes daqui. Creio que vocês gostarão de saber, não é verdade?

LIZA - Sem dúvida. Escreva, mesmo que nós iríamos apreciar muito as suas cartas. Bem, e agora eu vou até à delegacia por causa dos meus documentos e para me despedir, também, do senhor delegado. Ele tem sido muito... (CONTA)

ADELIA - Boa tarde.

FARCÍSIO - (CONSTRANCIDO) Olá, Adélia, boa tarde. Não esperava vê-la ainda à noite.

ADELIA - Pois justamente como vou ter que corrigir umas provas, vinha lhe avisar que não fongo. Mas quem é essa senhorita que até agora você não se apresentou?

FARCÍSIO - VERGAREDA MUSICAL PORTE.

FARCÍSIO - É a... é... é...

FARCÍSIO - REPIÇÃO MUSICAL. FIM DE UMA CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ENCAMBAMENTO.

781 CARÍPIO

IRÔNICA - CARACTERÍSTICA INDICIA DE ABERTURA

IRZA - De lá, mandarei a você meu endereço. Mas só para você. Não o transmite a ninguém, para que nunca nos encontrem.

FARCISIO - Pode ficar desconfiada. E prometo a você que, de vez em quando, mandarei as notícias mais importantes aqui. Creio que vocês gostarão de saber; não é verdade?

IRZA - Sem dúvida. Escreva mesmo, que nós iremos apreciar muito as suas cartas. Bem, e agora eu vou até à delegacia, por causa dos documentos e para me despedir, também, do senhor delegado. Ele tem sido muito... (CORFA)

ABELIA - Boa tarde.

FARCISIO - (COMBARBANDO) Olá, Adélia, boa tarde. Não esperava vê-la, sinão à noite.

ABELIA - Pois justamente como vou ter que corrigir umas provas, vinha lhe avisar que não fosse. Mas quem é essa senhoreta que até agora você não me apresentou?

IRÔNICA - VERBASTADA MEDICAL FORTE.

FARCISIO - É a... é... é... como é que eu vou dizer?

ABELIA - (IRÔNICA) Você parece embarçado, Farcísio. Por quê?

IRZA - Eu explico, senhoreta. É que sou a gerente da boste, quer dizer... cre, por que a boste fechou, e vim pagar um serviço que a minha patroa tinha manda de fazer nas instalações. E como não quero perder mais tempo ao seu Farcísio, peço licença. Boa tarde.

FARCISIO - Passe bem.

ABELIA - Você ficou tão vermelho, Farcísio, por quê? Se era um freguês, como ela disse...

FARCISIO - Bem... era um freguês, mas você ouviu o que ele disse. Era gerente da boste. Eu não podia apresentar a você, entendeu? Fiquei embarçado por isto.

ABELIA - Chegou a pensar mal de você, palavra. Mas depois, pelo comportamento de lá, percebi que não havia nada entre os dois.

FARCISIO - Que exagerado! Nunca houve, pode crer. Foi a situação incômoda que me deixou atrapalhado. Não fosse isto, eu teria imediatamente apresentado.

ABELIA - Levei um choque, no momento, mas o meu parecer que foi melhor. Eu, ao menos, agradeço. Você nem pouco.

FARCISIO - Também, minha... você tem que reconhecer que fui muito desagradável. Mas o que é que você veio me avisar que eu não souvi direito?

ABELIA - Que você não fosse hoje de noite lá em casa, porque eu tenho todas estas provas para corrigir e não vou poder conversar.

FARCISIO - É pena. Sabe que eu me lembrei que nós poderíamos ir ao cinema domingo?

ABELIA - De que jeito? Você sabe que eu não ando sózinha com você de noite.

FARCISIO - Eu sei. Mas eu me lembrei de falar com a mãe e convencê-la a nos acompanhar. O que é que você acha? Ela viria comigo aqui, buscar você e viria, depois, deixar de volta.

ABELIA - Seria ótimo. Eu ficaria encantada. Outro dia, na loja, eu conheci sua mãe. Achei-a muito simpática.

FARCISIO - Seu primeiro maior é a bondade. A pureza de alma. Minha mãe é uma mulher excepcional. Você vai conhecê-la de perto e verá que eu não estou exagerando.

ABELIA - Eu sei. Já ouvi falar muito bem dela. Dizeram-me que é uma mulher de extraordinário valor. Que ficou viúva moça e portou-se com uma dignidade admirável. Que passou os maiores trabalhos, mas nunca saiu da ^{sua} linha de conduta. E que lhe deu uma educação invejável. Tudo isso eu já sei. E eu? Você não sabe nada de mim. Não tem curiosidade em saber?

FARCISIO - Você que pensa que eu não sei. Já me disseram tudo, mesmo antes de nos conhecermos.

ABELIA - Quem lhe disse?

FARCISIO - Foi a mim que disseram. Aconteceu assim: uma família, que vinha não sei de onde, pediu para reparar o carro que estava em defeito no rádio. Enquanto eu estava arrumando, uma das senhoras - era mãe - perguntou o nome da vila. Eu disse e ela então começou a falar. É aqui que está a Adélia, a sobrinha da... como era o nome...

ABELIA - ... da Carlina?

FARCISIO - Exato. Ela se desentendeu com a madrinha, por causa de irmão, arranhou sua nomeação na secretaria e veio logo embora. Não foi isto que aconteceu?

ABELIA - Foi isto, sim. Minha madrinha bateu no meu irmão de quatro anos, por uma opinião dele, eu reclamei dela, porque de fato não tinha direito. Ela se queixou a papai e papai se recusou, dizendo que minha madrinha estava autorizada por ele a bater até em mim. Imediatamente fui à secretaria, falei com uma amiga antiga da família que trabalhava lá e ela arranhou logo a minha nomeação para cá. E assim que posso, trarei meu irmão para minha companhia.

FARCISIO - É... você precisa, realmente, ter o carro reparado? Você quer vir com a mãe, talvez ela se disponha a receber o carro aqui e ela ficará com o carro. Você ficaria satisfeita? Não quiserias ir com ela.

ADELIA - Oh Tarcisio, como você é bom! Gostaria muito, mas não agora, já. Das férias eu vou ficar uma semana lá com você, conversarei com seu irmão e se ele não tiver concordado em recebê-lo, quando vier, já o trarei comigo.

MARCISIO - E seu pai consentirá?

ADELIA - Minha mãe está muito ansiosa para se ver livre dele. Vai ficar radiante e obrigará meu pai a concordar. Bem, Tarcisio, agora eu vou. Espero-o amanhã então, não?

MARCISIO - Está muito bem. Eu já vou embora, sim.

TEORIA - PASSAGEM MUSICAL.

MARCISIO - Mãe, eu tenho uma notícia para a senhora que acho que a senhora vai gostar.

ELVIRA - Já sei. Os comentários já chegaram até aqui, há mais de uma semana. Eu já estava até dizendo que você não me falasse no assunto.

MARCISIO - E a senhora não pensa que poderia ver esses comentários?

ELVIRA - Não porque você, de um tempo para cá, começou a se arrumar todo, depois de jantar e a sair com laço perfurado no cabelo. E logo vi.

MARCISIO - Não quer que eu vá?

ELVIRA - Pois se fossemos e até já me mostraram. Eu estava na loja, comprando um par de sapatos de uma fantasia que faltou para um vestido e a Amanda chegou para me fazer um comentário: "mira, se quiseres que eu fique bonita, melhor seria se tu fosse bruxinha, enquanto não me dáes um pouco de magia". Ela estava ali, olhando para mim, com aquela expressão de quem não acredita. Muito engraçado. Então, me mostrou, mesmo. Tive muita boa impressão, meu filho. Temo que seja um pouco de inveja, mesmo.

MARCISIO - Já estou resolvido, mãe. E como não tenho companhia e precisava de alguém para ir comigo ao cinema de domingo, no sábado que a senhora poderia ir comigo, porque ela não vai, de noite.

ELVIRA - E daí? Não é nada. Mostra que é uma boa ideia. Das férias não tem um tempo para você poder descansar? Eu nunca mais vou mais lá para não ficar com a cabeça doendo, não?

MARCISIO - Não agora. Foi por minha culpa que nunca mais foi lá, não é verdade? Porque não tinha quem cuidasse de mim, quando a senhora saiu, não é mesmo? Pois agora, não vou mais por minha culpa, a senhora vai voltar a trabalhar e eu vou ficar em casa, cuidando de mim. Então, não vai, não?

ELVIRA - Bem... já é preciso... talvez não possa ir mais lá. Ela não vai mais lá, não?

MARCISIO - (RISOS) Mãe, a senhora é a mulher mais maravilhosa do mundo, não é? Não é nada que eu não possa fazer, não é?

ELVIRA - (SORRINDO, FELIZ) Ah, meu filho, meu filho! Eu também reclamaria, se Deus não me tivesse dado você.

TERCEIRA - PASSAGEM MUSICAL

JOANA - Então, já sei das novidades e você não contou nada pra gente! Por quê?

ADELIA - Sabe o que é, Joana, eu ainda não estou firmemente resolvida a levar isto adiante, então não quero que a coisa tome assim caráter de noivado, entendeu? Si bem que ele está convencido que vamos tratar casamento no Hotel.

JOANA - Mas minha filha, qual é a sua dúvida a respeito de Tercisio? Um rapaz tão bom! A única coisa que posso dizer dele é que realmente tem uma leucorria mas isso foi coisa de rapaz. Já passou, ninguém mais se lembra e ele tomou juízo definitivamente. Até foi bom que acontecesse aquilo porque assim ele se corrigiu. Bom filho que é! Você precisava ver.

ADELIA - Eu sei. Apprecio muito Tercisio, acredito, mas enquanto não tiver espcie totalmente o outro, não pretendo fazer nada de definitivo. Por mim e por ele. Já pensei eu casar com ele e continuar a gostar do outro?

JOANA - Mas o outro não quer nada como casamento e você continuaria a perder seu tempo, sem resultado. Eu até vou lhe fixar que ficou contente quando Simão se tornou com ele. Aquela não casa. Rapaz rico, com todas as facilidades é muito difícil deixar-se prender. Mas afinal, se você não quer mesmo casar com ele, o que é que está lá pretendendo com esse namoro?

ADELIA - Estou tentando esquecer o outro e procurando gostar dele. É muito raro a gente vir a gostar de alguém sem conviver com esse alguém, não é? Pois é exatamente o que estou fazendo. Convivendo para ver se acabo gostando.

JOANA - Seria muito bom. E é boa gente, sabe? Dona Elvira foi sempre uma mulher es-timada e respeitada aqui.

ADELIA - Todos se dizem a mesma coisa.

JOANA - E ela mesmo uma mulher benissima de sentimentos. Você não teria uma sogra? Teria uma mãe. Eu gosto muito dela. Há anos que a conheço e é sempre a mesma criatura. Muito calma... muito carinhosa para tratar a gente... parece que faz questão de dar uma coisa boa a cada pessoa que passa e então sorri. Sorri a todos com aquela sua candidez, com a sua pureza de alianças. Um amor. E o rapaz também é muito bom. Andou aí se metendo com uns companheiros que não eram deste mundo e quasi se desviaram, mas felizmente ele ainda despertou a tempo e se corrigiu completamente.

ADELIA - Eu já senti que ele é muito bom. Temera que eu possa vir a gostar dele.

Vou lhe dizer mais, Joana: vou até fazer uma promessa para Santo Antônio.

JOANA - Eu também vou lhe ajudar. Vou fazer também uma promessa. Mas então ele está querendo tratar casamento no dia de Natal?

ADELIA - É verdade. Ah e sabe de uma coisa? Domingo vamos com dona Elvira ao cinema.

JOANA - É mesmo?! Mas que bom! Ao menos assim a coitada vai conseguir a passar um pouco. Pense contar isto à Simone? Ou você já falou a ela?

ADELIA - Não, não falei, mas não creio que Simone se interesse em saber. Ela está muito diferente comigo, agora. Eu sei porque é. A fofoca da dona Sarah vive contando coisas... sabe lá o que terá inventado.

JOANA - Mas Simone gosta muito de você. Garante-lhe que você vai ficar muito feliz, quando de saber. Simone é uma criatura muito boa, verdade.

ADELIA - Eu sei. É apenas até de se prejudicar em favor de outros. Eu também gosto dela, pode crer. Mas, Joana, agora eu vou que estou na hora. Tchau.

JOANA - Vai com Deus, minha filha. E que Santo Antônio te ajude e não te deixe mudar de ideia.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

TARCÍSIO - Mãe gostou muito de você. Dizes que você é encantadora.

ADELIA - E sei que vou dizer dela? Sabe que por duas ou três vezes ela me lembrou a mãe? Eu me senti tão feliz quando ela se chatou de minha filha, que as lágrimas vieram nos meus olhos. Por pouco não fiz feio.

TARCÍSIO - Pois ela agora está como eu. Anuncia que chegou o dia de Natal, para que nós possamos acertar o passê.

ADELIA - Acertar o passê que você já é tratar casamento?

TARCÍSIO - É claro. ~~XXXXXXXXXX~~ Tratar casamento porque a gente não pode casar sem tratar, senão já se faz o casamento mesmo.

ADELIA - que é isso?! Você está feito avião a jato? Quer chegar logo?

TARCÍSIO - Mas não adianta, porque tem o tal de enxoval que nenhuma noiva quer saber de deixar de fazer. Isso é mesmo tão indispensável!

ADELIA - Claro. Como é que uma noiva vai casar sem preparar a sua roupa de cama, e sua roupa de mesa, suas roupas interiores, seu vestidório? Não pode.

TARCÍSIO - Você quer que eu vá à cidade falar com seu pai, ou inclusive tudo isso a incluir dele nos nossos planos?

ADELIA - Não sei, ainda, Tarcísio. Vou escrever uma carta a ele e esperar a resposta. Se ele se interessar pelo assunto, muito bem; nós fazemos tudo como ele quiser, mas se ele não ligar importância, nós também não nos preocupamos com ele.

TARCÍSIO - Mãe quer levar alguma coisa em casa, mas só para nós. Você concorda?

ADELIA - Claro. Você sabe que eu poderei privá-la de uma coisa que lhe dá prazer?

SIMONE - (CONTINUAÇÃO) mentes, dona Teresa. Bem como uma impressão da própria alma. Mas não é por causa da Casa de dona Clara que não me preocupo. O motivo é bem diferente. Já não conversei com a senhora sobre Adélia?

TERESA - Não sei... como que não... Não é sobre o próximo contrato de casamento dela?

SIMONE - Exatamente.

TERESA - Mas o que é que você tem que ver com isto, criatura? Já não chega o que tem para fazer? Você ainda tem alguma pretensão sobre Tarcísio?

SIMONE - Não, não... que esperança! Absolutamente! Que é isso, dona Teresa?

TERESA - Bem... quer dizer... você já foram namorados... não seria uma coisa do outro mundo, se acontecesse. Mas então porque você se preocupa? Diga.

SIMONE - Porque Adélia, até há muito pouco tempo, gostava de Tarcísio. Não se fez nem quinze dias que terminaram o namoro e já vai tratar casamento com Tarcísio? Sem gostar? Isso é muito triste para ele, coitado. Tarcísio é um homem muito bom, dona Teresa, não merece ser ludibriado nos traços. Adélia não tinha o direito de fazer isto com ele. Sebe que ela já vai se casar com ele, acompanhada por dona Elvira?

TERESA - Sei. Eu fui domingo com Joana e elas estavam lá. Até comentei com dona Elvira. Você precisava vê-la. Bem parecia aquela mesma que anda de casa de saia e blusa, com o cabelo penteado. Toda arrumada, de roupa, em vestido catado ainda muito bonito, carteira eximia de verniz preto e luvas. Luvas, veja você, Tarcísio tão feliz que não podia fechar a boca.. Estava constantemente sorrindo, na sala de espera.

SIMONE - Pois é... Adélia não podia fazer isto. Não tinha o direito. Eu atrevo-me logo a falar com ela. O que é que a senhora acha?

TERESA - Não sei... Adélia é muito boa menina mas é um tanto insubmissiva. Pode não gostar e dizer-lhe umas coisas desagradáveis.

SIMONE - Eu não me importava. Desde que atingisse a minha objectiva, estava satisfeita.

TERESA - Expore. E porque você não fala com o Padre Deslério e pergunte a ele? Talvez você, até, ele se ofereça para fazer isto por você. Seria ético; não seria?

SIMONE - Claro que seria. (PUNHA) É... eu acho que não devesse ir com ela. Você falar sempre com o Padre Deslério, e talvez ele se prontifique a ir, ao meu lugar, conversar com Adélia e alertá-la. A senhora não acha uma barbaridade de sem nada ela embromar sobre o rapaz?

TERESA - É... de fato... não é bem feito, não. Naturalmente, afinal, não é brincadeira de criança que se faz hoje e depois amanhã. Mas faça isso que eu lhe disse. Faça que talvez tenha resultado.

SIMONE - Vou fazer, sim, e se o Padre Demétrio não quiser ir falar com ela, estou resolvida. Eu mesma vou.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

DEMETRIO - Minha filha, se o papai não falar nada com a mãe, não tem, não tem, nós não temos o direito de nos metermos num assunto que, afinal, é dela. Ela pode não receber bem a notícia e irritar-se com a gente, mas também pode achar que nós não temos nada que ver com a vida dela - como de fato não temos - e dar um estralo enorme. Não queira fazer isso.

SIMONE - Mas Padre Demétrio, seja lá como for que ela nos receba, a mãe se vai embora, não pode mesmo cruzar os braços e deixar que ela jogue, impunemente, com a felicidade de um rapaz puro e bom como é o Tarcísio. O senhor não acha? Não precisamos fazer alguma coisa. Temos o dever de fazer.

DEMETRIO - Bem, minha filha, mas afinal Tarcísio não é um menino ingênuo que precisa ser guiado por outros. É um homem com plena consciência dos seus deveres e dos seus direitos. Um homem que sabe saber, portanto, aquilo que lhe convém. Vamos fazer que ele não compreenda a nossa intenção e se vá embora? Sim, porque ele vai saber, na curta. Ela não deixará de contar a ela a conversa conosco.

SIMONE - Padre, por favor, esteja bem para a minha intenção. Adélia não gosta de Tarcísio. Não simpatiza com ele, mas para tratar casamento e casar, isto não é suficiente. E vamos que ela não se dê a entender? O senhor já pensa de que lado vamos sofrer? É isso que tenho medo e que eu tenho querendo evitar. Se o senhor não quiser ir fazer isto para mim, eu vou-me lá minha situação de ex-nupcial e vou eu mesma falar com o senhor. Adélia. É impossível que ela não compreenda a minha intenção.

DEMETRIO - Não, filha, não vá. Não me peça por isso. Deixo correr o tempo e ver o que acontece. Você sabe, com o tempo é o grande remédio para todas as coisas. Pensos, dúvidas, cura feridas, propósitos, reconciliações, promessas, aproximações... tudo o tempo resolve, quando o tempo estiver para isso. Não se precipite. Fale ainda aqui em casa para o pai. Não vá lá e depois vá muitas vezes e muitas coisas podem acontecer, ou deixar de acontecer. Mas primeiro se aproxime e converse, se as coisas vão de continuar incertas e problemáticas, como agora, você vá a ela e chame-lhe a atenção para o que vai fazer. E se ela não aceitar e não concordar, então, então, vá falar com ela.

TÉCNICA - EXERCÍCIO MUSICAL FONTE, BUENDA COM CARACTERÍSTICA MUSICAL PARA EXERCÍCIO DO CANTOR.

SIMONE - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ADVENTURA.

SIMONE - Se o senhor não quiser ir fazer isto por mim, esqueça-se de mim e da situação de ex-novo-ado e vou eu mesma falar com a filha. É impossível levá-la para cá se ela não concordar com a minha intenção.

DEMETRIO - Não, filha, não vá. Pelo amor de Deus. Deixe correr o tempo e ver o que acontece. Você sabe, como eu, que o tempo é o grande responsável para todas as coisas. Resolve situações, cura feridas, proporciona reconciliações, prepara aproximações... tudo o tempo resolve, quando quer mesmo. Não se precipite. Falta ainda aqui um pouco de Natal. Até lá, o mundo dá muitas voltas e muitas coisas podem acontecer, se deixarmos de acontecer. Mas próximo de acontecer o acontecimento, as coisas ainda continuam incertas e problemáticas, como agora, você vai e ela o chama. Não a atenção para o que vai fazer. E se ela não aceitar o meu conselho, eu, então, irei falar com ela.

SIMONE - Ótimo pai, Demétrio. Agora sim. Agora compreendi o acidente e seu ponto de vista. Antes, não. Parecia-me que o senhor estava procurando fugir a um dever, por comodismo. E a atitude não parecia sua. O senhor não é assim. Está sempre tão pronto a fazer o bem...

DEMETRIO - Fomos malhos e bonos, sempre. Talvez não seja necessário a nossa intervenção.

SIMONE - Está certo, pai. Agora compreendi, agora compreendi. O senhor pensa que ainda há tempo para intervir e que durante esse tempo, talvez ao menos se esclareça e não seja necessário a nossa intervenção, não é isso?

DEMETRIO - Exatamente. Se farcos precisá-los agora, talvez não precisá-los e poderíamos evitar mais intenções. Aguardemos, portanto, Simone. É o que de melhor tempo a fazer. E agora, vou aproveitar a oportunidade para lhe fazer uma pergunta indiscreta: quem vai Rafael?

SIMONE - Não sei, pai. Não sei mais a vi. Como sabe, ele nunca mais apareceu na Casa de São Clara... na rua, onde tinha o banco... acho que há bem uma vinte dias que não o vejo.

DEMETRIO - É preciso fazer-lhe uma visita e conversar com ele. Gostaria de perguntar-lhe muitas coisas, depois que fiquei sabendo de outras coisas... Pelo amor de Deus, não se esqueça que você não sabe ao certo se o tempo vai vir até à 71

DEMETRIO - (CONTINUAÇÃO) la Verde. Você não ouviu falar no rompimento definitivo de namoro dela com a sua colega?

ELISABETH - Ninguem me falou, mas eu calculei, desde que ela começou a se apresentar em toda parte acompanhada de Marcela. E depois fiquei sabendo, como já lhe disse, das coisas que ela falou para a Joana. Fiquei numa preocupação terrível. Tive, logo, o desejo de ver tudo de mais perto.

DEMETRIO - É isso, ainda. Vamos deixar as coisas caminharem normalmente e ver onde é que ela para. E não se adianta nada se acabarem de uma parte. Muitas vezes a gente não faz fé nem na determinação das coisas e elas acontecem surpreendendo-nos completamente.

ELISABETH - É... isso é verdade. Vamos então botar tudo nas mãos de Deus e aguardar o resultado.

DEMETRIO - Ninguém resolverá a coisa mais naturalmente do que Ele.

TÉCNICA - NARRAÇÃO MUSICAL

EUDOXIA - Como já arreparei com o patrão ainda diferente, discordância? Inté afrega a gente vê nas coisas assim. Bruço que eu não vou insistir pra mãe Ele diz pra gente a que é que Ele tá sintindo?

LEOPOLDINA - Eu não preciso que Ele me diga. Estou adivinhando tudo, tá Eudoxia. Um homem só fica assim na estado em que o patrão está, quando foi traído ou quando perdeu seu amor. Como ele é solteiro e não vive no caso, e ser traído, só o que se pode deduzir é que tenha perdido o seu amor.

EUDOXIA - Mas é, mas xega? que xega, ele não pode acintinar assim desse jeito. O homem vêve deitado de barriga pro á, olhando pra direita. Isso é passivo, gente? Desse jeito Ele é bem capaz de enlouquecer.

LEOPOLDINA - É, sim... pensa que eu também não tenho medo do que isso acontece? Até me lembrei de conversar com o Padre Dométrio, que é tão amigo dele, para ver se o Padre consegue levá-lo no médico para examinar-se.

EUDOXIA - Havere de se manter, sim, mas eu não tô querendo que ele vá querê. Quando pessoa anda assim com a coisa de pensamento não funciona, que não é, num ponto nem pensá direito as coisas. E tudo que o outro que faz só eles arregate porque discutem.

LEOPOLDINA - É, sim... eu já tenho proposto tanto coisa interessante ao patrão, mas nenhuma das minhas ideias, até agora, mereceu a aprovação dele. Acho que o único remédio que me resta seguir é procurar o Padre Dométrio e convencer o patrão que ele não deve resolver tratar-se.

EUDOXIA - E praquê não se chama logo mais logo a gente, discordância?

LEOPOLDINA - Vou fazer mesmo mesmo, já deliberei. Amanhã, quando ela voltar das

- BERNARDINA - (CONTINUAÇÃO) sem visitas, eu o abandonarei. E você vai ver como é tarde já ele estará aqui procurando aninar seu Rafael. O Padre Benedito é o pai. Onde houver um amigo necessitando de qualquer coisa, ele corre lá.
- ELVIRA - Pois isso é que é o direito. Ele sabe, não é que a gente, que nós te não vamos mais servir uma ou outra.
- BERNARDINA - PASSAGEM MUSICAL.
- ELVIRA - Mas a senhora não sabe como eu estou satisfeita com a sua visita, dona Angela. Sentia muitas saudades dela e da Simone. À noite chegava a pensar em visitá-la e até a marcar uma data para ir, mas sempre acontecia uma coisa, na última hora, que me impedia.
- ANGELA - Pois eu também estava para vir aqui há muito tempo, mas cada vez que marcou com Simone um determinado dia, acontecia uma coisa da Casa de Dona Clara, a diretora do Grupo marcava uma reunião extraordinária, e Padre Benedito vinha lá em casa para resolver um problema que havia... e a visita ficava adiada. Hoje, mesmo, Simone deveria vir comigo. Na última hora a Diretora do Grupo convocou as professoras para uma reunião extraordinária para acertar o término das aulas e o início dos exames. Eu disse a ela: eu vou amanhã, minha filha, não espero mais você.
- ELVIRA - Eu sei que Simone é muito ocupada. Depois do Padre Benedito, acho que ninguém tem tantas obrigações e tantas deveres a cumprir, como ela. Eu não reparo, não é que a gente sente saudades, não é?
- ANGELA - É claro. E depois de algumas distâncias uma de outra, não é a gente, em qualquer tempinho que tivesse, poderia dar uma saudades, não é?
- ELVIRA - Exatamente. À noite, que é, geralmente, quando a gente dispõe de mais tempo, já se fica dependendo da companhia que também não é sempre que a gente consegue. Eu, por exemplo, só tenho a meu filho, mas ele chega sempre tarde do trabalho, até que tem banho, muda roupa, janta e etc., e tempo avança e já não é mais hora de se visitar ninguém.
- ANGELA - E agora, mesmo assim a senhora quisera, já não podia contar com ela. Ele está aí ainda: não é verdade?
- ELVIRA - É verdade, sim. Obrigada a Deus! A senhora não sabe como eu estou contente. Agora estou muito entusiasmada para tratar o assunto na dia do Natal. Eu gosto dela, sabe?
- ANGELA - É... ela é boa menina, sim. A Simone também faz elogios a ela. Diz que é uma boa menina. Mas para o Rafael tem que ser uma menina muito boa, porque o seu filho é um rapaz excelente. Temera que ela goste bastante

ANGELA - (CONTINUANDO) dele e que sejam muito felizes. Porque se eu pudesse ver bastantes felizes, eu não gostaria de outros. Porque se é verdade amar é que faz com que um desculpe as faltas e deficiências de outro.

ELVIRA - É isto mesmo. Não sendo assim, conseqüentemente... as censuras mútuas... de reparar a um gesto, ou uma atitude que desagrade... e daí surgem as rixas, os desentendimentos e muitas vezes, até, as separações.

ANGELA - É, mas é principalmente nos grandes centros, onde ninguém mais está fazendo muito caso da legitimidade dos costumes. Cada um, de acordo com a sua consciência, encontra outro, torna a juntar e vai viver com os seus costumes, com os mesmos hábitos e até com os mesmos direitos dos outros de respeito de verdade. Isso é tão comum, nos nossos dias, que até tirou um pouco daquela imparcialidade que é o casamento tinha antigamente. A senhora não acha?

ELVIRA - Acha, sim. Mas a senhora quer que eu lhe diga uma coisa com toda a sinceridade, dona Angela? Eu não desejaria, jamais, que uma pessoa minha se desquitasse, mas acho que a vida precisava ser um pouco mais simplificada para nós, mulheres.

ANGELA - A senhora acha que simplificada, dona Elvira? Eu não acho. Acho que tirem todos as garantias que o casamento nos dava. O marido de hoje não tem nada que o impeça de largar a mulher, se não está contente com ela.

ELVIRA - Mas, em compensação, a mulher também pode fazer o mesmo. Acho que as vantagens e desvantagens, hoje, são iguais para ambos os sexos. Antigamente, não. O homem tinha todos os direitos. A mulher ficava com todos os deveres. Mas eu não era assim como eu estava dizendo?

ANGELA - Não sei, não. Talvez eu seja antiga... atrasada... retrógrada... tudo que quiserem, mas eu ainda continuo pela indissolubilidade do matrimônio. Foi feliz, muito bem. Tudo ótimo, tudo esplêndido. Foi infeliz, paciência. Fica das tripas para fora e foge para a frente. O juramento que se faz diante do altar de Deus não é uma brincadeira, dona Elvira. É um contrato ao qual se tem Deus por testemunha. Como é que se vai saltar e esquecer o juramento que se fez?

ELVIRA - Bom... sob o ponto de vista religioso, a questão tem que ser encarada por uma pessoa, realmente, agora... e que eu acho é que as coisas, na prática, muitas vezes poderiam ter soluções bastante vantajosas para ambas as partes e essas soluções não podem ser tomadas, justamente porque um juramento foi feito. Então que acontece? Arrastam-se dois sexos, por uma vida inteira de litígios, de rixas e desagradáveis, como se não fosse possível

REBECA - (CORRENÇÃO) também, ao juramento feito em nome de Deus. Eu não creio, sinceramente, que Deus - tão bondoso e misericordioso - possa ficar satisfeito se eu me mantenha na situação atual, fazendo-se de mim nome e castidade que não impede a saída para uma vida melhor. Talvez esteja errada e acredite no mesmo que antes, mas Deus é o meu verdadeiro modo de pensar.

REBECA - PASSAGEM BIBLICA

LOCUTOR - VÍDEO DE COMERCIAL

REBECA - PASSAGEM BIBLICA

DEMETRIO - Não sei por que Rafael, se via aqui, trazia para mim. Você nunca mais se aproxima, depois dessas coisas? Por que? O que foi que houve?

RAFAEL - (ASUSTADO) Não, pai... não houve nada... é que eu não tenho mais, último momento... estou sempre em casa... Por isso não tenho ido lá...

DEMETRIO - Mas não se faz essa vida que você está fazendo, sem um motivo muito especial. Uma pessoa não se retrai completamente da sociedade em que vive e onde é bem recebida, por motivo de medo, que não é o seu caso, de muitas vezes, que também não é o seu caso, eu entendo por um desgosto íntimo muito grande que, a meu ver, é o que está acontecendo com você, não é, não?

RAFAEL - Ora, pai... e saber nada... por que há de querer fazer-me a tornar a um assunto que me mortifica?

DEMETRIO - Porque acho que você está perdendo todas as chances de modificar uma situação que você deseja, que ele deseja, que a família dele deseja também e que a sociedade inteira espera com ansiedade. Eu não posso compreender um homem como, cheio de vida e saúde, entregar-se diante da vida ao primeiro percalço. Deus, meu filho?!... Mas então você não tem espírito de luta, de conquista? Então você não sabe que a vitória vem por conquistas e não se ganha a palma e que se ganha é que não verdadeiramente a sociedade?

RAFAEL - E o senhor acha que eu não lutei, pai?

DEMETRIO - Acho. Que espírito de luta é esse de abandonar as posições anteriormente conquistadas porque uma outra posição é frente, está custando um pouco mais a se entregar? Lutar não é concordar, baixar a cabeça e retroceder. Eu compreendo a luta de outro modo, Rafael. Não sou por um lado, experimentando-se no outro. Aconteceu aqui, foi-se rachando, vamos fazer um outro ataque, então as posições não estejam tão fortificadas. E assim vai-se avançando, lenta e constantemente, não, porque, para a guerra, não a palavra retroceder não deve existir no dicionário de conquistador.

RAFAEL - Eu sei, talvez o senhor tenha razão, mas acho que ao retroceder, não se tem mais coragem para reconquistar as posições perdidas.

SIMONE - Sobre o seu próximo noivado com Tarcísio, Adélia.

ADÉLIA - VERGASTADA MUSICAL PORRE

ADÉLIA - (PE ABRAX) Porquê? Você faz alguma objeção ao meu noivado com ele?

SIMONE - Não, Adélia, objeção ao noivado das duas não há, mas há uma coisa muito importante para a qual se deseja chamar a sua especial atenção.

ADÉLIA - Qual é?

SIMONE - Você não pode assumir um compromisso definitivo com Tarcísio, para depois deixá-lo de lado, caso a experiência não chegue a convencê-lo.

ADÉLIA - E por que não pode?

SIMONE - Porque Tarcísio não merece isso. É um homem bom, infinitamente bom e con-
fiante, um homem que, por felicidade sua, veio a gostar de você. Se pensa, depois, deixá-lo, com a mesma frieza com que o sente ao deixar de qual-
quer coisa inútil será um crime sem nome que você cometerá. Não a animo a
avancar, para depois obrigá-lo a retroceder. Isso não se faz com ninguém
e menos ainda com um homem digno como Tarcísio.

ADÉLIA - Simone, a que lhe autoriza a fazer de mim um juiz tão pouco apreciável?

SIMONE - O fato de que você, há de mim, não se merece, dizer-se apaixonada por Tar-
císio. Como pode, agora, em tão pouco tempo, fazer uma curva de noventa
graus no seu modo de sentir? Você deve sentir que o seu raciocínio está
pleno de lógica. Você não é má, Adélia, pela contrariedade que é uma menina
boa. Estes conceitos de dizer isto e dizer aquilo são absolutos e não se abatem
com o tempo. Mas se você jogar com a felicidade de Tarcísio e for a ele um golpe
de misericórdia, eu considero completamente a seu modo de pensar a sua vontade.

ADÉLIA - Não, Simone, não se descomode. Eu vou confessar a você uma fraqueza que
ex tive e pela qual cheguei até a falar com você nos princípios de colo-
quialismo de amizade para com você. Eu queria muito que Tarcísio me
se casasse, mas principalmente - e isto eu juro a você, pelo que posso exis-
tir de mais sagrada para mim - que eu não queria que ele se casasse
extraordinariamente. Porque eu queria a gente muito bem e sobretudo
que ele retribuísse os meus sentimentos, mas a verdade é que ele nunca se
casou. E então eu me lembrei de você e de tudo que me disse. E eu me lembrei
de que ele não podia estar de mim e então retornei meus sentimentos. Mas
depois disso eu me lembrei de que eu não queria que ele se casasse
com ninguém - eu tive um descomodamento muito grande, mas nunca
uma dor de cabeça. Então agora? E vai: quando conheci o namorado
Tarcísio, eu verdadeiramente não tinha mais de mim uma grande afecção por ele

S O L I D A O

- Novela de Eric Cramer -

SOR CAPITULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

- DELEGADO - Deixe a carta comigo e vá lá tirá-lo de onde está e deitá-lo no catre. Depois tomaremos as demais providências. Tem quem o ajude, ou precisa de mim?
- CABO - Não senhor, tem gente lá. Agora mesmo chegou o soldado que deveria me render às dezesseis horas. Talvez nem tenha visto, ainda, o que aconteceu, senão já teria vindo aqui, esbaferido.
- DELEGADO - Então vá de uma vez, enquanto eu passo os olhos na carta.
- C/REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE AFASTAM/ PORTA QUE ABRE E FECHA EM SEGUNDO PLANO.
RUIDO DE RASGAR ENVELOPE E TIRAR PAPEL DE DENTRO, ABRINDO-O.
- DELEGADO - (LENDO) Prezado delegado. Deve começar esta carta...
- REGINALDO- (FILTRO) ... começar esta carta, fazendo-lhe uma revelação importante. Existe, entre os homens que trabalham sob as suas ordens, um que não deve merecer a sua confiança. Já foi ele, da outra vez, quem nos auxiliou na fuga e ~~na~~ agora, mais uma vez, se propoz a me proporcionar a mesma oportunidade, desde que eu lhe desse o dinheiro que trazia comigo. Deixei o dinheiro, ele se apossou do meu relógio de ouro, das minhas botas duras e do meu alfinete de gravata e até hoje espero as ~~suas~~ providências que - hoje estou convencido - ele não pretende absolutamente tomar. Saiu-se bem da primeira vez. Desta - parece - teve receio de se perder. Talvez se ~~perca~~ porque, apesar de não lhe ter dito o nome e nem pretender fazê-lo, o senhor terá, agora, elementos para descobri-lo e prendê-lo. Esclareça ainda, para que não lhe peze mais um crime na consciência, que não foi por ter sido ludibriado por ele que resolvi abandonar esta vida. Foi, simplesmente, porque considerei que nem mesmo a liberdade poderia matar o meu tédio e a minha descrença. Agradeça-lhe, com pureza de alma, a consideração que me dispensou e o tratamento humano que aqui recebi, com a única exceção a que já me referi, exceção que poderá deixar de existir, face à minha denúncia e à perspicácia que o caracteriza. Elimine a causa desse única falha no grupo que dirige e poderá considerar injustas quaisquer outras reclamações que lhe possam ser feitas.
- DELEGADO - (LENDO) ... ser feitas. Receba as minhas desculpas e o meu apreço. Reginaldo Augustin. (PAUSA LONGA) A francesa estava com a razão quando o denunciou. Agora estou vendo tudo bem claro. Mas ele não perde por espe

DELEGADO - (CONTINUAÇÃO) rar. Hei de agarrá-lo com a boca na botija e então hei de cobrar-lhe os crimes todos que êle deve à sociedade.

C/REGRA - PORTA QUE ABRE E FECHA EM SEGUNDO PLANO. PASSOS DE HOMEM QUE SE APROXIMAM.

CABO - Pronto, chefe, o homem já está na tarimba. Há alguma outra providência que eu possa tomar?

DELEGADO - Sim, avise ao medico legista que venha constatar a morte e passar o atestado, afim de que se possa providenciar o sepultamento.

CABO - Sim senhor. Onde é que o senhor acha que poderei encontrá-lo a esta hora? Em casa ou no consultório?

DELEGADO - Nem em casa e nem no consultório. Procure-o no clube que ele deve estar lá jogando cartas. E si êle não quizer vir imediatamente, dê um jeito de mandar avisar-me que eu mesmo irei lá buscá-lo.

CABO - Sim senhor. E de lá o senhor quer que volte aqui à delegacia, eu acha que posso ir para casa?

DELEGADO - Não, não... eu talvez precise de você aqui. Vá chamar o médico, depois vá em casa jantar e quando terminar venha aqui.

CABO - Sim senhor, chefe. Com licença.

C/REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE AFASTAM. PORTA QUE ABRE E FECHA EM 2º PLANO.

DELEGADO - E eu vou aproveitar enquanto estou só, para guardar esta carta no cofre. É um documento muito importante para que o traga no bolso, sujeito a perdê-lo. (PAUSA) Bem que a franceza me disse... Ela tinha razão!...

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

LUZA - Você sabe que eu sonhei com Tarcisio esta noite, Manon? Um sonho tão exqu^{is}ito... Ele queria gritar qualquer coisa para nós... fazia fôrça... arregalava os olhos... movia os lábios com desespero e a voz não saia. E nós queríamos, por fôrça, entender o que êle dizia e não conseguíamos.

MANON - Que sonho exqu^{is}ito! Você sabe como o interpreto? Ele quer falar conosco e não pode, por ter perdido o nesse endereço, ou por qualquer outro impedimento desta natureza. Mas você sabe porque sonhou com êle? Porque nós comentamos, no jantar, que êle estava demorando muito a responder a carta que lhe mandamos. Naturalmente essa conversa ficou no seu subconsciente e lhe proveceu o sonho que você teve.

LUZA - É, pode ser, sim. Aliás eu estou muito preocupada com a falta de notícias de lá, você sabe? E não ficarei tranquila enquanto não tiver certeza absoluta de que não estou ~~xxxx~~ correndo perigo.

MANON - De que não estou, não. De que não estamos correndo perigo, porque se você corre, eu então corro muito mais.

LUZA - Mas, por que?

MANON - Óra, Luza e você ainda pergunta? Mas então acha pouco o ódio, a raiva que o Sarará deve ter de mim? Mas nem é bom pensar. Se chega a me botar a mão, na mesma hora me reduz a cadáver.

LUZA - E de mim você acha que ele não tem raiva, constatando que eu sabia o seu endereço e me neguei a fornecê-lo? Nem sei em qual de nós duas ele se avançará primeiro. Acredite bem que em mim.

MANON - Que esperança! Ele não correria o risco de me deixar escapar, enquanto matasse você. Eu seria a primeira, pode estar certa.

LUZA - Você não acha que nós poderíamos tentar uma segunda carta para ele? Ai, depois de quinze dias, se não viesse nada, como até agora, nós já íamos tratando de desertar daqui e arranjar um outro lugar qualquer para nos escondermos. Que é que você acha, Manon?

MANON - Não sei, não. Eu não sou muito apologista das cartas, não. Pense que elas são indícios, ou pequenas pistas que mandamos à retaguarda e servem para sermos encontrados, quando desejávamos que nos deixassem esquecidas.

LUZA - Eu tenho a impressão de que Tarcisio não deixaria de nos responder a carta, no caso que a tivesse recebido. E ainda que tivesse demorado um pouco para respondê-la, já há bem três ou quatro dias que poderíamos ter recebido uma resposta. Não é o que você acha, também?

MANON - Sem dúvida. Mas há ainda a possibilidade de que ele tenha respondido e a carta se haja extraviado. Você sabe, tão bem quanto eu, a anarquia e a desordem do nosso correio em Lagoa Parada. Ou já esqueceu como era aquilo?

LUZA - Esquecer por que? Pois uma vez não bateu lá, por engano, uma carta para a Sociedade Luso Brasileira não sei de onde e a carta não foi parar lá em casa, insistindo o carteiro que Luza, na vila, só havia uma, portanto a carta não podia deixar de ser para mim e caso eu insistisse em não recebê-la, ele a rasgaria e jogaria fora os pedaços. Voltar com a carta não voltaria de jeito nenhum.

MANON - Lembra-me desse fato, sim. E aí, o que foi que você fez?

LUZA - Resolvi receber a carta e depois fui, pessoalmente, devolvê-la ao agente do correio que, no dia seguinte, encaminhou-a ao seu verdadeiro destino.

MANON - Vamos fazer o seguinte, Luza: vamos jogar com a sorte. Esperamos mais três dias. Se ao fim desse tempo o silêncio de Tarcisio continuar, aí então nós escreveremos nova carta, pedindo-lhe uma resposta imediata para acabar com essa apreensão em que vivemos. Combinado assim?

LUZA - Combinado.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.

- SARAH - Dona Angela, a senhora já soube o que aconteceu com o moço Rafael?
- ANGELA - Não sei, não, dona Sarah, o que foi? Não vá me dizer que atentaram contra a vida dele, novamente, ou que ele morreu...
- SARAH - Não, não... nada disto... ele não morreu... mas está muito doente e parece que o médico não está acertando muito bem com a doença dele.
- ANGELA - Quem foi que lhe disse, dona Sarah? A notícia é verdadeira? Não haverá exagero? É preciso saber a fonte da notícia.
- SARAH - A fonte não pode ser mais autêntica, dona Angela. Foi com a empregada dele que eu falei. A Leopoldina. Ela está preocupadíssima. Disse que se o médico não der volta, até amanhã, que ela vai mandar chamar o médico na cidade. Ela quer muito bem a êle. Foram criados como irmãos.
- ANGELA - Coitado do seu Rafael! Mas ela não disse o que êle tem... e que é que o médico desconfia?
- SARAH - Ela disse um nome que eu nem sabia que era doença. Estou até em dizer que Leopoldina se enganou, ouviu uma coisa e disse outra. Isso é muito comum.
- ANGELA - Mas esse nome qual é? Pode ser que a gente mesmo descubra algum que seja parecido.
- SARAH - Espere aí, dona Angela, deixe ver se agora eu consigo me lembrar... tra... tra... tra... Como é que é, Sara, veja se você se lembra... (PAUSA) É tra... tra... ah, não sei, não posso me lembrar agora. Pode ser que depois eu me lembre, de repente e diga.
- ANGELA - Que será isso, meu Deus? Proveniente de que, ela não disse?
- SARAH - Pois se disse eu me esqueci, mas acho que não disse, não. Eu fiquei tão alterada, tão desesperada para correr pra casa e contar a novidade à senhora que acho que derramei a metade pelo caminho. Vou avisar ao mano para êle ir lá visitá-la, a senhora não acha?
- ANGELA - Claro, tem que avisar. Até nós, mesmas, deveríamos ir, mas não sei se Simone estará de acordo. Ela pensa sempre de uma forma diferente da minha...
- SARAH - A senhora vai dizer para ela?
- ANGELA - Pois não sei, acho que pelo menos enquanto estiver preocupada com a festa de encerramento do Grupo, eu não vou dizer nada, porque senão a coitada já não vai ter cabeça para fazer tudo que precisa.
- SARAH - Mas assim que passar a festa, a senhora deve dizer, porque senão ela pode ficar aborrecida comigo por termos esultado a verdade, não acha?
- ANGELA - É... vamos ver como é que as coisas correm entre hoje e amanhã e depois,

ANGELA - (CONTINUAÇÃO) conforme andarem, eu digo a ela a verdade. Se a novidade não aparecer lá pelo grupo e ela já não vier para casa sabendo.

SARAH - Ah, pois é, isso também pode acontecer. Inda mais que tinham outras pessoas na farmácia, quando a Leopoldina falou para mim. A senhora sabe como é... uma vai contando para a outra e em pouco tempo a notícia se espalha por toda a vila.

ANGELA - Eu fiquei tão nervosa com a notícia, que até vou rezar um terço para me acalmar.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

EUDOXIA - Suncê deu o remédio novo que o doutô mandô dá pre ele, Leopoldina?

LEOPOLDINA - Dei, mas até agora não vi melhora nenhuma. Ele continua na mesma sone lência, recusando os alimentos e não querendo nem responder o que a gente pergunta. Se continuar desse jeito mais dois dias, não sei, não. Eu estou tão nervosa... veja como eu tremo... Fui botar remédio na colher, espalhei uma quantidade pelo chão.

EUDOXIA - Suncê num tinha dizido que si êle num amierasse que suncê ia chamá e doutô da cidade mede vim aqui curá êle? Pruquê num manda chamá logo? Manda.

LEOPOLDINA - Pois eu acho que vou mandar, mesmo. Ia esperar até amanhã, mas para dar tempo aos remédios, mas já vi que esses não vão adiantar grande coisa.

EUDOXIA - Eu tambem num faço fé com essas agua que els dão, não. Eu tomei um mucado desse aí e num sinti nada. Nem gosto de remédio.

LEOPOLDINA - Você tomou este remédio, Eudoxia? Mas como é que você vai tomar um remédio que você não precisa dele, criatura? Pode até lhe fazer mal.

EUDOXIA - Pois por aí suncê tá vende. Ele numfeiz nem máli pra mim, vai fazê bem pre duente? Fais nada. Isso aí é umas percaria só pra gente gastá dinheiro na botica. Vai vê, capais intê que xege agua da pena.

LEOPOLDINA - Não, Eudoxia, isso tambem não. Que é isso? Escute aqui, você se anima a ir à cidade, buscar o médico para o seu patrão?

EUDOXIA - Mas i de que jeito? Precisava uma pessoa que me levasse eu. Aí eu ia.

LEOPOLDINA - Pois eu me lembrei de seguinte: você arranjava alguém que guiasse auto novel e ia no carro do patrão. Esperavam o médico, lá e já traziam. Era muito mais rápido e ninguém precisava estar esperando pela hora do trem.

EUDOXIA - Uai, xente, pois eu posse i. Me beto agora mesmo lá pra vila mede arrumá arguem que quera me acompanhar e tocá e artomeve do patrão. Quem é que pde de sê, Leopoldina? Alembra uma pessoa pra gente já i derete.

- LEOPOLDINA - Deixe ver... você poderia ir ao ponto de taxi, na praça, podia ser que os chefes ensinassem alguém. Sinão na oficina mecânica ou até na delegacia de polícia.
- EUDOXIA - Isso mesmo. Eu vou só diadã a minha roupa, que essa tá muito amarrotada pra i na vila e carçá os entre chinele que esses aqui num dá mais pra andã na rua. Se eu encontrã a pessoa eu já venho com ela de a rebeque?
- LEOPOLDINA - Se você encontrar a pessoa, toma um táxi com ela e vem imediatamente.
- EUDOXIA - É o dinheiro pro táxi, como é que vai sê?
- LEOPOLDINA - Eu dou a você, Eudexia, não se preocupe. Vá depressa mudar de roupa, porque até que você chegue lá em baixo e arranje a tal pessoa, temos, pelo menos, umas duas horas pela frente. Ande vá, e mais rápido que você puder.
- EUDOXIA - Eu vou, sim e Nesse Sinhô que me acompanhe, mede eu arrumã logo e que é preciso.
- C/REGRA - PASSOS DE EUDOXIA, SE ARRASTANDO E SE APASTANDO ATE SUMIREM.
- LEOPOLDINA - Si eu pudesse ir, em lugar dela... mas não confio em deixar Eudexia sôzinha com ôle. Na sua santa ignorância ela é capaz de fazer alguma coisa que o prejudique. Eu não posso sair daqui.
- TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL FUNDE COM RELÓGIO DE TORRE BADALANDO DUAS HORAS.
- C/REGRA - CAMPAINHA DE PORTA DE RUA.
- LEOPOLDINA - Óra graças a Deus que chegou uma pessoa. Temara que seja Eudexia. Saiu eram dez horas da manhã e até agora não apareceu de volta.
- C/REGRA - PASSOS QUE SE DIRIGEM PARA A PORTA, SEMPRE EM PRIMEIRO PLANO. RUIDO DE ABRIR PORTA COM CHAVE.
- TARCISIO - Boa tarde, dona Leopoldina.
- LEOPOLDINA - Boa tarde, seu Tarcisio. Entre.
- TARCISIO - Não, obrigado, a demora é muito pouca. A dona Eudexia foi lá na oficina falar comigo, por causa de uma ida à cidade. Eu então vim me oferecer para ir, já que o caso é de doença, parece?
- LEOPOLDINA - Pois o seu Rafael está passando mal, sabe? Mas o senhor não tem que atender a sua oficina?
- TARCISIO - Bem, mas num caso assim a gente deixa tudo. Afinal a gente está no mundo para servir uns aos outros; não é mesmo?
- LEOPOLDINA - Bem, então se o senhor quiser fazer esse favor... onde é que está Eudexia? Não veio com o senhor?
- TARCISIO - Veio, sim senhora. Deu a volta para entrar pelos fundos. Mas ela não precisa ir. Indo sósinhe é ate melhor porque eu posso correr à venda

TARCISIO - (CONTINUAÇÃO) de, sem a preocupação da outra pessoa que está comigo.

LEOPOLDINA - Pois então faça-nos este grande favor e Deus haverá de recompensá-lo por sua bondade. Procure o doutor Germano, na cidade e peça a ele que venha imediatamente, porque, a meu ver, o caso é muito sério e o doutor Brandão não está atinando.

TARCISIO - Está muito bem, pode ficar descansada que dentro de duas horas, no máximo, eu estarei aqui com o doutor Germano. Meu carro ficou lá em baixo.

LEOPOLDINA - Deus o acompanhe e muito obrigado.

C/REGRA - PORTA QUE SE FECHA COM CHAVE. ALGUNS PASSOS. PARA. PASSOS DE EUDOXIA QUE SE APROXIMAM.

EUDOXIA - Ah, suncê tá aí? Pois eu tava procurando suncê pra dizê que já arrumei um pessoa pra mãe i na cidade. E nem precisa o carro de patrão. Ele vai...

LEOPOLDINA - (ATALFANDO) Ele vai, não. Ele já foi. Já bateu na porta, já falou comigo e me disse que dentro de duas horas, no máximo, estará aqui com o doutor Germano.

TÉCNICA - MOTOR DE AUTOMÓVEL LÁ FORA, LIGANDO, ARRANCANDO E SUMINDO.

LEOPOLDINA - Óh... está ouvindo? Ela já vai a caminho da cidade. Que Deus o acompanhe e ele possa voltar logo com o doutor.

EUDOXIA - Que ansim xege, Leopoldina. Que ansim xege.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.

SARAH - (CONTANDO) ... e então o Tarcísio foi lá se oferecer e ~~há~~ duas horas depois estava de volta com o médico. Que gesto bonito; não é mesmo?

ANGELA - Maravilhoso! Mas o que foi que o médico achou do estado de seu Rafael?

SARAH - Achou muito sério. Disse que precisa muito cuidado e que ele mesmo ia ficar de guarda e passar a noite. Parece que só volta amanhã para a cidade, se o rapaz melhorar. Não deve ser pouca coisa, a senhora não acha?

ANGELA - Pois é e eu agora estou pensando se aviso à Simone, ou se não digo nada.

SARAH - Será que ela não sabe? Ontem ~~eu~~ achei-a muito tristonha. Muito preocupada.

ANGELA - Ela anda assim há vários dias, mas não sabe nada, não. Se soubesse teria feito qualquer referência. O que é que a senhora acha que deve fazer, dona Sarah? Ajude-me, por favor.

SARAH - Bem... eu vou dizer uma coisa pra senhora: se a filha fôsse minha, eu já tinha dito tudo há muito tempo. É melhor elas estarem preparadas de que serem apanhadas de surpresa.

ANGELA - Então a senhora me aconselha a dizer tudo a ela?

SARAH - É claro. Vamos que o rapaz não melhore. A senhora já pensou no cheque que essa menina vai ter se acontecer de ser surpreendida com a morte dele, se

S O L I D A O

- Novela de Érico Cramer -

812 CAPITULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA.

SARAH - Uma delas chegou. É Adélia, ou Simone.

C/REGRA - PASSOS DE MOÇA QUE SE APROXIMAM.

ANGELA - É Simone. Só pelo pizar eu conheço. (TOM) Eu não disse que era ela?

SIMONE - (NERVOSA) Boa tarde, dona Sarah. Boa tarde, mãe.

SARAH - Boa tarde, Simone. Como se foi de trabalho?

ANGELA - (EM CIMA) O que é que você tem, minha filha? Está sentindo alguma coisa?

SIMONE - (DESATANDO A CHORAR, PERDIDAMENTE) Mãe, mãe, eu estou desesperada!...

SARAH - Já soube de tudo. Quem foi que disse a você, Simone?

SIMONE - Foi Adélia. Tarcisio foi à cidade buscar o médico. Ele está muito mal!

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL DE GRANDE EFEITO.

ANGELA - Mas minha filha, não fique assim. Deus é grande. Vamos pedir a Ele que salve Rafael.

SIMONE - (ENTRE SOLUÇOS SENTIDOS) O médico disse que é muito difícil... esperaram demais para chamá-lo. Disse que agora não pode responder por Ele...

TÉCNICA - REPETE A VERGASTADA ANTERIOR

ANGELA - Minha filha, o médico não pode, mas para Deus nada é impossível.

SARAH - É claro. Você que é tão religiosa, não pode perder a fé na primeira tropeço. Não esqueça que a fé remove montanhas, Simone.

ANGELA - É, minha filha, é preciso não perder a fé. Vamos rezar um rosário juntas, vámos. A dona Sarah reza conosco; não reza, dona Sarah?

SARAH - Rezo, sim, como não? Quer rezar agora mesmo, eu vou buscar meu rosário, não instante.

ANGELA - Quer, minha filha?

SIMONE - (SEMPRE CHORANDO) Eu queria ir lá, mãe. Queris vê-lo. A senhora me leve!

ANGELA - Leve, sim, minha filha, mas não hoje. Amanhã, de manhã, depois da missa, nós subiremos até Vila Verde, para fazer-lhe uma visita. Por hoje devemos nos limitar a rezar e pedir a Deus, todo poderoso, que o proteja e que permita o seu restabelecimento. Vá buscar seu rosário, vá.

SIMONE - Como é que vou poder passar toda uma noite assim, longe dele, e sem saber o que está acontecendo lá em Vila Verde, mãe? A senhora já deve calcular que eu não vou poder dormir nem um instante.

ANGELA - Vai dormir, sim. A mãe vai preparar um colchete e você vai dormir, minha filha.

SARAH - Se vão sempre rezar juntas e rosário, eu vou num instante lá no meu quarto, buscar o meu.

ANGELA - Vamos, sim, dona Sarah. É bom para ele e será bom para nós também, porque a prece sempre nos acalma.

SARAH - Então com licença. Eu volte já.

C/REGRA - PASSOS QUE SE APASTAM. PORTA QUE ABRE E FECHA EM 2º PLANO.

ANGELA - Vamos, minha filha, pegue o seu rosário também. Há de ver que, quando terminar de rezar, já estará mais calma.

SIMONE - Meu rosário está aqui. (PAUSA E TOM) A senhora já sabia que ele estava doente? Se sabia devia logo ter me avisado, mãe.

ANGELA - Não, minha filha... quer dizer... fiquei sabendo hoje. Estava justamente dizendo à dona Sarah que ia ter que lhe dar a má notícia, quando você chegou. Estávamos, até, estudando a maneira de abordar o assunto para que você não tivesse um choque muito grande.

SIMONE - Tarcísio teve um gesto belíssimo; a senhora soube? A empregada foi lá na oficina pedir indicação de uma pessoa que pudesse guiar o auto de Rafael até à cidade, para buscar o doutor Germano e ele imediatamente se ofereceu.

ANGELA - Tarcísio é um rapaz formidável. Eu sempre disse isto.

C/REGRA - PORTA QUE ABRE E FECHA APASTADA. PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMAM.

SARAH - Pronto, aqui está o meu rosário. Quando quiserem, podemos começar.

ANGELA - Vamos rezar de joelhos. Tem mais valor a oferenda. (PAUSA) Em nome de Pai, de Filho e do divino Espírito Santo...

TECNICA - EXPLOSAO MUSICAL, FUNDE COM PASSAGEM MUSICAL

MANON - (ALVOROÇADA) Luza... Luza, depressa... uma carta para você, Luza, venha logo. O carteiro entregou agora mesmo, venha...

C/REGRA - PASSOS DE LUZA APROXIMANDO-SE QUASI A CORRER.

LUZA - Que aconteceu, Manon? Que baralhada é essa?

MANON - Chegou carta para você. Não ouviu eu dizer?

LUZA - Carta para mim? Upai... Que coisa boa. Deixe ver... (PAUSA) É do Tarcísio mesmo. Ora até que enfim! Eu já estava achando que ela não nos responderia.

MANON - Abra logo e veja o que ele diz. Deixe as considerações para depois. (TOM) Luza, você ficou pateta de repente? Que faz que não abre a carta e não lê?

LUZA - Já vou, Manon. Eu estava olhando a data em que ela foi posta no correio.

C/REGRA - RASGAR ENVELOPE PARA ABRIR, TIRAR CARTA DE DENTRO E DESDOBRAR PAPEL.

LUZA - (LENDO) Minha cara Luza. Recebi sua carta...

TARCÍSIO - (FILMADO) ... Recebi sua carta que não respondi logo porque desejava mandar-lhe notícias bem exatas e para tanto necessitava ir visitar Sarah para

TARCISIO - (CONTINUAÇÃO) ver, com os meus próprios olhos, a sua verdadeira situação e mandar dizer-lhes fielmente. Se vocês o vissem, como eu o vi, não teriam o menor receio dele. A bala atingiu-lhe a espinha e, embora já tenham feito duas operações no infeliz, o estado dele é verdadeiramente desolador e afirma o médico que ele jamais poderá andar, e não ser em cadeira de rodas, caso sobreviva. Vocês não o conheceriam, se o vissem hoje. Aquelo homem forte, musculoso, de olhar vivo e impertinente, não é mais nem sequer de que fei. Seus olhos parecem martos, cansados quando fala com a gente sua voz já não tem mais aquele timbre forte e altaneiro que tanto o caracterizava. Estejam, portanto, absolutamente calmas, porque mesmo que ele viesse a encontrá-las, já não teria mais forças nem mesmo para feri-las. E agora, que já as tranquilizei, permitam-me que fale algumas linhas sobre mim mesmo. Vou tratar casamento no dia de Natal e nunca esse dia custou tanto a chegar. Nem mesmo quando eu era menino e esperava a bola de couro ou o velocípede que tanto desejava. Nesse dia, brinde você com Manon por mim. Envia-lhes um abraço...

IUSA - ... Envia-lhes um abraço amigo e Tarcisio. Ora graças a Deus que não precisemos sair daqui. Eu tinha tanto medo que isto pudesse acontecer... Gostei daqui e estamos ambas muito bem colocadas. Seria uma ~~xx~~ pena se fôssemos obrigadas a abandonar tudo isto.

MANON - De fato. Eu já estava pensando em iras para o Paraguai, mas dizem que a vida lá é tão diferente... Não ideo extranhar, por certo.

IUSA - Por isso, não, porque a gente extranha qualquer mudança. O ruim, mesmo, seria abandonar uma boa colocação para ir aventurar. Poderíamos ser felizes, mas também poderíamos não ser. Que dia que ele disse que vai tratar casamento? Temos que passar um telegrama para ele.

MANON - Temos, sim. É no dia de Natal. Mas você não vai, antes, responder essa carta e agradecer a ele o trabalho que teve por nossa causa?

IUSA - Vou, sim. Mas acho que na carta não devemos fazer referência ao contrato. Na véspera a gente telegrafia que é para o telegrama chegar lá exatamente no dia de contrato. Você não acha bom assim?

MANON - Ótimo! Poderíamos, até, já que agora não corremos perigo, comprar uma lembrança e mandá-la pelo correio. Que lhe parece?

IUSA - É uma boa ideia, sem dúvida. Amanhã já podemos procurá-la para mandar em seguida, afim de que ela chegue às mãos de Tarcisio antes de dia vinte ou os. Você não vai ao centro? Aprevoite e compre, que eu me encarrego de remeter.

LEOPOLDINA - As senhoras sentem-se, por favor e esperem um momento que eu vou perguntar ao médico si ele permite que entrem no quarto de patrão.

ANGELA - Ouça, Leopoldina, nós duas não fazemos questão de entrar. É só Simone.
(BAIXA O TOM) Você explique ao médico que eles são nomeados, pode ser.

LEOPOLDINA - Sim senhor, um momento que eu já volto. Mas sentem-se, por favor. Não fiquem de pé. Eu volto logo.

C/REGRA - PASSOS DE LEOPOLDINA QUE SE APASTAM E SOMEM.

SARAH - Per que a senhora foi dizer que nós não precisavamos entrar, dona Angela?

ANGELA - Porque não precisamos, realmente. Quem interessa que entre é Simone.

SARAH - Mas eu queria conhecer o quarto dele e seria o geito. Agora, se ele manda só ela entrar, eu vou ficar muito desapontada.

ANGELA - Mas tambem não há pressa da senhora conhecer o quarto dele/ e nós pedemos voltar outro dia. Com toda certeza, agora, vamos vir aqui diariamente.

SARAH - Mas eu não aguento essa subida todas as dias, a senhora pensa? Mais tres ou quatro vezes que eu suba, as minhas varizes estão esteuradas.

ANGELA - Vamos esperar, pode ser que nos mandem entrar a todas. Eu tambem gostaria de vê-lo, mas sabe como é, os médicos, em geral, não gostam de muita gente em volta do doente, quando ele não está passando bem.

SIMONE - Ela está demorando tanto, não é mãe? É se o doutor não deixar entrar ninguém? Eu vou ficar tão desesperada de sair daqui sem vê-lo.

ANGELA - Eu acho que o vacô e o doutor vai mandar entrar. Principalmente se souber que vocês são nomeados e se gostam tanto.

SIMONE - Mas como é que ele vai saber, mãe? O homem não pode adivinhar.

ANGELA - Não pode adivinhar, mas vai saber porque eu mandei dizer pela moça, que eu não sou boba. (TOM) Olhe, parece que aí vem ela.

C/REGRA - PASSOS DE LEOPOLDINA QUE SE APROXIMAM.

LEOPOLDINA - O doutor mandou pedir muitas desculpas às senhoras ~~XXXX~~ e disse que depois vem cá explicar as razões porque não pode mandar entrar as três, mas que a moça pode entrar.

SIMONE - Ah, mãe, que susto! Eu fiquei em pânico. Graças a Deus que ele vai me deixar vê-lo.

LEOPOLDINA - A senhora quer vir comigo, dona Simone?

ANGELA - Vá, minha filha e tenha bastante coragem, ouviu? Lembre-se que não pode chegar na frente dele. Nós ficaremos aqui à sua espera. E diga ao médico que nós compreendemos perfeitamente e que não há nenhuma necessidade de vir aqui para nos dar explicações. Vá de uma vez, querida, vá. Ele deve estar à sua espera.

G/REGRA - PASSOS DE LEOPOLDINA E SIMONE QUE SE AFASTAM.

SARAH - (QUEIMADA) E nós e que vamos ficar fazendo aqui? Olhando uma para a cara da outra? Si eu soubesse que era pra isto, não teria vindo. Tinha ficado em casa que eu tinha tanta coisa para fazer, lá.

ANGELA - Mas a senhora veio porque quiz, dona Sarah. Si não quer esperar, a senhora vá que depois eu desço com Simone.

SARAH - Ah, e eu vou sair sósinha da casa de um rapaz solteiro, para depois as mãos linguas me botarem na rua da amargura? Não senhora, não vou. Eu sou velha, mas não sou tonta. Agora eu fico e saio com todos.

ANGELA - Como a senhora quiser.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

SARAH - Puxa vida, que nós estamos esperando há mais de uma hora. Será que se esqueceram de nós? Simone podia se lembrar de vir nos dizer qualquer coisa. Afinal ela sabe que estamos as duas aqui esperando.

ANGELA - Agora ela não deve demorar. A não ser que esteja ajudando alguma coisa.

SARAH - Mesmo assim. Se está ajudando, devia mandar a outra nos trazer notícias. Nós também estamos aflitas.

G/REGRA - PASSOS QUE SE APROXIMAM DE DUAS MULHERES.

ANGELA - Pronto. Aí vêm as duas. Agora nós já ficamos sabendo. Como está ele, filha

SIMONE - O deuter disse que melhorou enormemente com a minha presença e que ele acha necessário que eu fique. Viu falar com a senhora, antes de responder qualquer coisa.

ANGELA - Para você ficar eu terei que ficar também.

SARAH - Mas e eu? Como é que vou voltar sósinha? Eu já lhe expliquei que não posso

ANGELA - Eu levo a senhora lá e volto.

LEOPOLDINA - Nós estamos com o automóvel aí e ~~XXXXXXXXXX~~ um chefe, que o seu Tarcísio nos arranjou para servir por uns dias. Posso mandar levar dona Sarah

SARAH - Mas eu não vou sósinha. Dona Angela vai comigo e depois volta. De automóvel não custa nada.

SIMONE - E inclusive, mãe, a senhora podia aproveitar e trazer alguma roupa para as duas. Vamos que o médico nos faça ficar mais tempo?

ANGELA - É... seria bom. Então você volte para junto dele que nós vamos providenciar o que é preciso.

LEOPOLDINA - É por aqui. As senhoras podem vir comigo.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.

JOANA - Dona Teresa, a senhora sabe que eu estou muito preocupada com a dona Simone

TEREZA - Por que? Aconteceu alguma coisa com ela?

JOANA - Pois não sei, mas estou querendo acreditar que sim. A senhora sabe que, desde que chegou aqui a dona Simone nunca faltou ao colégio; não foi?

TEREZA - Realmente. Chegou a vir algumas vezes deente, quasi se arrastando, mas veio.

JOANA - Pois é. E hoje a senhora sabe o que aconteceu? Veio aí um menino, disse que a mãe dela, avisar que ela não podia vir e que não esperassem por ela. Não disse por que, nem por que não... nem quando poderá vir... eu achei uma coisa assim muito estranha, a senhora sabe?

TEREZA - Eu já sei o que é. Aquele ex-namorado dela está passando muito mal. Disse que até mandaram buscar um médico na cidade porque o daqui não estava acertando. Com certeza ela está triste, talvez até chorosa, e não quer que a gente veja.

JOANA - É, pode ser... mas é bobagem não querer que a gente saiba, porque a gente está vendo...

TEREZA - Pois é, mas sabe como é coisa... tem a sua vaidadinha, e seu amor próprio... ela dizia que não gostava mais dele, quando ele estava de namoro com a Adélia... se alguém a vir chorar, agora, não deixa de ser uma confissão.

JOANA - Eu estou até com vontade de dar uma chegada lá para saber. O que é que a senhora acha?

TEREZA - Acho que pedes ir, tanto mais que ele nunca faltou, por pouca coisa também não deve ser. E se ela estiver precisando de ajuda, pedes ficar lá, Joana, que eu aqui me arranjo com a Adélia.

JOANA - Não senhora, ficar lá eu não vou ficar. Vou só saber o que houve e voltar, na mesma hora. Pense dizer que foi a senhora que mandou?

TEREZA - Pedes, é claro, mas que ela não pense que eu achei ruim ela faltar. Disse que mandei, justamente, porque ela podia estar precisando de alguma coisa.

JOANA - Não se preocupe que eu explicarei bem direitinho a ela ou à mãe dela. Vou mudar o meu vestido, num momentinho e eu seguida vou.

TEREZA - Por que mudar de vestido, Joana? Esse vestido está tão direitinho. Nem si quer está amarrado. Você betou hoje.

JOANA - Pois é, mas a casa de dona Sarah é muito no centro, a gente passa pela porta da confeitaria, do armazem, das lojas e tem sempre tanta gente... Eu prefiro ir mais arrumadinha, se a senhora não se importa.

TEREZA - Por que hei de me importar, Joana? Você tem cada uma. Eu só disse que esse vestido estava bom - e realmente está - para você não ter o trabalho de trocá-lo. Apenas por isto. Mas vá de uma vez, ande.

JOANA - Eu vou, sim, eu vou. Até logo então, dona Teresa, que dali de meu quarto eu já saio pelos fundos do Grupo que sempre economize caminho.

TEREZA - Até logo. Vai com Deus.

C/REGRA - PASSOS DE JOANA QUE SE AFASTAM E SOMEM.

TEREZA - Joana tem razão de estar preocupada. Eu também estou ficando. Simene não faltaria por pouca coisa. É bem, mesmo, que ela vá lá saber.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

SARAH - Mas não me diga que a senhora ainda não soube da grande novidade! Toda a vila comenta. Aconteceu hoje de manhã e acho que só a senhora é que ainda falta ficar sabendo.

JOANA - Meu Deus, o que será?! Diga logo, dona Sarah que eu estou aflita.

SARAH - Pois o namorado dela adoeceu gravemente. O médico daqui não conseguiu dar volta e o homem sempre piorando. Chamaram o médico da cidade. Foi o seu Tarcísio que foi buscar o médico com o automóvel de seu Rafael. O seu Tarcísio, hein? Ele que nem se dava com o outro, por causa de Simene. Mas como eu estava dizendo, o seu Tarcísio foi buscar o médico. O médico veio e declarou que o caso era muito sério. Ai nós fomos lá fazer uma visita. Não nos deixaram entrar, nem a mim, nem à dona Angela. Mas Simene entrou. Pois você acredita, criatura, que só a presença de Simene melhorou o homem de uma maneira tal que o médico não o deixou sair. Ela está lá de plantão e dona Angela ao lado dela.

JOANA - Não me diga, dona Sarah!... Então o homem estava definhando de amor, pelo que a gente vê. Mas isso nem se usa mais, a senhora não acha?

SARAH - Ah, não diga isso, Joana! Como é que não se usa? Usa-se sim! Eu acho uma beleza! Fiquei tão excitada que o mano até já me advertiu por causa de xá ridículo. Disse que uma senhora da minha idade deve ser mais discreta ao exprimir suas emoções. Mas você sabe o que me fez lembrar? Os livros que eu lia, quando era menina. "Arabela, a que morreu de amor". "O neivado do sepulcro" "A vida por seu amor". Que livros maravilhosos! Basta dizer que faz mais de trinta anos que se li e sou capaz de contar direitinho todas elas, sem emitir um detalhe!...

JOANA - Quer dizer que Simene vai ficar lá ao lado de rapaz enquanto ele estiver doente? A senhora não sabe?

SARAH - Não sei, mas acredito que sim. O doutor não deixou ela se afastar da cabeceira dele. Tente que dona Angela veio em casa buscar umas roupas e mandou um menino avisar lá no Grupo. Ele não foi?

JOANA - Foi, sim senhora. Justamente por isso é que estou aqui.

SARAH - Com certeza hoje de tardesinha, eu vou ter novas notícias. Se a senhora quiser passar aqui, de noite, eu já posso lhe dizer alguma coisa.

JOANA - Eu passo, sim. E se a senhora chegar a falar com ela, eu com dona Ângela, faça o favor de dizer que dona Tereza mandou dizer que ela não se preocupe com os deveres lá do Grupo porque ela atende.

SARAH - Ah, está bem. Então diga à dona Tereza que muito obrigada. Ela vai ficar satisfeita. E reze para que tudo acabe bem, dona Joana. Eu estou louca para ver um casamento aqui na vila. É a coisa que eu mais gosto de ver e há tanto tempo que não sei um...

JOANA - Vou rezar, sim, vou rezar. Vou pedir a Deus que a senhora possa ter essa alegria.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

TARCISIO - Ué! De quem será esta carta? Não estou conhecendo a letra.

C/REGRA - RASCAR ENVELOPE, TRAR PAPEL DE DENTRO E DESDOBAR.

TARCISIO - Ah, é da Manon. Que será que ela quer? (LENDO) Prezade amigo Tarcísio. Esta carta é portadora de uma ordem...

MANON - (PILETO) ... portadora de uma ordem que envie através do Banco de Estado, para que você devolva, por mim, ao Sarará, a importância de tudo aquilo que era dele e que eu vendi, antes de fugir daí. Tendo sabido, por sua carta, que ele está doente e não mais poderá andar, senti remorso de guardar esse dinheiro que, agora, poderá muito bem estar lhe fazendo falta. Por isso peço-lhe o grande favor de entregar a ele, em meu nome, o total da ordem, mas sem dizer onde me encontre. Você que foi, sempre, tão bom camarada nesse e depois se revelou um amigo prestimoso, não há de me recusar este favor. Diga a ele que mande ~~XXXXXXXXXX~~ ^{oitenta} mil cruzeiros a mais de que apurei e que devem ser tomada à conta dos juros pelo tempo em que tive o capital nas minhas mãos. Eu precisava fazer isto para ficar com a minha consciência completamente descansada. Preste-me mais este favor e terá a minha perene gratidão. Luza manda-lhe um abraço amigo e seus votos de muitas felicidades. Receba também...

TARCISIO - Receba, também, a minha gratidão e o meu abraço, Manon. (PAUSA) Segundo me disse o delegado, entem, Sarará não terá mais que des de quinze dias de vida. Entregando-lhe esse dinheiro, agora, que ele já ^{de} mais nada precisa, para quem ficará depois? Vou ~~XXXXXX~~ entregá-la à Siama, como uma doação de Sarará ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ à casa de Dona Clara e escreverei a Manon dizendo-lhe que ele fez essa doação. Será muito melhor.

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL PARA ENCERRAMENTO DO CAPÍTULO.

S O L I D A O

- Novela de Eriice Cramer -

82º CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE FUNDE COM RUÍDOS DE OFICINA MECÂNICA EM BG.

MANON - (FILHO) Eu precisava fazer isto, para ficar com a minha consciência completamente descansada. Preste-me mais este favor e terá a minha perene gratidão. Luzia manda-lhe um abraço amigo e seus votos de muitas felicidades. Reciba também...

TARCISIO- Reciba, também, a minha gratidão e o meu abraço. Manon. (PAUSA) Segundo me disse a delegação, então, Sarará não terá mais que dez ou quinze dias de vida. Entregando-lhe esse dinheiro, agora, que ele já de mais nada precisa, para quem ficará, depois? Vou entregá-lo à Simone, com uma doação de Sarará à casa de Dona Clara e escreverei a Manon, dizendo-lhe que ele fez essa doação. Será muito melhor. As mensal e dinheiro ficará para uma causa útil. Aqui está o recibo da ordem de pagamento. Quatrocentos e setenta mil cruzeiros. Vou deixar, por enquanto, o dinheiro no banco, até resolver, em definitivo, como farei. Talvez converse, antes, com Adelia. Ela me ajudará

ADELIA - (APASTADA) Uh, uh!...

TARCISIO- Que é isso? Vai passando de largo? Eu estava pensando em você. Venha cá que eu preciso falar-lhe.

G/REGRA - PASSOS DE MULHER APROXIMANDO-SE EM CIMENTO.

ADELIA - Você não imagina como estou de serviço. Principalmente atendendo a parte de Simone, que há dois dias está de plantão lá em cima, como você sabe.

TARCISIO- Não teve notícias dele hoje?

ADELIA - Inda não. Só depois de ^{uma hora} ~~uma hora~~ é que Janna vai ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ saber. Quando eu entro no colégio, ela vai. E as notícias lá de cima não chegam lá em casa antes das duas, de forma que quando chegam eu já sei. Mas por que você estava pensando em mim, diga.

TARCISIO- Porque recebi esta carta e gostaria de ouvir a sua opinião sobre o que de eu va fazer.

ADELIA - De quem é essa carta e de que trata?

TARCISIO- Leve-a para o colégio, leia e depois nós conversaremos.

ADELIA - Eu vou levar, então e na hora de recreio passe os olhos nela.

TARCISIO- Pense no que você faria, no meu lugar, sabendo que Sarará não terá mais que dez ou quinze dias de vida e que esse dinheiro se perderia.

ADELIA - Muito bem. Vou pensar. Até logo, então, querido. A que horas você vai lá?

TARCISIO- Nunca pense lhe dizer ao certo. Depende muito do movimento aqui. Se puder

TARCISIO - (CONTINUAÇÃO) sair cedo, vamos dizer... até às sete horas, e mais tardar oito e meia estarei lá com você. É só o tempo de ir em casa tomar um banho, mudar de roupa, jantar e chegar lá.

ADELIA - Está bem, querido, eu vou esperar você. Faça força para ir cedo.

TARCISIO - Farei, pode estar descansada. Ninguém tem mais interesse neste de que eu.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.

LEOPOLDINA - A senhora não vai entrar para vê-lo, dona Ângela? Ele perguntou pela senhora, não faz muito.

ANGELA - Não vou entrar, não. Quando estive de manhã, ele estava dormindo, agora não vou, porque ele fica conversando o médico acha que não deve.

LEOPOLDINA - Mas ele hoje está bem melhor, com a graça de Deus. O doutor até disse que ~~mas~~ já volta para a cidade amanhã, porque acho que não será mais preciso a vigilância dele, ainda mais tendo uma pessoa como dona Simone para tomar conta de tudo.

ANGELA - Mas amanhã eu depois Simone terá que ser substituída por mim no seu posto atual, por causa dos exames no Grupo. A diretora foi muito delicada e não deu dizer a ela que não se preocupasse, mas também não é justo que ela abuse, a senhora não acha?

LEOPOLDINA - É, sim, a senhora está com a razão, mas o patrão vai extranhar muito a falta dela. Um pequenino que ela se afasta do quarto ele já está reclamando e perguntando por ela.

ANGELA - Não sabe se ele comeu os ovos moles que eu fiz hoje de manhã?

LEOPOLDINA - Comeu sim senhora. Gostou muito. Até repetiu. Dona Simone estava meio assustada com receio de que não lhe fizesse bem. Parece que comeu três vezes, imagine a senhora.

ANGELA - É, então gostou mesmo. E a dona Eudoxia que eu ainda não vi, hoje?

LEOPOLDINA - Esteve toda a manhã deitada, com dor de cabeça. Há pouco que se levantou. Ela abuse das próprias forças, a senhora sabe? Dona Eudoxia está com quasi noventa anos, mas não há quem a convença a poupar-se. Sabe o que ela diz? Que tem trinta e seis. (RIEM AS DUAS)

ANGELA - Mas ela diz brincando, eu penso realmente ter essa idade?

LEOPOLDINA - Não sei. Ache que é um princípio de caduquice. (BAIXA O TOM) Mas cuidado que ela venha vindo aí, pelas suas costas. Não vá dizer alguma coisa que ele ouça e possa ficar desconfiado.

C/RECREA - PASSOS DE EUDOXIA, SE APROXIMAM, LENTOS E ARRASTADOS.

ANGELA - Olé, dona Eudóxia, melhorou? Eu estava perguntando pela senhora agora mes-
me. Senti a sua falta, durante toda a manhã.

EUDOKIA - Pois eu tive uma dô tão forte na cabeça, que cheguei a pensá ~~xxx~~ de enmalu-
quecê. A Leopoldina me deu um chô, eu tumei ôle, fiquei deitada intê age-
ra e foi o geito. Também é brincadeira suste que o patrão deu na gente?

ANGELA - Ah, pois é. Eu ia dizer justamente isto. Quando se leva um suste muito gra-
de, na hora a gente não sente as consequências; vai sentir leis ou tres di-
as depois. Com toda a certeza foi o que lhe aconteceu.

LEOPOLDINA - E depois ela é teimosa... não se paupa... quer fazer tudo... resulta
nisto. Si ela me atendesse, já antes tinha ficado em repouso.

EUDOKIA - Como é que a gente vai pudê ficar deitada emriba de uma cama, sabendo que
toda mundo tá às verta com o patrão, fazendo uma coisa ou outra; a sinher-
num acha? Eu sei que num posso fazê muita coisa, mas alguma sempre eu vô
fazendo, tendo de irô. Na cama num posso fazê. A sinhera num acha que eu
tô ca rezão, dona Anja?

ANGELA - Bem... com a razão eu não posso dizer que esteja, mas compreendo a sua in-
tenção e o seu comportamento, porque acho que também eu não poderia me dai-
tar, sabendo que as outras estavam todas correndo, trabalhando e se enfor-
çando. A gente fica constrangida.

EUDOKIA - Tá tá vende Leopoldina? Tá uvinda? A dona Anja compreendeu i que eu fiz.
Suncê ficou matraquilando nos meus ~~xxx~~ uvindo, achando que eu tava corrada
e ele disse que também era capaz de tê fazendo assim. Essa gente neva
num qué compreendê os mais vóis, sabe dona Anja? Por isso é que eu apre-
ceio o patrão. O patrão é meu vóis. Ele compreende as necessidades da gen-
te e nunca arresinga nem matraquia pelas coisas que a gente faz. A sinhe-
ra apreciava vô a paciência que ôle tem com o seu figô, e pai de Leoper-
dina. Ele é duente de pensamento, é verdade, mas ôle que incomoda esse ho-
me que num é brincadeira. Nunca o patrão achô ruim. Agora ôle num tá inco-
modando tanto, ~~vôis~~ que o patrão botô ôle lá nos funda de campo, numas pe-
ça que tem lá de materis e botô a sia Sibirina e a merião ~~vôis~~ cuidô dele.
Mas andô aqui drente de casa, pensando e fazendo coisa da criança que
às vois a gente intê tinha que arrenegá com ôle. Pois o patrão nunca arre-
negô. Isso é um home santo que tá emriba de nossa cama. Quando o doutô
disse que ôle tava muito ruim e podia intê morrer, eu fui lá no artô da X
Nossa Sinhera ofereô de iracô a minha vida de ôle. Acha que a Nossa Sinhe-
ra accitô praquê ôle amierê logo, bem digere.

ANGELA - É... foi tanta gente a rezar pela vida de seu Rafael que parece mesmo que Deus Nesse Senhor se apiedou dele. Agora, mais uns três ou quatro dias, se Deus quiser, ele estará bem e já começará a andar.

TEREZA - PASSAGEM MUSICAL

TEREZA - Eu já era para ter vindo antes, mas aconteceu que com a falta de Simone, nós ficamos mais sobrecarregadas de serviço e quando terminávamos a verificação das provas, já estava começando a escurecer. A senhora vê, para vir-se aqui, tão longe, sem condução, é preciso vir cedo, por causa da volta.

ANGELA - É, sim. Depois que escurece o caminho é muito certo para se andar uma distância tão grande. Leopoldina diz que não há perigo, que nunca aconteceu nada por aqui, mas assim mesmo a gente fica com receio, não é?

TEREZA - É claro. Adélia queria vir, também, mas não foi possível. Aliás, ela é que ficou verdadeiramente com tédio e trabalho de Simone, mas a senhora precisava ver com que boa vontade e faz. Mandou até um recado a Simone: que ela não se preocupe com as faltas porque ela, lá, vai aguentando e galhe.

ANGELA - Simone vai ficar satisfeita de receber esse recado; ela gosta tanto de Adélia. A gente não podia dizer nada, um pequena observação que fesse que ela já saltava em defesa da colega.

TEREZA - É, elas de dão bom, dá. Felizmente, porque seria muito desagradável se não se fossem e tivessem que trabalhar juntas. Será que eu posso falar com ela dona Angela? Gostaria de vê-la e dar-lhe o recado da Adélia.

ANGELA - Eu também que a senhora mesma desse esse recado, mas a senhora sabe que ele não deixa Simone sair de perto da sua cama um instante que seja? Ela só pode sair quando ele está dormindo. Se ele estiver, agora, ela pode dar uma escapada até aqui, mas estando acordado, ninguém tira Simone de lá.

TEREZA - Não, não, então a senhora deixa. Eu não imaginei essa situação, não teria pedido para vê-la. Faça o seguinte, então: transmite-lhe a senhora mesmo o recado de Adélia e diga a ela que nós estamos fazendo votos pelo pronto restabelecimento de seu Rafael, para que ela possa voltar ao nosso Grupo.

ANGELA - Sim senhora, dona Tereza, eu darei o seu recado. Ela vai ficar muito contenta com a sua visita. Ela gosta da senhora; sabe?

TEREZA - Certada! Gosta de mim porque é boa, porque no princípio eu fiz a pobrezinha passar trabalho. Mas depois compreendi que estava errada e hoje procuro compensá-la dos meus tratos iniciais.

ANGELA - Ela não se lembra mais disso, dona Tereza. Simone tem uma grande qualidade não é rancorosa. Um sorriso... uma palavra amável, apaga tudo que a pessoa possa lhe ter feito de ruim.

TEREZA - Porque ela é verdadeiramente boa, a coitada. Ah, diga-lhe que a Jeana também lhe mandou um abraço e que assim que puder, virá vê-la.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.

DELEGADO - Eu fiz questão que o senhor viesse aqui comigo, Padre Demétrio, porque, como tudo isto vai ser, provavelmente, dada pelo governo a casas de caridade, para que o senhor veja tudo que lhe interessa para a casa das crianças desamparadas, que eu entrego ao senhor e não faço constar na relação. Eu sei que este era o desejo de Madame Margot, porque a sua Gerente, a Luza, em conversa comigo me disse, mas acontece que ela não deixou nada escrito e a gente não sabe onde estas coisas irão parar. Afinal é muito mais justo que elas fiquem aqui, onde foram compradas à custa da exploração da gente da terra, do que irem sabe Deus para onde e talvez, até, para gente que não precise tanto.

DEMETRIO - Foi uma boa lembrança sua, seu Laurence. Aqui tem muitas coisas que lá nos fazem falta. Este refrigerador comercial, por exemplo, vai ser de grande valia para nós. A louça toda... os talheres... panelas... liquidificador... torradeira... todos esses aparelhos elétricos que hoje custam bastante caros e que nós não poderíamos comprar.

DELEGADO - (COMO QUEM ESTÁ ANOTANDO) panelas... liquidificador... torradeira... não quer os ventiladores também? Existe tres.

DEMETRIO - Para princípio de conversa, seu Laurence, eu quero tudo que o senhor quiser me dar. Quer ver uma coisa que nos será muito útil? A roupa de cama. Todos os lençóis o senhor pode me mandar que vão ser muito bem aproveitados.

DELEGADO - (ANOTANDO) lençóis... enceradeira... aspirador de pó... roupa de mesa...
louças... copos... (TOM) Copos tem uma batelada.

DEMETRIO -vão nos servir muitíssimo. Um armário também seria interessante. Um com bastantes gavetas que então nós faríamos o depósito da roupa de cama. Deixe ver as gavetas daquele ali...

C/REDA - PASSOS DOS DOIS EM PRIMEIRO PLANO. RUIDO DE ABRIRE VÁRIAS GAVETAS.

DEMETRIO - Este aqui é bom. As gavetas são amplas e profundas. Bem como eu preciso.

DELEGADO - Um momento, padre, um momento. É correspondência que tem aqui? (PAUSA)
É. E aqui tem uma carta que já me interessa.

DEMETRIO - Uma carta? O senhor encontrou aqui uma carta que lhe interessa?

DELEGADO - Sim. Uma carta de um dos meus guardas, pedindo dinheiro à Madame Margot. O senhor não sabe o valor que essa carta vai ter para nós.

- DEMETRIO - Então, meu amigo, convença-se que foi Deus quem me fez abrir as gavetas deste armário. É assim que Ele trabalha.
- DELEGADO - Isto aqui é uma prova que vem confirmar uma outra denúncia que já me foi feita anteriormente e que eu aguardava uma oportunidade de constatar. Deve ter sido a mão de Deus, mesmo, que me apontou esta prova. (TOM) Bem, mas vamos continuar vendo se há mais alguma coisa que possa interessá-lo.
- DEMETRIO - Se não fôsse pedir muito, eu lhe pediria aquele lustre de cristal para a nossa capelinha que ainda não tem nenhum.
- DELEGADO - (ANOTANDO) Lustre de cristal... Não quer o tapete também para a capela? É, vamos betar. (ANOTANDO) Tapete azul grande... Lâmpadas também é uma coisa que o senhor deve precisar muito. E estão caras...
- DEMETRIO - Boa ideia. Mande-me as lâmpadas, também. Inda ontem tivemos que tirar uma da cega para betar no banheiro porque a de lá queimou.
- DELEGADO - (ANOTANDO) Lâmpadas... E o fogão? Não lhe serve?
- DEMETRIO - Fogão nós temos um bem novinho que recebemos de dona Alcinda, por uma promessa que ela fez quando a filha esteve doente.
- DELEGADO - Bem, na hora de lhe mandar estas coisas todas, se aparecer mais alguma coisa que eu veja que vai lhe servir, eu mando também.
- DEMETRIO - E eu rezarei uma missa por alma de dona Margot, ceitada.
- DELEGADO - Uma missa? Para aquela será que adianta uma missa?
- DEMETRIO - Se não adiantar muito, pelo menos um penquinho há de adiantar. Não custa rezar-se por quem precisa. Se cada dia, cada um de nós rezasse uma prece por uma alma que estivesse em agonia... quantas almas nós salvaríamos!

TECNICA - PASSAGEM MUSICAL.

- SIMONE - Como se sente hoje, meu amor?
- RAFAEL - Estando perto de você estou sempre bem, querida. Só quando você se ausenta é que fico horrivelmente. Chego a pensar que vou morrer de tédio.
- SIMONE - Sabe que amanhã estou pensando retornar ao meu serviço no Grupo Escolar?
- RAFAEL - Amanhã, já? Por que não demora mais uma semana? A próxima diretora veio dizer que você não se preocupasse...
- SIMONE - Mas exatamente por isso, parece-me que não deve abusar. Depois é fim de ano, há uma quantidade de coisas a fazer. Eu estava preparando a festa de encerramento de ano letivo, quando você adoeceu, eu malhei, quando fui saber que você estava doente. Larguei tudo e vim para cá. Não sei como é que ficou aquilo lá. Naturalmente Adélia está à testa dos trabalhos, mas é muita coisa para ele sozinho, ceitado. Por muito boa verdade que tenha.
- RAFAEL - É mas pensa! Como é que eu vou ficar tantas horas afastado de você? Digo?

- SIMONE - Empregue seu tempo em alguma coisa que ele passa muito mais depressa. Chegará tantas livres novas para você, nesta semana. Há muito o que ler. Quando se aborrecer-se, pare e ligue a eletrela. Depois, ainda, receba visitas e distraia-se conversando com elas. Ouvindo e contando coisas. Quando você ~~xxxxxxx~~ se der conta, o tempo passou voando e estará na hora da minha visita.
- RAFAEL - Você promete que virá sempre me visitar? Todas as noites?
- SIMONE - Todas as que puder, porque recomeçando o trabalho, vão recomeçar, também, os meus deveres, pelo menos até o dia em que entrarmos em férias.
- RAFAEL - O quê?!... Você está querendo dizer que não virá todas as noites? Não pode ser. Eu já lhe disse antes que vou deixar o chefê aqui em casa, até que eu esteja completamente restabelecido e possa voltar a tomar conta do guidão. Ele irá buscá-las à tardinha e as levará de volta lá pelas dez e meia, mais horas da noite. Assim não haverá o pretexto da distância e da falta de companhia.
- SIMONE - Guça, querida: faltam poucos dias para as férias. Até lá você não poderá contar muito comigo, mas dali para diante eu ficarei inteiramente ao seu dispor, para lhe fazer companhia. Já pensei, até, em trazer o fichêris da Casa de Dona Clara para cá e ir trabalhando com você, nas pequinhãs, para que o cerviço não fique parado. Você não acha uma boa ideia?
- RAFAEL - A melhor ideia, ou melhor, a única ideia que eu tenho é a de me casar com você, o mais depressa que possa. Será que sua mãe consentiria em que nós tratássemos casamente no dia de Natal, para casar dois meses depois?
- SIMONE - Dois meses, só?!... Nessa! Dois meses não dá tempo para se fazer quasi nada. E eu preciso de enxoval, não se esqueça. Tenho que mandar fazer roupa de mesa... roupa de cama... roupa interior para mim... vestidos, comprar sapatas... tem uma série de pequenas coisas que me rebarbão, pelo menos uns seis ou oito meses.
- RAFAEL - Seis ou oito meses?!... Ah, mas eu não vou esperar tanto tempo assim, tenho dó. Você precisa dar um jeito nesse tal de enxoval. Não se pode comprar isso pronto?
- SIMONE - Muita coisa pede-se, mas nem sempre é tão bonita, além de que fica muito mais caro.
- RAFAEL - Isso não entra em conta. Amanhã eu quero conversar com sua mãe, para aceitar esses detalhes, afim de que ela já vá adiantando alguma coisa, por conta. Ache que, com boa vontade, em três meses nós poderemos nos casar.
- SIMONE - Ache que não. Pergunte à mãe, amanhã e euço e que ela diz. Si ela concordar...

RAFAEL - Ah, vai concordar, sim. Tem que concordar. E sabe o que pensei? Vamos fazer uma viagem de núpcias. Você vai ter que escolher entre Europa ou Estados Unidos.

SIMONE - Que bom! Eu vou dizer a você que não sei qual das duas viagens escolherei.

RAFAEL - Bem... se você tiver muita dificuldade na escolha, eu darei um jeito.

SIMONE - Que jeito?

RAFAEL - Faremos a triangular. Iremos à América do Norte e depois à Europa.

TÉCNICA - PASSEIO MUSICAL

SIMONE - Você não imagina a praxe com que eu recebi. Vou fazer a mãe dizer o que foi que eu disse, hoje de manhã, quando fiquei sabendo que vocês vinham me visitar. Diga mãe.

ANGELA - Ela disse que depois de ver Rafael bem, era esta a sua maior alegria.

TARCISIO - Mas a nessa visita tem duas finalidades, Simone. A primeira é fazer entrega a você de um dinheiro que Manon, uma pequena que viveu ~~uma~~ muitos meses aqui, na boate de Madame Margot, resolveu dar à Casa de Santa Clara...

ADELIA - (CORRIGINDO) Casa de "dona" Clara, querida.

TARCISIO - De dona Clara, sim. Eu sempre me engano. E a segunda finalidade é Adélia quem vai fazer a você, a meu pedido. Diga, querida.

ADELIA - A segunda é participar a você, Simone, antes de qualquer outra pessoa, que no próximo Natal ficaremos naives. Eu e este bruxo aqui, que me enfeitou
(TODOS RIEM DA GRAÇA DE ADELIA.) *Chama "Paukku"*

SIMONE - Bem, então eu devo dizer a você que esta notícia tão alvorenha vai completar a minha felicidade porque nós também, no mesmo dia, trataremos os assuntos. ~~Chama "Paukku"~~ (GRANDE ALEGRIA DE TODOS, INCLUSIVE DE ANGELA QUE NÃO SABIA) Também você está sendo os primeiros a saber, agora, juntamente com mãe. Olha o cara dela. Ela ainda não sabia.

ANGELA - Não sabia, não, minha filha e você não poderia me dar uma notícia mais grata. E já que as duas escolheram o mesmo dia, por que não fazem uma festa junta? Seria bonito; não acha?

ADELIA - Não gostaria muito, mas talvez papai ~~queria~~ queira que a festa seja feita a dois, na casa dela... aí então seremos obrigados a viajar.

SIMONE - Não faz mal. De qualquer maneira estaremos juntos no pensamento e havemos de ser, ambas, muito e muito felizes.

ANGELA - Que assim seja, minha filha!...

TÉCNICA - EXPOSIÇÃO MUSICAL ADELIA, SIMONE ETC. FUNDE COM CARACTERÍSTICA MUSICAL PARA ENCERRAMENTO DO CAPÍTULO.

S O L I D A O

- Revela de Erice Gramer -

83º CAPITULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

- ADELIA - Vim participar a você, Simone, antes de qualquer outra pessoa, que no próximo Natal ficaremos noivas. Eu e este bruxo aqui, que me enfeitou. (TODOS RIEM DA ADELIA E DIZEM PARABENS)
- SIMONE - Bem, então eu devo dizer a vocês que esta notícia tão alvissareira vai completar a minha felicidade, porque nós também, no mesmo dia, trataremos o casamento. (GRANDE ALEGRIA DE TODOS, INCLUSIVE DE ANGELA, QUE NÃO SABIA). Também vocês estão sendo os primeiros a saber, agora, juntamente com mãe. Olhem a cara dela. Ela ainda não sabia.
- ANGELA - Não sabia, não, minha filha e você não poderia me dar uma notícia mais grave. E já que as duas escolheram o mesmo dia, por que não fazem uma festinha juntas? Seria bonito; não acham?
- ADELIA - Nós gostaríamos muito, mas talvez papai queira que o pedido seja feito a ele, na casa dele... aí, então, seremos obrigadas a viajar.
- SIMONE - Não faz mal. De qualquer maneira estaremos juntas em pensamento e havemos de ser, ambas, muito e muito felizes.
- ANGELA - Que assim seja, minha filha!
- ADELIA - Que assim seja, mesmo. (TOM) Sorte não nos faltou, hein Simone? Pensamos e que havia de melhor em lugar parado.
- SIMONE - É verdade. As noivas daqui não devem nos olhar com bons olhos. Ah, Tarcísio eu me lembrei agora. Rafael quer convidar você e Adélia para um jantar lá na Vila Verde, além de lhe agradecer o que você fez por ele. Agora que eu deixei lhe contar. Você precisava ver como ficou comovido. Olhou para mim com os olhos brilhando de emoção e disse assim: você tinha razão, mesmo, quando dizia que não existia certeza melhor que a de Tarcísio.
- TARCÍSIO - Ora, por favor, que é isso, Simone? Qualquer de faria o que eu fiz. Afinal estamos no mundo para servir uns aos outros, como diz o Padre Demétrio.
- SIMONE - Isso é verdade, sim, mas não são todas que pensam desse modo. Há pessoas que não movem uma palha em favor dos outros, principalmente existindo uma razão qualquer que possa justificar a sua displicência. E essa razão existia, para você, se você não fosse tão bom.
- ADELIA - Você parou de falar na bondade de Tarcísio, Simone, porque acabou por me deixar complexado, ou então recessa de responsabilizando que irei assumir.

TARCISIO - Pois bem, então para acabar com os elogios ou então desviá-los, vou lhe fazer entrega do cheque que foi remetido para a casa de Dona Clara, aos meus cuidados. Aqui está.

SIMONE - Uai... quasi meio milhão?!... Imagine, não é, um donativo de quatrocentos e setenta mil cruzeiros, para as obras da Casa de Dona Clara. Quem enviou esse dinheiro?

TARCISIO - Uma moça que trabalhava aqui, primeiramente na boate de Madame Margot e depois saiu de lá e botou uma outra boate por conta própria. A boate do so brado. Agora, não sei por que razões, resolveu fazer essa doação e escolheu-me para ser o portador.

ANGELA - Naturalmente porque sabia que mandando por seu intermédio, a importância chegaria ao seu verdadeiro destino.

TARCISIO - Ela não podia ter assim tanta certeza, porque não se conhecia sinão superficialmente, como rapaz que ia à boate dançar e divertir-se algumas vezes.

SIMONE - Às vezes não é necessário que se conheça muito a fundo as pessoas, para se saber com certeza o que elas são e outras vezes vive-se uma vida inteira ao lado de uma determinada criatura e não se chega a conhecer bem essa criatura.

ADELIA - Isso também é verdade, mas não reste nenhuma dúvida que tanto uma coisa, como a outra, das que você disse, são exceções. O lógico é conhecer-se me lhor as criaturas, depois que se convive com elas um certo tempo. E quanto mais se convive, mais se conhece.

SIMONE - Bem, mas vamos deixar isso para lá e vamos a saber de uma coisa: como podemos agradecer a essa moça a generosa oferta que nos fez?

TARCISIO - Pode-se fazer uma carta e enviá-la através do Banco onde ela fez a remessa. Deixe isso comigo que eu me encarregarei do agradecimento.

SIMONE - Muito bem. Então assim que Rafael receber ordem do Amélio para sair, irá à sua oficina convidar a você e dona ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ Elvira para um jantar na Vila Verde. Vocês combinam o dia e/ depois eu aviso Adélia.

ADELIA - OK. É agora vamos, querido, que ainda temos que ir ao Correio, botar a car ta ao Papai, para podermos nos orientar quanto ao novo contrato de casamento. Adeusinho, dona Angela. Até logo, Simone.

ANGELA - Adeusinho, Adelia. Vão com Deus. É muito obrigada pela visita a Simone.

TARCISIO - Adeus, Simone. Passe bem, dona Angela.

ANGELA - Adeus, Tarcísio, felicidades para vocês.

SIMONE - Um grande abraço para dona Elvira que eu quero. Depois vou lá, vê-la.

TECNICA - PASSAGEM MUSICAL.

MANON - Luza, carta de Tarcísio. Chegou agora mesmo. Venha ouvir as notícias.

C/REGRA - RASGAM ENVELOPE, TIRAR CARTA DE DINHEIRO E ABRIE PAPEL. PASSOS DE LUZA QUE SE APROXIMA.

LUZA - (CHEGANDO) quais são as notícias?

MANON - Inda não sei. Neste momento estou abrindo a carta.

LUZA - Leia, então. Vamos ver que novas ele nos manda.

MANON - (LENDO) Presada amiga Manon. Recebi sua carta que chegou às minhas mãos...

TARCÍSIO- (FILHO)... que chegou às minhas mãos exatamente dois dias antes da morte de Sarará.

MANON - Sarará morreu!

LUZA - Que a terra lhe seja leve. Continue a leitura da carta.

TARCÍSIO- (FILHO) Ainda tive tempo de ir a ele e dizer-lhe que você lhe devolvera o dinheiro que lhe pertencia e do qual se apressara a ele, então, autorizou-me a entregá-lo à Casa de Dona Elara - às crianças abandonadas - pois sentia que não precisaria mais dele. Dois dias depois fiz a entrega e enviei-lhe, junto a esta carta, a recibo que me foi fornecido pela diretoria que vai mandar a você, oportunamente, um agradecimento especial, pois fiz a entrega em seu nome. Desejo que você e Luza continuem trabalhando bem e progredindo e aqui continuo para...

MANON - (LENDO) ...aqui continuo para qualquer coisa que necessitem, Tarcísio.

LUZA - Você é a uma barretada com o chapéu alheio, hein?

MANON - Pois é, mas eu não tive culpa. Piscaram a barretada por mim. Foi ele.

LUZA - Puxa vida! A gente não deve se alegrar com o mal dos outros, mas a notícia da morte de Sarará trouxe uma tranquilidade tão grande ao meu coração que eu agora sou outra. Vou começar, de hoje em diante, a dormir tranquila.

MANON - Si ele não vier puxar os nossos pés, o que será muito pior. Tenho pavor!

LUZA - Não acredite nisso. Quem morreu não volta aqui para incomodar mais ninguém. E trate de tirar a essa bobagem da cabeça, porque senão você continuará apavorada pela vida afóra, e não vai conseguir descansar. Ora, Manon, francamente! Era só o que faltava você ter medo de almas do outro mundo.

MANON - Essas coisas não dependem da gente, Luza. A gente, simplesmente, crê, ou não crê. E se crê, ou não crê, também não sabe porque.

LUZA - Faça força para não pensar no assunto e pronto. Quando ele vier ao seu pensamento, faça logo pensar numa coisa diferente e em pouco tempo você se esquecerá que o Sarará existiu, que morreu e se convencerá que ele não voltou para incomodar ninguém. Quem morreu, morreu. Fim.

TECNICA - PASSAGEM MUSICAL.

TARCÍSIO - Como é, mãe? Está com tudo que é seu preparado? Sua mala está pronta?

ELVIRA - Não não, meu filho. Terminei meu vestido da cerimônia agora mesmo. Ainda falta passá-lo a ferro e acomodá-lo na mala. Depois ainda vou arranjar o farnel todo no balcão. Veja se gosta do vestido, meu filho.

TARCÍSIO - (PAZ E ASSOBIO QUE SE FAZ PARA UMA MOÇA BONITA) Dona Elvira, a senhora não é séria! Não está pensando que a senhora é Condessa, ou Marquesa...

ELVIRA - (RINDO) Não quero que pensem que não sabemos vestir. Fiz um vestido moderno, embora discreto, como convém à minha idade e situação, mas muito de acordo com a cerimônia. Não achei as lavas brancas, como desejava, mas como vamos chegar cedo, ainda apanharemos as lojas abertas e então eu comprarei. Quero também que você compre uma gravata cinza prática, para botar com o seu traje de recepção.

TARCÍSIO - Mas não é só a gravata que me falta, mãe. Falta-me, também os sapatos de verniz que os meus pretos, além de serem de couro bom, estão muito batidos.

ELVIRA - Isso mesmo, meu filho. Não temos que nos apresentar muito bem vestidos, porque essas coisas, para a gente da cidade, são sempre muito importantes. Dizerem que o traje não faz o homem - e realmente não faz - mas a verdade é que a gente precisa dançar de acordo com a música que tocam.

TARCÍSIO - A senhora fez alguma coisa, para levar de farnel, na viagem?

ELVIRA - Fiz, sim, meu filho. Dois franguinhos assados, recheados com farofa e os miúdos, uns pastéisinhos de camarão, outros de nata e omeletão de minhã. Preparei a garrafa termal com café. Ah, e vou levar também umas quatro garrafinhas de água mineral.

TARCÍSIO - Ótimo! Adélia vai levar também um bolo e uma garrafa termal com laranja de gelada que é o que ela mais gosta. Ache que chega, não?

ELVIRA - Claro, meu filho, afinal são cinco ou seis horas de viagem, não será necessário mais que isto. E depois há frutas nas estações intermediárias, refrigerantes, doces... qualquer coisa mais que se queira, compra-se.

TARCÍSIO - Vamos ter que fazer madrugada, porque passaremos antes na casa de Adélia para cumprimentá-la e depois é que iremos para a estação.

ELVIRA - Já botei o despertador para as cinco e meia de manhã. Ache que em uma hora é mais farenos tudo.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.

GUARDA - O senhor mandou me chamar, seu delegado?

DELEGADO - Mandei. Precisava muito conversar com o senhor. É o seu revólver que está com defeito?

GUARDA - Não, senhor. O meu revólver está perfeito.

DELEGADO - Será que eu sonhei que você me disse que o seu revólver estava com defeito? Deixe-me vê-lo um instante.

GUARDA - Pois não. (PAUSA) Aqui está. Pode examiná-lo à vontade. Está perfeito.

DELEGADO - Não, não preciso examiná-lo. Queris tirar-lhe o revólver sem luta. Apenas.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL PORTE DE SUSTO TREMENDO.

GUARDA - (MEIO ASSUSTADO) Ora essa, seu Delegado! O senhor... o senhor está brincando comigo?

DELEGADO - Não, não estou brincando, não. Jamais falei tão sério, em toda a minha vida.

TÉCNICA - REPETE A VERGASTADA ANTERIOR.

GUARDA - Mas eu... eu não entendo, senhor delegado. O que é que o senhor quer dizer com isto? Quer ter a bondade de me explicar?

DELEGADO - Para combater um homem da sua espécie, precisa-se astúcia. E foi o que eu empreguei. Você está preso, entendeu?

TÉCNICA - REPETE AS VERGASTADAS ANTERIORES.

DELEGADO - E foi para evitar qualquer reação de sua parte que lhe tirei, antecipadamente o revólver. Agora você terá que ficar quieto, porque não acabará levando chumbo no corpo. Mata-lo-ei com seu próprio revólver. Entendeu?

GUARDA - Mas afinal por que tudo isto? Acho que tenho o direito de saber o motivo porque estou sendo desarmado e preso.

DELEGADO - Porque tenho duas cartas que o comprometeram vivamente. Madame Margot tinha razão, quando o acusava. Não quisemos dar ouvidos a ela, mas era verdade tudo quanto dizia. Tenho aqui, em meu poder, a carta que Reginaldo de Deus escreveu antes de suicidar-se e uma carta que você mesmo escreveu a Madame Margot, pedindo-lhe dinheiro em troca do seu trabalho. E não há dúvidas quanto à autenticidade porque a letra já foi comparada, examinada e tenho o laudo dos peritos da cidade afirmando que é sua, realmente.

GUARDA - Quer dizer que o senhor não me deixou nem uma porta aberta? Não tenho mesmo como escapar? Nesse caso posso ao menos saber o que vai fazer de minha vida?

DELEGADO - Manda-lo para o presidio da cidade e providenciar para que seja expulso quanto antes da corporação a que não soube honrar com dignidade.

GUARDA - E por que não me deixa aqui? Por que há de me mandar-me para o presidio da cidade?

DELEGADO - Para que você sofra, entre gente estranha, o que fez outros sofrerem por sua causa. Vamos, apanhe aquela chave da cela onde morreu Reginaldo e caia na minha frente.

GUARDA - Não, não, senhor delegado, naquela cela não. Bata-se na outra.

DELEGADO - Não tem outra. Obedeça o que estou dizendo. Apanhe a chave e caia na frente. Abra. Deixe a chave na porta e entre. Lá você vai ficar, até ser removido para a cidade.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL - FUNDE COM TREM EM MOVIMENTO, PASSANDO A DUAS VOZES.

ADELIA - Dentro de uma hora, no máximo, chegaremos.

ELVIRA - Também... se a viagem demorasse mais um pouco, acabaria todo o nosso farelo. Vocês se deram conta tudo que comemos?

TARCISIO - É verdade. Também, nem trem que se pode fazer além de comer e conversar?

ADELIA - Pagar. Você fumou quasi duas cartinhas de cigarros, não esqueça.

TARCISIO - É interessante que, quando estou trabalhando, não fumo nem a metade do que fumo quando estou parado.

ELVIRA - Mas é natural, meu filho. Tem o trabalho para distrair-se e não se lembra de fumar. (PAUSA E TOM) Estamos com muito tempo de atraso?

ADELIA - Uma hora. Já estamos para estar chegando, mas é sempre assim. Em cada estaçãozinha que para atrasa cinco minutos, no fim são cinquenta, sessenta minutos de atraso na viagem.

ELVIRA - Eu queria chegar antes das lojas fecharem porque queria comprar luvas para mim e sapatos de verniz para o Tarcisio.

ADELIA - Mas vai chegar porque hoje e amanhã o comércio fecha mais tarde. Se não comprar hoje, ainda tem o dia todo de amanhã.

TÉCNICA - ARIATO DE TREM EM MOVIMENTO.

ADELIA - Não demora vamos passar numa estaçãozinha que tem frutas deliciosas.

TARCISIO - Seria obrigado a comprar. Ao fim da viagem chegaremos com dois quilos cada um. (RIEM TODOS)

ELVIRA - Então eu, que não comi a metade do que vocês comeram.

TARCISIO - Mas não deixou de comer. Eu sei de um certo bolo que uma senhora cortava as fatias... ia comendo... e ia dizendo... como este bolo está gostoso! (RIEM TODOS COM VONTADE)

ELVIRA - Bem, mas foi só o bolo, enquanto que você comera de tudo mais.

TARCISIO - Está bem, mãe, não vamos brigar por isto. Não chegaremos com dois quilos mais é a senhora com um. Está? (RIEM NOVAMENTE)

TÉCNICA - BOMBE GENTIL EM 30. FUNDE COM PASSAGEM MUSICAL.

GLAUCO - O senhor aqui, seu delegado?! Que surpresa tão grande para mim! Era o último lugar que eu seria capaz de imaginar que o encontraria. No túmulo de Madame Margot!

DELEGADO - É verdade. Eu também jamais seria capaz de imaginar que um dia viria aqui e que só aconteceu porque depois de umas certas descobertas que fiz, passei a considerar-me em débito com ela e quis me redimir de não ter acreditado nas verdades que ela me dizia. Trouxe-lhe, então, um ramo de violetas.

GLAUCO - Interessante... as mesmas flores que eu. O senhor sabia que eram as suas flores preferidas?

DELEGADO - Não, foi por acaso. Na câmara onde vou comprar flores, sempre que preciso, haviam, já colhidas, um bouquet de violetas e outro de mal-me-queres. Se eu exigisse qualquer outra flor, teriam ainda que colher e naturalmente isso iria demorar um pouco. Então peguei as violetas que me pareciam, pela cor, mais ~~próprias~~ ^{próprias} para um túmulo de que os mal-me-queres.

GLAUCO - Sem dúvida. Quer dizer, então, que o senhor está resgatando uma dívida?

DELEGADO - É verdade. A dívida de ter invejado da palavra dela. E aí é verdade que os mortos podem ver o que fazemos e ouvir o que dizemos, ele deve estar satisfeito comigo porque, além de receber uma homenagem, seu maior inimigo foi preso, há três dias, por mim.

GLAUCO - Eu soube. Mas sabe o senhor porque estou aqui? Porque ela sempre dizia que o primeiro do nosso grupo que tratasse casamento - o grupo era composto por mim, Otávio e Farcínio - ela fazia questão de oferecer uma coisa de comemoração. Farcínio trata casamento hoje, na cidade. Foi passar-lhe um telegrama e, por associação de ideias, lembrei-me do que Faret dizia. Então, em nome do grupo, vim prestar-lhe esta homenagem.

DELEGADO - Foi uma lembrança delicada, a sua.

GLAUCO - Já sou também.

DELEGADO - Não. Do minha parte, eu penso que foi mais uma questão de fôro íntimo. Para aliviar-me do peso de uma culpa que passava me aborrecendo, nada mais.

GLAUCO - (HERÓIS DE PAUCA) É interessante como os sentimentos de culpa se acendem, diante da morte! Eu já tive, certa vez, uma experiência destas, diante de uma pessoa que havia sido minha namorada e mais tarde se suicidou, não por minha causa, mas por outro motivo qualquer. Nos instantes passados pela minha cabeça todas as coisas que fizera com a intenção de angariá-la e senti remorsos por coisas atonas, coisas banais, coisas que todos os dias todos os mortais fazem. Pafim... são coisas de natureza humana, talvez frequentes

BRANCO * (CONTINUAÇÃO) - não sei - mas que se a gente pode fazer que demonstrem o próprio arrependimento, já desunvia bastante o ar. O senhor também não pensa assim?

DELEGADO - A minha resposta está nesse bouquet de violetas sobre o túmulo de Marquet.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL FUNDE COM RUÍDO DISCRETO DE FESTA ÍNTIMA.

ANGELA - Minha filha, a Leopoldina, a Eudoxia e o Miguel querem felicitar-la pelo seu contrato de casamento. Não se esqueça de agradecer a elas, que fizeram toda esta casa de doces maravilhosos.

SIMONE - Mande-os entrar, nãhão. Por que não de vos felicitar fora da sala? Não se nhora. Faça questão que entrem e tomem parte na festa, comecem.

ANGELA - Está bem, vou buscá-los, então. Vão ficar fazeiros.

C/REGRA - PASSOS DE ANGELA QUE SE AFASTAM.

SIMONE - Você não vai se oberrecer por isso; não é querido?

RAFAEL - De maneira alguma. Vico até muito feliz que você proceda assim. Afinal, eles representam a minha família. (TOM) Dona Sarah... Padre Benétrio... seu Lourenço... estão todos de taças variadas? Não pode ser. Vamos acender essa lanternas apagadas.

SARAH - A minha não. Quero chegar em casa pelo meu pé e já bebi tres taças de cham pagne. Para quem não está acostumada é muito.

TERESA - Mas hoje é um dia excepcional. Até eu e Joana estamos bebendo. Veja aqui.

JOANA - É dona Sarah, hoje é um dia excepcional. É o dia do noivado de seu Rafael e dona Simone.

C/REGRA - PASSOS DE VÁRIAS PESSOAS QUE SE APROXIMAM.

BENETRIO - Aí vem o estado maior do Rafael. Atre o velho Miguel, reparem. De colari nho e gravata.

ANGELA - Simone, aqui estão estes amigos que querem felicitar você e Rafael.

SIMONE - Pois não, com o maior prazer. Rafael, sirva uma taça a cada um deles. Quero que bebam pela nossa saúde.

LEOPOLDINA - Dona Simone e seu Rafael. Nós queremos felicitar os dois pela grande data e desejar que sejam muito felizes e que a gente possa estar sempre jun tos com a mesma alegria de hoje.

SIMONE - Obrigada, Leopoldina. Muito obrigada pelos votos de vocês que tenho absolu te certeza que são de coração.

RAFAEL - Hip-hip- hurrá!... (TODOS BATEM OS COPOS E DÃO VIVAS, FELIZES E CONTENTES)

C/REGRA - BATEM DE COPOS OU TAÇAS. RISOS ALEGRIA.

TÉCNICA - EXPLOSAO MUSICAL DE ALEGRIA, FUNDE COM CARACTERISTICA MUSICAL DE ENCERRA MENTO DO CAPITULO.

S O L I D A O

- Novela de Erico Grauer -

84º CAPITULO

(ÚLTIMO)

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA.

DEBERRIO - Já vem o estado maior do Rafael. Até o velho Miguel, raparem. De colarinho e gravata.

ANGELA - Simone, aqui estão estes amigos que querem felicitar você e Rafael.

SIMONE - Pois não, com o maior prazer. Rafael, sirva uma taça a cada um deles, que ro que bebam pela nossa saúde.

LEOPOLDINA - Bem Simone e seu Rafael. Nós queremos felicitar os dois pela grande data e desejar que sejam muito felizes e que a gente possa estar sempre juntos, com a mesma alegria de hoje.

SIMONE - Obrigada, Leopoldina. Muito obrigada pelos votos de vocês, que tenho absoluta certeza são de coração.

RAFAEL - Hip-hip-hurrah!... (TODOS BATEM COPOS E DÃO VIVAS, ALEGRES E CONTENTES)

C/REGRA - BATEM DE COPOS OU TAÇAS, RISOS, ALEGRIA.

SARAH - (MEIQ TOM) seu Miguel vai beber? Não lhe fará mal o álcool? Lembrem-se que ele é doente, da cabeça.

RAFAEL - Não tem importância. Ele sempre bebeu um golezinho. O que ele tem é algum quique de idade, não é doença.

TEREZA - (ALTO) Simone, é possível que a esta hora Adelia também esteja comemorando o seu contrato de casamento. Você se lembra disso?

SIMONE - É verdade. Não tinha me lembrado, para ser bem franca. A minha felicidade de tocou conta de mim com tamanho absolutismo que não me deixou lembrar mais nada. Vamos então fazer um brinde pela felicidade de Adelia e Tarcísio, querido?

RAFAEL - Claro que vamos. E faço eu questão de brindá-los. (ALTO) Vamos beber à saúde de dois amigos ausentes e que, nesta hora, estarão também acertando, como nós, os seus destinos. Bebamo à saúde de Adelia e Tarcísio!

TODOS - Viva!...

C/REGRA - BATEM DE TAÇAS, RISOS, ALEGRIA.

TEREZA - Como Diretora do Grupo onde Adelia trabalha, agradeço, em seu nome, a delicadeza da lembrança dos seus amigos.

TODOS - Viva!...

RAFAEL - Pretendo, oportunamente, fazer um jantar em homenagem a eles e desde já convido para o mesmo a todos os presentes!

TODOS - Viva!...

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL FRENTE COM RUÍDOS DE OFICINA MECÂNICA

- TARCÍSIO** - Ora viva!... que prazer tão grande. Não só por vê-los na minha oficina, como por ver, com os meus próprios olhos o esplêndido aspecto de Rafael. Não parece que estava tão doente e nos fez um susto tão grande.
- RAFAEL** - Estou pronto para outra, felizmente, mas a verdade é que devo a você e à Simone o estar, ainda, neste momento, no mundo dos vivos.
- TARCÍSIO** - Ora viva! O que é isto?! Você também exagera. Que em cuidados de Simone tenha cooperado muito para a sua cura eu não duvido, mas eu, pobre de mim, que fiz?
- SIMONE** - Talvez mais do que eu, Tarcísio. Você abandonou seu trabalho e foi, no seu próprio carro, buscar, na cidade, o doutor Germano. E esperou-o. E trouxe-o. E se o doutor Germano não tivesse vindo... não sei o que teria acontecido. Portanto... não posso permitir que você diga que não fez nada.
- TARCÍSIO** - É claro. Mas é muito e só não leva isso em conta, porque é bondoso. Mas não vamos falar mais no que passou. Vamos falar no que está para acontecer.
- RAFAEL** - Você sabe que está para acontecer um grande jantar, na minha casa, em homenagem a você e à sua noiva? Toda a vila está convidada.
- TARCÍSIO** - Não diga!... E Adélia já sabe disto?
- SIMONE** - Ainda não. Primeiro vamos convidá-la e combinar com você o dia. Depois ela será avisada e convidada. Com ela não há necessidade de combinar dia, porque está em férias e qualquer dia serve. Com você é que é.
- TARCÍSIO** - Para mim o dia ideal seria um sábado ou uma véspera de feriado, que eu não teria o problema de levantar cedo no dia seguinte, se não for possível, não tem importância, pode ser em qualquer dia.
- RAFAEL** - É possível, sim; por que não? Faremos então no próximo sábado. Está bem?
- TARCÍSIO** - Está ótimo. Quem vai ficar fascinatissimo será a velha Elvira. Ela tem um xodó especialíssimo pela Simone.
- SIMONE** - E eu por ela. Adoro sua mãe. Por falar nela, já que está acertado o dia, poderíamos passar lá, agora e convidá-la.
- RAFAEL** - Poderemos, sim. Por que não? De lá iremos procurar Adélia e depois, à noite, de que forma falamos com as pessoas novas amigas, iremos convidando.
- SIMONE** - Isto mesmo. Então, Tarcísio, ficamos acertados para o próximo sábado às nove horas da noite; está bem? Você vai aqui às sete, tem tempo bastante para se arrumar.
- TARCÍSIO** - Perfeito. Vai ser uma noite de grande significação para mim, acreditem.
- RAFAEL** - E para nós também.
- TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.**

TEREZA - Que festa, hein Joana? Há muito tempo que eu não via uma coisa nem parecida. Com tanto que tenho até receio de me deitar, acho que vou fazer um pouco de movimento, antes, não pode me fazer mal.

JOANA - A senhora não comeu mais de cos ou. Acho que ninguém comeu mais de que eu também... eu não podia deixar de cravar coisas que nunca tinha comido na minha vida. Casaca de amarelo... presente caramelo... lambido de póreo com pedras de abacaxi... doguê... espargo... pudim de galinha com chantilly... que coisa gostosa, não é dona Tereza?

TEREZA - Uma beleza! Mas agora vou comentar um pouco as coisas. Que elegante estava a ventila de dona Elvira; você reparou?

JOANA - Reparei, sim. Até falei para ela. Ela disse que fez para o contrato de casamento do filho. E a senhora viu? De lã.

TEREZA - Claro. Ela estava como manda o figurino. Mas também tinha que ser. Pois se a homenagem era para o filho e para a futura nora...

JOANA - Foi um bonito gesto de gratidão de seu Rafael; a senhora não acha?

TEREZA - Foi, sen Joana. Mas ele morreu. E ela também, porque quando ele foi dizer que ia à cidade buscar o médico, se ele não quisesse ele não ia. Ela não deixava. E ele logo achou que ele fazia muito bem em ir. Você sabe, Joana.

JOANA - É, sim. Ela é boazinha também. Não chega a ser uma moça de valor de dona Simone, mas tem um coração generoso e isto é uma das principais qualidades de uma moça, para mim.

TEREZA - Você viu que bonito as partes delas: as empregadas estavam servindo, mas tomando parte na festa também. Não fazia questão de servir. Também não se ocupava com elas. A velha foi quase mãe de seu Rafael e a outra, praticamente, foi criada como irmã dele. Não seria justo se eles trocassem as suas de maneiras diferentes.

JOANA - É, mas não era qualquer pessoa que faz assim como elas fizeram, não. Tem muita gente que empregada é empregada e é elas para um lado e patrões para outro. Mesmo quando são antigas e amigas de família. A senhora vê a dona Aurélio com a Tereza, oitavo. A distância que ela faz questão de botar, entre as duas, é uma coisa impressionante. Eu agradeço muito o que elas fizeram. Reconhecer a amizade e os serviços que prestaram sempre.

TEREZA - Bem, Joana, acho que agora já há para se deitar. Também são quase quatro horas de manhã... não é seu tempo. Que festa! Que beleza de festa! Por aí a gente já imagina o que será o casamento deles!

SARAH - Você não imagina como eu estou feliz, mano, com um convite que recebi.

DEMERIO - Já sei. É o mesmo que eu recebi. Vamos ser padrinhos de casamento de Raí e Simone; não é isso?

SARAH - Pois é. Você tem que mudar seu jeito de vestir. Se tenho pena que não tenha a não para o religioso. Eu gostaria de ficar lá em cima, no altar com os noivos.

DEMERIO - Mas ele convidei para o civil, porque deseja que eu celebre a cerimônia, não religiosa. Não por isto. Ai você ficaria sózinha, sem ver a ela então resolve assim.

SARAH - Eu sei, ela me explicou, mas acho muito mais bonita a muito mais sugestiva a cerimônia religiosa. A cerimônia civil, para mim não tem a mesma graça. Se ela pudesse ser realizada também no altar...

DEMERIO - No altar não pode, mas na sacristia pode. Por que você não sugere a ela?

SARAH - Ah, não! Entre a sacristia e a casa de seu Rafael, a sala dele é muito mais ampla e mais bonita. Na sacristia ia ficar todo mundo encurtado.

DEMERIO - Eu fiquei muito feliz com a ideia de Simone, mas não pensei que ela fosse se lembrar de fazer uma homenagem tão grande.

SARAH - Por que não? Você merece a homenagem. Ninguém foi meu amigo dele do que você. No tempo em que Laila pretendia divorciar-se, se ela não tivesse encontrado o seu apoio, talvez até tivesse sido posta para fora de vila pelas Damas de Caridade. Elas estavam bem exultando contra Simone, e se lembraram dele.

DEMERIO - A exaltação é sempre prejudicial porque não nos deixa refletir e nos leva a cometer erros, a cometer desarrastados, a maior parte das vezes injustos. Você já pensa que posso cada um deles corrigir no momento, se chegar sem a ter feito qualquer coisa contra meu irmão?

SARAH - Inclusive eu que, se não fosse você, teria sido inteiro morto a ela.

DEMERIO - Eu sei. Penso que não percebi que a minha opinião desagradou a você, não completamente? Eu não que pareci. Mas não quero ver se eu sou não vou mesmo... Deixe passar o tormento e hoje, graças a Deus, não tenho de que me arrepender. Por isso, mano, prefiro não ir, mesmo se isso me dá alguma coisa de alguma coisa que posso prejudicar a um terceiro pessoa, inclino-me sempre para o lado de ajudá-la. É pra festejar a parte e não para o excesso de ela. Se não quiser ir, não vá. Não vá.

SARAH - É, sim. O caso de Simone é um exemplo feio. Graças a Deus que o meu não aconteceu, mano. Graças a Deus!

TELEFONICA - FARMACIA MUNICIPAL

LOCUTOR - MESSAGEM COMERCIAL

MÓNICA - FARRAÇA, MARIANA.

FARRAÇA - Hoje não estamos aqui para visita comum, como todas as que fazemos sempre, mas para uma visita diferente, visita que hoje nos traz aqui para uma finalidade.

MARIANA - Não vão nos dizer que ~~XXXXXXXXXX~~ não podemos a partir de agora nos participar por que se casaram entre si não.

MARIANA - Não sabemos se é antes ou depois, se sabemos se o dia escolhido por nós foi o último de nós de agora. É assim?

MÓNICA - É assim, sim. Nosso casamento só será realizado no dia cinco de Junho, que foi o dia em que o pai de Rafael se casou. Ela quer fazer no dia do pai, na mesma hora e no mesmo local. Só o pai que não será o mesmo porque o pai não existe.

MARIANA - Quer dizer, neste caso, que a visita de hoje foi para nos participar que não se casaram entre si não?

FARRAÇA - Não apenas para isto, mas para convidar os dois para nossos padrinhos de casamento.

MÓNICA - Oh, que grande honra, Farracha! Já se sabe que estamos convidados com a devida honra de padrinhos? Não é assim?

MARIANA - Claro. Não poderia ser outra coisa.

MARIANA - Mas não ainda não explicou para mim a que respeito. Porque os dois não são padrinhos de casamento e os dois não são padrinhos de casamento? Concordam?

MÓNICA - Mas naturalmente e obviamente a cerimônia é católica. Quando será o casamento e qual a hora e o local em que se fará a cerimônia? Não é assim?

MARIANA - Por mim eu não quero saber, mas não sei - sempre muito obrigado em que se casaram - faz questão que os dois não sejam padrinhos de casamento. Não é assim?

MARIANA - Viagem essa que nós faremos com o melhor gosto para enfrentar as dificuldades.

MARIANA - Bem... tempo ainda mais de um mês no melhor momento, não é assim? Não é assim?

MÓNICA - Isso seria o ideal, porque então todos os amigos de vocês poderiam participar da cerimônia. É a melhor parte de tudo para vocês dois.

MARIANA - É isto mesmo e essa é a razão maior porque a cerimônia será no dia do pai. Não é assim... aqui em lá o principal é que os dois não sejam padrinhos.

MÓNICA - FARRAÇA, MARIANA

ANGELA - Atenção! Aproximem-se todos, que o navio vai partir o balaço.

O/REGRA - BUIDO DE MUITAS VOZES, BICHOS, ANIMADA, FELICIDADE.

SIMONE - Pronto. A primeira festa é para o meu amor.

RAFAEL - Obrigado, minha querida. Mas a primeira festa é minha festa, que vai ser comer é você.

O/REGRA - TODOS BATE PALMAS, ALEGRES. SÃO VIVAS.

ADELIA - Muito bem, Simona, muito bem. Você não tem medo de comer, Simona. Eu comi nas mãos de seu irmão. Festa de meu balaço e você comi logo.

MARCISIO - (BUIDO) Pergunta se não saíram. Rafael não é.

O/REGRA - TODOS BATE PALMAS.

REBECA - Eles vão ficar aqui mesmo, ou vão fazer alguma viagem?

RAFAEL - Vou viajar. Quando terminar a festa vou de avião para a cidade e amanhã, no meio dia, seguirei de avião para os Estados Unidos.

REBECA - Ah sim! Mas que nozes! Eu não sei!

JOANA - A senhora quer um conselho meu, dona Teresa? Não se pode ir para fora porque será no governo, porque não volta mais para o grupo.

REBECA - Mas vai por tempo. A casa de dona Clara ela não abandonará de sempre a casa, que tempo sobrar para cuidar de própria casa, se continuar no grupo? Mas que deixar, mesmo. Não sair.

ANGELA - Atenção! Quando começar vai dirigir a palavra aos convidados.

O/REGRA - ANUNCIAÇÃO DE BEM-ESTAR. PASSE, VÔCE, QUE VÃO DEPARTAMENTO E ORÇÃO.

DELEGADO - Não precisa palavras, se que quer dizer. Alguns permitem a Simona e Rafael a incumbência que me foi dada para que não se esqueça no caso de dona Clara de dizer a este caso a gente logo quando estiver aqui. Este acontecimento, a felicidade que todos desejam a casa e a convivência de vocês com a casa de dona Clara, com o seu bem-estar e felicidade, com o seu bem-estar e felicidade.

O/REGRA - TODOS BATE PALMAS.

DELEGADO - À ordem de Simona e Rafael!

TODOS - Viva!....

O/REGRA - BATE DE PALMAS. ANIMADA

TÉCNICA - MONTAGEM MUSICAL DE GRANDE ALBERTA, TO. DAIKA O BUIDO UM INSTANTE.

RAFAEL - (BUIDO) Fala, meu amor?

SIMONE - Simona, meu amor! A impressão que tenho é de amor!

TÉCNICA - BUIDO O BUIDO DO AVIÃO E BUIDO COM CARACTERÍSTICAS